

ADACI APARECIDA OLIVEIRA ROSA DA SILVA

O mundo do trabalho dos jornalistas na realidade e na ficção. Uma análise comparativa do perfil do profissional e dos discursos da telenovela sobre as práticas do jornalista

Dissertação apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Comunicação.

Área de Concentração:
Teoria e Pesquisa em Comunicação.

Orientadora:
Profa. Dra. Roseli Figaro

**São Paulo
2012**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Assinatura: _____

Data: _____

**Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

Silva, Adaci Aparecida Oliveira Rosa da

O mundo do trabalho dos jornalistas na realidade e na ficção : uma análise comparativa do perfil do profissional e dos discursos da telenovela sobre as práticas do jornalista /

Adaci Aparecida Oliveira Rosa da Silva – São Paulo : A. A. O. R. Silva, 2012.

215 p. : il. + CD

Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Orientadora: Roseli Figaro

1. Jornalistas 2. Comunicação 3. Trabalho 4. Mundo do trabalho 5. Telenovela I. Paulino, Roseli A. Figaro II. Título

CDD 21.ed. – 070

SILVA, Adaci Aparecida Oliveira Rosa da. O mundo do trabalho dos jornalistas na realidade e na ficção. Uma análise comparativa do perfil do profissional e dos discursos da telenovela sobre as práticas do jornalista. Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Aprovada em:

_____/_____/_____

Dedicatória

*À memória de Ignêz Maria,
Quem me ensinou a ler e escrever:
E a querer saber,
Ai que saudade de ter mãe!*

*À Dona Lucinda e Senhor José Rosa,
que em suas orações sempre rogam ao Pai
para que Ele abençoe nossos planos de vida, e
trazem segurança às escolhas que fazemos.*

*Ao meu amor, José Eduardo,
À nossa princesinha, Raquel Helena.*

Você e você...

*Você 'pra' mim é tudo
Minha terra,
Meu céu,
Meu mar,
Meu ar*

Agradecimentos

À Profa. Dra. Roseli Figaro, pela orientação e acolhida do projeto.

Aos amigos e pesquisadores do grupo de pesquisa *Comunicação e Trabalho*, da ECA/USP, pela atenção, horas de estudo e do recreio: Claudia e César, Cláudia Crô e Arlindo, Edilma, Dariane, Janaína, José Muniz, Juliane, Júlio e Bárbara, Lígia, Luciana Santana (*in memorian*), Luciana, Marcello, Mariane Murakami, Rafael, Sérgio e Bete, Vander, Juscilene e Wiliam Machado.

Às queridas professoras Maria Aparecida Baccega e Maria Immacolata Vassallo de Lopes e ao professor Mauro Wilton de Souza, pelas perguntas difíceis e pelos encontros e reencontros.

À Profa. Dra. Maria Cristina Mungiolli pelo carinho e ajuda que dá aos “turistas” da ficção seriada e à Profa. Dra. Claudia Lago, pela paciência na qualificação.

Aos queridos e queridas Rosely, Flôr, Dário, Malu e Regina, Mirian e Ivete, Cristine e Jack, Kelly e Sandra, que alegam as horas que passamos na ECA. Aos amigos da biblioteca da ECA.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – pelo apoio financeiro dado à pesquisa por meio da bolsa de estudo. À CPG ECA USP pelos bons préstimos a favor dos alunos.

Aos Rosa, aos Silva, aos Rosa da Silva, aos Filézio, aos Lobo e Silva, aos Silveira, aos Putinatti, Adalberto e Sara, Bárbara e Beatriz, Valter, Janete e Dori, Patricia e Raquel e Nathi, Luciana Miranda, Júlia e Gabi, Luiza e Rafinha, Juliane e Tom, Cláudia e Dênis, Alessandra e Éder, pela alegria da família reunida e pela torcida “dez” e “organizada”!

À Ana Maria Roma, Bruna Bacalgini e Celeste Maisa, minhas estrelas da sorte.

E, ao meu Luke, pela espera incansável.

Saudações Ecanas.

.

RESUMO

SILVA, A. A. O. R. **O mundo do trabalho dos jornalistas na realidade e na ficção. Uma análise comparativa do perfil do profissional e dos discursos da telenovela sobre as práticas do jornalista.** 2012, 190 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Discute as mudanças no mundo do trabalho dos comunicadores, em especial dos jornalistas, em um momento de transformações tecnológicas impactantes na sociedade do início do século XXI. Trata-se de uma pesquisa comparativa do perfil do profissional e dos discursos dos personagens da telenovela sobre as práticas do jornalista. Subsidiaram este estudo as pesquisas empíricas realizadas pelo Grupo de Pesquisas Comunicação e Trabalho da ECA USP, no período de 2008 a 2012, e três produções da teledramaturgia brasileira: *A Favorita* (2008), *Paraíso* (2009) e *Insensato Coração* (2011), que apresentam o profissional jornalista como personagem. A metodologia adotada para o levantamento dos perfis dos profissionais utilizou uma combinação de métodos quantitativos e qualitativos aplicados junto a quatro amostras de jornalistas do Estado de São Paulo (jornalistas convocados a partir de redes sociais, associados do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, empregados de uma grande Editora e *freelancers*) e recortes das sequências de cenas das telenovelas com falas de personagens jornalistas para comparação. O referencial teórico utilizado foi o binômio comunicação e trabalho, a partir da abordagem ergológica, estudos da linguagem e a análise do discurso como método de interpretação. Os resultados das pesquisas quantitativas apontaram o perfil do jornalista: jovem, branco, de classe média, maioria mulheres sem filhos, multiplataformas, vínculo de emprego precário (como *freelancers*, PJs e autônomos) com curso superior completo e com especialização em nível de pós-graduação, a maioria formado de um a 15 anos. A maior parte dos profissionais não trabalha nas redações e atua em setores empresariais diversificados, exercendo a função de assessor de comunicação. A partir da comparação, este trabalho observou que: (i) a telenovela retrata as mudanças das tecnologias empregadas no processo comunicativo, (ii) que os personagens, a despeito das mudanças tecnológicas, não discursivizam sobre como estas novas estratégias afetaram o ritmo de trabalho, ou as relações de trabalho e, (iii) na dramaturgia, a palavra perfeita e a fotografia da cena elaboradas no texto reificam a credibilidade no jornalismo e no jornalista.

Palavras-chave: Jornalistas, Comunicação, Trabalho, Mundo do Trabalho, Telenovela

ABSTRACT

SILVA, A.A.O.R. **The working world of journalists in reality and fiction. A comparative analysis between the professional profile and the discourses of the telenovela on the journalism practices.** 2012, 190 p. Dissertation (Master's degree) – School of Communication and Arts, University of São Paulo, 2012.

This work discusses the changes in the working world of the communicator, in special the journalists, in times of significant technological transformations in the early 21st century. It is a comparative research of the professional profile and the discourses of the characters from the telenovela on the journalist practices. This study reckons upon the empirical researches conducted by the Communication and Work Research Group from ECA USP, between 2008 and 2012, and three Brazilian telenovelas: *A favorita* (2008), *Paraíso* (2009) and *Insensato Coração* (2011), which present the journalist as character. To the methodology adopted for the investigation of the professional profiles, we have used a combination of quantitative and qualitative methods which were applied to four samples of journalists from the state of São Paulo (composed by journalists invited by online social networks, associated to the Journalist Union of São Paulo, employees of a large publishing company and freelancers) and then compared to dialogues from scene sequences of the telenovelas. The theoretical basis was the binomial communication and work, from the ergology approach, language studies and discourse analysis as methods of interpretation. The results of the quantitative researches showed that the journalist professional profile was: young, white, medium-class, most of them women without kids, with multiplatform skills, precarious employment relationship (as freelancers, legal entity and self-employed), with college and graduate education degree, most graduated from one to fifteen years ago. The majority of the professionals do not work in the editorial office and work in different business sectors, performing the role of communication advisers. In the comparative analysis, we have observed that: (i) the telenovela portrays the changes in the techniques adopted in the communication process, (ii) that the characters, in spite of the technological changes, do not address the issue on how these new technological strategies have affected the pace of work or the work relationships and, (iii) in the dramaturgy, the perfect word and the scenery photography which were developed in the text reify the credibility on journalism and on the journalist.

Keywords: Journalists, Communication, Work, Working world, Telenovela.

SUMÁRIO

Lista de Tabelas	11
Lista de Quadros.....	12
Lista de Figuras	13
Lista de Abreviaturas e/ou Siglas.....	16
1. INTRODUÇÃO	17
1.1. Construção do objeto.....	21
1.2. Objetivos da pesquisa.....	23
1.3. A relevância do estudo proposto	24
1.4. Problemas da pesquisa	27
1.5. Estrutura do trabalho	28
2. REFERENCIAL TEÓRICO	30
2.1. O Binômio Comunicação e Trabalho.....	32
2.1.1. <i>Estudos sobre a comunicação, linguagem e discurso</i>	36
2.1.2. <i>O mundo do trabalho</i>	62
2.2. Hipóteses	74
2.2.1. <i>Hipóteses gerais</i>	74
2.2.2. <i>Hipóteses específicas</i>	74
3. CONTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	75
3.1. Características das fontes de dados	78
3.2. Aspectos teóricos-metodológicos das pesquisas empíricas desenvolvidas pelo GPCT.....	80
3.3. Metodologia da pesquisa.....	84
4. APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO	85
4.1. Pesquisas em Comunicação e Trabalho realizadas pelo GPCT	85
4.1.1. <i>O jornalismo e o jornalista ontem e hoje</i>	85
4.1.2. <i>Dados do Ministério do Trabalho (RAIS) sobre os jornalistas</i>	88
4.2. Resultados obtidos nas pesquisas em Comunicação do GPCT no período (2009 – 2012).....	89
4.2.1. <i>Detalhes do recorte empírico e amostras das pesquisas do GPCT</i>	90
4.2.2. <i>Sumarização dos resultados obtidos na fase quantitativa da pesquisa</i>	95
4.2.3. <i>Sumarização dos resultados obtidos na fase qualitativa da pesquisa</i>	119
5. APRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM JORNALISTA NA TELENOVELA.....	125
5.1. Incidência de personagens jornalistas na telenovela brasileira	129
5.2. Telenovelas selecionadas para o estudo	132
5.3. Caracterização das telenovelas quanto aos temas predominantes.....	133
5.4. Descrição das produções e recortes de sequências de cenas	134
5.4.1. <i>A Favorita</i>	134
5.4.2. <i>Paraíso</i>	146
5.4.3. <i>Insensato Coração</i>	159

5.5. Percepções sobre os personagens jornalistas das telenovelas	171
5.5.1. <i>Zé Bob em A Favorita</i>	171
5.5.2. <i>Alfredo Modesto em Paraíso</i>	172
5.5.3. <i>Kléber em Insensato Coração</i>	173
6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO.....	175
6.1. Aproximações e diferenças - o perfil do jornalista da telenovela comparado aos resultados da fase quantitativa da pesquisa	176
6.2. Os jornalistas e os personagens falam de si e do trabalho	186
6.3. Os personagens discutem o trabalho do jornalista.	187
6.4. Análise comparativa dos discursos e práticas dos jornalistas do mundo real com os da ficção	189
6.5. Conclusões finais.	207
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	211
I. A N E X O S.....	218

Lista de Tabelas

<i>Tabela 1 – Número de jornalistas no Brasil, por grupos</i>	<i>88</i>
<i>Tabela 2 – Pisos salariais por categoria, para jornalistas do Estado de São Paulo, período 2011/2012.....</i>	<i>89</i>
<i>Tabela 3 – Dados das telenovelas selecionadas.....</i>	<i>132</i>

Lista de Quadros

<i>Quadro 1 – Análise do DDTP</i>	73
<i>Quadro 2 – Linha do tempo: o jornalismo e o jornalista ontem e hoje</i>	86
<i>Quadro 3 – Identificação das amostras versus vínculo empregatício</i>	92
<i>Quadro 4 – Composição das amostras nas fases quantitativa e qualitativa da pesquisa</i>	93
<i>Quadro 5 – Perfil dos jornalistas selecionados para as entrevistas da fase qualitativa</i>	94
<i>Quadro 6 – Sumarização das respostas das entrevistas da fase qualitativa da pesquisa</i>	120
<i>Quadro 7 – Sumarização das respostas dos jornalistas nos grupos focais</i>	122
<i>Quadro 8 - Incidência de personagens jornalistas na telenovela brasileira, de 2000 a 2011, Rede Globo, horários das 18h, 19h e 21h</i>	130
<i>Quadro 9 – Caracterização das telenovelas quanto aos temas predominantes</i>	134
<i>Quadro 10 – Mapa do círculo de relacionamentos do personagem</i>	136
<i>Quadro 11 – Apresentação do personagem Zé Bob na redação do jornal O Paulistano</i>	138
<i>Quadro 12 – Cobertura do comício eleitoral do político Romildo Rosa</i>	140
<i>Quadro 13 – O jornalista Zé Bob trabalhando ao final do dia na redação do jornal</i>	142
<i>Quadro 14 – O jornalista Zé Bob trabalhando a noite em sua casa</i>	142
<i>Quadro 15 – Depoimento do Zé Bob no julgamento da Donatela. A ética do jornalista</i>	143
<i>Quadro 16 – Jornalismo investigativo</i>	144
<i>Quadro 17 – Mapa do círculo de relacionamento do personagem</i>	148
<i>Quadro 18 – Alfredo fala sobre a questão “experiência x formação acadêmica”</i>	150
<i>Quadro 19 – O trabalho do jornalista, do homem de comunicação, muitas vezes é ensinar</i>	151
<i>Quadro 20 – Alfredo Modesto fala da sua experiência de vida, da deontologia da profissão, da vocação e da missão do jornalista.</i>	153
<i>Quadro 21 – Alfredo Modesto fala na rádio sobre as bases da democracia na participação política dos cidadãos e a representatividade da opinião pública.</i>	155
<i>Quadro 22 – Discurso de Alfredo Modesto sobre as regras básicas do jornalismo</i>	157
<i>Quadro 23 – Modesto na representação do envolvimento com a política local – “Mito da transparência”. Alfredo leva uma matéria para publicação</i>	158
<i>Quadro 24 – Mapa do círculo de relacionamentos do personagem</i>	161
<i>Quadro 25 – Kléber entrevista Horácio Cortez pela primeira vez</i>	162
<i>Quadro 26 – Discussão entre Kléber e Álvaro na redação do jornal, referente a trabalho investigativo sobre Horácio Cortez</i>	163
<i>Quadro 27 – Discussão entre Kléber e Álvaro na redação do jornal</i>	164
<i>Quadro 28 – Divergências entre jornalista e editor chefe</i>	166
<i>Quadro 29 – Kléber x Horácio Cortez – Entrevista coletiva</i>	167
<i>Quadro 30 – Kléber no aeroporto. Cortez chega da Europa, preso</i>	169
<i>Quadro 31 – O perfil do personagem jornalista da telenovela: uma aproximação (hipotética) aos resultados da fase quantitativa da pesquisa.</i>	176
<i>Quadro 32 – O perfil do personagem jornalista da telenovela: o trabalho do jornalista em discussão</i>	187
<i>Quadro 33 – O perfil do personagem jornalista da telenovela: o jornalista fala do mundo do trabalho</i>	186
<i>Quadro 34 – Caracterização do mundo do trabalho dos jornalistas na ficção – jornalismo e política.</i>	187
<i>Quadro 35 – Caracterização do mundo do trabalho dos jornalistas na ficção – características gerais</i>	188

Lista de Figuras

<i>Figura 1 – Binômio Comunicação e Trabalho – Quadro Histórico-Analítico. Ilustração das transformações na sociedade a partir do mundo do trabalho, considerando a comunicação e seus processos, meios, instrumentos e tecnologias e as novas formas de organização da produção e da gestão do trabalho (**).</i>	34
<i>Figura 2 – Dispositivo dinâmico em três polos.</i>	73
<i>Figura 3 - Esquema metodológico da pesquisa</i>	76
<i>Figura 4 - Caracterização em gênero dos jornalistas da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	96
<i>Figura 5 – Caracterização do perfil de idade dos jornalistas da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	97
<i>Figura 6 – Caracterização do estado civil dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	97
<i>Figura 7 – Caracterização do nível de escolaridade dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	98
<i>Figura 8 – Categoria da universidade cursada pelos profissionais jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	98
<i>Figura 9 – Tempo desde a formatura dos profissionais jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	98
<i>Figura 10 – Carga horária diária dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	99
<i>Figura 11 – Faixa salarial dos profissionais jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	99
<i>Figura 12 – Afirmativas sobre a profissão dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012:</i>	100
<i>Figura 13 – Caráter das mudanças nas funções dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	100
<i>Figura 14 – Efeitos resultantes das mudanças nas funções dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	101
<i>Figura 15 – Efeitos resultantes adicionais das mudanças nas funções dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	102
<i>Figura 16 – Forma de execução do trabalho normalmente praticado pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	103
<i>Figura 17 – Ritmo das atividades dos profissionais jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	103

Figura 18 – Tipo de vínculo empregatício dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012da pesquisa.....	104
Figura 19 – Local de trabalho dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012da pesquisa.....	104
Figura 20 – Maiores anseios/necessidades no exercício da profissão dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	105
Figura 21 – Sentimento quanto ao seu preparo para o desempenho profissional dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	105
Figura 22 – Capacidade para planejamento na relação da vida pessoal com a profissional dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	106
Figura 23 – Fatores externos que mais influenciam na atividade profissional dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	106
Figura 24 – O que são os meios de comunicação na opinião do jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	107
Figura 25 – Causas da precarização do trabalho na opinião dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	107
Figura 26 – Motivos da precarização das relações de trabalho pelas empresas, conforme opinião dos dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	108
Figura 27 – Que tipo de informação o cidadão comum prefere, na opinião dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	109
Figura 28 – E que tipo de informação preferem os jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	109
Figura 29 – O que é a informação na opinião dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	109
Figura 30 – Periodicidade de leitura da jornal pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012?.....	110
Figura 31 – Jornais mais lidos pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	111
Figura 32 – Periodicidade de leitura de revistas pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	111
Figura 33 – Revistas de notícias mais lidas pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	112
Figura 34 – Revistas de entretenimento mais lidas pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.....	113

<i>Figura 35 – Periodicidade que o jornalista entrevistado assiste televisão, de acordo com a pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	114
<i>Figura 36 – Periodicidade de audição de rádio pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	114
<i>Figura 37 – Finalidades do acesso à Internet pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	115
<i>Figura 38 – Mídias utilizadas para conhecimento dos assuntos mais importantes pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	115
<i>Figura 39 – Atividades de lazer preferidas dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	116
<i>Figura 40 – Leitura de algum livro no último mês por jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	116
<i>Figura 41 – Frequência ao cinema no último mês por jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	117
<i>Figura 42 – Frequência ao teatro no último mês por jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	117
<i>Figura 43 – Locais preferidos para ir nas horas vagas por jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.</i>	118
<i>Figura 44 – Logotipos da TV Globo, desde o ano da sua fundação, 1965, até o presente.</i>	125
<i>Figura 45 – Logo da telenovela A Favorita.</i>	134
<i>Figura 46 – Logo da telenovela Paraíso</i>	146
<i>Figura 47 – Logo da telenovela Insensato Coração.</i>	159

Lista de Abreviaturas e/ou Siglas

ANJ	Associação Nacional de Jornais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
DDTP	Dispositivo Dinâmico em Três Polos
ECA	Escola de Comunicação e Artes
FENAJ	Federação Nacional dos Jornalistas
FAPESP	Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo
GPCT	Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho – ECA-USP
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
MCM	Meios de Comunicação de Massa
OBITEL	Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva
NPTN	Núcleo de Pesquisa em Telenovela –ECA-USP
ONG	Organização Não Governamental
PJ	Pessoa Jurídica
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
USP	Universidade de São Paulo

1. INTRODUÇÃO

A convergência tecnológica do século XX, nas diversas áreas, possibilitou novas e numerosas aplicações, alterando os processos produtivos nas indústrias, nos transportes, nas comunicações, nas ciências, e em todos os segmentos da vida humana. Estas mudanças permitiram um salto qualitativo na evolução técnica. De um lado, ampliaram as possibilidades de aproximação entre os homens e, de outro, transformaram o mundo do trabalho. Por exemplo, alteram-se os processos de organização da produção e, por conseguinte, a relação do homem com o seu trabalho¹.

Nesse contexto, os meios de comunicação sofreram mudanças concretas, desde os avanços tecnológicos até a introdução da internet e da comunicação em rede; a consolidação do negócio da mídia e do consumo midiático; a formação dos conglomerados e oligopólios de mídias, e a demanda de novas habilidades dos profissionais da comunicação, constituindo um novo perfil profissional *multitarefa* para os comunicadores (SCOLARI, 2008), aqui considerados: os jornalistas, relações públicas e publicitários.

Discutir as mudanças no mundo do trabalho dos comunicadores, especialmente dos jornalistas, é a inspiração deste estudo. Objetiva-se entender como as mudanças no mundo do trabalho no setor da comunicação atuam como elemento de transformação do perfil profissional do jornalista e como as representações dessas mudanças no perfil do profissional são retratadas pelos personagens jornalistas nas telenovelas da Rede Globo de Televisão.

O que fundamenta esta pesquisa é a importante tarefa desempenhada pelo jornalismo na sociedade, a de “assegurar ao cidadão a representatividade da sua palavra, de seus pensamentos particulares, garantindo assim a sua liberdade civil de exprimir-se ou se manifestar publicamente” e “a virtude intrínseca do jornalismo, que lastreia eticamente o pacto implícito na relação entre os meios de comunicação e sua comunidade receptora” (SODRÉ, 2009, p.12).

Acrescenta-se que a deontologia da profissão do jornalista está ancorada na precisão da apuração, no compromisso com a verdade, isenção e ética, entre outros atributos, assim,

¹ Este conceito sustentado pelo marxismo referente à Revolução Industrial (séc. XVIII) é perfeitamente aplicável ao contexto sociotécnico: “nas palavras de Marx: Uma transformação radical no modo de produção em uma esfera da indústria envolve transformações semelhantes em outras esferas (...) a revolução nos modos de produção da indústria e da agricultura tornou necessária a revolução nas condições gerais do processo social de produção, isto é, nos meios de comunicação e transporte...” (SWEEZY, Paul. Karl Marx e a revolução industrial. In: SWEEZY, Paul. *Capitalismo Moderno*. Rio de Janeiro. Graal, 1977, p.131-49 apud RUBIM, 1988, p.15).

para o seu cumprimento é essencial dedicação à pesquisa para substanciar a reflexão, ações estas que demandam tempo e suporte institucional (seja vínculo empregatício e/ou o peso da marca editorial).

O discurso jornalístico da atualidade empreende uma ação impositiva da comunicação do *fato* no mundo cotidiano. Os conteúdos tradicionais, tais como: economia, política, empregos e o cotidiano, têm a obrigação de serem atuais, mas a perspectiva de importância não deve ser pré-fabricada visando o produto de consumo. Tendo em vista ser um produto formador de opinião, quando a imprensa dá espaço sempre aos mesmos dispensa a criticidade para ser apenas uma mediadora de novidades. É em decorrência desses artifícios de parecer atual e sempre presente que “no mundo do senso comum essa confiança na imprensa é generalizada” (MOTTER, 2001, p.11), mas, na realidade, subverte-se a profundidade necessária, e não se efetiva o pacto com a sociedade de instância formadora do discurso histórico.

Pensar o mundo do século XXI é refletir sobre as amplas e complexas mudanças no campo da comunicação associadas à convergência tecnológica. Contudo, não se pode conceituar/considerar evolução e progresso sem problematizar que, se implicam em mudanças no seu produto referencial, que é a informação jornalística, também, essas mudanças colocam em cena novas demandas e relações de trabalho dos profissionais da comunicação. Essa problematização é primordial ao destacarmos as mudanças nos processos de produção, que trazem, progressivamente, outros reflexos para a profissão. As tecnologias avançadas de captação, organização, codificação e transmissão de informação permitem a troca de informação em fluxo contínuo, alterando as relações espaço temporal (CASTELLS, 1999; SCOLARI, 2008), facilitando sobremaneira a gestão das atividades, mas, esta mesma velocidade acarreta prejuízos, tais como, a ausência de tempo para a análise crítica, distanciamento do jornalista da apuração, do contato com o cidadão e da própria instituição para a qual trabalha.

Esse contexto de profundas transformações é, frequentemente, associado à uma situação positiva, por exemplo, “daqueles que visualizam uma sociedade comunicacional, capaz de possibilitar uma interação subjetiva (...), para não falar daqueles que visualizam o fim do trabalho como uma relação concreta do *reino da liberdade*, (...)”, ressalta Antunes (2001b, p.36). Entretanto as formulações críticas desse autor vão ao encontro de ressonâncias pessimistas, que se avizinham desde o final do século XX, e aos poucos se concretizam em

cenário crítico² do mundo do trabalho no contexto da globalização produtiva. As intensas mutações do processo produtivo também interagem na comunicação e repercutem nos processos de trabalho dos comunicadores, como pretende-se discutir nesta pesquisa.

Sob o tema guarda-chuva “*O perfil dos jornalistas profissionais no estado de São Paulo e o ponto de vista do profissional sobre o trabalho*” problematiza-se: Qual é o papel do jornalista na sociedade contemporânea? Qual é o seu perfil e que valores orientam seu fazer profissional? Na tentativa de aproximar os discursos que circulam na sociedade sobre essas mudanças, centramos a atenção no modo como as instituições da mídia discursivizam sobre o papel do jornalismo na sociedade, como produzem essas mensagens e as põem em circulação (HALL, 2003); propõem-se nesta dissertação uma análise comparativa entre os discursos sobre as práticas dos jornalistas na realidade (pesquisas empíricas) e na ficção (telenovelas).

Este é um estudo comparativo que toma como elemento para análise dados das pesquisas sobre o perfil dos jornalistas do Estado de São Paulo, realizadas pelo Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho (GPCT) da ECA-USP, coordenadas pela Profa. Dra. Roseli Fíguro, com apoio da FAPESP e as dissertações de mestrado de Claudia Nonato Lima (2010) e de Rafael Grohmann (2012), para confrontá-los com as representações de personagens de telenovelas da Rede Globo de Televisão.

As telenovelas foram escolhidas a partir de uma pesquisa sobre a incidência de personagens jornalistas na teledramaturgia da Rede Globo de Televisão, no período entre 2000 a 2011, pelos critérios de acesso e pela permanência dos personagens durante toda a trama, permitindo rastrear a recorrência do tema. Foram selecionadas as produções *A Favorita* (2008); *Paraíso* (2009) e *Insensato Coração* (2011), por serem as mais recentes e por manterem os personagens jornalistas em destaque por toda a trama. Foi detectado, ainda na fase preliminar, substrato e suficiente acesso às telenovelas para as tomarmos por objeto.

As discussões em torno da *Comunicação* podem trilhar vários caminhos, aspectos teóricos e práticos, econômicos e políticos, avaliar o percurso histórico da sociedade em todos os sentidos, o que ressalta a sua relevância e a amplitude do próprio conceito. Tomadas às devidas precauções, visto não ser possível dissociar uma parte do todo, podemos adotar um ponto de vista e refletir sobre a Comunicação na confluência do estudo do mundo do

² Os centros do sistema produtor de mercadorias (KURZ apud ANTUNES, 2001b, p.36) nos marcos da sociedade atual após terem desmontado inúmeros parques industriais, devido ao desenvolvimento da tecnologia concorrencial, veem-se na destruição da força produtiva: o desemprego assola o enorme contingente de força humana de trabalho, seja nos países do Terceiro Mundo, dos países pós-capitalistas do Leste Europeu, para atingir também os países capitalistas centrais (idem).

Trabalho, uma vez que defendemos a hipótese de que a “comunicação é um fundamento nos processos de trabalho”³.

Ao aproximarmos estes dois conceitos, comunicação e trabalho, novos níveis de discussão se apresentam: i) introdução de novas tecnologias de informação e de comunicação no cotidiano e a reorganização das carreiras profissionais; ii) percepção da relevância do acesso à informação e do uso dos processos de comunicação na organização da produção, na gestão do trabalho, nas práticas cotidianas do mundo do trabalho e suas repercussões na vida social.

É dentro dessa abordagem da comunicação na confluência das mudanças no mundo do trabalho que podemos esclarecer em seguida algumas relações entre trabalho, comunicação e linguagem.

Neste estudo, o *trabalho* é destacado da interpretação do senso comum de vínculo empregatício, função/tarefas, para ser estudado pelo “aspecto central que exerce na vida das pessoas; e como conceito ergológico, isto é, atividade humana”,

trabalho é a capacidade de o homem gerir seus recursos físicos e intelectuais, sempre em relação a contextos e condições históricas e socioeconômicas objetivas (SCHWARTZ, 2007). A comunicação está no cerne dessa compreensão de trabalho, visto que a atividade humana é ao mesmo tempo ato e relação/interação com o outro (FÍGARO, 2011c).

As marcas desse processo – de comunicação e trabalho – estão na linguagem, constituída ao passo do confronto do homem com as suas necessidades vitais, com a descoberta do “tu”. A partir desta alteridade se constitui o “nós” e, por conseguinte, a comunidade. A comunicação se define a partir da relação com o outro.

Assim, comunicação e trabalho constituem o homem e a sociedade a partir da linguagem em ação; linguagem que “permeia todas as relações sociais, orienta sua visão de mundo e constitui a sua consciência” (MOTTER, 2001, p. 12).

O fundamento desse sistema de comunicação e trabalho, dado pela linguagem, é ideológico, porque o *signo* está ligado à situação social. De acordo com Mikhail Bakhtin, teórico dos Estudos da Linguagem, “a palavra é o signo ideológico por excelência, ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas” (BAKHTIN, 1988, p. 19).

³ A hipótese teórica do Binômio Comunicação e Trabalho é explorada no **Capítulo 2 - Referencial Teórico**

Portando, na busca das origens da linguagem e dos seus marcos iniciais para seu entendimento, pode-se considerar

“um processo metonímico, quem diz palavra, diz linguagem, e aparece a linguagem como relação interindividual, como resposta a uma necessidade e como marco qualitativo a distinguir decisivamente o homem dos outros seres da natureza. A linguagem nasce com a mão e o cérebro e tem sua origem no trabalho” (MOTTER, 2001, p.18).

A partir do engendramento da comunicação e do trabalho abrem-se novos caminhos para o homem, no *continuun* da vida humana. A perspectiva de um paralelismo entre comunicação e trabalho não está correta, visto que se assim fosse estas forças nunca se encontrariam, elas estão imbricadas e por isso fazem da sociedade humana o que ela é.

Com base nesses pressupostos teóricos, que serão detalhados no segundo capítulo, construímos nosso objeto de pesquisa, bem como, elegemos nosso problema de estudo.

1.1. Construção do objeto

A maioria dos estudos que envolvem as mídias converge para os estudos da audiência pelo viés do consumo. Dentre elas, a televisão tem lugar privilegiado no país e sublinhada a influência do meio, que para Martín-Barbero & Rey, pode ser considerado “o mais sofisticado dispositivo de moldagem e deformação do cotidiano e dos gostos populares e uma das mediações históricas mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo cultural popular” (2001, p. 26).

Se hoje não sentamos mais ao pé da fogueira para ouvirmos as histórias de nosso povo e construirmos, junto com o narrador, os mitos de nossa identidade; se as feiras populares com seus poetas já não são mais o lugar privilegiado de constituição/reconstituição permanente da nacionalidade; se a literatura de cordel e o circo (TUFTE, 1995, p.34-53) perderam força, temos ainda como espaço prioritário os meios de comunicação, em especial a televisão, que tem se configurado como o “lugar” privilegiado das narrativas, cujas matrizes encontram naquelas manifestações culturais (BACCEGA, 2011).

No Brasil, o telejornalismo e a telenovela são produtos com grande aceitação, marcam posições na formação cultural da população. As notícias produzidas e veiculadas pela televisão, como um dos principais meios de informação sobre a vida cotidiana, associam o meio televisivo e o jornalismo, destacando-os pela elevada representatividade e credibilidade;

a “telenovela brasileira” é vista como um importante produto da indústria cultural nacional, com ampla penetração de audiência e agente de mudança social (MOTTER, 2003).

No âmbito desta pesquisa, ressalta-se, também, o jornalismo e a telenovela como espaços de produção simbólica, e assim capazes de influir na formação de valores e entendimento da cultura profissional e das rotinas produtivas, comportamentos e as relações do jornalista com a sociedade. Isto é possível mediante a percepção de que a narrativa ficcional, aqui associada à telenovela, “toma como referente a própria realidade, se não tanto da narrativa, pelo menos dos elementos que compõem as ações e tornam verossímeis os lugares, as personagens e as ações, o onde, como, quem, o quê e quando” (MOTTER e JAKUBASZKO, 2007, p. 57).

Considera-se a importância das narrativas como uma forma de compreender a realidade e “a telenovela brasileira” (ORTIZ, 1987; MENA, 2001; LOPES, 2010) como um espaço público de debates e recurso comunicativo (padrão de qualidade da Rede Globo de Televisão).

À época das análises dos dados das pesquisas⁴ foi veiculada pela Rede Globo a telenovela *A Favorita*⁵, que tinha como personagem principal um jornalista e apresentava as rotinas de trabalho da redação de jornal impresso. O assunto foi debatido pelo GPTC, como também repercutiu na mídia.

Esse fato chamou nossa atenção e realizamos um levantamento prévio sobre a presença de personagens jornalistas em telenovelas, sobretudo aquelas que abordavam a temática “o trabalho do jornalista” nas telenovelas da Rede Globo de Televisão. Confirmou-se a incidência de personagens jornalistas nas tramas das telenovelas, fato este, também relatado em outros trabalhos acadêmicos⁶.

⁴ *Comunicação e trabalho. As mudanças no mundo do trabalho nas empresas de comunicação*. São Paulo, FAPESP, 2008, cuja síntese está disponível em www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho e em diversos artigos publicados em periódicos acadêmicos.

⁵ *A Favorita*, autor João Emanuel Carneiro, exibida de 02/06/2008 a 16/01/2009, no horário das 21h, com 170 capítulos, na Rede Globo de Televisão.

⁶ NEVES, T.C.C.; TRINTA, A.R.. *O jornalista na telenovela*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1904/17351> Acesso em 10/07/2012. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. Criticam-se duas telenovelas subsequentes exibidas pela Rede Globo, onde personagens jornalistas proporcionaram flagrantes “matizados de relações de veracidade constatável, no que tange à realidade profissional dos jornalistas”.

THOMÉ, C. *Jornalismo e ficção: a telenovela pautando a imprensa*. Dissertação de Mestrado. [Orientação de Ivana Bentes]. UFRJ, 2005. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp022928.pdf>. Acesso em 10/07/2012. Análise da forma como a teledramaturgia pauta os temas a serem tratados nos jornais (...) trabalhando com o mito da neutralidade e da objetividade jornalística.

THOMÉ, C. *O jornalismo na vitrine das telenovelas*. UFRJ, 2010. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a4n3/claudia_thome.pdf. Acesso em

Entretanto, após as pesquisas sobre a temática do trabalho do jornalista nas telenovelas, observamos que as reproduções das práticas dos jornalistas pela teledramaturgia brasileira não se apresentam associadas à realidade da profissão, tendo em vista as pesquisas recentes que apontam as condições de trabalho dos profissionais jornalistas cada vez mais precarizadas, pela sobrecarga de trabalho, terceirização do trabalho e ausência das garantias do vínculo empregatício.

Assim, neste estudo considera-se a interação ficção/realidade, mas, adota-se um percurso de análise que separa por isso em dois planos o real e ficcional para tratar do mundo do trabalho dos jornalistas, frente às mudanças e demandas que alteram o mundo real e reuní-los em comparação nos momentos de análise e interpretação. Interessa-nos destacar e analisar os discursos da telenovela sobre as práticas dos jornalistas em comparação aos discursos dos jornalistas da realidade, a fim de responder às questões que surgem a partir deste novo panorama da profissão.

Diferentemente dos estudos citados, este estudo recai na análise comparativa do perfil profissional balizada pelos resultados empíricos das pesquisas acadêmicas desenvolvidas nos últimos anos⁷, para confrontar o mundo do trabalho dos jornalistas, na realidade e na ficção.

1.2. Objetivos da pesquisa

Considerando o *trabalho* como o principal organizador da vida das pessoas, visto que é no contexto do trabalho que se permite entender o sujeito real e os temas relevantes para a coletividade, o objetivo deste estudo é investigar como a exploração desta temática⁸ nas telenovelas, a profissão do jornalista e as suas práticas, são representadas e se dão ao entendimento da especificidade deste trabalho, e do papel do jornalismo na sociedade, comparando com os resultados das pesquisas empíricas.

São objetivos complementares, em nível teórico:

- propor uma aproximação interdisciplinar, por intermédio da nossa hipótese teórica do binômio comunicação e trabalho, para discutir e refletir acerca da produção de sentidos do trabalho representados pelos personagens jornalistas nas tramas das telenovelas.

10/07/2012. A proposta é refletir sobre o efeito produzido pela exposição de comportamentos de personagens jornalistas e também dos jornalistas personagens.

⁷ FIGARO, 2008, 2012; LIMA, 2010; GROHMANN, 2012.

⁸ O conceito de *temática* é discutido no capítulo 5.

1.3. A relevância do estudo proposto

O binômio comunicação e trabalho será o referencial teórico. Justifica-se esta escolha na medida em que esse binômio conceitua as relações de comunicação e problematiza as convergências, as divergências e os conflitos no mundo do trabalho (FIGARO, 2011b). O foco principal do trabalho recai na relevância da atividade de comunicação nos processos produtivos, e na centralidade do trabalho na vida das pessoas.

À luz da hipótese teórica de aproximação dos conceitos de comunicação e trabalho, abre-se a discussão sobre o trabalho dos comunicadores/jornalistas considerando que,

[...] é na atividade de trabalho que estão implicados, no caso do mundo do trabalho dos comunicadores, os valores éticos que permitem fazer escolhas, adotar critérios, estabelecer procedimentos e rotinas produtivas os quais se tornam regras, manuais, técnicas. Sem o questionamento, sem a crítica sistemática e permanente (sempre orientada pelo bem-comum), tais procedimentos e rotinas são naturalizados, tomam a forma de leis de *como se deve fazer* (FIGARO, 2011b, p.77).

O território do trabalho dos jornalistas tem sido o foco de interesse de pesquisadores de diversas áreas. Torna-se relevante questionar as relações de comunicação, os processos comunicativos no mundo do trabalho dos jornalistas, observando as mudanças técnicas e tecnológicas e as alterações das práticas do jornalismo, na transformação do perfil deste profissional.

A principal característica dessa profissão é a credibilidade. A principal função é relatar o mundo para o cidadão, com quem dialoga. Deve ser apoiada pela sociedade, sustentada na ética. Seu instrumento de trabalho é a palavra. Trabalha-se com conteúdos factuais do cotidiano. As informações chegam na forma bruta, “o dever do jornalista para com o público-leitor é *noticiar* uma verdade, reconhecida como tal pelo senso comum, desde que o enunciado corresponda a um fato, selecionado por regras hierárquicas de importância” (SODRÉ, 2009, p.12). Assim, o objetivo proposto à imprensa é o de “narrar os fatos”, cabendo aos cidadãos a importante tarefa de refletir sobre eles, formando assim a “opinião pública”, avalizando a participação política dos cidadãos nas democracias. Essa é a forma como pensamos o jornalismo, oriundo da proposta iluminista de liberdade de expressão⁹.

O período entre a revolução industrial no século XVIII e a consolidação da “sociedade em rede” (CASTELLS, 2009) no século XX, guarda um longo processo de mudanças na

⁹ Na definição adotada por Venício Lima: “se refere à liberdade individual e ao direito humano fundamental da palavra, da expressão” (2010, p.21).

sociedade e nos seus processos produtivos, de modo que o jornalismo adquire uma dimensão comercial, explica Sodré (2009, p.13):

[...] uma vez ultrapassada a fase artesanal e publicista, a imprensa passou a oscilar continuamente entre os seus interesses empresariais – dificilmente isentos das tentações da manipulação e da corrupção política – e os fatos relativos à realidade sociopolítica de seu público, sempre cercada pela mística de defesa incondicional dos direitos da cidadania regional ou mundial. A busca de uma transparência discursiva ou ideológica, mas apoiada nas opacidades de seu próprio mito, é a ambivalência constitutiva do jornalismo.

Significa dizer que as ações de investigação política e os ideais de liberdade de expressão visando à preservação dos direitos da cidadania continuam presentes e circulam nas mídias, nos discursos do jornalismo, principalmente nos quais se autoreferencia, mas a partir da sua condição de porta-voz da sociedade são criadas expectativas com relação aos seus produtores e profissionais que atuam nesse campo, desde a formação profissional até os processos de trabalho do cotidiano na tensa linha de produção da notícia, também, também pensada como produto.

O estudo sobre as mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas torna-se complexo, se sobrepõe à visão simplista de adaptação do sujeito às novas técnicas, uma visão mecanicista e funcionalista. Encaminha-se um estranhamento, podendo-se fazer os seguintes questionamentos:

- como a mídia apresenta à sociedade o fazer jornalístico?;
- quem o faz, suas normas e rotinas produtivas?;
- e, como o jornalista, nas *dramáticas*¹⁰ da atividade de trabalho (SCHWARTZ, 2008), enfrenta os desafios cotidianos do exercício profissional? (FIGARO, 2012).

Entretanto, se a valorização da informação e o “imediatismo” (*últimas notícias/portais de informação/on-line*) põem em evidência este setor, por outro lado, o reconhecimento do trabalho desse profissional segue em outra direção. Pesquisas recentes (HELOANI, 2003; FIGARO, 2008; 2012) indicam uma progressiva precarização da profissão: elevadas taxas de desemprego; relações profissionais desfavoráveis quanto aos direitos trabalhistas; maior pressão do tempo; distância da ocorrência do fato (supressão da apuração *in loco*) e a presença de outros mediadores. Há acúmulo de funções: o jornalista é também diagramador, fotógrafo,

¹⁰ As *dramáticas* do uso de si por si mesmo e pelo outro (SCHWARTZ e DURRIVE, 2003), na Ergologia, em linhas gerais significa o uso que fazemos de nós mesmos e que o *outro* faz de nós para a execução do trabalho. Este conceito é explorado no Capítulo 2.

apresentador e produtor de material em diversas linguagens (escrita, sonora, audiovisual, hipertextual). A constante instabilidade no campo de trabalho, devido à extinção de postos de trabalho e o elevado contingente de profissionais disponíveis, implicam em uma qualidade de vida comprometida. Esses, entre outros fatores, põem em risco a qualidade/credibilidade do seu trabalho, e, por conseguinte, obliteram a função social confiada pela sociedade.

Quanto ao aspecto teórico-metodológico, este estudo é balizado na proposição de Lopes (2003, p.121-2) citando Bachelard, “que [...] a operação epistemológica de ruptura decorre do princípio de que o ‘fato científico se conquista contra a ilusão do saber imediato’ e incide particularmente sobre a fase de definição do objeto de pesquisa e do sistema de conceitos envolvidos”. Ao se levar em conta que o “discurso sobre jornalismo”, difundido em telenovelas brasileiras elabora os sentidos do trabalho dos jornalistas, é, então, tomado como objeto de pesquisa, a fim de compará-lo aos dados evidenciados em pesquisas empíricas sobre o perfil do jornalista e a visão do profissional sobre seu trabalho. O intuito é o de superar o “ponto de fuga” das linhas interpretativas que investigam paralelismos entre as estruturas da produção jornalística ou ficcional, propõe-se verificar as imbricações das práticas dos jornalistas na realidade e na ficção e refletir sobre diferenças, afinidades e desigualdades, considerando que a televisão é um dos marcadores sociais da hierarquia de valores no Brasil.

Assim, o recorte para análise comparativa sobre o trabalho dos jornalistas são os enunciados e discursos dos personagens jornalistas na telenovela, visto que para Motter e Jakubaszko (2005, p. 56),

...os estudos existentes no campo das ciências da comunicação, a nosso ver, já comprovam, por diversos caminhos, a influência que os meios exercem sobre a sociedade ou sobre os indivíduos que a compõem [...],

e,

...“constroem/desconstroem discursos sobre os mais diversos aspectos da sociedade – sociais, culturais, econômicos -, dando-lhes sentido, atribuindo-lhes valor, organizando-os, estabelecendo vínculos, seja pela contradição, pela negação, ou pelo esquecimento” (MUNGIOLI, 2008)¹¹.

A telenovela brasileira se constituiu como um lugar privilegiado para a problematização e o debate de vários assuntos de interesse da sociedade visto sua “capacidade

¹¹“As telenovelas brasileiras destacam-se na constituição do sentimento de nacionalidade, pois constroem/desconstroem discursos sobre os mais diversos aspectos da sociedade (sociais, culturais, econômicos), dando-lhes sentido, atribuindo-lhes valor, organizando-os, estabelecendo vínculos, seja pela contradição, pela negação, ou pelo esquecimento.” MUNGIOLI, MCP. *Enunciação e Discurso na Telenovela: A construção de um Sentido de Nacionalidade*. Intercom, Natal. RN. Brasil. 2008.

sui generis de sintetizar o público e o privado (...)” (LOPES, 2003, p.25). Sendo assim, justifica-se refletir sobre os sentidos atribuídos ao mundo do trabalho pela comunicação, sendo aqui representada pela telenovela, com o objetivo de revelar como a prática do trabalho dos jornalistas é retratada, e, conseqüentemente, como a sociedade reconhece o valor da informação e de seus produtores. Visto a intensa negociação entre os meios e a sociedade e/ou com o indivíduo que a compõem,

os estudos de recepção na linha de pesquisa das mediações (Martín-Barbero, Canclini, Lopes), por exemplo, mostram que há mais que influência, há troca de saberes, há experiências no contexto das subjetividades com os meios. (...), [questiona-se] o fato de como a articulação sociedade-meios-sociedade-meios, num movimento dialético, polifônico e dialógico, direciona, inventa, desenha os consensos, os novos consensos e as transformações das práticas e experiências cotidianas. (MOTTER e JAKUBASZKO, 2005, p.56):

Não menos importante, o direito do cidadão à “informação”¹² estará norteando esta discussão, visto ser o indivíduo a razão última da existência das *mídias*.

Independente do suporte, a informação tornou-se um negócio extremamente importante na economia mundial. A conformação geoeconômica e política do mundo dependem do potencial de acesso à “sociedade da informação”, e as suas assimetrias (sociais e econômicas) estão ligadas ao controle dos fluxos de informação e comunicação (BOLAÑO, 2005).

No espectro dos debates da sociedade atual, principalmente no Brasil, este é um assunto discutido academicamente, mas aparece apaziguado na sociedade. Esses questionamentos revelam tensões, remetem à trajetória das utopias sociais, baseadas no poder dos meios de produção e de transmissão de conhecimento para criar um mundo mais humano e à discussão sobre as práticas da construção das hegemonias (MATTELART, 2005)¹³. A discussão é presente, e requer o fôlego de muitos estudiosos.

1.4. Problemas da pesquisa

Embora o panorama de progressiva precarização do trabalho do jornalista seja evidenciado pelas pesquisas, não são assim retratados pela teledramaturgia brasileira,

¹² Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948, afirma: "Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de ter opiniões sem sofrer interferência e de procurar, receber e divulgar informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras".

¹³ Conferência proferida em sessão aberta do V Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, realizada em Salvador, Bahia, Brasil, de 9 a 11 de novembro de 2005.

especialmente nas telenovelas produzidas pela Rede Globo de Televisão. Propõe-se refletir sobre os sentidos do trabalho do jornalista difundidos pelos meios de comunicação, sendo estes representados pelos personagens jornalistas nas tramas das telenovelas.

Surgem, a partir disso, os seguintes questionamentos:

- *Por que isto acontece?*
- *Como a telenovela representa o jornalista?*
- *Quais são os sentidos atribuídos ao mundo do trabalho dos jornalistas?*
- *Que tipo de rotinas produtivas, que tipo de relações com o local de trabalho e com os demais jornalistas a teledramaturgia mostra?*
- *Como os jornalistas, personagens da telenovela, discursivizam com relação ao seu trabalho? (Valores...)*
- *Essa representação do jornalista na telenovela tem alguma verossimilhança com o mundo do trabalho do jornalista na atualidade?*
- *Qual é a relação desses discursos sobre o trabalho e desses modos de expressá-las com as implicações sociais, políticas, econômicas e culturais contemporâneas?*

1.5. Estrutura do trabalho

No intuito de contribuir para os estudos que tomam por objeto o mundo do trabalho dos jornalistas, o desenvolvimento desta pesquisa é apresentado a seguir.

O primeiro capítulo contextualiza o mundo do trabalho dos comunicadores no tempo-histórico atual, para ressaltar a importância da informação e discutir as mudanças no perfil do profissional jornalista e os fatores que atuam como elementos desta transformação.

O segundo capítulo apresenta o referencial teórico que dá sustentação às discussões e organiza o objeto teórico da pesquisa. Dentre as linhas teóricas que contribuem para as discussões, destacam-se o binômio comunicação e trabalho, os estudos da linguagem, os estudos culturais e a sociologia do trabalho.

O terceiro capítulo trata da construção metodológica da pesquisa, apresenta as características das fontes de dados (pesquisas empíricas e telenovelas) e as operações teórico-metodológicas para conformar o recorte do objeto de pesquisa.

No quarto capítulo são apresentadas as pesquisas em comunicação e trabalho realizadas pelo Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho da ECA-USP sob o tema guarda-chuva “O

perfil dos jornalistas profissionais no Estado de São Paulo e o ponto de vista do profissional sobre o trabalho”.

No quinto capítulo, são apresentadas as telenovelas selecionadas para o estudo (*A Favorita*, 2008; *Paraíso*, 2009 e *Insensato Coração*, 2011), as sequências de cenas escolhidas contendo personagens jornalistas que serão analisadas e confrontadas com os resultados das pesquisas empíricas no sexto capítulo.

No sexto e último capítulo são apresentadas as análises comparativas entre o mundo do trabalho dos jornalistas na realidade e na ficção a fim de se delinear as aproximações e diferenças, conhecê-las e discuti-las com o objetivo de contribuir para o debate sobre os problemas, desafios e tendências do exercício profissional do jornalista, bem como do produto de seu trabalho: a informação jornalística.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

“O destino da imprensa está vinculado ao sempre incerto destino da liberdade humana”.

Hélio Damante

A reflexão teórica sobre os fundamentos do campo de estudos da comunicação permite superar a pretensão vigente de compreender os fenômenos apenas pelos significados práticos, e ao mesmo tempo conferir à pesquisa em comunicação o reconhecimento e a responsabilidade que lhe são devidos tendo em vista a organização cultural na sociedade contemporânea.

Quanto à restringir os estudos aos significados práticos, nos referimos aos estudos que subordinam aos sistemas de meios, as *mídias*, como sendo os lugares e as formas através dos quais se realizou o processo de modernização da sociedade. De fato, os processos comunicativos acompanham o desenvolvimento tecnológico, entretanto não são independentes dos sistemas políticos ou econômicos. Disto decorre o reconhecimento e a relevância dos estudos que privilegiam o campo da comunicação como revelador do sistema de forças da sociedade, do cenário em torno do qual se constitui a sociedade civil, das orientações em relação aos direitos do cidadão e da atualização das razões de um pacto de confiança entre o cidadão e as instituições.

Os interesses convergentes do sistema político e do sistema econômico encontraram uma importante legitimação nos meios de comunicação. Historicamente está comprovado o estabelecimento do jornalismo/da imprensa como uma instituição social da *urbes*, fruto do clima de liberdade e progresso característicos do signo das ideias liberais, começando, assim, o primado da notícia e com ela a sistematização da produção desse produto cultural, o jornal, e a permanente luta pela aproximação e conquista do cidadão leitor. A publicidade, associada ao surgimento desses novos campos de interesse coletivo, inicia sua singular expansão organizada. Em um segundo momento, a integração dos meios de comunicação, como o jornal, o rádio e o cinema sustentaram as propagandas belicistas da Primeira Grande Guerra, nazista e fascista da Segunda Grande Guerra, na Europa; para triunfante, no decorrer do século XX, tornar a televisão um fenômeno típico para se falar sobre a indústria cultural. A televisão é o veículo de comunicação de massas adequado para suprimir a relação tempo-

espaço, composto por um mosaico de tecnologias que abriu o caminho das tecnologias em rede da atualidade, mas que ainda permanece como o meio de comunicação mais popular em todo o mundo.

É exatamente esta amplitude e complexidade ao se falar do fenômeno da comunicação, que ultrapassa a dimensão dos meios para tornar-se mediação que permite a relação do homem com o mundo, e, portanto exige um traçado que contemple as interfaces entre tecnologias e condições da vida humana, que envolvem comunicação, linguagem e o trabalho.

A mais profunda natureza da comunicação é a relação social, entretanto pensar a sociedade em sua totalidade conduz à complexidade que não se sustenta sem a produção dos meios de sobrevivência do homem. Ao mesmo tempo necessidade e possibilidade, o trabalho é aqui tomado como esta característica essencialmente do humano, impossível sem uma comunicação constituída por uma linguagem de símbolos e valores.

Refletir sobre o trabalho humano, no sentido de atividade humana que mobiliza atributos essencialmente intelectuais que se engendram e se materializam, pode parecer tarefa mais fácil para aqueles que já tiveram uma experiência concreta de trabalho, mas o significado desta operação humana de transformação pode ser captado pelo iniciante tal é a sua força representada pela linguagem que a instrui. A tarefa desempenhada por um integrante de um grupo, embora executada junto ao coletivo, o individualiza, computando-lhe uma produção particular: o quê é *seu* trabalho, o quê *você* faz, qual é a *sua* atividade de trabalho? No limite, o trabalho e a comunicação socializam o humano, e o introduzem como sujeito real e abstrato. Real porque sua ação é individual e inédita a cada momento, e abstrato porque a sua ação se materializa na história e referencia o fazer humano, mas é o conceito de comunicação que concretiza a abstração, somente o sujeito pode aceder à realidade passada.

Assim, mostrando os encontros e confrontos das acepções sobre os conceitos de comunicação e o trabalho no processo de constituição do ser social é proposta a hipótese teórica de aproximação dos conceitos de comunicação e trabalho, considerando a comunicação como fundamento dos processos de trabalho, destacando-se a linguagem e o pensamento conceitual, intrinsecamente ligados, tornando possível a interação e organização social.

Realiza-se primeiramente um percurso metodológico que se movimenta pelas teorias de pesquisa que se apóiam no paradigma informacional (transmissão de informação) e se constituem como os clássicos estudos de mídia, e, que tangencia as pesquisas sociológicas sobre o campo dos meios da comunicação. No entanto, é fundamental que se estabeleça uma

ancoragem nos Estudos da Linguagem para se compreender a linguagem como co-criadora de cultura, no sentido que extrapola a estrutura linguística, e revela-se como elemento de formação do sujeito social, ou seja, na perspectiva de interação entre sujeitos postos em situação de comunicação; acrescentando, a Análise do Discurso de linha francesa como método de interpretação. Esta relação do sujeito com a exterioridade permite considerar que na comunicação estão envolvidos os aspectos social, histórico, cultural e ideológico, e é a partir da contribuição teórica dos Estudos Culturais que se propõe abordar as questões de cultura e indústria cultural, relacionando-as aos conceitos de classe social, lutas de classes e hegemonia. Depois, consideramos a contribuição da Sociologia do Trabalho para estudarmos como o mundo do trabalho e as transformações das forças produtivas estão imbricados às outras instâncias do modo de produção econômico dominante e seu discurso hegemônico.

2.1. O Binômio Comunicação e Trabalho

Pode-se considerar que os comunicadores trabalham com bens valiosos na nossa sociedade, a informação e o conhecimento, para tanto mobilizam instâncias da ação singular que pertence ao humano: a comunicação. Ao mesmo tempo em que se constitui como resultado da força criativa e inventiva do homem, a comunicação é também essencialmente interativa, somente se efetiva na relação com o outro.

Outro aspecto singular do humano é o trabalho. As mudanças do mundo do trabalho acompanham as mudanças na comunicação – participam do mesmo processo histórico. Comunicação é relação com o outro, no trabalho há ampla manifestação desta conjunção.

No intuito de abordar e compreender as profundas transformações que ocorreram e que ocorrem na sociedade a partir do mundo do trabalho, considerando que a comunicação e seus processos, meios, instrumentos e tecnologias têm atuado de maneira determinante nas novas formas de organização da produção e da gestão do trabalho foi elaborado um esquema ilustrativo e descritivo (FIG. 1 – Binômio Comunicação e Trabalho – Quadro Histórico-Analítico) com suas características mais expressivas, contemplando: (i) eixos teóricos e a indicação de literatura representativa dos estudos do campo da comunicação, (ii) inovações tecnológicas, mídias e processos, e (iii) os modelos científicos de organização do trabalho, retratando o período entre o início do século XX e a primeira década do século XXI. O objetivo é apresentar a dinâmica da aproximação dos conhecimentos produzidos sobre as

mudanças no contexto sociotécnico e melhor poder discutir e compreender como as transformações no mundo do trabalho incorporam os processos comunicacionais¹⁴.

Assim, por uma opção metodológica, estas características (apontadas nos itens (i), (ii) e (iii), serão apresentadas distintamente no decorrer deste capítulo, para ao final do percurso retomar análise da interação destes fatores.

A importância de entender o que acontece no mundo do trabalho, a partir da comunicação, colaborará para que se possa melhor vislumbrar as transformações culturais que se dão e se darão no conjunto da sociedade. Tais mudanças refletem-se nas relações interpessoais dos sujeitos, na produção de sentidos e na reordenação da representação da realidade. A comunicação tem o papel destacado nessas transformações e reconfigurações, pois passou a fazer parte dos processos de trabalho e incorporou-se às forças produtivas. Delas decorrem novas relações no cotidiano, hábitos e práticas culturais. A iniciativa de se aproximar os conhecimentos da sociologia do trabalho, dos estudos de recepção e dos fundamentos da linguagem verbal através da análise do discurso, tendo como ponto de vista a Comunicação, demonstra a responsabilidade a que está chamada essa área do conhecimento para a melhor compreensão da realidade¹⁵.

Mostra-se no esquema ilustrativo FIG. 1 o Binômio Comunicação e Trabalho – Quadro Histórico-Analítico:

¹⁴ Baseado na ementa da disciplina “Comunicação no mundo do trabalho: recepção e mediações” do programa de pós-graduação da ECA-USP (CCA- 5246-2/5) . Docente responsável: Profa. Dra. Roseli Figaro.

¹⁵ Trecho extraído da ementa da da disciplina “Comunicação no mundo do trabalho: recepção e mediações” do programa de pós-graduação da ECA-USP (CCA- 5246-2/5) . Docente responsável: Profa. Dra. Roseli Figaro.

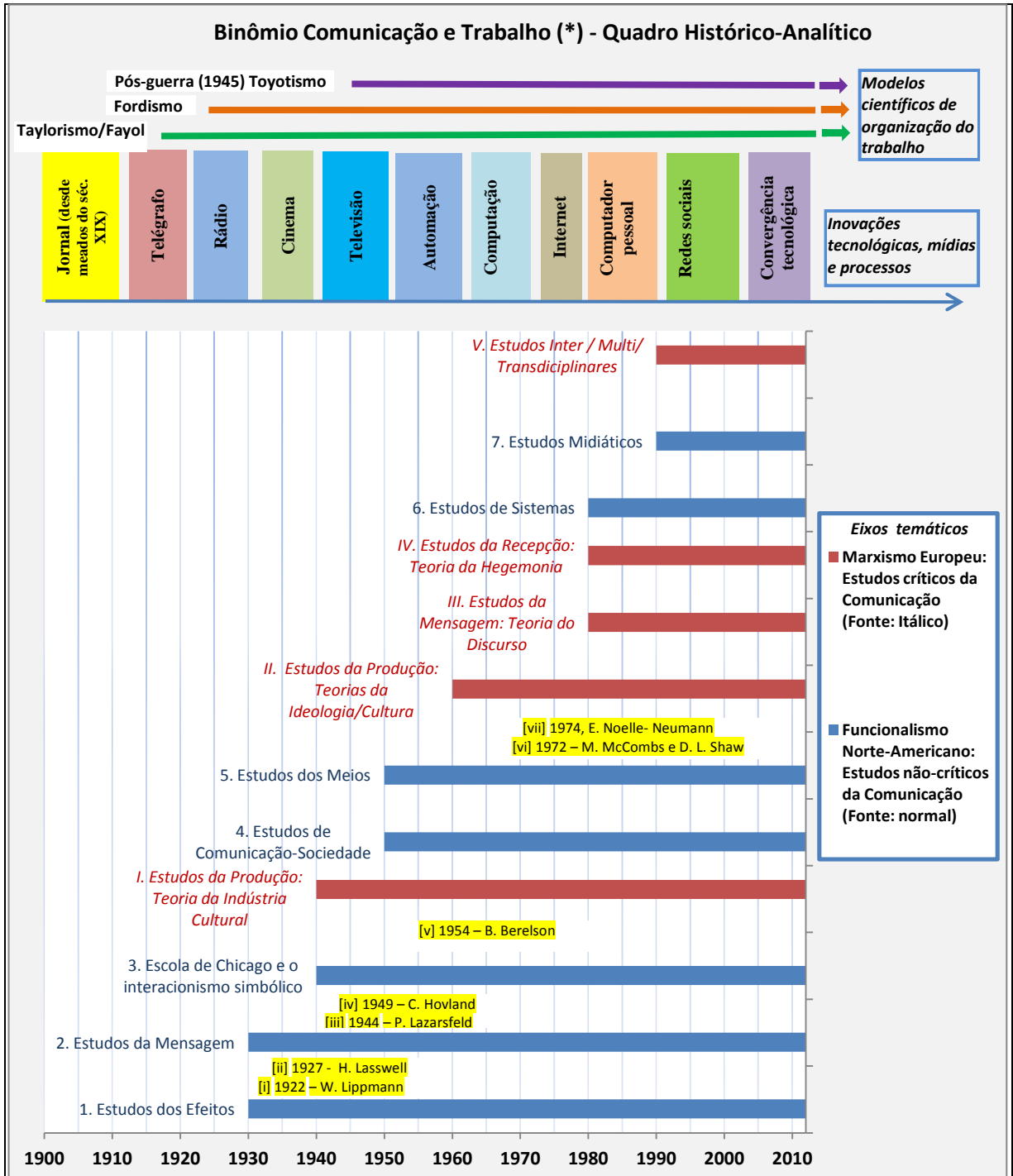


Figura 1 – Binômio Comunicação e Trabalho – Quadro Histórico-Analítico. Ilustração das transformações na sociedade a partir do mundo do trabalho, considerando a comunicação e seus processos, meios, instrumentos e tecnologias e as novas formas de organização da produção e da gestão do trabalho (**).

(*) Figaro (2009a e 2009b).

(**) Estrutura inferida pela autora com base em Figaro (2009a; 2009b), Lopes (2009)¹⁶ e Gomes (2011)¹⁷.

¹⁶ LOPES, M. I. V. Apostila da Disciplina CCA 5026 - Metodologia da Pesquisa em Comunicação Social. ECA-USP (2009).

Na FIG. 1, as barras (eixos teóricos) horizontais azuis¹⁸ representam os estudos da comunicação relacionados ao funcionalismo norte-americano. As barras horizontais vermelhas representam os estudos da comunicação em uma interlocução crítica com o marxismo. Deve-se ressaltar que esses modelos teórico-metodológicos ainda estão ativos, e são empregados nos estudos e pesquisas acadêmicas sobre a Comunicação, a isto se deve a representação destas correntes teóricas por barras contínuas até o momento presente na linha cronológica.

Na área superior da figura são apresentadas as invenções do telégrafo, telefone, cinema e rádio, embora estas tenham acontecido ao longo do século XIX e da televisão em 1924, estes equipamentos adquiriram representatividade como meios de comunicação de massa a partir das décadas de 1930/40, e permanecem nesta escala cronológica, todavia, haja obsolescência. O objetivo foi apresentar as inovações tecnológicas, mídias e processos que vão ao encontro da convergência tecnológica¹⁹.

Ainda na área superior da figura são apresentados os modelos científicos de organização de trabalho Taylorismo, Fordismo e Toyotismo (cujos princípios foram propostos, respectivamente, por Frederick Taylor e depois aperfeiçoados na indústria automobilística, na linha de montagem, por Henry Ford e o modelo de gestão administrativa japonesa de Taiichi Ohno). A tendência da continuidade desses modelos na linha temporal indica a possibilidade de permanências nas relações entre os três princípios ao se levar em conta a dinâmica produtiva na globalização.

A partir desta representação ilustrativa é possível perceber a afinidade entre os procedimentos do modelo científico de organização do trabalho, o tratamento dado à comunicação e às transformações nos processos tecnológicos, apontando para a nossa hipótese teórica de aproximação entre comunicação e trabalho possibilitando compreender as profundas transformações que ocorrem na sociedade a partir do processo de mundialização do capital. A correlação de forças apresentadas pela ilustração evidencia as relações de ruptura e continuidade, ressaltando que tais relações são historicamente determinadas e dialeticamente conjugadas entre si.

¹⁷ GOMES, W. Contemporânea/comunicação e cultura - vol. 09 – n.03 –setembro-dezembro 2011.

¹⁸ Para orientar o entendimento do método de apresentação das correntes teóricas na FIG. 1 foram adotados três critérios de formalização: cor das barras (azul ou vermelho), caracteres alfanuméricos (árabicos ou romanos), e os estilos de fontes (normal ou itálica) para diferenciar os dois eixos teóricos metodológicos: Funcionalismo Norte Americano: Estudos não críticos da Comunicação e Marxismo Europeu: Estudos críticos da Comunicação.

¹⁹ Convergência entre comunicação, telecomunicações e informática (RUBIM, 2000).

2.1.1. Estudos sobre a comunicação, linguagem e discurso

Nos estudos de comunicação da atualidade, uma das principais reflexões tem sido sobre seu aspecto transversal, que denuncia sua propensão a exercer articulações em diversos campos sociais, na educação, saúde, ação social e cultura, por exemplo. Essa transversalidade mostra também a integração de conhecimentos e métodos de pesquisas de outras ciências humanas como a linguística, sociologia, a psicologia e a antropologia, evidenciando o caráter trans, multi e interdisciplinar que os estudos de comunicação tendem a seguir.

Todavia, Muniz Sodré (2012), em seu artigo “*Comunicação: um campo em apuros teóricos*” considera ainda presentes as dificuldades teóricas da constituição do campo da Comunicação, destacando que o paradigma dos efeitos ainda é o fundamento da maioria das pesquisas acadêmicas:

sempre foi e continua sendo conceitualmente ambígua a palavra *comunicação*. Apesar disso, a ideia de transmissão e persuasão, concretizada nos dispositivos técnicos que fazem circular os discursos sociais, com a conseqüente recepção por parte de públicos amplos e heterogêneos – portanto na *comunicação funcional ou comunicação/informação* – é, desde os começos, a principal responsável pelo *paradigma dos efeitos* na abordagem acadêmica da comunicação. A expressão *comunicação funcional* revela-se aqui muito adequada, uma vez que esse paradigma pertence por inteiro ao persistente positivismo funcionalista da escola sociológica norte-americana. Esta é de fato a via teórica trilhada pela maioria das pesquisas e obras reflexivas sobre a comunicação. Configura-se como um paradigma, no qual se encaixam desde as teorias mais antigas até as mais recentes (...). (SODRÉ, 2012, p.12, grifos do autor)

Uma primeira questão a ser discutida é sobre a “ambigüidade” da palavra comunicação. Ambigüidade é um “vocábulo que não goza de boa reputação. Sinônimo de incerto, indeterminado, duvidoso, dúplice, sugere o que é pouco rigoroso, do ponto de vista teórico, e pouco digno de confiança, no plano moral”, afirma Chauí (1996). Esta discussão sobre a aplicação da palavra ambigüidade para a Comunicação é iluminada pelas próprias reflexões da autora²⁰ :

intelectualismo e empirismo abominam as “facilidades” que a palavra *ambigüidade* sugere. A ela contrapõem alternativas, dicotomias: a clareza e a distinção das ideias e das coisas exigem que sejam ou *isto* ou *aquilo*. Jamais *isto* e *aquilo* ao mesmo tempo e na mesma relação (...), [entretanto] para que algo seja *isto* ou *aquilo* e *isto* e *aquilo* é preciso que seja assim posto ou constituído pelas práticas sociais. (...) ambigüidade não é falha, defeito, carência de um sentido que seria rigoroso se fosse unívoco.

²⁰ CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1996. 6ª. ed. A discussão que a autora faz sobre a palavra *ambigüidade* (p.123) refere-se ao modo que as ciências sociais e a filosofia “preferem encarar” a Cultura Popular; as dicotomias interpretativas do “popular” conferem ora submissão ou resistência, mas nunca uma situação dentro da outra, sendo utilizada como raciocínio sistemático ou teórico, do modo que convém ao pesquisador.

Ambiguidade é a forma de existência dos objetos da percepção e da cultura (...).
(CHAUI, 1996, p.123)

Lopes (1988) esclarece que a palavra “comunicação” pode ser “empregada tanto para indicar uma disciplina ou estudo, a Comunicação, quanto ao seu objeto de estudo, a comunicação”. A autora reforçava que esta “ambiguidade”, que não é uma “falha”, em concordância com Chauí (1996), antes de obscurecer “um campo que se autonomizava dentro da grande área de conhecimento que são as Ciências Sociais e Humanas, demonstrava a especificidade intrínseca de seu objeto – os fenômenos comunicacionais (...)” relacionados à “organização cultural das sociedades (...), a constituição da cultura de massas e de seus principais agentes, os meios de comunicação de massa” (LOPES, 1988, p.9-10).

A constatação é que tal amplitude conceitual da comunicação e o seu desenvolvimento contínuo e multifacetado implicam em reconhecer que o estudo do campo da Comunicação exige ultrapassar as fronteiras entre disciplinas, adotando a interdisciplinaridade (MORIN, 1982). A Comunicação lida com objetos de “percepção e cultura” que exigem uma dialética entre intercâmbio e especificidade, entre totalidade e particular, a fim de buscar em outras disciplinas “lentes” para o desafio de refletir sobre a importância e responsabilidade desta área do conhecimento para a compreensão da realidade, como um esforço que melhor expressa o espírito do tempo (MORIN, 1969).

A segunda questão a ser abordada sobre a Comunicação é a indicação feita por Sodré (2012, p.12) de uma *comunicação que é funcional*, conciliada pela longevidade do paradigma dos efeitos, em maior ou menor grau, nas teorias que discutem a progressão da tecnicidade e a mediação da sociedade.

As teorias sobre a comunicação apareceram ao longo do século XX como consequência das novas práticas de comunicação, mediante a presença dos meios tecnológicos de comunicação. O jornalismo de massa, cinema, rádio e televisão são exemplos expressivos da inventividade carreados pela industrialização e impulsionados pela acumulação de capital, pelo desenvolvimento das cidades e pela expansão da imprensa. São as correlações entre os meios de comunicação de massa e a potencialização do conceito de comunicação em suas derivações como mobilidade, transporte, transmissão e fluxo, entre outras, que deram origem a diversas correntes que teorizaram sobre a cultura emergente e as funções dos meios de comunicação.

É importante considerar acerca dos estudos iniciais sobre o fazer comunicativo que esses respondiam à demanda da economia com pesquisas sobre o comportamento da audiência, intervenção e persuasão, devido à expansão de mercados consumidores, entretanto,

há, também, nesses estudos, uma profunda relação às motivações de ordem política. Por um lado, as implicações da fase monopolista do capitalismo, bem como a ascensão dos Estados dos Unidos como grande potência mundial e, de outro, a percepção da dimensão estratégica do papel da comunicação na formação da opinião pública.

Wolf (2003) afirma que os contextos e os paradigmas nas pesquisas sobre os meios de comunicação de massa devem contemplar as análises das relações entre os fatores como o contexto social, histórico e econômico, o modelo de processo de comunicação adotado e o tipo de teoria social que o sustenta, não se restringindo ao critério cronológico. Baccega (2002) destaca que, para que seja possível o estudo do campo da comunicação, a dinâmica da sociedade deve ser associada à pesquisa analítica, e deve-se considerar a “reconstrução e exame das dimensões estruturais/condicionantes das modalidades de organização da sociedade”, e também, a “atenção para as dimensões simbólicas e construtivas” (p.18).

Neste sentido, a proposta deste estudo é enfeixar reflexões teóricas sobre comunicação, linguagem e discurso, que superem a visão tradicional de transmissão/fluxos, para atingir o entendimento sobre a produção de sentidos, ou seja, a comunicação humana em uma reflexão continuada sobre as implicações político-ideológicas do jogo de palavras que permeiam os processos comunicacionais no cotidiano.

2.1.1.1. Perspectivas clássicas da comunicação

Propõe-se uma breve reconstrução da história das pesquisas e obras reflexivas sobre as práticas abrangidas pela “designação genérica de comunicação” (SODRÉ, 2012).

- ❖ (i) Eixos teóricos metodológicos: Funcionalismo Norte Americano: Estudos não críticos da Comunicação e Marxismo Europeu: Estudos críticos da Comunicação apresentados na FIG.1.

1. Funcionalismo Norte Americano: Estudos não críticos da Comunicação.

Estudos dos Efeitos (1). Os primeiros estudos sobre a comunicação acontecem a partir dos avanços científicos associados às questões técnicas da comunicação.

A Teoria Matemática da Comunicação ou Teoria Informacional é essencialmente uma teoria sobre a transmissão ótima das mensagens. São estudos que tinham por objetivo aumentar a velocidade da transmissão de mensagens telegráficas (1924); desenvolver uma metodologia para a quantificação de dados de informação (*bit - binary digit*, 1928); elevar a

qualidade com a diminuição das distorções e majorar o rendimento global do processo de transmissão da informação.

Informação é a propriedade estatística da fonte de mensagens. Baseada nas máquinas de comunicar, geradas para a guerra, a noção de informação adquire sua condição de símbolo calculável. Informação não se confunde com significado. O significado é irrelevante para a teoria da informação. As contribuições da teoria dos sistemas de Evin Bauer (físico) e L. Von Bertalanffy (biólogo), do matemático Norbert Wiener (1948) com a teoria cibernética, e os estudos da teoria matemática da comunicação dos matemáticos Warren Weaver e Claude Shannon formam um conjunto de estudos que propõem a relevância da técnica em relação à semântica e à eficácia da comunicação; comunicar perde seu sentido de compartilhar (desvio semântico) para adquirir o sentido de transmitir (operacional).

Wolf (2003) se dedica à sistematização e análise dos estudos americanos dos efeitos, aos chamados *communication research*, que ocorrem simultaneamente aos estudos das técnicas da informação. São estudos que ocorrem na área das ciências humanas, desenvolvidos por Harold Lasswell, Paul Lazarsfeld, Kurt Lewin e Carl Hovland²¹, de caráter instrumental, direcionados para pesquisas da sobre opinião pública, propaganda e eleições.

Os estudos do *mass communication research* são os precursores das pesquisas com o foco no consumo e no comportamento político-eleitoral. A teoria hipodérmica é uma teoria da propaganda sobre a propaganda, no contexto das décadas de 1930 e 1940; caracteriza-se por considerar que cada indivíduo é atingido pela mensagem dos meios de comunicação de massa (MCM). Em síntese, concebe a onipotência dos meios e de seus efeitos.

Neste sentido, os meios de comunicação aparecem como instrumentos indispensáveis para a gestão governamental das opiniões; são vistos como meios de circulação de símbolos eficazes e a propaganda como único meio de conquistar a adesão das massas, sobretudo mais econômica que a violência e a corrupção²².

Gomes afirma que “há considerável consenso na afirmação de que *Public Opinion*, publicado por Walter Lippmann em 1922”, tenha inaugurado “não só a pesquisa em comunicação e política, como a pesquisa em Comunicação *tout court*” (2011, p. 337). O autor

²¹ Harold Lasswell era cientista político da Universidade de Chicago nos EUA. Paul Lazarsfeld era sociólogo formado em Viena e chegou aos EUA em 1932 e Katz e Kappler são seus alunos. Kurt Lewin era psicólogo de Viena e migrou aos EUA no início da década de 1930 e Carl Hovland, matemático e psicólogo formado nos EUA.

²² Anotações de aula. Disciplina CCA5246-2/5 da ECA-USP– Comunicação no Mundo do Trabalho: Recepção e Mediações, Profa. Dra. Roseli Figaro.

apresenta em seu artigo *90 anos de Comunicação e Política*²³ uma síntese que ilustra e contextualiza as análises críticas sobre “o enlace entre a opinião pública e o jornalismo”.

Cabe refletir que o jornalismo já havia sido instituído como um meio relevante de interação do cidadão com o poder político na cena urbana de aglomeração resultante do processo de industrialização. Pode-se dizer mais precisamente que o homem-massa²⁴, teve diante de si o dilema de inserir-se na coletividade, e, passa a ser uma atitude racional e uma “vontade” individual a superação do isolamento, e extrapolar a perda das garantias dos laços de sangue e os valores da tradição que naturalizam o sentido de pertencimento a uma sociedade, como afirma Martino citando Weber (2008, p.32). Os indivíduos atomizados serão, então, reintegrados à sociedade pelos meios de comunicação de massa.

A perspectiva dos estudos de Lasswell combina a teoria da sociedade de massa com a teoria psicológica da ação. O foco de interesse dos estudos dos efeitos ou do impacto das mensagens da mídia está expresso no marco conceitual da sociologia funcionalista: quem?, diz o quê?, através de que canal?, para quem?, com que efeitos?, expressando uma concepção de que o sujeito se comporta de acordo com a determinação dos estímulos que o atingem tal como uma agulha hipodérmica, ou uma bala no alvo.

O contexto histórico político dessas pesquisas em torno da eficiência da comunicação revelam a preocupação no início do século XX com a instabilidade causada pela propaganda belicista (precursora da Primeira Grande Guerra) e da oposição entre o capitalismo e socialismo, emergindo a forte questão de como administrar a opinião pública em situações de guerra e de instabilidade. *Propaganda Technique in World War*, publicado por Lasswell em 1927, mantém a linha crítica instaurada por Lippmann desacreditando “que o jornalismo possa ser uma mediação efetiva entre o mundo real e a consciência humana”, mas que acaba por induzir “o público a acreditar que seja verdadeiro aquilo que recebe projetado na comunicação de massa” (GOMES, 2011, p. 337).

Paul Lazarsfeld, Robert Merton, Carl Hovland e Bernard Berelson, entre outros, são também renomados representantes do pensamento sociológico americano, que integram a *mass communication research*, destacando pesquisas sobre a função dos meios de

²³Gomes (2011) apresenta uma breve história dos modelos teórico-metodológicos de maior influência nos estudos da comunicação política, especialmente, na subárea do estudo dos efeitos da comunicação na opinião pública, na política e na democracia, nomeando as obras que emergiram dentro do cenário de construção desta linha de pesquisa.

²⁴ Na concepção de Ortega y Gasset ([1930], 2007, p.6) massa é constituída por um conjunto homogêneo de indivíduos que, enquanto seus membros, são essencialmente iguais, mesmo que provenham de ambientes diferentes e de todos os grupos sociais.

comunicação de massa, no sentido de verificar o poder da mídia, o poder de persuasão da propaganda e a possível onipresença dos meios de comunicação de massa. A teoria sociológica de referência para estes estudos é o estrutural-funcionalismo, avançando para entendimento da dinâmica do sistema social. Assim, suas pesquisas se concentram, principalmente, em verificar os efeitos da comunicação sobre a opinião pública; a criação de medidores de audiência (Lazarsfeld et al., *The Peoples's Choice*, 1944); a persuasão individual e as mudanças de comportamento. As obras de referência destes pesquisadores, entre as décadas de 1940 e 1950, são relacionadas à experimentos de psicologia da persuasão e dinâmica grupal (Hovland et al., *Experiments on Mass Communication*, 1949).

A opinião, seja individual ou coletiva, é valor e sua majoração é poder, em decorrência, aquele que detém poder exerce autoridade de mando.

Por “mando” não se entenda aqui primordialmente exercício de poder material, de coação física (...), relação estável e normal entre homens que se chama “mando” *nunca repousa na força*, mas é justamente o inverso, porque é o fato de um homem ou um grupo de homens exercer o mando que põe à sua disposição esse aparato ou máquina social que se chama “força”. [...] O mando é exercício normal da autoridade, o qual se fundamenta sempre na opinião pública (...) lei da opinião pública é a gravitação universal da história política (ORTEGA y GASSET, [1930] 2007, p.162-3).

Manoel Castells, em *Comunicación y Poder* (2011, p.33), afirma que a relação entre opinião pública e poder é fundamentalmente de favorecimento,

é uma capacidade relacional que permite um ator social influir de forma assimétrica na decisão de outros atores sociais (...); poder que se exerce mediante coação e/ou mediante a construção de significados partindo dos discursos através dos quais os atores sociais guiam as suas ações²⁵.

A complexidade das relações políticas e os processos comunicativos sustentam os governos; “o Estado é, em definitivo, o Estado da opinião: uma situação de equilíbrio de estática”²⁶ e sobretudo necessitam, para tanto, do assentimento da massa. A constituição de teorias de pesquisa em comunicação associadas aos interesses do poder político baseia-se em estratégias cujas lógicas são comunicacionais e afina-se ao contexto mais amplo das relações socioeconômicas.

O filósofo Jünger Habermas, em suas obras, entre elas a *Mudança estrutural da esfera pública* (1984), explora de maneira exaustiva a formação de uma esfera pública liberal burguesa, que a partir de situações provisórias de opiniões políticas divergentes, gradativamente, se instauraram e confrontaram as instituições de poder no século XVIII, que

²⁵ Tradução livre da autora.

²⁶ ORTEGA y GASSET, *op.cit.*

se decompõem em dois setores sociais opostos: público e privado. À categoria de esfera pública relaciona-se o direito público e a liberdade de expressar os seus interesses comuns, prevalecendo o racionalismo como corrente de pensamento que sustenta a oposição que se faz ao poder do Estado, ativando como mecanismo e espaço de discussão a esfera pública que se forma nos jornais.

Segundo Thompson (2010, p.16), Habermas aponta um argumento especialmente diferente e inovador ao dizer que a emergência da economia capitalista a partir do século XIV empreendeu uma crescente “*troca no nível da informação*, precipitada pela ascensão do jornal impresso e outros periódicos”. A emergência da esfera pública civil ou a esfera pública burguesa foi a partir da distinção dos órgãos de informação vinculados ao Estado e aqueles estruturados por este novo tipo de investimento da sociedade civil. Habermas aponta para o uso público da razão por indivíduos engajados na prática da argumentação aberta e do debate.

Thompson (2010) afirma que este processo se desenvolve a partir de uma esfera pública nos domínios da literatura e letras que tradicionalmente se reunia para discussões e que extrapola para questões de interesse mais geral até atingir a condição da esfera pública no domínio do político. Embora a categoria de esfera pública incorporasse o princípio de igualdade na prática do debate público, havia o critério de admissão relacionado à propriedade e a educação. Adicionalmente ao preconceito de classe, havia também o pressuposto de que “a opinião pessoal de indivíduos privados poderia caminhar para uma opinião pública a partir do debate racional e crítico entre um grupo de cidadãos” (idem, p.17).

Vale ressaltar que para Habermas (1984) é a emergência dos meios de comunicação de massa, e da versão do próprio jornalismo como tal, no sentido de um produto de mercado e de interesses diversos do princípio de fomentar o debate, que farão com que a esfera pública perca seu espaço de opinião e discussão.

Conheci um sapateiro chamado Schroder... Depois ele foi para a América...Deu-me alguns jornais para ler e eu li um pouco, porque estava entediado, mas depois fui-me interessando cada vez mais... Os jornais descreviam a miséria dos trabalhadores e sua dependência dos capitalistas e dos senhorios e o faziam de um modo tão vivo e tão fiel ao natural que realmente me espantei. Era como se antes meus olhos estivessem fechados. Que diabo, o que eles escreviam nesses jornais era a verdade. Toda a minha vida, até aquele dia, era prova disso. Um operário alemão, c. 1911 (HOBSEAWM, 2010, p. 181)²⁷.

²⁷ HOBSEAWM, E. **A Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. Recordações do trabalhador Franz Rehbein, em 1911. De Paulo Gohre (org.), *Das Leben eines Landarbeiters* (Munique, 1911). [Cap.5 Trabalhadores do Mundo].

Nesse sentido, o processo de avanço da representatividade dos jornais, da força da imprensa, atinge, no primeiro aspecto, influência, ao se transformarem em porta-vozes da opinião pública, e em meios de luta da política partidária, em seguida.

Os estudos com o enfoque quantitativo, como o de Berelson et al., *Voting*, de 1954, incluem-se na linha dos **Estudos da Mensagem (2)**, entretanto são pesquisas que compõem a escola de precursores como Lasswell e Lazarsfeld. A **Escola de Chicago (3)**, segundo Sodré (2012, p.17), ativa desde 1910, é a instituição acadêmica representativa dos estudos dos fenômenos da comunicação, (contemporânea ao curso de jornalismo em Columbia, EUA), com enfoque nos estudos qualitativos de comunicação, etnografia e cotidiano, mobilidade, migração e intersubjetividade, e forjaram com seus estudos representativos e pioneiros o “duradouro paradigma dos efeitos” (idem). Seus representantes são Robert Park; J. Dewey; G. Mead e Herbert Blumer. Embora, esses estudos sejam anteriores ao marco da *mass communications research*, apenas recentemente foram contabilizados na esfera dos estudos da comunicação, segundo observação de França (2008, p.53).

Os **Estudos de Comunicação-Sociedade (4)** estabelecem os estudos focalizando a estrutura social (macro) e de análise crítica, e comunicação e desenvolvimento, seus representantes são D. Riesman; Wright Mills; W. Schramm; D. Lerner e E. Rogers. Os **Estudos dos Meios (5)** desenvolvem pesquisas valorizando a especificidade técnica e da linguagem dos meios, tendo Marshall McLuhan, como expoente e precursor da hipótese do “o meio é a mensagem” e da “aldeia global”.

Estudos de Sistemas (6) representam a corrente de estudos que consideram o “receptor ativo”, baseada no modelo dos usos e gratificações, de Elihu Katz; consideram o abandono progressivo das análises macro, e, patrocinam as pesquisas de comunicação nas organizações no enfoque de gestão e fluxo.

As décadas de 1970 e 1980 foram representativas para os estudos da comunicação, segundo Gomes (2011), por apresentarem as novas bases de um modelo teórico-metodológico que superou a linha de investigação sobre “os efeitos de comunicação política” até então em vigor.

A partir do artigo *The agenda-setting function of mass media*, de Maxwell McCombs e David L. Shaw (publicado em 1972) cuja proposta foi “mostrar de que modo a cobertura jornalística influencia o sistema de prioridades tanto do público quanto do próprio sistema político” (GOMES, 2011, p.338-9). Em seguida, o artigo *The spiral of silence* (1974) de Elisabeth Noelle-Neumann, de forte inclinação para a questão da opinião pública, balizada nos estudos das “razões psicológicas pelas quais as opiniões se tornam majoritárias ou

minoritárias na esfera pública”; outra virada de perspectiva quanto à relação das mídias e os fenômenos sociais estão na consideração da comunicação de massa como meio da esfera pública e, por conseguinte, ambiente da disputa pela opinião política predominante (idem, p.339).

Serão abertas a partir das propostas de *agenda-setting* e da espiral do silêncio novas questões a respeito da influência das mídias e sua permanente intervenção, seja na hierarquização dos temas das conversas do cotidiano ou na condução da estereotipia do saber, ainda que raso, mas suficiente para opinar sobre qualquer assunto.

Essas propostas vão repercutir nas décadas de 1990 e 2000, nos **Estudos Midiáticos (7)** tendo em vista a conformação da sociedade “mediatizada” e estabelecida nos movimentos globais de comunicação, e reelaborada pela permanente cultura de interface, da inteligência coletiva de Pierre Levy. Há desde então a prevalência de estudos do *newsmaking*, *agenda-setting*, estudos culturais e da expressiva valorização dos meios tecnológicos pelos produtores como uma nova esfera pública.

Nesta pesquisa outro aspecto a ser considerado, após esta breve reconstrução da história das teorias da comunicação retratando especialmente as relações entre o jornalismo e política, é que no Brasil há um forte paralelismo entre as experiências norte-americanas tanto no jornalismo, quanto nos estudos da televisão e no telejornalismo. Os modelos americanos foram apropriados e adaptados à realidade brasileira pela Rede Globo de Televisão, e estes modelos servem na análise quanto ao papel do jornalismo na nossa sociedade, como um setor em permanente interatividade e interlocução com a política e a opinião pública.

Percebe-se que essas pesquisas do início do século XX se concentram nos aspectos privilegiados pelo funcionalismo: a persuasão, o controle social, os usos e gratificações, os processos de produção da notícia, entretanto não evidenciam preocupação conceitual ou teórica sobre os meios de comunicação, sob uma análise de que maneira esses instrumentos tecnológicos emergem como elementos estruturantes de uma sociedade historicamente dada (MARTINO, 2008, p.30), aspecto de intenso debate na atualidade.

2. Marxismo Europeu: Estudos críticos da Comunicação

Estudos da Produção: Teoria da Indústria Cultural (I). A Teoria Crítica surge na Europa paralelamente às pesquisas administrativas norte-americanas, trata-se de uma corrente de pensamento crítico sobre os meios de comunicação. Organiza-se a partir do Instituto de Pesquisa Social, fundado em 1923, em Frankfurt. Reuniu pesquisadores representativos como

Max Horkheimer, Theodor Adorno e Walter Benjamin. Passou a ser conhecido como Escola de Frankfurt a partir da direção de Horkheimer em 1931. Consolida uma pesquisa crítica preocupada com a mercantilização da cultura contemporânea, da indústria cultural, baseada em discussões sobre os conceitos de sociedade administrada, cultura afirmativa, ideologia e dominação (In: *Adorno, T. e Horkheimer M., Dialética do Iluminismo*, 1947), com base na crítica à produção capitalista dos meios de difusão cultural.

O termo indústria cultural foi utilizado pelos autores em substituição ao termo “cultura de massas”, e relacionado à crítica da massificação e banalização da cultura e da arte. A perspectiva dialética traduziu a importância da comunicação como uma mediação que faz sentido ao confrontar o processo histórico global da sociedade.

Os fenômenos da comunicação recebem a conceituação de “cultura como mercadoria”, cunhada pelos teóricos da Escola de Frankfurt, que concerne

“ ao processo de subordinação da consciência à racionalidade capitalista, ocorrido nas primeiras décadas do século XX. Em essência, o conceito não se refere pois às empresas produtoras, nem às técnicas de comunicação. A televisão, a imprensa, os computadores, etc., em si mesmos não são a indústria cultural: essa é, sobretudo, um certo uso dessas tecnologias. Noutras palavras, a expressão designa uma prática social, através da qual a produção cultural e intelectual passa a ser orientada em função de sua possibilidade de consumo no mercado” (RUDIGER, 2008, p.138).

A Escola de Frankfurt recusa aceitar, entre outras associações, que a “cultura de massas” poderia ser considerada um campo de estudos. Para eles o fenômeno da comunicação, fortemente alavancado pela publicidade e na mira dos interesses políticos, ganhava muita importância para o entendimento de fenômenos da mídia e da cultura de mercado na formação do modo de vida contemporâneo.

No entanto, deve-se esclarecer que a lógica de mercado é a lógica racionalista do período da indústria de produção voltada à massa, visto que o mercado como lugar de trocas sempre existiu. Portanto, é um tipo novo de mercado estabelecido pelos processos de produção e circulação da mercadoria na sociedade de massa.

As poderosas empresas multimídia e conglomerados privados contribuem para o desenvolvimento de tecnologias de reprodução e difusão de bens culturais, “encaixando-as na estratégia de utilizar plenamente a capacidade de produção de bens e serviços de acordo com o princípio do consumo estético massificado”, destaca Rudiger (idem).

Neste sentido, a Teoria Crítica contribuiu para a análise da sociedade européia influenciada pelo contexto político do pós-guerra na Alemanha, do avanço da revolução russa, do enfraquecimento do movimento operário alemão e da afirmação do nazismo, inserindo o estudo dos meios de comunicação neste cenário da história das relações sociais.

Max Horkheimer, Theodor Adorno e Leo Lowenthal deixam a Alemanha devido às perseguições nazistas e se transferem para os EUA. O Instituto Frankfurt é reaberto em 1950. A Teoria Crítica propõe-se a entender a sociedade como um todo. Para Horkheimer, os fatos que os sentidos transmitem são pré-fabricados socialmente de dois modos: através do caráter histórico do objeto percebido e através do caráter histórico do órgão perceptivo. Nem um nem outro são meramente naturais, são formados por meio da atividade humana. O ponto de partida da Teoria Crítica é a análise do sistema de economia de mercado: miséria, desemprego, crises econômicas, atividades belicistas e totalitaristas ²⁸.

As discussões sobre as ações socializadoras da comunicação, iniciadas pelos pensadores da Escola de Frankfurt, indicaram que a família e a escola, ou a religião não estavam mais mantendo a dirigibilidade desta influência (antecipa *des-centramento*, Hall, 1995). A perspectiva de uma sociedade alienada da política e dos direitos, embora saturada de informação, se adere aos estudos desta escola, que indica a cultura de mercado, mesmo que se diga “apolítica”, como representante “ela mesma uma forma de controle social ou mando organizacional” (idem).

Jürgen Habermas é considerado o herdeiro da Escola de Frankfurt, debate conceitos polêmicos como os de razão comunicativa e ação comunicativa. Esse pesquisador faz crítica ao declínio do espaço público, tomado pela lógica de mercado, embora seja o mais otimista entre os pesquisadores dessa corrente. Critica o jornalismo do século XX que “arrefeceu para as críticas políticas e não se mostra mais uma prática engajada”, e que do vínculo com o capital e com a política, se converteu ao jornalismo informativo.

Neste sentido, Habermas destaca em seus trabalhos que as conquistas de cidadania política e liberdades foram alcançadas mediante a formação de uma *esfera pública*, no contexto da mídia impressa gestada pela burguesia, e fundamentadas no exercício da razão frente ao dogmatismo (ibidem, p.140).

“Entretanto, a expansão do aparelho de estado e do poder econômico ocorridos no último século rompem com o frágil equilíbrio em que se sustentava essa forma de sociabilidade, transformando o papel da mídia ao mesmo tempo que sua base tecnológica (ibidem, p.141) ”.

As críticas dos pensadores da Escola de Frankfurt muito contribuem para se entender a profundidade das mudanças que se verificavam na sociedade e que ainda hoje podemos aplicar em nossos estudos, mas principalmente por diagnosticarem como o que é apresentado

²⁸ Anotações de aula., Disciplina CCA5246-2/5- Comunicação no Mundo do Trabalho: Recepção e Mediações.

pela “cultura de massa” se relaciona com as “marcas das violências e da exploração que as massas têm sido submetidas desde as origens da história” (idem).

Estudos da Produção: teoria da Ideologia/Cultural (II). Em continuidade à perspectiva da Teoria Crítica, novos pesquisadores ampliaram a discussão em torno da análise macro-social crítica da sociedade contemporânea, encaminhando sob a análise estruturalista, os aspectos da produção dos meios de comunicação relacionados às teorias que elegem discussões do lugar “superestrutural” da comunicação, associando às noções de ideologia, aparelhos ideológicos, aparelhos ideológicos de Estado, à relação socioeconômica, na injunção das forças produtivas e relações de produção. As principais correntes teóricas e seus pensadores, são: Aparelhos ideológicos do Estado, de Louis Althusser, focalizando a preocupação com a reprodução ideológica (conceitos de ideologia, dominação e representação); Dependência cultural, de Armand Mattelart, evidenciando a relação e o crescimento do imperialismo e das multinacionais da cultura, obliterando a comunicação popular e alternativa, cada vez mais distante da utopia de liberdade e direitos à informação; Campo simbólico, de Pierre Bourdieu, com a análise sociológica da autonomização do mercado cultural (conceitos de *habitus* de classe, capital cultural e estilo de vida); e, Cultura de Massas, de Edgar Morin, que considera uma nova forma de cultura na sociedade contemporânea, a cultura de massas gerada a partir do *mass media*, que tangencia o imaginário coletivo e permeia a inserção dos sujeitos no mundo (identificação simbólica e projeção no grupo).

Estudos da mensagem: teoria do discurso (III). A teoria do discurso e seus representantes dialogam com a Teoria da Ideologia (influenciados pela efervescência política e cultural dos anos 1960 na Europa/França) : Umberto Eco, Roland Barthes e Algirdas Julius Greimas, Roman Jakobson, e outros, seguem a preocupação com a ideologia dos discursos partindo do enfoque do estruturalismo linguístico. Os estudos partem da estrutura da língua para os discursos, deslocando o estudo da comunicação para a análise da estrutura dos signos. Émile Benveniste ampliou o estudo da Linguística: “a língua pode ser vista como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso”. Michel Pêcheux, intelectual ativo no debate ideológico na França da década de 1960, adepto da teoria saussuriana, concebe a linguagem além de um instrumento de comunicação, propondo que a língua está em permanente relação com a ideologia e a história; elabora os princípios da Análise do Discurso, e com a influência dos estudos de Mikhail Bakhtin, o contexto histórico e os sujeitos passam a permear a tessitura do texto, compreendidos como discurso. Da Escola Analítica Inglesa

(principalmente, Austin) emerge a discussão sobre a aproximação realidade e linguagem, e linguagem ordinária do cotidiano, que passam a ter como objetos de estudo os atos de fala e a os diversos tipos de usos de atos da fala.

Estudos da Recepção: Teoria da Hegemonia (IV). Escola de Birmingham e os Estudos Culturais. Autores: R. Hoggart, R. Williams, Stuart Hall e M. Certeau. Estudos de recepção na América Latina. Autores: J.M. Barbero e Nestor G. Canclini.

Os principais interlocutores e fundadores (1960) da corrente denominada *Cultural Studies*, do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham são Raymond Williams e Richard Hoggart. Edward. P. Thompson e Stuart Hall são co-fundadores desse centro de estudos que considera a “cultura” como um conceito de convergência de abordagens antropológica e sociológica, e, como *espírito formador e ordem social global*; sistema de significações a partir do qual uma ordem social é comunicada, produzida, vivenciada.

Hoggart e Williams vieram da corrente de estudos da Teoria Literária Inglesa (1930) que atravessou no pós-guerra o debate da virada de sentido da palavra “cultura”. A emergência de uma Europa solapada pela guerra e a perda do “poder” que a região detivera durante séculos (emerge os EUA como força política e econômica) faz com que novos cenários de distinção social se façam pela cultura. Tendo como referencial a discussão do uso da língua, o inglês, e seu percurso de relevância para entendimento da literatura, distintiva de classe, e ainda para oposição a uma padronização crescente de uma sociedade de massas que se formava no período entre-guerras, ideias estas defendidas por F. R. Leavis (CEVASCO, 2008, p.35).

Em oposição, tem-se o entendimento corrente da necessidade do uso da língua em uma sociedade que precisa se recuperar dos choques da guerra. A valorização da linguagem, além do seu aspecto agregador de uma nação, se revelará como a “oportunidade que os estudos culturais tentarão se valer para articular uma cultura mais abrangente, que efetivamente contribua para mudar o *status quo*”, segundo Cevasco (idem). Ainda é proposto pela autora que para a corrente dos estudos culturais não é possível “intervir na sociedade a partir de uma concepção da cultura como separada da organização social, um campo apartado de onde efetivamente se desenrola a vida social”. Esta é uma das percepções fundantes dos estudos culturais (ibidem, p. 48).

A Segunda Guerra Mundial pôs em cheque a visão redentora da cultura, da valorização moral dos homens cultos em oposição à sociedade de massas industrializada,

entretanto o discurso das minorias, de que uma elite deveria (e deve sempre) tomar conta das instituições culturais ecoava. Se de um lado, a cultura não pode mudar a ordem econômica e política de uma sociedade vigente, de outro, ela contribui com seu papel social no funcionamento desse sistema econômico e político. Neste “aspecto se constitui como um campo válido de lutas pela modificação dos significados e valores de uma determinada organização social” (idem).

A participação do aspecto cultural da sociedade, entre outras possibilidades, a entender a comunicação muito além do pólo da emissão, mas a partir de uma "recepção negociada", proposta por Stuart Hall, destacando o sujeito da comunicação como produtor de sentido, como leitor e elaborador de mensagens, indicando que a participação ativa dos receptores que podem decodificar as mensagens a partir das suas práticas culturais e a influências do grupo no qual o sujeito está imerso. Richard Hoggart em seu livro *The uses of literacy* propôs um estudo cujo enfoque era a apropriação diferencial que o público popular fazia do jornal, ou seja, de uma mídia impressa.

Há grande contribuição teórica desta corrente para o estudo que pretendemos empreender. Essa corrente de pensamento influenciou a abordagem latino-americana da comunicação, no estudo da nossa cultura, representada por teóricos como Jesús Martín-Barbero e Nestor García-Canclini, dando relevância às pesquisas de recepção e ao conceito das mediações culturais.

Essa abordagem desloca o interesse dos estudos da comunicação das tecnologias, dos veículos e das mensagens, para tratar das mediações, ou seja, o sujeito e seu meio cultural e social. Lugar que acontece a comunicação. Não se trata de audiência, de pesquisa de opinião, de efeitos dos meios de comunicação, trata-se de criação, compreensão, apropriação, reelaboração. Lugar que o “receptor é o enunciador/enunciatório das mensagens”.

Os sentidos das mensagens estão em construção constante, levando-se em consideração que os modos de viver dos receptores (e também dos produtores) interferem a articulação e no entendimento dos conteúdos das mensagens. Nos estudos de recepção, o sujeito é atuante, tendo em vista que utiliza seus referenciais para ressignificar a informação.

Martín-Barbero considera que o entendimento da recepção de conteúdo dos meios se relaciona com vários fatores, com várias mediações: da religião, do trabalho, da escola, da comunidade, diz em entrevista (2000),

“eu sempre parti do ponto que a comunicação não era apenas os meios e que, para a América Latina, era muito mais importante estudar o que acontecia na igreja aos domingos, nos salões de baile, nos bares, no estádio de futebol. Ali estava realmente a comunicação das pessoas. Não podia entender o que o povo fazia com o que ouvia nas

rádios, com o que via na televisão, se não entendíamos a rede de comunicação cotidiana”.

Martín-Barbero (2003, p. 270) destaca a necessidade de deslocar o eixo do debate dos meios para as mediações, para o lugar onde é produzido o sentido. Seu modelo de mediação procura compreender as chaves de leitura que dão sentido às mensagens. Nessa proposta, o processo de comunicação, então, passa a ser observado da produção até a recepção. Ele retira

o estudo de *recepção* do espaço limitado por uma comunicação pensada em termos de mensagens que circulam, de efeitos e reações, para re-situar sua problemática no campo da cultura: dos conflitos articulados pela cultura, das mestiçagens que a tecem e dos anacronismos que a sustentam, e por fim do modo com que a hegemonia trabalha e as resistências que ele mobiliza, do regaste, portanto, dos modos de apropriação e réplica das classes subalternas. (ibidem, p. 312)

Esse enfoque vai para além da análise das mensagens e de seus efeitos na audiência, ou do canal utilizado e a transmissão das informações, uma vez que implica nas diversas vozes que circulam na sociedade e produzem sentidos. Os estudos de recepção levam em conta a variabilidade de sentidos que a mensagem pode ter e a não transparência da comunicação. Essa abordagem parte, como afirma Figaro (2001), da necessidade de ver a comunicação de um outro ‘lugar’, que, por sua vez:

deve-se à falta de explicações teóricas abrangentes, capazes de abordar a comunicação como prática social e cultural fundamental na constituição da sociabilidade e da subjetividade. [...] A problemática dos Estudos de Recepção está centrada em como se dão as inter-relações emissor/receptor e quais os fatores intervenientes nessa relação, bem como quais as formas de reapropriação e resignificação dos sentidos que circulam na pluralidade dos discursos sociais que constituem o material simbólico tanto de emissores como de receptores. (FIGARO, 2001, p. 31)

Martín-Barbero (2001), afirma que as produções culturais entram na composição das “matrizes culturais” com os quais os seres humanos são construídos individual e socialmente” e interpretam o real e ficcional no cotidiano.

Os desdobramentos do conceito de mediações serão problematizados na condução da pesquisa, ao relacionar os discursos da telenovela sobre as práticas dos profissionais de jornalismo. Para tanto, buscaremos nos basear nas aceção que a mediação, no âmbito dos estudos da telenovela, deve ser entendido “como um processo estruturante que configura e reconfigura tanto a interação dos membros da audiência com os meios, como a criação por parte deles dos sentidos dessa interação” (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 40).

Estudos Multi/ Inter /Transdisciplinares (V). É uma característica dos estudos científicos na atualidade irem ao encontro da *multidisciplinaridade*, que pode ser definido

como enfeixar várias disciplinas para se focar um dado problema, e/ou quando são necessárias as visões de várias disciplinas para resolver um problema; da *interdisciplinaridade*, que diz respeito à mudança nas disciplinas, quando uma disciplina toma métodos, técnicas e conceitos básicos de outra disciplina e os transfere, e/ou quando se combinam diferentes áreas estabelecendo novas problemáticas, a interdisciplinaridade surge à vista de problemas novos, nas necessárias mudanças de paradigmas; a *transdisciplinaridade* não é nem combinatória de áreas, nem transferência de conceitos, *trans* é ir além de determinadas visões, é de certa forma por em cheque determinados princípios que foram basilares da ciência, criando problemáticas novas com coisas que não eram admitidas como princípios científicos. O entendimento das problemáticas por multi/inter e transdisciplinaridade exige um bom conhecimento das disciplinas do século XIX.²⁹

As discussões sobre “sociedade da comunicação” (globalização das comunicações e mundialização da cultura); “epistemologia da comunicação” (transdisciplinaridade, complexidade e flexibilidade) e as “temáticas contemporâneas”, são encaminhadas por Vattimo, Edgar Morin, Otavio Ianni, Antony Giddens, Manuel Castells, Bauman e David Harvey.

Chegamos, assim, ao final dos anos 2000, ainda com uma grande quantidade de questões formuladas desde as colocações dos teóricos críticos da indústria cultural. Se, no primeiro momento, discutiu-se como o sistema capitalista impunha a estandardização dos fenômenos culturais, na atualidade, vivemos dentro da problemática da globalização e mundialização, que fizeram emergir relações, processos e estruturas próprias desse mundo.

O “desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo continua a alcançar, absorver e reabsorver os mais diversos espaços, modos de vida, trabalho e cultura” (IANNI apud BERGER, 2008, p. 270). Neste início do século XXI, enfrentamos a disseminação do uso do conceito de comunicação, até para muitas coisas que não são comunicação, mas é a metáfora que permite entender esta passagem de século (MARTIN-BARBERO, 1999).

O objetivo de se apresentar as teorias e principais escolas e autores é de se estabelecer uma complementaridade entre as várias perspectivas de estudo das mudanças do campo teórico da comunicação. Ressaltamos seus aspectos fundamentais, tendo em vista a discussão proposta por Sodré (2012) sobre os traços ainda presentes do funcionalismo nas pesquisas de comunicação. De fato, percebe-se que a versatilidade do termo “comunicação”,

²⁹ As definições destas categorias são dadas por José Luiz Fiorin (2010). Matrizes. Ano 4 nr1 jul/dez.2010. São Paulo. Entrevista realizada por Roseli Figaro.

demasiadamente explorada por diversas áreas, indevidamente, como ressalta SFEZ (2007), e a sua abrangência permitem seus variados usos, mas a principal razão que apontamos é a necessária multidisciplinaridade para poder tentar abarcar seus conteúdos.

2.1.1.2. Conhecimento, linguagem e discurso

Memória é vida. Seus portadores sempre são grupos de pessoas vivas, e por isso a memória está em permanente evolução. Ela está sujeita à dialética da lembrança e do esquecimento, inadvertida de suas deformações sucessivas e aberta a qualquer tipo de uso e manipulação. Às vezes fica latente por longos períodos, depois desperta subitamente. A história é a sempre incompleta e problemática reconstrução do que já não existe. A memória sempre pertence à nossa época e está intimamente ligada ao eterno presente; a história é uma representação do passado. Pierre Nora, 1984³⁰

A profissão do jornalista e seu papel social estão claramente definidos no imaginário da sociedade. A memória registra continuamente os propósitos da profissão; as características que difere esse profissional de outros, relaciona os acontecimentos do cotidiano e a ação dos jornalistas sobre esses fatos. Assim sendo, o grau de credibilidade do discurso do jornalismo³¹ não é posto à prova a todo o momento, está implícito no fazer do jornalista a veracidade dos fatos.

O discurso jornalístico, além da reconhecida influência nos temas das discussões diárias, carrega outro aspecto que o diferencia dos outros discursos: é a sua expressão pelos “recursos retóricos da clareza e da concisão afinados com a estrutura ideológica do sistema informativo, cuja forma mais evidente é a presumida *transparência* da realidade, por meio da evidência noticiosa dos fatos” (SODRÉ, 2009, p.16), o que acaba por conferir ao jornalismo um lugar de autoridade na sociedade. As conversas diárias podem facilmente trazer vários nomes desses comunicadores jornalistas, o que demonstra uma “proximidade” da sociedade com esses profissionais e seus programas jornalísticos.

³⁰ NORA, P., in Pierre Nora (org.), *Les lieux de la mémoire*, vol. I, *La République* (paris, 1984), p.XIX, citado por HOBSBAWM, E. **A Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p.13.[Introdução]

³¹ A credibilidade de jornalistas e publicitários é maior no Brasil do que no exterior, aponta estudo realizado por instituto de pesquisa alemão em 19 países. Os jornalistas detêm a confiança de 79% dos entrevistados e ocupam a 7ª posição em um ranking de 20 profissões e organizações. Os publicitários vêm em seguida, com 72%. Na média geral dos países, os jornalistas aparecem na 13ª colocação (44% das menções), e os publicitários, em penúltimo lugar (com 29%), de acordo com o ranking da empresa de pesquisa GfK, a 4ª maior do mundo no setor. Disponível:[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/credibilidade-de-jornalistas-e-maior-no-brasil\(27/06/2011\)](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/credibilidade-de-jornalistas-e-maior-no-brasil(27/06/2011))

Há, entretanto, outros pólos irradiadores de temas para o cotidiano. Antes tratada como entretenimento, hoje, a telenovela brasileira ocupa um espaço privilegiado para o debate dos temas de interesse geral, assim sendo, pode oferecer e ampliar os caminhos para a compreensão da realidade social. A telenovela é produto ficcional que propõe temas para o debate na sociedade, da mesma forma que insere no seu roteiro, por ser obra aberta, situações imprevistas da sociedade que extrapolam o noticiário, e que mereçam repercussão. Disto decorre a possibilidade de sintonia entre a ficção a realidade imediata, ou até mesmo uma alternância entre o real e o ficcional na mesma produção. O jornalismo e a dramaturgia são dois gêneros narrativos que tratam do real e do ficcional, por terem no cotidiano o seu substrato (MOTTER, s/d).

Esse quadro fica evidente em uma sociedade marcada pelo destaque das *mídias*³² como fator decisivo na sua constituição (BACCEGA, 2006; 2010)³³. As *mídias* são os meios utilizados para disseminar informações, relatar acontecimentos, fazer circular conteúdos; fazem parte do processo comunicativo. Subentende-se que agindo como “meio” carrega consigo algo, neste caso a mensagem, aqui chamados de enunciados.

Isto posto, adentra-se necessariamente no universo da linguagem, ou seja, “nas maneiras que o homem inventou para reproduzir e definir suas relações com o mundo” (BRAIT, 1993, pag.12).

Baccega (2006; 2010) destaca que as discussões desta sociedade da comunicação têm nas questões referentes às linguagens o território cujo conhecimento é indispensável para a compreensão da realidade, e, na narrativa, o *lócus* privilegiado da constituição dos sentidos sociais. Significa que na contemporaneidade a sociedade está fortemente marcada pelos discursos.

O indivíduo/sujeito está rodeado por vários discursos, que o interpelam a cada momento da sua vida, que o oprimem ou libertam, moldando seus comportamentos no cotidiano, suas atividades, ou no sentido da reprodução/conservação, ou no sentido da transformação/mudança, ambas contidas dialeticamente em todas as formações discursivas, já que elas estão referidas na totalidade. A importância da narrativa para a comunicação entre os homens é indiscutível, uma vez que é aí que o sentido se instaura. O aproveitamento do relato, da narrativa pelos meios em geral sempre ocorreu: dos tradicionais aos novos e novíssimos (BACCEGA, 2006; 2010).

³² São os meios, os suportes: desde fala e do corpo do homem, jornal, rádio, televisão, computadores, aos *ipads* de última geração.

³³ Texto enviado ao Congresso de Málaga (2006/2007). Comentado em 2010, no Ciclo de Estudos Comunicação, Análise de Discurso e Atividade Linguageira. ECA USP. Grifo nosso.

A comunicação, como forma de expressão humana, se traduz por esta capacidade de apreensão da realidade e administração objetiva desta, por meio de processos mentais, para uma representação cujo significado somente se realiza quando em presença de um coletivo. Esta abstração e representação se dão por processos de significação, de tomada de consciência, e fixa-se na linguagem.

O pensamento não é redutível aos conceitos ligados aos sinais linguísticos: é também composto de um elemento representativo - que não é idêntico a linguagem, ainda que dependa dela por diversos modos.

O filósofo Adam Schaff em seu trabalho investiga a atividade intelectual humana. Schaff define conhecimento como “um tipo particularmente qualificado de pensamento”. Para o autor o pensamento está relacionado à linguagem e analisa a construção do conhecimento.

Schaff propõe estudar o papel ativo da linguagem no processo de pensamento em três níveis, a saber: (i) que pensamento conceitual estrutura-se nas línguas; (ii) falar é uma capacidade física, mas deve ser entendida, não em seu ato físico, mecânico, mas como faculdade de transmissão de ideia. Esta possibilidade se dá através de palavras, que são resultados de construções culturais de gerações anteriores e recebidas no processo educacional.

A proposta é que a linguagem é uma mediadora entre o novo e o velho. (SCHAFF, 1976, p.251), acrescenta que , “ [...] a sua mediação exerce-se nos dois sentidos, não só transmite aos indivíduos a experiência e o saber das gerações mas também passadas, se apropria dos novos resultados do pensamento individual [...]”. Neste sentido, a linguagem permite que o conhecimento acumulado seja passado adiante e que este dialogue com os novos conhecimentos. A linguagem socialmente transmitida ao individuo forma a base necessária do seu pensamento, que o liga aos outros membros da mesma comunidade linguística (ibidem, p.252). As características específicas que cada língua possui constituem-se em fator influenciador da forma como o pensamento é produzido, quer seja pela presença ou ausência de termos que designam conceitos, quer seja pelas relações que se estabelecem entre os termos através de regras da sintaxe.

Portanto, é complexa a relação pensamento e linguagem, ainda que seja indissolúvel o seu liame, não se pode identificar pensamento com a linguagem. O reflexo da realidade traduzido por palavras é “uma forma da consciência e do pensamento humanos” (LEONTIEV, 2004, p.93).

De acordo com Vigotski (2005), a palavra é sempre uma operação de pensamento, no sentido de se fazer uma significação das palavras, seja como conceitos ou representação.

A linguagem diz mais do que aparenta o simples falar presente nas relações de sujeitos que dela fazem uso para suas trocas cotidianas. Ela é um índice de classificação social, define instâncias de poder, revela conflitos e ideologias (MOTTER, in BACCEGA e COSTA, 2009, p. 31).

Para Izidoro Blinkstein em *Kasper Hauser ou Fabricação da realidade* (1990, p.58): linguagem é mediadora entre o homem e a realidade, visto que “a percepção e a linguagem é que estariam indissolúvelmente ligadas à práxis social, que é indefectível e vital para a existência de qualquer comunidade”. Ao se exemplificar a impossibilidade de *Kasper*, protagonista do história, de operar as formas mais simples de interação com a realidade, mesmo após ter o contato com a experiência da linguagem, faltava-lhe a apropriação da realidade e dos códigos da sociedade, para se construir o pensamento e a significação.

Conceitua-se que a palavra é uma operação do pensamento e a linguagem é um pensamento *in potencia* (ibidem, p. 248) é portanto uma unidade verbal e mental. Entende-se que somente com atividades significativas e com conceitos generalizados o homem pode dialogar, comunicar e construir informações e conhecimentos. A linguagem exerce um papel determinante neste processo, é por meio dela que o ser humano consegue se apropriar de códigos, interpretá-los e transformá-los em significados, assim seu pensamento é constituído com e pela linguagem.

Em conformidade com Bakhtin (2003), as palavras são carregadas de significados de seu tempo. Decididamente as palavras não são neutras, são carregadas de conteúdo ideológico: “na realidade toda palavra é absorvida por sua função de signo. (...) a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN, 1988, p. 36).

O filósofo russo Mikhail Bakhtin afirma que o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Ou seja, tudo o que é ideológico é um signo. E sem signos não existem pensamentos, nem a ideologia (NAGAMINE, 2001):

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete a lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto, etc., constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido de sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN, VOLOSHINOV, 2010, p.35-6).

Neste sentido, para perceber a intencionalidade do enunciado é necessário analisar o discurso recorrendo ao processo histórico, social e cultural em que foi produzido o discurso

(BACCEGA, 2000). O discurso da comunicação toma o cotidiano como matéria prima, mantém estreitas relações com a produção intelectual das diferentes conjunturas históricas, trazendo informação que se relaciona com o presente e o influencia.

O ser humano constrói discursos, “[...] é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”, os quais “estabelecem uma história” (Orlandi, 2005) e produzem sentidos. Na composição dos discursos há alternâncias e articulações entre o verbal (palavra) e o não verbal (imagem) para que se estabeleça a interlocução com o outro, considerando as variadas possibilidades de comunicação e linguagens, assim, computando a capacidade de promover elos de identificação entre conteúdo e o conhecimento do interlocutor em potência. Ao se estabelecer a discussão neste percurso, do discurso em interação com sujeito e com a história, o processo de análise discursiva busca nesta materialidade os sentidos para a sua compreensão.

Para Orlandi (2008, p. 31), a análise do discurso visa construir um método de compreensão dos objetos de linguagem, para isso,

não trabalha com a linguagem enquanto dado, mas como fato. Ela tem sua origem ligada ao político ou, melhor dizendo, como afirma Courtine (1986), a análise do discurso procura “compreender as formas textuais de representação do político”.

O discurso mantém estreitas relações com a produção intelectual das diferentes conjunturas históricas, trazendo informação que se relaciona com o presente e o influencia. É deste substrato que trata a corrente de estudos da linguagem que denominamos como Análise do Discurso da linha francesa (AD). A Análise do Discurso emerge nos anos 1960, no âmbito das discussões a fim de que se articulasse o linguístico e o social, buscando as relações que associam a ideologia (questões já debatidas na teorias das ideologias, conforme discussão FIG.1) e a linguagem, atingindo o nível discursivo.

No funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos (...). São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade (...) a linguagem serve para comunicar e não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados (ORLANDI, 2005, p.21)

Significa dizer que a AD busca interpretar os momentos de produção do discurso, levando-se em consideração o aspecto histórico-ideológico, as condições de produção e de circulação dos sentidos. Há diferenças entre análise de discurso da análise do conteúdo

(ORLANDI), visto esta última procurar extrair sentidos do texto, enquanto a outra considera que a linguagem não é transparente e vê o texto tendo uma materialidade simbólica própria e significativa.

De acordo com Maingueneau (2001), o discurso é considerado no bojo de um interdiscurso: o discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos (p.55). Conforme Baccega,

(...) normalmente, é no cotidiano que se pode perceber o processo de mudança social, portanto de surgimento de novos sentidos, ainda que às vezes lento. O nosso cotidiano é vivido num tumulto de expressões, que materializam nossa vida social e que regem nosso mundo interior. É o que Bakhtin (1988) chama de ideologia do cotidiano, como forma de distinguir tais procedimentos dos sistemas ideológicos já constituídos, como a moral, o direito, etc., que regem a sociedade. (BACCEGA, 1995, p.33)

Nagamine (2010)³⁴ apresenta os aspectos definidores do discurso, que possibilitam identificar o conjunto dos elementos que cercam a produção de um discurso e a partir destes fazer uma análise dos sentidos do discurso.

O discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da “existência material” das ideologias. Ao analisarmos a articulação da ideologia com o discurso, dois conceitos já tradicionais em Análise do Discurso devem ser colocados: o de formação ideológica e o de formação discursiva (NAGAMINE, 1991, p. 37).

Trata-se da situação de enunciação que compreende “o eu-aqui- agora; num sentido mais amplo, compreende o contexto sociohistórico ideológico que envolve os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do assunto de que estão tratando” (2010).

Todos esses aspectos devem ser levados em conta quando procuramos entender o sentido de um discurso:

- **O discurso ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico.** O nível discursivo apóia-se sobre a gramática da língua (o fonema, a palavra, a frase), e sobre os aspectos extra-linguísticos que condicionam a sua produção
- **O discurso diz respeito a enunciados concretos,** a fala/escritas realmente produzidas (e não idealizadas, abstratas como as frases da gramática) e os estudos na perspectiva discursiva visam **descrever como funciona a língua no seu uso efetivo e como se dá a produção de efeitos de sentidos entre interlocutores** (sujeitos situados social e historicamente).
- No nível do discurso, portanto, os falantes/ouvintes, escritor/leitor devem ter **conhecimentos linguísticos** (dominar a língua, suas regras de organização no nível fonológico, sintático, lexical), e também **conhecimentos extra-linguísticos** (conhecimentos para produzir discursos adequados às diferentes situações de comunicação.)

³⁴ Anotações da palestra proferida por NAGAMINE, no Ciclo de Estudos Comunicação, Análise de Discurso e Atividade Linguageira. ECA USP; 2010. Grifo nosso.

A noção de interdiscurso é uma das questões mais discutidas em Análise do Discurso. Deve-se ter cuidado em não confundi-lo com intertextualidade, visto que o conceito de interdiscurso associa-se à relevância do se perceber a materialidade discursiva. Outro aspecto relevante é a manifestação das formações ideológicas que estão nas formações discursivas: “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo”, isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas” (NAGAMINE, 2010).

[...].Poderíamos resumir essa tese dizendo: **as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam**, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às **formações ideológicas** [...] nas quais essas posições se inscrevem”, Pêcheux, *Semântica e discurso* (1975/1988, p.160) citado por Nagamine, 2010).

- As formações ideológicas são constituídas pelo conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas dizem respeito, direta ou indiretamente, às posições de classe social, política, econômica de onde se fala ou escreve e têm a ver com as relações de poder que se estabelecem entre os indivíduos e que são expressas quando interagem entre si. Cada formação ideológica pode compreender várias formações discursivas em interação (idem).
- A formação discursiva é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...] as formações discursivas representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (Pêcheux, *Semântica e discurso*, 1975/1988, p.160-1), (idem).

Estas instruções/ferramentas da análise do discurso permitem dar prosseguimento ao processo de análise da produção de sentidos e da relação com os aspectos ideológicos do texto. “As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”(ORLANDI, 2009), visto a propriedade da existência de um sujeito, que não é único, e o espaço do seu discurso com o “outro”, “na medida em que orienta, planeja, ajusta sua fala, sua atividade enunciativa, tendo em vista seu interlocutor e também porque dialoga com a fala de outros sujeitos (nível interdiscursivo)”, (NAGAMINE, 2010).

O sujeito é ideológico e polifônico, isto é, sua fala reflete os valores, as crenças de um momento histórico e de um grupo social, é essencialmente marcado pela historicidade. Isto é, não é o sujeito abstrato da gramática, mas um sujeito situado na história da sua comunidade, num tempo e num espaço concreto (ORLANDI).

Ainda há uma indeterminada possibilidade de discursos produzidos, com eles dialogando, comparando pontos de vista, divergindo, sempre em relação ao momento histórico que guarda as marcas da relação do sujeito com o que é exterior.

Nesta perspectiva, Bakhtin (2003) se refere a teoria dos gêneros do discurso, que funcionam como uma espécie de guia de produção e de interpretação de sentidos nos discursos em constante interpenetração, o que leva a reelaboração e a novas apropriações, ainda, segundo Motter, é relevante a lembrar Bakhtin neste estudo da interdiscursividade e o intenso dialogismo que se processa na cadeia ininterrupta da fala (2003, p.34).

Gênero é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, certo modo de organizar idéias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e continuidade dessa forma junto às comunidades futuras. Num certo sentido, é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, (...) se expressam as tendências (...) da evolução de um meio, acumuladas ao longo de várias gerações de enunciadores (BAKHTIN, 2003, p.91).

Ainda de acordo com esta perspectiva, os gêneros criam elos em uma cadeia repleta de acontecimentos históricos e culturais, e acaba por relacionar-se com outras obras e discursos. São as manifestações discursivas ficcionais e não ficcionais; o discurso oficial e o discurso da mídia, e suas manifestações discursivas dos *níveis superiores do cotidiano*, e , as expressas no senso comum, nos *níveis inferiores da ideologia do cotidiano*, observadas pro Bakhtin, em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Neste sentido vamos buscar as camadas mais profundas, os enunciados que se comunicam com os outros discursos que circulam na sociedade, e por isso passíveis de análise.

Memória e História³⁵

Motter (2004) afirma que a telenovela configura-se como um gênero genuinamente nacional , movimentando-se entre realidade e ficção que “ora se separam, ora se entrelaçam (...)”. A expectativa ao se estudar o cotidiano na telenovela leva a uma vaga impressão do paralelismo entre os cotidianos ficcional e concreto, entretanto, conclui-se que é a partir de um elemento de forte identificação, daí a sedução e a catalisação da audiência, que há o entrelaçamento. A telenovela incorpora em sua narrativa elementos de diversos sistemas semióticos e fala do hoje, rearticulando dados da memória coletiva na produção de sentidos

³⁵ MOTTER, M.L. Mecanismos de renovação do gênero telenovela. Empréstimos e doações. TELENOVELA. Internacionalização e interculturalidade. LOPES, M.I.V. at all. São Paulo: Loyola, 2002.

renovados e se forma como documento histórico, lugar de memória, refratando, pela ótica ficçãoautoral, um lugar no processo de desenvolvimento da sociedade brasileira (2002, p.253).

A autora apresenta sua tese de que a variação de intensidades entre estilos (variação dos níveis constitutivos), fazem com que haja um paradoxo, que é fruto deste pinçamento do que pertence ao melodrama e a realismo (temáticas sociais), sua contextualização e recontextualização (ibidem, 259).

De um lado o fio melodramático, o esquema subjacente de um sujeito em busca de um objeto, com adjuvantes e oponentes, tendo de vencer uma série de obstáculos para finalmente alcançar seu objetivo ou quebra de uma estabilidade de conflitos que devem ser resolvidos, tendo sempre um final feliz. De outro, a incorporação, com níveis variáveis de enfrentamento, de problemas vividos no contexto da vida cotidiana do indivíduo, da sociedade e do mundo, não superados e não superáveis por não serem colocados como tal, para configurá-los como problemas, dar-lhes visibilidade, situá-los e contextualizá-los no espaço da dualidade, da afetividade, das inter-relações sociais, do político, do ético e, enfim, do humano (idem).

A interação de ficção e realidade, dá-se na medida em que se trabalha na perspectiva da ficção buscando avaliar as relações entre o cotidiano vivido e o cotidiano construído pelo produto ficcional para poder compreender como se processa a relação entre estes dois gêneros, claramente delimitados por modalidades discursivas consagradas de compromisso e de descompromisso com a realidade social (MOTTER, 2001, p.21).

O “empréstimos de temáticas e personagens “migrando de uma telenovela para outra, como empréstimo intragênero” (MOTTER, 2002, p.269) demonstram a ampla possibilidade de recuperação do já foi construído, ressalta Motter que se instaura uma dialogia “entre atores e personagens, personagens e personagens, entre autores e da ficção com ficção”, promove o reconhecimento e a ligação como etiquetas de memória. São sentidos entrelaçados que se atualizam, reforçam a verossimilhança. Produz-se um jogo de memória no telespectador, enquanto o “personagem transcende a história que criou para ganhar autonomia com a vida interficcional”(Eco, apud MOTTER), o personagem pode ganhar existência e cidadania (idem).

Assim, a telenovela ganha prestígio; crescente a audiência e investimentos na produção; promoção na disseminação e aceitação. A telenovela atua como produtora de ansiedades e necessidades, ao mesmo tempo que satisfaz aquilo que criou. Daí, conclui-se a telenovela como discurso inserido nos múltiplos discursos da vida cotidiana, capaz de traçar marcas e deixar os vestígios necessários para a história. A vida cotidiana é aquela dos mesmos gestos e mesmas das coisas que simplesmente são no mundo da intimidade, da familiaridade e das ações banais (2003, p.26). Segundo Motter são estas coisas que nos dirigem, mais do que

a consciência. A imediaticidade e o pensamento manipulador estão entre as características da vida cotidiana/o critério da validade é o da funcionalidade. Há o hábito cotidiano de assistir a telenovelas e um cotidiano dentro da telenovela que simula um paralelismo dentro das rotinas: a realidade concreta dos espectadores e a realidade representada das personagens.

O estudo da telenovela e a televisão não devem, segundo Jost (2004, p. 18), ficarem restritos à consideração dos próprios programas, mas tem-se que estudar o que se fala a seu respeito, como se fala dele e o que se diz”; no caso das telenovelas da Globo, a referência nos jornais é quase diária, são notas, ou tomam espaço de meia página a página inteira, muitas vezes acompanhadas de imagens.

A crítica é quase sempre acompanhada de detalhes da trama, evidencia que o público do jornal quer saber o que se passa na telenovela, que há uma permanente circulação destes temas na sociedade, mesmo nas camadas médias e altas que se deslocam para a *internet*, e podem ser a causa da retração numérica da audiência da televisão, mas não dos programas televisivos.

O que transparece, ao se resgatar a proposição de Jost sobre saber diferenciar os produtos televisivos entre realidade e ficção depender do conhecimento que se tem a respeito da fabricação do programa, é que o processo passa ser incerto, na medida que “a emissora faz proposições através do ato de denominação, e o telespectador, dando-se conta ou não, dela se apropria” (JOST, 2004, p.24). Isto se aplica aos produtos no formato reality, como também, em produtos noticiosos, intercambiando os elementos denotativos de ficção e realidade, o jornalismo apresenta mais elementos de ficção que a própria telenovela³⁶.

Um elemento que deve ser agregado à discussão é que a fonte dos elementos que constituem os textos, e, assim, seus discursos, é o cotidiano. É nesta instância que se ratifica o intercâmbio entre ficção e realidade, que doa significado para um e outro, com nos diz o prefácio da obra de Maria Lourdes Motter, *Ficção e Realidade: a construção do cotidiano na telenovela*, escrito por Maria Thereza Fraga Rocco (p.10):

A telenovela, de certa maneira, reúne aspectos sociais e econômicos, as diferenças características das personagens, tudo enfim, em um só momento estético, permitindo assim a confluência, o encontro, a intersecção de diversos mundos: daqueles que circulam por fora do

³⁶ A este respeito Anna Maria Balogh coloca que (p.42) : em termos do olhar da crítica propriamente dita, em relação às complexas relações entre o real – o ficcional – e o informativo – Umberto Eco foi um autor pioneiro. Em sua obra *Viagem à Irrealidade Cotidiana*, [...] procurou estabelecer as diferenças entre programas informativos e programas ficcionais. Os programas informativos deveriam ter um compromisso com a verdade, estabelecer uma diferenciação clara entre o que era informação de fato e o comentário [...] Os programas de fantasia ou de ficção, pelo contrario, retratavam uma “verdade parabólica” um mundo fictício no qual o espectador aceitava entrar mediante a suspensão de sua incredulidade [...], mas a frente, completa [...] em suma, já estamos agora diante de programas em que informação e ficção se trançam de modo indissolúvel e não é relevante quando o público passa distinguir entre notícias “verdadeiras” e invenções fictícias (ECO apud BALOGH, 2002, p.42)”.

vidro do vídeo daqueles que, para nós se revelam lá dentro. Há, pois, adesão, há cumplicidade entre o fora e o dentro. E essa cumplicidade jamais corresponde à redução de um cotidiano a outro.

Entretanto, esta proximidade de gêneros, a informação e a telenovela, na sequência, quase sem quebra (para não se mudar de canal), acaba por exigir, o que nos alertava Motter (2003), do telespectador usar manutenção das mesmas competências comunicativas e atenção dispensadas durante a veiculação de um telejornal, em razão da analogia dos “relatos dos acontecimentos da realidade imediata” (MOTTER, 2003, p.37) inseridos no contexto da telenovela.

Este encontro de dois mundos, na telenovela, mas que se conservam, têm a capacidade de refletir e refratar a realidade (BAKTHIN), por intermédio do discurso, “intervindo no sentido de ratificar valores ou modificá-los, de diluir ou explicitar conflitos, de se aproximar da arte ou ser apenas mais um produto de consumo a serviço da alienação” (idem).

2.1.2. O mundo do trabalho

Eles (os operários europeus) sentem que devem surgir sem demora grandes mudanças sociais; que foi baixada a cortina diante da comédia humana do governo pelas classes, das classes e para as classes; que o dia da democracia está próximo e as lutas dos que labutam pelo que é seu terão precedência sobre as guerras entre as nações, que significam batalhas sem causa entre trabalhadores. Samuel Gompers, 1909³⁷.

O que interessa à abordagem de Comunicação e Trabalho é a compreensão de que a realidade está na linguagem por meio do percurso sócio-histórico e cultural da experiência humana. Ou seja, a realidade é cognoscível e como tal torna-se realidade *fabricada* pela capacidade humana de atividade, de acordo com Figaro (2001). Ao analisarmos estas características do mundo do trabalho percebemos como estas se associam à linguagem na definição do humano. Desde as origens, as atividades de comunicação e trabalho se sustentam no ambiente para que haja interação entre os homens e promovam a sua existência.

É na sociedade, no grupo, que o discurso vai se moldando, se modificando e que o sentido toma forma. Schaff afirma que é pela linguagem que se molda o pensamento, é um instrumental para pensamento e a organização dos signos e seus significados,

³⁷ GOMPERS, S. *Labour in Europe and America* (Nova York e Londres, 1910), p. 238-239, citado por HOBBSAWM, E. **A Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p.181. [Capítulo 5, *Trabalhadores do Mundo*].

[“... a herança das gerações passadas exerce uma ação onipotente e das mais despóticas sobre a nossa visão atual de mundo, desde a sua articulação na percepção sensitiva até aos matizes emocionais do nosso pensamento cognitivo” (1976, p. 251) e “... a linguagem, que é um reflexo específico da realidade, é também, em certo sentido, a criadora da nossa imagem de mundo. No sentido em que a nossa articulação do mundo é pelo menos, em certa medida, a função da experiência, não só individual, mas também social, transmitida ao indivíduo pela educação e, antes de tudo, pela linguagem. ... a experiência individual está também implicado em esquemas e estereótipos de origem social (1976, p. 255).

Desse modo, podemos afirmar que os resultados destas interações com o ambiente são conformação do pensamento e da visão de mundo, e que

a consciência individual do homem só podia existir nas condições em que existe consciência social. A consciência é o reflexo da realidade, refratada através do prisma da significação e dos conceitos lingüísticos, elaborados socialmente (LEONTIEV, 2004, p.94).

“Trabalho é uma atividade especificamente humana”, esta é a proposição de Léontiev (2004, p.80), e segundo este autor “o trabalho é um processo que liga o homem à natureza, o processo de ação do homem sobre a natureza”. Léontiev acrescenta a definição escrita em Marx:

“O trabalho é primeiramente um ato que se passa entre o homem e a natureza (...). As forças de que seu corpo é dotado, braços e pernas, cabeças e mãos, ele as põe em movimento a fim de assimilar as matérias dando-lhes uma forma útil a sua vida. Ao mesmo tempo que age por este movimento sobre a natureza exterior e a modifica, ele modifica a sua própria natureza também e desenvolve as faculdades que nele estão adormecidas” (LÉONTIEV, 2004, p.80).

Outro aspecto ressaltado pelo autor é que o “trabalho se efetua em condições de atividade comum coletiva”. É na relação com os outros membros, na sociedade, que o processo se implementa, há a troca de atividades culminando na “forma primitiva da divisão técnica do trabalho” (idem, p.81).

Se por um lado as tecnologias revolucionaram as possibilidades de comunicação, também transformaram os processos de trabalho, evoluções de processos com a aceleração da produção, mudanças de competências no trabalho, mas não alteram as relações entre o capital e a mão de obra, ainda desfavorável aos trabalhadores, pela alienação quanto aos resultados de seu trabalho, assim para Marx e Engels (2007),

do mesmo que não baseamos nossa opinião a respeito de um indivíduo no que ele pensa de si mesmo, também não julgamos um período de transformação por sua própria consciência, ao contrário, essa consciência deve ser explicada a partir das contradições da vida material, a partir do conflito existente entre as forças produtivas e as relações de produção.

Marx propôs uma compreensão da história a partir do desenvolvimento dos meios de produção, uma análise materialista da história. Em *O Capital*, ele destaca o trabalho como necessidade física da vida humana. Dominique Efos comenta esse aspecto afirmando que o trabalho é uma atividade humana (*le travail est une activité humaine*) e cita Marx:

“O processo de trabalho – a atividade que tem por alvo a produção de valores de uso, (...) é a condição geral das trocas materiais entre o homem e a natureza, uma necessidade física da vida humana, independente por isto mesmo de todas suas formas sociais ou mais precisamente comum a todas elas”.

O trabalho é uma atividade que tem por alvo a produção de *valores de uso* e é condição e *necessidade física* da vida humana, portanto a relação homem/ natureza se objetiva por meio *do fazer* necessário para a sobrevivência. Dessa forma, o conceito de trabalho transcende a definição que o enquadra como relação de troca remunerada, regida pelo Direito, numa sociedade de mercado. O único bem que restou ao homem moderno foi a sua própria força de trabalho, ele vende a si mesmo para garantir a manutenção da vida (FIGARO, 2001).

A vida está disciplinada pelo trabalho, mas no capitalismo a sua dignificação está amortecida, porque não se comunga do resultado da ação. Interessa aos proprietários dos meios de produção o controle da força de trabalho. A relação que existe entre o capitalista e o trabalhador é que este segundo se oferece como mercadoria no espaço de compra e venda, no mercado, e tal como mercadoria seu valor é determinado nos mesmos moldes dos demais artigos, como em Marx (1985):

O valor da força de trabalho, como o de toda mercadoria, é determinado pelo tempo de trabalho necessário à produção, portanto também reprodução, desse artigo específico. (...). Para sua manutenção o indivíduo vivo precisa de certa soma de meios de subsistência. O tempo de trabalho necessário à produção desses meios de subsistência ou o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção do seu possuidor. A força de trabalho só se realiza, no entanto, mediante sua exteriorização, ela só se aciona no trabalho (MARX, 1985, p.141).

Na década de 1980, há um jogo de forças e elementos em contraste e em luta, e o tema trabalho está evidência justificado pelo momento de mudanças no processo produtivo. Antunes (2001a), explica que o “quadro crítico” se instaura já a partir dos anos 1970,

“expresso de modo contingente como crise do padrão de acumulação taylorista/fordista, já era expressão de uma crise estrutural do capital que se estendeu até os dias atuais e fez com que, entre tantas outras consequências, o capital implementasse um vastíssimo processo de reestruturação, visando recuperar o seu ciclo reprodutivo e, ao mesmo, repor seu projeto de dominação societal, abalado pela confrontação e conflitualidade do trabalho, que (...), questionaram alguns dos pilares

da sociabilidade do capital e de seus mecanismos de controle social.” (ANTUNES, 2001a, p.47)

As novas tecnologias de informação e de comunicação reordenaram a produção, sem com isto alterar a relação capital-trabalho, a relação social de exploração foi mantida na mais-valia. O tempo de trabalho associado à produção foi reduzido com as novas tecnologias, reorganizado pelo capital, sem nova redistribuição das riquezas. O modelo taylorista-fordista de produção passa por mudanças, a flexibilização da produção e o modelo japonês, denominado “toyotista”, reorientam os processos produtivos. Isto significa um panorama ainda mais desfavorável ao já instável mercado de trabalho.

O enxugamento dos postos de trabalho pelas demissões em massa, diminuição dos níveis hierárquicos, a elevada inflação no país, a globalização do capital e adoção de políticas neoliberais, resultaram em vínculos trabalhistas ainda mais precários, no aumento do trabalho informal, larga terceirização e uma acentuada tensão social. O movimento operário e sindical está sufocado pelo política autoritária. Este é um cenário que abrange o mundo globalizado.

Em contrapartida, as empresas buscam o realinhamento no mercado caracterizado pela economia transnacional, que segundo Harvey (1993) esse conjunto de transformações está fundamentado na tese de “acumulação flexível”:

(...) marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores da produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.(HARVEY,1993, p. 140)

Os discursos empresariais daquele momento minimizavam os efeitos contraditórios das mudanças do processo de produção. Novos conceitos circulavam amplamente na sociedade: a re-qualificação para as novas empresas e profissões que surgem, o trabalhador como “colaborador”, o papel do gestor, a gestão individual do trabalho pelo próprio trabalhador, e o empreendedorismo.

Harvey (ibidem, p.174) identifica a “nova” ambiência das relações de trabalho ao tratar deste processo de mudança e a relação de mais-valia relativa (conceito marxista), propondo que na,

“(…) denominada mais-valia relativa, a mudança organizacional e tecnológica é posta em ação para gerar lucros temporários para firmas inovadoras e lucros mais generalizados com a a redução dos custos dos bens que definem o padrão de vida do trabalho”.

Busca-se uma conciliação dos novos modelos de produção, mas se mantém inalteradas as contradições inerentes ao processo de acumulação capitalista. O mercado de trabalho, que emergiu das inovações tecnológicas, implementou técnicas de organização do trabalho que usufruem dos fundamentos dos modelos tayloristas/fordistas sob os “auspícios” da “positiva” flexibilização do tempo e das relações de trabalho. Passou-se da terceirização ao home-office, surgem os *freelancers* e os “PJ” (pessoa-jurídica). Os trabalhadores são empreendedores de si mesmos, ponderam sobre a possibilidade dos horários flexibilizados, mas abdicam das garantias trabalhistas e permanentemente angustiados com o devir.

Neste mesmo sentido apontam as pesquisas científicas, ou podem ser percebidos nos reflexos sociais, como o consumismo de artigos tecnológicos descartáveis, o baixo nível de escolarização e a carência de pensamento crítico para a discussão sobre os discursos do infoentretenimento, que as discrepâncias das classes sociais se mantiveram, mesmo frente à inovação tecnológica. Há reificação da criatividade e do conhecimento. A sociedade passa a generalizar a informação, valorizando-a devido a abundância no acesso aos meios de comunicação, mas desprezando o processo de reflexão para o conhecimento.

Esta vivência humana no cotidiano do trabalho, como a regulação temporal e espacial das rotinas de trabalho são as perdas dos trabalhadores da atualidade. Elas vão além das demais repercussões das “mutações no processo produtivo no padrão da acumulação flexível, como: a desregulamentação dos direitos do trabalho; aumento da fragmentação no interior da classe trabalhadora; precarização e terceirização da força humana; destruição do sindicalismo de classe e sua conversão num sindicalismo dócil, de parceria (*partnership*), ou mesmo um “sindicalismo de empresa” (ANTUNES, 2001a, p. 52-3).

Essas mudanças, ou perdas, foram apontados nos estudos de Harry Braverman, na década de 1970, e mais recentemente por Carlos Scolari. Estes autores nos alertam para as estratégias de uso das tecnologias de informação e comunicação no processo produtivo. O trabalho fragmentado, como nos call-centers, não exige largos conhecimentos prévios e absorve mão-de-obra inexperiente e facilmente recrutada no mercado; é repetitivo, altamente prescrito e controlado, conduz o trabalhador ao estresse psicológico e físico semelhante a linha de produção do modelo taylorista-fordista.

Braverman (1977, p.32) discute a partir destas alternâncias das atividades de trabalho na esteira tecnológica o fato de que não se constituem como “nova” classe trabalhadora organizada politicamente. Carlos Scolari (2008) explora as mediações tecnológicas, também chamadas hipermediações, referindo-se às mudanças que ocorrem nas profissões, principalmente, as ligadas a produção da comunicação.

Ressaltamos os aspectos da nova organização do trabalho: devido às possibilidades tecnológicas, as barreiras do espaço e do tempo foram superadas e o mundo virtual sobreleva-se. Pode-se trabalhar em várias atividades ao mesmo tempo, definindo um novo tipo de relação trabalhista, são os chamados consultores de projetos.

Desde a normalização das tarefas, até transformação de trabalho vivo em trabalho morto, vemos a comunicação presente em todos os processos. Verificada a importância do homem no processo criativo, que a máquina, no limite, não é capaz de alcançar, vemos o operário ser alçado à posição de colaborador, associado e parceiro, sem que, no entanto haja um reconhecimento destas qualidades específicas do “fazer” humano para a valorização do homem e do seu trabalho. Na verdade, estas evoluções tecnológicas buscam cada vez mais se apropriarem do conhecimento que é produzido pelo trabalhador, que reinventa o trabalho cada vez que o executa, visto a manutenção de competências intelectuais.

Assim, ao destacarmos a mediação do mundo do trabalho para refletir sobre os fenômenos sociais, e a comunicação presente em todos os processos de interação do humano em seu meio, é que apresentamos a proposta teórica do binômio Comunicação e Trabalho para discutir a especificidade do trabalho dos comunicadores, em especial do jornalistas, como seus discursos sobre o seu trabalho e os contextos de produção se relacionam com os sentidos que a sociedade constrói sobre as suas atividades e relevância.

2.1.2.1. Transformações na organização do trabalho para o incremento da produtividade

Vida proletária, morte proletária e incineração, no espírito do progresso cultural.. A FLAMA³⁸.

- ❖ **ii) Inovações tecnológicas, mídias e processos & (iii) Os Modelos Científicos de Organização do Trabalho, apresentados na FIG.1.**

A partir das transformações técnicas e tecnológicas ocorridas nos séculos XIX e XX e a valorização da administração científica do trabalho, três correntes representam estas transformações profundamente associadas às inovações tecnológicas. O ponto de partida para se entender este imbricamento está na divisão do trabalho. Cada equipamento tecnológico

³⁸ *Mit uns zieht die neue Zeit: Arbeiterkultur in Österreich* (Viena, 1981) Lema da Associação Funerária dos Operários Austríacos. HOBSBAWM, E. **A Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p.181. [Capítulo 5, *Trabalhadores do Mundo*].

associa uma nova administração do tempo e gerenciamento. O taylorismo tem um enfoque mecanicista do ser humano. Na continuidade o fordismo é visto como um salto qualitativo com a padronização da linha de montagem, obtendo agilidade e redução de custos. Por fim, o toyotismo reduz ainda mais a possibilidade de gerenciamento próprio do trabalho, tendo em vista a aplicação de técnicas *just-in-time e kanban*. Vimos que estão relacionados os aspectos técnicos, estes associados à perspectiva da evolução dinâmica e tecnológica, e que conforme Marx, “embora o mundo industrializado trouxesse indubitavelmente consequências negativas para a classe trabalhadora, a força da produção industrial emergiria de maneira natural da necessidade de sobrevivência humana” (LULL e NEIVAI, 2008, p. 53).

Lull e Neivai acrescentam que Marx e Engels “anteviram mudanças culturais e enfatizaram previamente a importância dos meios de comunicação. A consciência se modificava no mundo globalizado “ a estreiteza e o exclusivismo nacionais tornaram-se cada vez mais impossíveis (...)” (idem), continuam os autores, que neste aspecto que Marx e Engels,

previram corretamente, pois o período inicial da industrialização trouxe consigo “o constante progresso dos meios de comunicação”, aproveitados inicialmente pelas potências financeiras europeias para explorar o crescente mercado consumidor mundial (Marx&Engels, 1964, p.39). A Era Industrial demonstrava ser a precursora das inovações tecnológicas e culturais que marcam a Era da Comunicação na contemporaneidade (LULL e NEIVAI, 2008, p. 53)

Nesta confluência, o mundo do trabalho assumiu particular relevância nos estudos da comunicação. O trabalho é o principal organizador da vida das pessoas. Figaro (2008, p.22) ressalta a relevância do mundo do trabalho como mediação principal da comunicação: “os mecanismos, tecnologias, instrumentais, processos e procedimentos advindos do campo comunicacional reinventaram a sociedade do trabalho, trazendo maior complexidade para compreender o que de fato ocorre” .

Antunes (2001b), em *Adeus aos Trabalho*, acrescenta que com a conversão do trabalho vivo em trabalho morto,

a partir do momento em que, pelo desenvolvimento dos softwares, a máquina informacional passa a desempenhar atividades próprias da inteligência humana, o que se pode presenciar é um processo de objetivação das atividades cerebrais junto à maquinaria, de transferência do saber intelectual e cognitivo da classe trabalhadora para a maquinaria informatizada (LOJKINE, 1995, p. 44 apud Antunes, prefácio – 7ª.ed). A transferência de capacidades intelectuais para a maquinaria informatizada, que se converte em linguagem da máquina própria da fase informacional, através dos computadores, acentua a transformação de trabalho vivo em trabalho morto.

Se considerarmos a perspectiva histórica em relação aos estereótipos sobre o trabalho, ainda hoje o trabalhador não se reconhece efetivamente, quanto a sua importância, no processo produtivo. Nos processos de especialização do trabalho, desde a revolução industrial até a revolução tecnológica, do modelo taylorista de grande escala de produção, sob a lógica mecânica de processo, até a customização da produção, tendo em vista a demanda e disto decorrendo o ajuste da produção, no modelo toyotista, o saber complexo do trabalhador, que o qualifica, é perseguido na tentativa de expropriá-lo e naturalizá-lo ao longo da cadeia produtiva, com o objetivo de diminuir os poderes do sujeito sobre a sua produção intelectual e de otimizar (intensificar) o processo de trabalho (CORIAT,1994).

Nesta confluência, o mundo do trabalho assumiu particular relevância nos estudos da comunicação. O trabalho é o principal organizador da vida das pessoas. Figaro (2008, p.22) ressalta a relevância do mundo do trabalho como mediação principal da comunicação: “os mecanismos, tecnologias, instrumentais, processos e procedimentos advindos do campo comunicacional reinventaram a sociedade do trabalho, trazendo maior complexidade para compreender o que de fato ocorre” .

2.1.2.2. Abordagem ergológica do trabalho

Embora, de um lado o trabalho possa ser qualificado como um “sacrifício”, em contrapartida, as relações humanas acontecem de forma acentuada e permanente nesses ambientes, e o trabalho pode ser visto como uma expressão de uma característica intrínseca do humano, de manejo dos vários aspectos que o caracteriza como ser social: suas relações políticas, étnicas, sociais, culturais e herança histórica. A consideração desta complexidade da atividade humana do trabalho é a perspectiva ergológica:

“o trabalho é infinitamente mais complicado do que podemos imaginar.[...] tudo varia nessa situação monótona, dita sempre idêntica, e sobre a qual não havia nada a ser dito. Ninguém se da conta disso, aliás, nem mesmo os trabalhadores” (SCHWARTZ E DURRIVE, 2008, p.68).

O conceito da Ergologia foi proposto a partir dos estudos do filósofo francês Yves Schwartz e colaboradores, no final da década de 1970, a partir de estudos sobre o trabalho, que convergiam para “*um modo inovador para abordar a atividade humana*”, segundo Louis Durrive (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008, p. 19). O conceito reúne contribuições de outras áreas de pesquisa para darem suporte à complexidade do objeto de estudo, desde a ergonomia, a psicodinâmica do trabalho, a linguística dialógica, a saúde do trabalhador/saúde coletiva e estudos das relações de gêneros no trabalho, tendo em vista que na atividade de trabalho há

uma aprendizagem constante das normas e os valores se renovam indefinidamente e, que há sempre duas dimensões a serem consideradas: a individual e a social.

Daniel Faita evidencia essa convergência de áreas, ao analisar as práticas linguageiras em situações de trabalho:

[...] as Ciências Cognitivas, psicologia e ergonomia, pesquisaram, nas trocas linguageiras, os traços formais do modo como os indivíduos resolvem seus problemas no trabalho; para a sociologia, os discursos, as situações de interação podem contribuir simultaneamente para o conhecimento das relações de grupo, sua estruturação e para a produção de saberes coletivos e de regras profissionais (FAÏTA, 2002, p. 46).

A dimensão individual é o “uso de si por si mesmo”, que representa dizer que cada trabalhador, individual e coletivamente (ou na dimensão social, visto que há outras camadas de interação social) retrabalha a norma, faz de uma maneira sua tarefa prevista na norma e na descrição concatenada com sua mobilização mental, individual, com injunções, antecipações e escolhas que transbordaram da atividade humana para o trabalho.

Compete dizer que: “não existem duas pessoas, não existem dois momentos, para uma mesma pessoa, em que o uso de si por si seja idêntico” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008, p. 69-70). Disto decorre a distinção de trabalho e atividade humana, considerando que a *atividade de trabalho* abarca a ação do trabalho.

Esta capacidade do humano de se antecipar a uma atividade, de planejar, e então de recriar indefinidamente uma situação modelo, já estabelecida pela norma, é o que faz da sua prática individualizada e materializada no sujeito, como o *corpo-si*, uma negociação permanente entre seus saberes instituídos (ensinamentos de outras gerações, experiências pessoais, conhecimentos de técnicas), “que é sempre problemática, sempre lugar de uma *dramática*. A atividade industrial é sempre um *destino a viver*” (SCHWARTZ, 2004, p.25).

As situações cotidianas características de cada ofício é que vão dilatar os espaços, ou precisamente pôr à prova, essa *dramática* (SCHWARTZ, 2004, p.25). Como completa Duraffoug, ao dizer que

por trás dos gestos, os mais simples, há sensibilidade, inteligência, todo um saber-fazer amplamente subestimado. Fazer Ergologia é, através da análise dessa atividade, dar conta dessa riqueza (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008, p.68).

Entretanto, vale ressaltar que essas escolhas que se fazem, dessas dramáticas do mundo do trabalho, não estão consideradas nos “scripts” das profissões, mas, “flutuam na vida social como absolutos” (SCHWARTZ, 2004, p.25), e nisto consiste uma ruptura das visões estabelecidas sobre o trabalho, visto que estas escolhas decorrem de um “campo de

valores” dos seus protagonistas, e que “a eles retornam, por duas vias que se misturam, mas são diferentes”, como nos apresenta Schwartz (idem),

articulados à experiência das situações de trabalho e por ela retrabalhados [...]: é a dimensão das gestões incluídas na atividade; Dimensionados por instâncias públicas [...] ou privadas (os objetivos das empresas têm uma relação indireta com valores sem dimensão) que não tomam parte diretamente nos processos de atividades que eles gerem. Dimensionar é definir critérios, coeficientes que permitam julgar se se aproxima ou se afasta desses valores sem dimensão.

A *atividade de trabalho* dos comunicadores, em especial jornalistas, se constitui pelo trabalho industrioso que negocia com a linguagem significados e valores pessoais, compete uma habilidade de “domesticar o imprevisto, triar no fluxo de informações, detectar o valor da informação, mediante uma competência intuitiva e eficaz” (NEVEU, 2006, p.90), mas também submetido aos valores de outras instâncias (poder público ou privado) que regulam as normas da comunicação e do próprio trabalho .

Ao se considerar que dimensionar é definir critérios que tratam de valores, e que obrigam a reflexão sobre as situações de trabalho, podemos concluir que a ergologia se apresenta como uma abordagem teórica e metodológica possível nos estudos da comunicação e do trabalho.

2.1.2.3. Atividade de comunicação e de trabalho

Principalmente a partir dos estudos da comunicação em interlocução com o marxismo, os temas relacionados com a cultura e o cotidiano tiveram um papel de destaque para a compreensão do sujeito inserido no processo comunicacional. Reconhecer como “as implicações econômicas e políticas atuam e compõem, na atualidade, a arena das relações sociais, onde se reconhece que a luta pelos sentidos se dá de forma mais estreita e próxima do cotidiano” afirma Figaro (2001).

Deve-se reconhecer que há uma “divisão do tempo comum a todos os grupos e membros da sociedade, como representação coletiva; ela se harmoniza com os grandes fatos do mundo material (MOTTER, 2001, p. 43). Este “tempo” que prende os homens e regula o ritmo de suas vidas “é a divisão do trabalho social que prende o conjunto dos homens a um mesmo encadeamento mecânico de atividades” (MOTTER, 2001, p.43); a sociedade atual, a despeito da sua evolução tecnológica, mantém as principais características organizativas do mundo do trabalho.

As relações de comunicação e trabalho se traduzem como um lugar privilegiado para se observar os processos comunicacionais que se atualizaram afim de atender às necessidades

do mundo do trabalho. A linguagem articula e sustenta estas relações, cada vez mais carregadas de valores institucionais, embora reelaboradas para envolver os trabalhadores em uma aparente equiparação de valores entre o capital e o trabalho, fato irreconhecível até o momento na história.

A estreita normatização dos processos por meio manuais, palestras de treinamento continuado e normas prescritas, que as empresas tentam manipular o trabalhador. Ou seja, uma visão limitada de comunicação, que trata o trabalhador de maneira autoritária, como no taylorismo, e esquece que “a atividade de trabalho requisita o homem por inteiro” (FIGARO, 2008), que participa e colabora com outros no desempenho de suas responsabilidades.

Se trabalhar é sempre trabalhar com o outro e comunicar é relação, troca, reelaboração, podemos afirmar que ambos, comunicação e trabalho, atuam na construção dos conjuntos de valores que se renovam ou se cristalizam a cada escolha feita, a cada decisão do uso de si por si mesmo. As pessoas, a todo o momento, fazem escolhas a partir das condições e dos valores que construíram ao longo de suas histórias de vida, nas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Elas criam suas redes de relações e se apropriam dos discursos que circulam no meio de trabalho delas e na sociedade. (FIGARO, 2008, p. 16)

Um dispositivo que permite problematizar e conhecer, mesmo que sempre de maneira parcial a complexidade da atividade humana e, nesse sentido, a atividade do trabalho, é apresentado por Schwartz. Este é denominado de *Dispositivo dinâmico em três pólos* e é composto por três eixos A, B e C conforme mostrado na FIG. 2. Por ser um método pluridisciplinar, a ergologia convoca diferentes disciplinas para uma reflexão sobre a atividade humana num primeiro eixo. No segundo eixo, denominado “saberes investidos”, está o conhecimento adquirido a partir da experiência, constituído ao longo de suas atividades e de sua educação. E o terceiro eixo remete ao questionamento, ao desconforto intelectual, do embate entre as disciplinas constituídas e dos saberes investidos.

Fígaro (2008) adaptou o dispositivo dinâmico em três polos (mostrado na FIG. 2) utilizado por Schwartz e Durrive para explicar, metodologicamente, como a ergologia pode ser utilizada :

O Dispositivo Dinâmico em três pólos permite, pela força do questionamento, confrontar a norma e a experiência pela atividade de trabalho, revelando os conflitos e as contradições sociais e, principalmente, a potencialidade de transformação do sujeito (corpo-si). Essa proposta permite ainda articular a dialética do micro ao macro-social. Dá condições de se compreender como as transformações no mundo do trabalho se articulam com os valores e as normas sociais, e como a realidade do mundo do trabalho transborda para outras instituições e grupos sociais. (FIGARO, 2008, p. 27)

A proposta é os papéis de cada integrante do circuito da comunicação nas organizações, responsáveis pela tomada de decisão de utilizar o dispositivo. “A construção de um saber que leve em consideração a atividade humana de trabalho permite reformular os saberes constituídos e renová-los por meio do questionamento que tem por princípio valorizar e priorizar o pólo da atividade como fonte de possibilidades”, para Fígaro (2008).

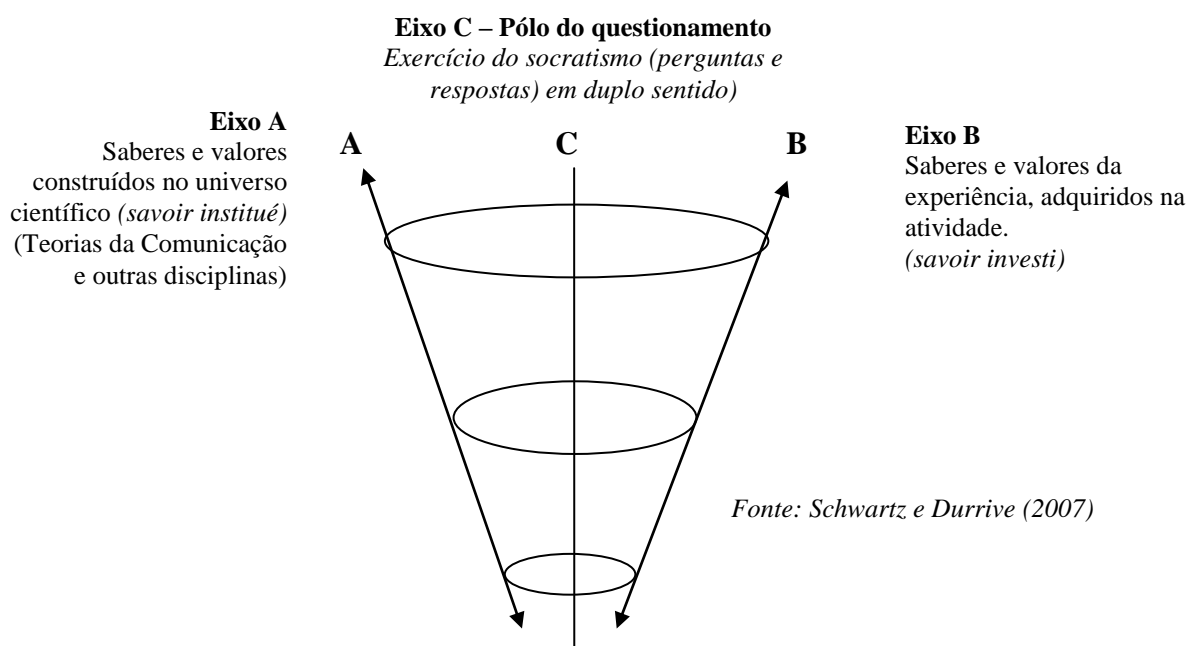


Figura 2 – Dispositivo dinâmico em três polos.

No quadro abaixo está a análise do Dispositivo dinâmico em três polos da abordagem ergológica aplicado aos estudos de recepção e às relações de comunicação no mundo do trabalho.

QUADRO 1 – Análise do DDTTP

	EIXO A	EIXO B	EIXO C
Estudos de Recepção	Conhecimentos (saberes) constituídos no campo da comunicação e de outras disciplinas	Saber investido (experiência), atividade concreta de emissão/recepção no relacionamento do mundo do trabalho	Questionamentos e formulação do processo de comunicação como um objeto empírico
Relações de comunicação nas empresas	Normas, prescrições e discursos das organizações	Cultura real dos sujeitos (corpo-si) em atividade de trabalho	Questionamento de como viver bem (saúde física, mental e emocional)

2.2. Hipóteses

Com base nos estudos teóricos realizados delineamos algumas hipóteses que nortearam a continuidade da pesquisa. A expectativa era alcançar os objetivos propostos, a saber: desenvolver a pesquisa sobre as mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas e a representação do trabalho do jornalista na ficção televisão, considerando que nossos vínculos são com os estudos que mostram que não há neutralidade na comunicação, nem no discurso, nem na palavra, visto que os sentidos são carregados de ideologia; disso decorre nosso interesse em fundamentar o contexto histórico, não com uma visão determinista do meio, mas como “a arena de disputas dos signos ideológicos” (perspectiva bakthiniana).

2.2.1. Hipóteses gerais

- a) Existe uma representação intencional na telenovela do trabalho do jornalista quando esta temática transforma-se numa ação didática a respeito do “fazer jornalístico”;
- b) O mundo do trabalho é um mediador decisivo para mostrar como as relações de produção da comunicação e do direito à informação estão em confronto;
- c) A verossimilhança torna-se um dispositivo adequado ao processo de reconhecimento e representação (do real e do ficcional).

2.2.2. Hipóteses específicas

- a) As representações do trabalho do jornalista na telenovela são idealizadas, entretanto a opacidade da linguagem pode superar a contradição da precarização da profissão no mundo real;
- b) A representação do trabalho do jornalista se identifica com uma visão iluminista: próxima do mito transparência.

3. CONTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

De acordo com Lopes (1999), a metodologia expõe o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ela contempla desde a fase de exploração de campo (definição do grupo de pesquisa, critérios e estratégias de abordagens), como também, a definição e procedimentos para análise dos dados.

(...) A Metodologia na Pesquisa se situa no plano da prática e indica os métodos efetivamente usados numa pesquisa. Aqui, método é entendido como um conjunto de decisões e opções particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação. Os métodos constituem uma das instâncias da prática metodológica (LOPES, 2001, p. 81).

A partir dessa orientação de Lopes, discutimos, neste capítulo, os procedimentos para a construção do objeto empírico, a forma de apresentação do estudo e o método comparativo de análise do *corpus*.

O foco deste trabalho de mestrado está direcionado na discussão sobre as mudanças no mundo do trabalho do jornalista, considerando os incrementos técnicos e tecnológicos que alteraram os processos produtivos nas empresas de comunicação, e a implementação de novos métodos, processos e rotinas produtivas desse profissional da informação.

Este estudo faz parte de um projeto mais amplo encaminhado pelo Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho (GPCT) da ECA-USP, denominado “O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo: um estudo das mudanças do mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo”³⁹.

O *corpus* principal da investigação é composto por duas fontes de dados provenientes de pesquisas empíricas e telenovelas com a presença de personagens jornalistas. Para tanto, esta pesquisa contou com a colaboração do Núcleo de Pesquisas em Telenovelas (NPTN), criado em 1992 dentro do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP, o primeiro centro do Brasil destinado aos estudos sobre telenovela e ficção seriada. Desde a criação inúmeras pesquisas já foram desenvolvidas junto ao programa de pós-graduação.

Para construir o objeto empírico foram considerados os resultados combinados das fases quantitativas e qualitativas de quatro pesquisas realizadas pelo GPCT sobre o mundo do trabalho de jornalistas e recortes de cenas de três telenovelas brasileiras: *A Favorita* (2008-2009), *Paraíso* (2009) e *Insensato Coração* (2011) com a mesma temática. Essas produções

³⁹ Com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Está em desenvolvimento a última fase do projeto.

foram selecionadas a partir de levantamento das telenovelas veiculadas na Rede Globo de Televisão, a partir do ano de 2000, tendo como critério, a atualidade e a permanência do personagem jornalista e seu núcleo dramático em toda a extensão da novela. O esquema metodológico do nosso estudo está ilustrado na FIG. 3.

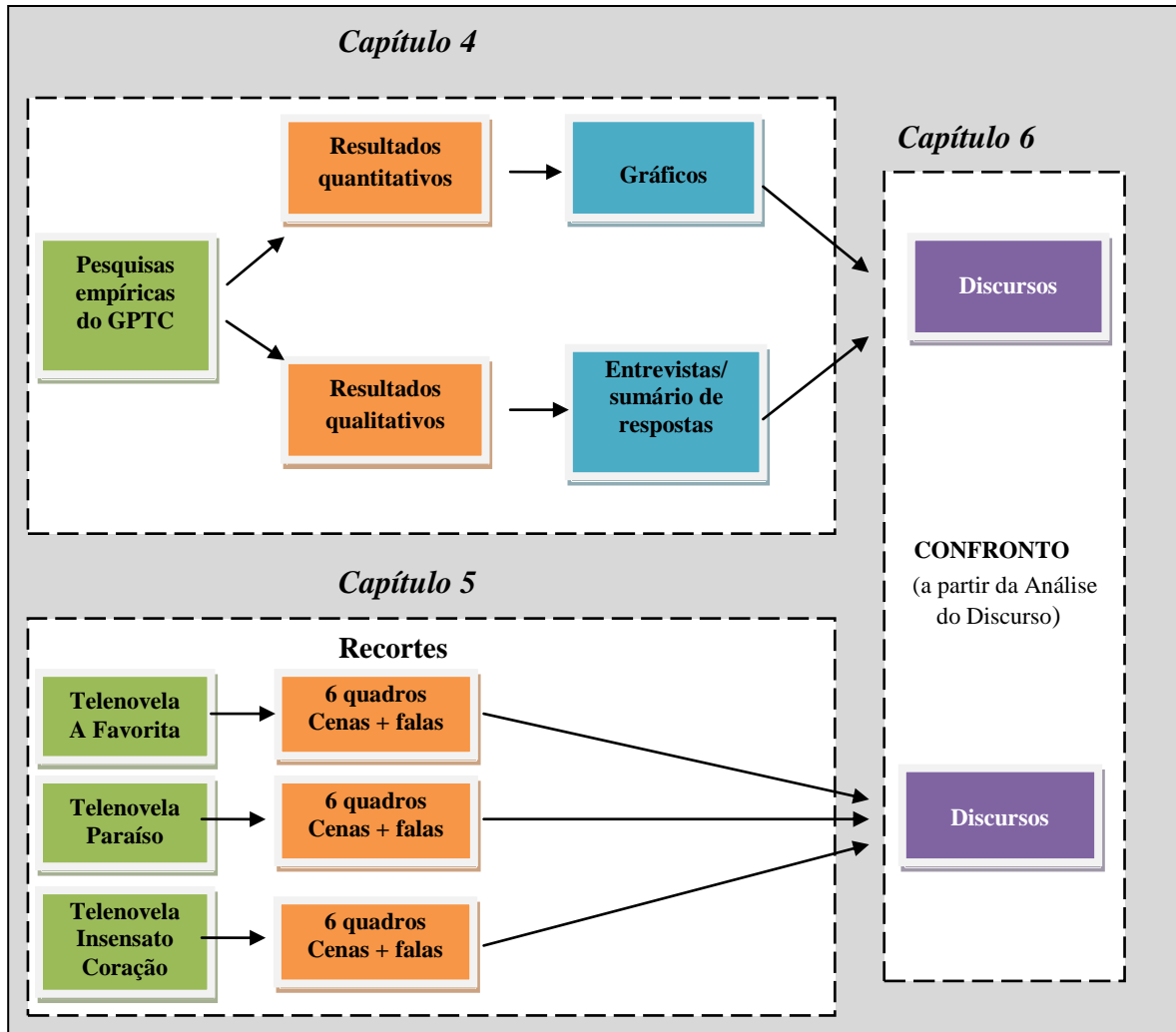


Figura 3 - Esquema metodológico da pesquisa

O recorte temporal das pesquisas do GPCT é o da atualidade, especialmente entre os anos de 2006 e 2012; o recorte geográfico considerou os jornalistas do Estado de São Paulo. Observamos que o Estado de São Paulo reúne o maior contingente destes profissionais no país, justificando assim este recorte geográfico.

As telenovelas selecionadas pertencem ao mesmo período das pesquisas, são produções da Rede Globo de Televisão e foram exibidas pelo canal aberto, todas estiveram

entre os dez títulos mais vistos nos seus horários e períodos de exibição⁴⁰. Considerou-se a representatividade dessa empresa de comunicação no cenário brasileiro e a reconhecida qualidade de sua teledramaturgia.

Visando realizar as análises comparativas do perfil do profissional e dos discursos da telenovela sobre as práticas do jornalista, na realidade e na ficção, objeto deste trabalho, optou-se por dividir a apresentação dos dados em dois capítulos diferentes.

No Capítulo 4 são apresentadas as fases quantitativas e qualitativas das pesquisas, para o mapeamento do perfil profissional do jornalista do Estado de São Paulo e conhecimento das condições da realidade de trabalho na qual esses profissionais estão inseridos, destacando e observando os seus discursos sobre a percepção quanto às mudanças ocorridas em seu cotidiano de trabalho.

Os dados obtidos (respostas) foram desdobrados em duas partes para possibilitar as análises, principalmente os confrontos das entrevistas com os diálogos das telenovelas. Nesse capítulo são apresentados, de forma sintética, os resultados quantitativos (gráficos e comentários). Os resultados qualitativos (entrevistas e grupos de discussão) têm os seus resultados sumarizados nesse mesmo capítulo. Os recortes das entrevistas (enunciados) são confrontados com as falas dos personagens das telenovelas no Capítulo 6.

No Capítulo 5 são apresentadas as telenovelas selecionadas, a caracterização dos personagens jornalistas e os recortes das telenovelas que contém cenas que apresentam o mundo do trabalho dos personagens jornalistas. As telenovelas apresentaram durante a trama sequências de cenas que retratavam o mundo do trabalho dos jornalistas, ora apresentando seus locais de trabalho, ora suas falas das práticas do jornalismo. Neste aspecto, as sequências de cenas selecionadas se propuseram a mostrar o cotidiano vivido além dos cenários de uma redação de jornal, e oferecer representações de comportamentos, vocabulários e expressões próprias da área do jornalismo, que exportassem para os telespectadores, informações sobre a atividade dos jornalistas, que permitissem fazer inferências e antecipações acerca dos sentidos da profissão (entre elas: situações mostrando a importância da profissão na organização da sociedade contemporânea, posicionamentos frente a questões éticas e morais, orientação do cidadão em relação aos seus direitos na sociedade, atualização das razões de um pacto de confiança entre o cidadão e as instituições e a relevância da participação do cidadão na política).

As falas dos personagens das telenovelas são confrontados com os enunciados dos jornalistas no Capítulo 6.

⁴⁰ ANUÁRIO OBITEL (2009; 2010 ; 2012).

3.1. Características das fontes de dados

Para compor o objeto empírico foram mobilizados diferentes instrumentos metodológicos de recorte, composição da amostra e seleção, para produzir dados e elementos diversificados, a partir dos quais se realiza a análise e a interpretação em bases mais amplas e na confrontação de informações.

- *Pesquisas empíricas*

Nossa investigação se concentra nos resultados consolidados de quatro pesquisas empíricas, sendo que suas estratégias e desenvolvimentos são detalhados no capítulo 4. As pesquisas empíricas selecionadas foram desenvolvidas por integrantes do Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho (GPCT) ⁴¹:

- (i) Pesquisa “Comunicação e Trabalho: as mudanças no mundo do trabalho nas empresas de comunicação”⁴², entre 2006 e 2008. Processo 2005/00367-5 da FAPESP;
- (ii) Pesquisa “O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo. Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo”, entre 2009 e 2012. Processo 2009/53783-7 da FAPESP;
- (iii) Dissertação de mestrado intitulada “Comunicação e mundo do trabalho do jornalista: o perfil do jornalista de São Paulo a partir da reconfiguração dos processos produtivos da informação”, de Cláudia do Carmo Nonato Lima, defendida em 2010.
- (iv) Dissertação de mestrado intitulada “Os discursos dos jornalistas *freelancers* sobre o trabalho: comunicação, mediação e recepção”, de Rafael do Nascimento Grohmann, defendida em 2012.

Devemos expor, mesmo que de forma resumida, os propósitos e atividades do GPCT da ECA-USP. Criado em 2003 dentro do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP, busca compreender a partir do binômio comunicação–trabalho, como a comunicação

⁴¹ O Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho (GPCT) ECA USP, coordenado pela Profa. Livre-Docente Dra. Roseli Figaro. Credenciado pelo CNPq. www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho.

⁴² Os dados quantitativos dessa pesquisa foram utilizados na composição do perfil sócio-econômico-cultural dos jornalistas do Estado de São Paulo, sob a forma de dados secundários para as pesquisas “O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo. Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo” (GPCT, 2012) e, “Comunicação e mundo do trabalho do jornalista: o perfil do jornalista de São Paulo a partir da reconfiguração dos processos produtivos da informação” (LIMA, 2010).

organiza, constrói e transforma redes de sentido num mundo do trabalho em permanente mudança. As pesquisas sobre o tema se desenvolvem com a participação de professores, doutorandos, mestrandos e bolsistas de iniciação científica. Nesse período, os pesquisadores ligados ao GPCT desenvolveram pesquisas sobre a temática que resultaram em quatro projetos de Iniciação Científica; nove dissertações de Mestrado, um Doutorado⁴³ concluído e três em andamento, além de duas pesquisas que se desdobraram em publicações⁴⁴, e ainda uma terceira pesquisa em execução⁴⁵ que proporciona dados empíricos para o desenvolvimento de novos projetos de pesquisa.

- *Dados quantitativos* (perfil sócio-econômico e de consumo cultural).

A partir dos resultados da fase quantitativa dessas pesquisas foram selecionados os dados para análises cruzadas das amostras de perfis de jornalistas e feitas algumas considerações.

- *Dados qualitativos* (obtidos nas entrevistas e grupos de discussão).

A partir dos resultados da fase qualitativa das pesquisas foram recolhidas as “os enunciados” dos jornalistas, a fim de entrar no universo de significados, motivos, valores e atitudes e, entender e interpretar os fatos e os significados que as pessoas a eles conferem.

- *Dados das amostras das telenovelas.*

Tendo em vista a temática “trabalho do jornalista”, a partir desse recorte, foram selecionadas as telenovelas e feitas as escolhas das cenas que se mostraram mais propícias quanto aos objetivos do trabalho. Não se tratou de analisar integralmente as telenovelas.

As telenovelas escolhidas foram: i) *A Favorita*. Autor: João Emanuel Carneiro – Horário 21h. (2008/2009); ii) *Paraíso*. Autor Principal: Benedito Ruy Barbosa – Horário 18h. (2009) e iii) *Insensato Coração*. Autor: Gilberto Braga e Ricardo Linhares – Horário 21h. (2011).

⁴³ A publicação da tese em livro deu-se em 2001. Trata-se de *Comunicação e trabalho. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação*. São Paulo: FAPESP/Anita, 2001.

⁴⁴ *Comunicação e Trabalho. A construção dos sentidos do trabalho pelos receptores dos meios de comunicação*. São Paulo: FAPESP, 2004. Disponível em: www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho .

Comunicação e trabalho :as mudanças no mundo do trabalho nas empresas de comunicação. São Paulo: FAPESP, 2008. Disponível em: www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho .

⁴⁵ “*Perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo. Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo*” (FAPESP, 2009-atual)..

3.2. Aspectos teóricos-metodológicos das pesquisas empíricas desenvolvidas pelo GPCT

A explicitação da metodologia aplicada nas pesquisas empíricas selecionadas para este estudo é necessária para a validação do objeto e dos resultados das pesquisas científicas em Comunicação neste país. Desse modo, são apresentadas as técnicas utilizadas para atender aos objetivos das pesquisas empíricas aqui selecionadas. Em todas as pesquisas o objeto empírico foi construído, em primeiro lugar, com a adoção de métodos de pesquisa bibliográfica. Para compor o perfil dos jornalistas foram levantados dados oficiais do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS) e, da Federação Nacional de Jornalistas - FENAJ, pesquisas acadêmicas e publicações especializadas. A partir do perfil encontrado foi escolhida uma amostra de jornalistas para a aplicação de dois tipos de instrumentos de pesquisa, um quantitativo e outro qualitativo.

A escolha desses dois instrumentos teve em vista que essas pesquisas tinham por objetivos compor o perfil do profissional jornalista, construir um “mapa do consumo cultural” e especialmente conhecer o “sujeito” que trabalha na área de comunicação e os sentidos do trabalho para estes profissionais. A utilização dos dois métodos (qualitativo e quantitativo), devido à singularidade dos objetivos apresentados, confirma-se pela proposta de Lopes,

apesar da lógica da medição que rege a primeira (quantitativa), não se pode esquecer que operações quantitativas se apoiam em dados qualitativos, originalmente coletados e em seguida transformados. Em segundo lugar, pode haver a combinação de métodos quanti e quali, na mesma pesquisa, dependendo da estratégia metodológica que se adote. Por exemplo, pode-se chegar a uma amostra qualitativa através de uma quantitativa; quantificar perguntas abertas, etc. Enfim, o uso do número não é exclusivo da pesquisa quantitativa, e o recurso numérico ou estatístico não é incompatível com a análise qualitativa. Em terceiro lugar, a maioria dos estudiosos reconhece atualmente a complementaridade entre a quantificação e a qualificação dos dados, apontando como erro a opção metodológica *a priori* entre fazer uma pesquisa qualitativa ou quantitativa. Antes há necessidade de refletir sobre a escolha e à aplicação de um ou de outro método de análise a determinado problema, o que implica em reconhecer metodologicamente as vantagens e desvantagens de um método sobre o outro em função do objeto de estudo ou até de um aspecto dele (LOPES, 2004, p. 34).

O instrumento questionário quantitativo foi aplicado a fim de se obter o perfil socioeconômico e de consumo cultural dos jornalistas das amostras. Os questionários foram elaborados com pequenas diferenças, de maneira a contemplar as especificidades de cada amostra de jornalistas participantes da pesquisa. Foram elaborados com questões fechadas de múltipla escolha, organizadas em três etapas temáticas, obedecendo a uma ordem lógica: dados pessoais, dados profissionais e meios de comunicação. A primeira etapa contém a

identificação (nome, idade, endereço, empresa onde trabalha) e traz perguntas sobre o perfil pessoal (estado civil, nível de escolaridade e formação). A segunda parte é a mais ampla do questionário, e aborda questões relacionadas ao trabalho, benefícios, salário, precarização, mudanças na profissão e suas consequências. A terceira e última parte aponta os hábitos de consumo cultural. As questões tratam das visões dos jornalistas quanto à importância da informação e relação com o Sindicato dos Jornalistas. Há questões sobre acesso à informação e atividades nas horas vagas⁴⁶. Foram desenvolvidas quatro versões de questionários e respectivamente encaminhadas via *email* para os quatro grupos de participantes das pesquisas. Os grupos são: (i) pesquisa “*Comunicação e Trabalho...*”, (GPCT, 2006~2008), jornalistas de uma empresa editorial; (ii) pesquisas “*O perfil do jornalista...*”,(GPCT, 2009~2012) e “*Os discursos (...) free-lancers...*”,(GROHMANN, 2012)⁴⁷; (iii) jornalistas captados por redes sociais (pré-teste), (2009); e (iv) pesquisa “*Comunicação (...) processos produtivos ...*”, (LIMA, 2010).

O sistema de tabulação especialmente desenvolvido para o projeto, tanto permitiu a construção de um banco de dados eletrônico como forneceu relatórios estatísticos (tabelas e gráficos). Na primeira fase o programa foi abastecido com as respostas do questionário, cujo preenchimento foi feito via *internet*. Na segunda etapa, com o uso do software SPSS⁴⁸, foi feita uma compilação ou totalização dos dados. A terceira etapa foi constituída pela exportação para o programa *Excel*, que produz os gráficos finais.

A triangulação (JENSEN e JANKOWSKI, 1993) de métodos foi a “estratégia metodológica” (LOPES, 2004) adotada para todas as pesquisas. Jensen e Jankowski consideram que uma abordagem múltipla pode ser mais válida que a estratégia de investigação simples. Para esses autores a proposta da triangulação é válida porque a debilidade de cada método simples é compensada com o contrapeso da força de outro.

A triangulação de métodos teve na fase qualitativa da pesquisa duas etapas. A entrevista individual, a partir da seleção de jornalistas do quadro da amostra consolidada da fase quantitativa e a discussão no grupo focal, também composto a partir da seleção de profissionais extraídos da amostra consolidada da fase quantitativa.

⁴⁶ Descrição do questionário elaborado por LIMA (2010, p. 122), com adaptações.

⁴⁷ O resultado da pesquisa quantitativa (questionários preenchidos pelos jornalistas free-lancers) é utilizado na análise restrita do mestrado de GROHMANN (2012) e de forma ampla (também entra na análise) do trabalho da pesquisa “*O perfil do jornalista...*” GPCT(2009~2012).

⁴⁸ SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) - software aplicativo do tipo científico .

A diversidade de métodos de recorte da amostra de profissionais dessas pesquisas foram ancoradas na proposta de triangulação de Jensen e Jankowski (1993) e permitiu obter um quadro mais fidedigno do perfil dos jornalistas, inclusive das mudanças que ocorrem ao longo do tempo no exercício profissional.

A entrevista foi a técnica escolhida para a coleta de depoimentos da fase qualitativa das pesquisas. Patton (1990) define a entrevista como aquela que se dá face a face e versa sobre um tópico específico. A vantagem da entrevista é a riqueza de dados que se obtém com o estímulo ao respondente, ao se lembrar de acontecimentos, ultrapassando os limites das respostas, trazendo comentários interessantes e pertinentes.

O roteiro das entrevistas das pesquisas são semelhantes, com pequenos ajustes para cada grupo. Um dos roteiros para a fase qualitativa da pesquisa foi descrito por Lima, como segue:

o roteiro de perguntas abertas está dividido em sete temas: a) histórico, na qual o entrevistado é perguntado sobre a trajetória pessoal e profissional, características e proximidade com o jornalismo; b) o jornalista, com questões sobre a opinião do entrevistado sobre os jornalistas de ontem, de hoje e do futuro; c) o jornalista e a tecnologia, sobre a visão do entrevistado perante a introdução de novas tecnologias no seu trabalho e também com a descrição de sua rotina; d) o jornalista e as novas relações de trabalho; aqui o entrevistado é instigado a falar de suas relações e obrigações com a empresa na qual trabalha ou presta serviço, além do seu vínculo com o Sindicato dos Jornalistas; e) a formação do jornalista; aqui o entrevistado emite a sua opinião sobre a graduação que fez e se é favorável ou não à obrigatoriedade do diploma de jornalismo; f) lazer e família, sobre o que o entrevistado faz nos momentos de descanso e o tempo que dedica aos familiares; g) a profissão e o futuro, em que o entrevistado diz o que espera da profissão, de sua carreira e também sobre a sua própria aposentadoria (LIMA, 2010, p.123).

Exclusivamente para as duas pesquisas “*O perfil do jornalista...*”, (GPCT, 2009~2012) e “*Os discursos (...) free-lancers...*”, Grohmann (2012), ainda foram aplicadas mais duas técnicas: entrevista com instrução ao sócia e grupo focal. Instrução ao sócia é um tópico especial, cujo objetivo é adaptar a estratégia de abordagem de Oddone, Rey e Briante (1981), desenvolvida na fábrica da Fiat, Itália, na década de 1970⁴⁹. Nessa estratégia, solicita-se ao entrevistado que descreva suas atividades de trabalho como se fornecesse instruções a alguém que fosse ocupar o posto de trabalho dele. Este tópico tem o objetivo de colher o relato mais próximo possível sobre o trabalho do entrevistado (FÍGARO, 2012).

⁴⁹ Sobre este tema, ver: Vieira, Marco Antonio. Autoconfrontação e análise da atividade. In: Figueiredo, Marcelo et al. Labirintos do trabalho. Interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p.220.

A técnica do grupo focal é definida como aquela em que o pesquisador reúne, num espaço e durante um período, pessoas que fazem parte do público-alvo das investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate entre elas, informações de um tema.

Grupo focal é para Patton (1990) uma técnica qualitativa de coleta de dados altamente eficiente, além do que os participantes criam uma dinâmica equilibrada que inibe a ocorrência de opiniões falsas ou radicais, sendo possível avaliar até que ponto existe uma opinião compartilhada e consistente entre os participantes. Os grupos focais têm duplo poder: de gerar discussões (revelando os significados presumidos pelas pessoas na discussão) e a maneira como elas negociam entre si.

O grupo focal exige uma programação e preparação elaborada, visto que seu foco está na interação dos participantes. São necessários: sala de espelho; acomodação para os participantes e o animador do grupo; mesa e equipamentos adequados, e um bom roteiro para se desenvolver uma pesquisa bastante produtiva.

O roteiro de discussão proposto para os grupos focais tiveram em comum os tópicos: *introdução* (explicação sobre os procedimentos da pesquisa e apresentação dos participantes); o que é ser jornalista; a percepção sobre as mudanças no jornalismo; direito à informação e ética profissional; e também, uma *dinâmica* para captar a recepção dos participantes sobre a representação do jornalista na mídia (o instrumento escolhido foi a apresentação da cena do dia 18/08/2011, com o personagem do jornalista Kléber, da novela *Insensato Coração*, Rede Globo; e *encerramento* (agradecimentos aos participantes)⁵⁰. Essa dinâmica é aproveitada nas análises do capítulo 6 deste estudo.

E por último, o roteiro para o grupo focal com jornalistas *freelancers*⁵¹ tinha de específico o tópico com a dinâmica para captar a recepção a partir de: notícia do dia em portal da internet, vídeo com escalada do *Jornal Nacional*⁵² e caderno *Ilustrada* (impressa)⁵³, do dia anterior. As discussões foram gravadas em áudio e vídeo e depois transcritas.

⁵⁰ Procedimentos detalhados em Figaro (2012).

⁵¹ *Freelancer* é o termo inglês para denominar o profissional autônomo, que se autoemprega em diferentes empresas ou, ainda, guia seus trabalhos por projetos, captando e atendendo seus clientes de forma independente. Procedimentos detalhados em Grohmann (2012).

⁵² O *Jornal Nacional*: telejornal da Rede Globo de Televisão, apresentado às 20h.

⁵³ *Folha Ilustrada* é um caderno do jornal *Folha de São Paulo*.

3.3. Metodologia da pesquisa

A proposta principal deste trabalho é comparar os dois universos discursivos - realidade e ficção e verificar a presença das mesmas questões que motivaram o desenvolvimento das pesquisas empíricas sobre as mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas. Para tanto, buscou-se, a partir da hipótese da centralidade da mediação do mundo do trabalho, analisar as formações ideológicas/discursivas dos sujeitos pesquisados a respeito do trabalho que realizam, considerando:

- a) perceber a dimensão do trabalho na vida dos jornalistas;
- b) o que dizem sobre o trabalho que fazem;
- c) como formam suas identidades na profissão;
- d) como se organizam no trabalho e
- e) qual a percepção sobre o futuro da profissão.

Em síntese, o que se pretendeu analisar foram os enunciados *sobre* o trabalho, evidenciando a situação real de fala, as subjetividades e as “dramáticas dos usos de si” (SCHWARTZ, 2008) numa relação de comunicação *sobre* o trabalho.

A estratégia da triangulação utilizada nesta pesquisa combina diferentes tipos de dados em um único estudo. Os dados quantitativos e qualitativos obtidos nas pesquisas empíricas desenvolvidas pelo GPCT, descritos e sumarizados por Figaro (2012)⁵⁴ são confrontados com os discursos, enunciados e falas dos personagens jornalistas das telenovelas selecionadas. Denzin e Lincon (2006) sugerem que a triangulação permite o embasamento necessário para os métodos qualitativos com possibilidades de ampliar e complementar a produção do conhecimento, e consiste numa alternativa de validação dos resultados.

Portanto, a escolha deste *corpus* baseou-se nos seguintes critérios: (i) essas pesquisas foram elaboradas sob condições institucionais, dentro da Universidade de São Paulo, validadas, então, como discurso científico; (ii) os trabalhos acadêmicos escolhidos para esta pesquisa partem da mesma escolha teórica - o binômio comunicação e trabalho e as perspectivas teóricas dele derivadas: o campo da comunicação, sociologia do trabalho, ergologia e filosofia da linguagem; os discursos sobre as práticas profissionais são analisados por meio da Análise do Discurso e os aportes da dialógica bakhtiniana e, (iii) participação desta autora como aluna e pesquisadora participante dos projetos do GPCT desde 2008.

⁵⁴ Relatório Parcial da Pesquisa - FAPESP - Processo 2009/53783-7, *O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo. Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo*, 2012.

4. APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO

São apresentados neste capítulo os resultados das pesquisas realizadas pelo GPCT da ECA-USP, a partir dos quais realizamos nosso estudo comparativo com os discursos da telenovela sobre o jornalista.

4.1. Pesquisas em Comunicação e Trabalho realizadas pelo GPCT

A proposta geral dos trabalhos desenvolvidos pelo GPCT é a discussão sobre as mudanças no mundo do trabalho do jornalista, considerando os incrementos técnicos e tecnológicos que alteraram os processos produtivos nas empresas de comunicação, e a implementação de novos métodos, processos e rotinas produtivas no exercício desse profissional da informação. Figaro (2012, p.5) justifica esta proposta :

[...] o cenário de organização econômica da área é o de concentração e oligopolização das empresas do ramo da comunicação. Há a redução do número de profissionais nas redações, completa informatização, com tecnologias avançadas de captação, organização, codificação e transmissão de informações. Produção de conteúdos no formato digital (mesmo para o impresso em papel) e convergência tecnológica de dispositivos comunicacionais (SCOLARI, 2008; CASTELLS, 2009, OLIVESI, 2006). Ao mesmo tempo, há maior disponibilidade de recursos para o acesso aos meios de comunicação para a população. Há a ampliação da demanda por profissionais da comunicação em setores que até então não se imaginava: políticos, governos, empresas, universidades, terceiro setor, personalidades, celebridades, pesquisadores, juízes e advogados, todos precisam de um profissional de comunicação. Dado esse fato, problematiza-se: qual é o papel do jornalista na sociedade contemporânea? Qual é o seu perfil e que valores orientam seu fazer profissional? A hipótese é: ao se observar o mundo do trabalho do jornalista, a partir de sua fala sobre a atividade de trabalho e a partir da configuração de seu perfil, poderão ser compreendidos problemas, desafios e tendências do exercício profissional bem como da produção jornalística no geral.

Antes de descrevermos as pesquisas, apresentamos uma breve descrição do percurso histórico da profissão e a situação de trabalho dos jornalistas, em números (Brasil e Estado de São Paulo).

4.1.1. O jornalismo e o jornalista ontem e hoje

Claudia Nonato Lima (2010), em sua dissertação de mestrado intitulada “*Comunicação e mundo do trabalho do jornalista: o perfil do jornalista de São Paulo a*

partir da reconfiguração dos processos produtivos da informação”, apresenta um retrato das principais mudanças no jornalismo e na profissão do jornalista, do começo do século XX até os anos 1980 e a partir disto a evolução nas últimas três décadas. As características apresentadas apontam para uma redefinição tanto do jornalismo, quanto da profissão do jornalista e de suas práticas, em decorrência das mudanças tecnológicas, mas, sobretudo pela mudanças nos processos produtivos dentro e em torno da empresa, alterando a relação do jornalismo e a sociedade em geral (LIMA, 2010, p.105). Essas mudanças estão relacionadas no Quadro 2.

QUADRO 2 – Linha do tempo: o jornalismo e o jornalista ontem e hoje.

Aspecto	Do começo do século até os anos 80	Hoje
Origem	O repórter era o indivíduo curioso, idealista, que escrevia bem, geralmente sem formação específica.	Os jornalistas vêm de camadas privilegiadas, com pensamentos e experiências distantes da ideologia, do dever social da participação.
Pensamento político	Os jornalistas eram politizados, preocupados com o seu papel na sociedade. Tinham uma visão romântica da profissão.	A concorrência fez com que tivessem uma postura menos politizada diante dos fatos e da notícia.
Formação	As faculdades de jornalismo surgiram na década de 60. A obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão de jornalista foi promulgada em 1969. Até então, os jovens aprendiam com os jornalistas mais velhos, no dia a dia da redação.	A obrigatoriedade de ter diploma de jornalista para exercer a profissão foi extinta em 2009.
Emprego	O trabalho era visto como um “bico”. O salário de jornalista era baixo e precisava ser complementado com outro emprego, geralmente público. Alguns profissionais tinham até três empregos ao mesmo tempo. Depois os jornalistas passaram a ser exclusivos das empresas, com bons salários.	Alguns jornalistas se dividem entre trabalhar na redação e na assessoria de imprensa, levantando questões éticas. As relações de trabalho mudaram completamente com a proliferação de “PJs”, ou Pessoas Jurídicas. Os jornalistas hoje trabalham em casa ou têm um pequeno escritório, onde oferecem os seus serviços, bancando todos os próprios encargos trabalhistas. Além disso, exercem funções executivas, de gerência.

(continua)

(continuação)

Aspecto	Do começo do século até os anos 80	Hoje
Empresa	Os grandes jornais eram de propriedade familiar e administrados pelo dono. Era ele quem dava a palavra final na contratação e demissão de jornalistas.	As vozes dos dirigentes das empresas (geralmente S/A) são mais democratizadas, mas existem as exigências do mercado e da publicidade.
Trabalho	Diagramadores, revisores, secretários de redação, laboratoristas e <i>past-ups</i> eram necessários na redação.	Vários cargos foram extintos. O jornalista hoje trabalha mais: prepara a notícia, diagrama, indica fotos, desenhos, gráficos. Também é obrigado a fazer mais de uma matéria ao mesmo tempo. E não tem tempo de fazer uma pesquisa ou leituras, inclusive de jornais.
Salário	O jornalista ganhava em média um salário mínimo por mês.	Aqueles que conseguem ser contratados chegam a ganhar salários razoáveis. Os autônomos ganham por projetos, trabalhos ou textos. Os jornalistas de televisão tornaram-se celebridades com status e salários compatíveis.
Texto	Longos e complexos, opinativos, isso até os anos 50, Depois vieram as modernizações com o lide e o manual de redação.	Mais curtos, títulos sintéticos e maior preocupação com o uso da imagem. Utilização do hipertexto.
Tempo	O jornalista dispunha de tempo para trabalhar em reportagens (uma de cada vez) e pesquisas. Apenas fazia a entrevista, escrevia o texto e entregava para o editor.	A informatização representou um salto em termos de rapidez na execução das tarefas; Os jornalistas têm que obedecer a horários rígidos, pois há contratos para agilizar a distribuição de jornais.
Mulheres	Eram raras nas redações.	Ocupam mais de 50% das redações.
Informação	Direito do cidadão. O jornalista “corria” atrás da notícia	Mercadoria, bem econômico. A notícia vem atrás do jornalista, através das assessorias de imprensa. A notícia é pasteurizada; todos veem/leem os mesmos jornais e entrevistam as mesmas fontes.
Tecnologias	Durante quase um século, o modo de produzir jornal mudou, mas pouco se comparado aos últimos anos.	Os jornalistas precisaram se adaptar às demandas da nova tecnologia, aprendendo a produzir informação para diversas mídias.

Fonte: Dados obtidos no Quadro 2, (p.110-111) da dissertação de mestrado “Comunicação e Mundo do Trabalho.... informação”, de Cláudia do Carmo Nonato Lima. ECAUSP, 2010.

4.1.2. Dados do Ministério do Trabalho (RAIS) sobre os jornalistas

Dados divulgados pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) e fornecidos pelo Ministério do Trabalho⁵⁵ mostram que existiam no país, até o ano de 2010, um total de 89.252 profissionais com registro de jornalistas. Desse número, 17,4% dos profissionais estavam no jornalismo impresso (jornais, revistas e agências de notícias), 22,7% em atividades de rádio e de televisão, 6,9% em atividades da administração do Estado e da política econômica social, 3,7% em publicidade, 0,6% em telecomunicações e 0,4% em atividades de agências de notícias, restando 48,3% nos setores chamados “extra redação” (empresas não-jornalísticas; assessores de imprensa, do setor público, universidades, empresas de economia mista, entidades de classe e ONGs, entre outros). A Tabela 1 mostra os números de jornalistas no Brasil, por grupos, desde os anos de 2004 até 2010.

Tabela 1 – Número de jornalistas no Brasil, por grupos

Grupos	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Edição e Impressão	11.198	12.283	13.414	14.416	15.411	14.239	15529
Telecomunicações	526	546	771	718	757	535	521
Publicidade	2.944	3.238	3.3363	3.676	4.175	2.885	3.270
Administração do Estado e da Política Econômica e Social	2.916	4.104	4.635	5.755	4.594	6.202	6.149
Atividades de rádio e de televisão	15.746	16.509	16.391	17.531	18.236	18.994	20.253
Atividades de agências de notícias	578	596	344	405	410	407	389
Outros	25.760	29.008	32.726	35.898	39.587	39.953	43.141
Total	59.668	66.284	71.644	78.399	83.170	83.215	89.252

Fonte: Dados obtidos no site da Associação Nacional de Jornais (ANJ), <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/jornalistas-no-brasil/>.

O site⁵⁶ da Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ apresenta os salários normativos para os profissionais no período 2011/2012 para as várias categorias (Assessoria de Imprensa, Jornais e Revistas da Capital, Jornais e Revistas do Interior, Rádio e TV da

⁵⁵ Estamos utilizando os dados do ano de 2010, provenientes do Ministério do Trabalho e disponibilizados pela ANJ (Associação Nacional de Jornais), através do link: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/jornalistas-no-brasil/> (ANJ, 2012). Acesso: 10/04/2012.

⁵⁶ <http://www.fenaj.org.br/pisosalarial.php>. Acesso: 10/04/2012.

Capital, Rádio e TV (Municípios com mais de 80.000 habitantes e, Rádio e TV (Municípios com menos de 80.000 habitantes), para jornadas diárias de 5 horas e as respectivas datas base. Estes dados são mostrados na Tabela 2 (FENAJ, 2012).

Tabela 2 – Pisos salariais por categoria, para jornalistas do Estado de São Paulo, período 2011/2012.

Estado de São Paulo Pisos e categorias	Jornada	Salário Normativo 2011/2012	Data Base
Assessoria de Imprensa	5 horas	R\$ 2.337,82	Junho
Jornais e Revistas da Capital	5 horas	R\$ 2.076,00	Junho
Jornais e Revistas do Interior	5 horas	R\$ 1.710,00	Junho
Rádio e TV da Capital	5 horas	R\$ 1.704,51	Dezembro
Rádio e TV (Municípios com mais de 80.000 habitantes)	5 horas	R\$ 1.100,00	Dezembro
Rádio e TV (Municípios com menos de 80.000 habitantes)	5 horas	R\$ 1.080,00	Dezembro

Fonte: Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2012).

4.2. Resultados obtidos nas pesquisas em Comunicação do GPCT no período (2009 – 2012)

No resumo da pesquisa, apresentado em Relatório parcial da pesquisa Processo 2009/53783-7 (2012), a coordenadora afirma que a pesquisa “*O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo. Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo, entre 2009 e 2012*”, propõe-se a realizar levantamento sobre o perfil dos jornalistas profissionais no Estado de São Paulo e o ponto de vista do profissional sobre o seu trabalho. Os dados sobre o perfil e as falas dos jornalistas profissionais foram confrontados com os discursos (das empresas de comunicação, da mídia em geral e da academia) sobre o jornalismo e o futuro da profissão. Sugere a urgência e a necessidade de estudos aprofundados sobre as mudanças que vêm ocorrendo na área do jornalismo. A pesquisa realizada baseou-se no estudo proposto a partir do binômio comunicação e trabalho, o qual mobiliza o ponto de vista da atividade humana (ergológica) para entender as práticas profissionais no contexto da fusão de mídias e de relações de trabalho cada vez mais precárias. O projeto aborda o objeto empírico – amostra de jornalistas profissionais do Estado de São Paulo – a partir de métodos quantitativos (para traçar o perfil socioeconômico e de

consumo cultural) e de métodos qualitativos (entrevista e grupos de discussão) para colher os relatos sobre as práticas profissionais, os quais são analisados por meio da Análise do Discurso e os aportes da dialógica bakhtiniana. Obtém-se como resultado um mapa do perfil do profissional de jornalismo e o ponto de vista deste profissional sobre seu trabalho, para que se possa entender qual o compromisso dele com o direito à informação, bem como poder traçar caminhos mais profícuos para a sua formação universitária. Nesse relatório são apresentados o desenvolvimento da pesquisa e os resultados parciais, visto que a última fase, a análise da mídia especializada sobre jornalismo, está em processo de desenvolvimento” (FIGARO, 2012).

Vale destacar que no corpo dessa pesquisa estão consolidados estudos anteriores realizados por Figaro, “Comunicação e Trabalho: as mudanças no mundo do trabalho nas empresas de comunicação”⁵⁷, entre 2006 e 2008. Processo 2005/00367-5 da FAPESP; Dissertação de mestrado intitulada “Comunicação e mundo do trabalho do jornalista: o perfil do jornalista de São Paulo a partir da reconfiguração dos processos produtivos da informação”, Cláudia do Carmo Nonato Lima, defendida em 2010, orientada por Fígaro; Dissertação de mestrado intitulada “Os discursos dos jornalistas *freelancers* sobre o trabalho: comunicação, mediação e recepção”, Rafael do Nascimento Grohmann, defendida em 2012, também orientada por Figaro.

4.2.1. Detalhes do recorte empírico e amostras das pesquisas do GPCT

Os detalhes e resultados das pesquisas empíricas realizadas pelo Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho da ECA-USP são apresentados por Figaro (2012). As pesquisas foram fundamentadas a partir do levantamento de dados quantitativos (aplicação de questionários de múltipla escolha fechados) e qualitativos (entrevistas e grupos focais).

As amostras de jornalistas participantes da fase quantitativa da pesquisa foram construídas a partir do critério de se abarcar a diversidade de vínculos empregatícios e de relações de trabalho dos jornalistas no Estado de São Paulo, encontrados por meio de diferentes critérios de busca. Para tanto, as amostras de profissionais consideradas foram:

- (i) O **grupo A**, que teve a participação de 30 profissionais jornalistas com até 40 anos de idade, de ambos os sexos, e trabalhando como *freelancers*, PJs e contratados pela CLT.

⁵⁷ Os dados quantitativos desta pesquisa são utilizados como dados secundários para as pesquisas “O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo. Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo” GPCT (2012) e, “Comunicação e mundo do trabalho do jornalista: o perfil do jornalista de São Paulo a partir da reconfiguração dos processos produtivos da informação” (LIMA, 2010).

Grupo formado na fase de pré-teste, para testar o questionário e a forma de acesso aos jornalistas;

- (ii) O **grupo B**, constituído por associados do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, o maior Sindicato da categoria no País (questionário aplicado em dezembro de 2009). A entidade disponibilizou uma relação de 4.876 associados. Foi optado pela exclusão dos aposentados e, verificou-se que cerca de 40% dos associados que estavam no cadastro não tinham email ou mesmo apresentavam alguns emails errados e/ou desatualizados o que pode ter prejudicado o acesso aos jornalistas e também o retorno da pesquisa. Após a utilização desses critérios, o total de 2.954 associados recebeu o convite *online* para participar da pesquisa em dois períodos, de 30 de novembro a 14 de dezembro de 2009, e de 15 a 21 de dezembro de 2009. O retorno foi de 13%, ou seja, 340 jornalistas responderam a pesquisa. Os profissionais exerciam, de acordo com as suas respostas ao questionário, as funções de assessor (de comunicação e imprensa), editor, subeditor, editor-chefe, repórter, *freelancer*, diretor, jornalista, empresário, coordenador, fotógrafo, redator, gerente, repórter cinematográfico e secretário.
- (iii) O **grupo C**, constituído de comunicadores empregados de uma empresa editorial, com vínculo empregatício fixo. Para ampliar a pesquisa, foram utilizados dados secundários da pesquisa *Comunicação e Trabalho: as mudanças no mundo do trabalho na comunicação*, feita pelo grupo Comunicação e Trabalho, da ECA-USP, entre 2006 e 2008. O questionário foi aplicado aos comunicadores da Editora, em 2007. Na época foi disponibilizada pela empresa uma relação com 738 funcionários-comunicadores, dos quais 142 responderam à pesquisa, ou seja, 19,2% da amostra. Dos 142 respondentes, 82 identificaram-se como jornalistas, ou seja, representando 11% do universo inicial de 738 funcionários, e 59% dos 142 comunicadores de onde se extraiu a amostra. Os jornalistas da empresa que responderam a pesquisa exerciam, na época, as funções de colunista, coordenador, diretor de redação, editor, estagiário, fotógrafo, gerente, jornalista, produtor, *publisher* e redator-chefe.
- (iv) O **grupo D**, formado por jornalistas *freelancers* da cidade de São Paulo. O questionário online foi enviado a 152 jornalistas *freelancers*. Os jornalistas respondentes foram incentivados a repassar o questionário a outros jornalistas *freelancers* que conheciam, seguindo a “técnica da bola-de-neve” ou *snowball* (BERNARD, 1996), na qual cada pesquisado indica os contatos que conhece, de modo a aplicar o questionário a eles e aos indicados destes também, e assim, sucessivamente. A técnica da bola-de-neve é muito indicada para casos em que a população está

dispersa, não-concentrada em um único ambiente, ou que é de difícil acesso. No total, houve retorno de 108 jornalistas, sendo que apenas 90 foram validados. Os que não foram validados apresentaram problemas como questionário incompleto e outro local de moradia que não a cidade de São Paulo.

Um resumo das amostras dos profissionais participantes da pesquisa na fase quantitativa *versus* o vínculo empregatício é indicado no Quadro 3.

QUADRO 3 – Identificação das amostras *versus* vínculo empregatício.

Ano de aplicação do questionário	Amostra	Seleção	Vínculo empregatício	Espaço de trabalho
2009	Grupo A (Pré-teste)	selecionados de maneira aleatória via rede social de contato	profissionais de diferentes vínculos empregatícios (<i>freelancer</i> , contrato, pessoa jurídica, cooperativado, etc)	trabalhando em diferentes mídias
2009	Grupo B (Sócios do Sindicato dos Jornalistas no Estado de S. Paulo)	dados fornecidos pelo sindicato	jornalistas com diferentes vínculos empregatícios e funções	trabalhando em diferentes mídias e locais
2007	Grupo C (Empresa Editorial)	selecionados a partir da função que exerciam na empresa	jornalistas empregados em empresa de comunicação	trabalhando em revistas dessa mesma empresa
2010	Grupo D (<i>Freelancers</i>)	a partir de redes de contatos de <i>freelancers</i> (“Freela.com.br” e “Clicfólio”) e pela técnica da bola-de-neve” ou <i>snowball</i> (BERNARD, 1996)	Jornalistas sem vínculo empregatício (<i>freelancers</i>)	trabalhando em diferentes mídias/empresas

Legenda:

Grupo A – *pré-teste* - jornalistas com diferentes vínculos empregatícios contatados via rede social - questionário 2;

Grupo B - jornalistas sócios do Sindicato receberam o instrumento de pesquisa via email disponibilizado pelo Sindicato;

Grupo C - jornalistas da empresa de comunicação receberam o questionário num mesmo período, por meio da intranet da empresa - questionário 1;

Grupo D - jornalistas *freelancers* da cidade de São Paulo receberam instrumento de pesquisa via rede social especializada.

Foram realizadas 20 entrevistas. Este número representa 5% da amostra da fase quantitativa, com isso tem-se representatividade social a partir da amostra. As entrevistas tiveram duração média de uma hora e constituem *corpus* com profundidade e extensão para corroborar o que afirma Gaskell (2007, p.71).“temas comuns começam a aparecer, e progressivamente sente-se uma confiança crescente na compreensão emergente do fenômeno”, daí a pertinência da quantidade de entrevistados. A transcrição de cada entrevista

foi feita palavra a palavra, sem adequações ou correções à sua estrutura morfosintática, embora não se tenha usado o sistema de codificação da expressividade da fala. As transcrições têm em torno de 20 a 25 páginas cada uma (FÍGARO, 2012).

As entrevistas foram feitas em casa, no local de trabalho e em locais alternativos, como cafés e padarias. O roteiro de perguntas abertas teve por objetivo o relato da experiência profissional do indivíduo, além do conhecimento do seu ponto de vista sobre o próprio mundo do trabalho (LIMA, 2010).

As composições das amostras nas fases quantitativa e qualitativa da pesquisa são mostradas no Quadro 4. Para as entrevistas da fase qualitativa, foram escolhidos jornalistas apenas residentes na cidade de São Paulo, cujos perfís são descritos no Quadro 5.

QUADRO 4 – Composição das amostras nas fases quantitativa e qualitativa da pesquisa.

Composição das amostras da pesquisa	Fase quantitativa		Fase qualitativa
	Amostra	Consolidada	Seleção*
Grupo A - Jornalistas captados por redes sociais (pré-teste)	30(**)	26 – 86%	2 (7,6%)
Grupo B – Sindicato dos Jornalistas do Estado de SP	2954	340 – 13%	9 (5%)
Grupo C - Empresa Editorial	738/142(***)	82 – 11/59%	4 (4,8%)
Grupo D - Jornalistas <i>Freelancers</i> da cidade de SP	152 (****)	90 – 59%	5 (5,5%)
Total	3278	538 – 16,41%	20 (5,2%)

Fonte: (FIGARO, 2012, p.24)

Notas:

(*) A seleção para os entrevistados considerou apenas jornalistas da grande São Paulo.

(**)30 jornalistas que se ofereceram para participar da pesquisa.

(***)738 comunicadores da amostra, 142 responderam à pesquisa, das quais 82 são jornalistas.

(****) 152 jornalistas da amostra inicial, pois não há como prever a totalidade de formulários enviados a partir da “técnica da bola-de-neve”.

QUADRO 5 – Perfil dos jornalistas selecionados para as entrevistas da fase qualitativa.

Perfil dos profissionais selecionados para a entrevista⁵⁸
Grupo E1 (selecionados a partir da amostra do grupo A)
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Cecília</i> – 30 anos; mulher; solteira; branca; <i>freelancer</i> e carteira assinada; portal internet educação. 2. <i>Fabiana</i> – 29 anos; mulher; solteira, branca, <i>home office</i>, pessoa jurídica.
Grupo E2 (selecionados a partir da amostra do grupo B)
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Mariana</i> – 29 anos; mulher; branca; casada; mestrado; redação (jornal); carteira assinada. 2. <i>Milena</i> – 31 anos; mulher; branca; solteira; especialização; redação (TV); carteira assinada. 3. <i>Marilene</i> – 46 anos; mulher; branca; separada; superior completo; assessora sindical; PJ. 4. <i>Armando</i> – 32 anos; homem; branco; casado; especialização; assessoria; vínculo (funcionário concursado). 5. <i>Luis</i> – 40 anos; homem; branco; solteiro; especialização; redação (revista); vínculo pessoa jurídica. 6. <i>Nilson</i> – 62 anos; homem; negro; casado; superior completo; redação (revista); freelancer. 7. João – 36 anos; homem; branco; solteiro; superior completo; redação (editor Internet); carteira assinada. 8. <i>Victor</i> – 43 anos; homem; branco; solteiro; superior completo; assessoria; pessoa jurídica. 9. <i>Aguinaldo</i> – 47 anos; homem; branco; separado; especialização; redação (Internet); <i>freelancer</i>; colunista de revista digital; assessor de vereador.
Grupo E3 (selecionados a partir da amostra do grupo C)
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Antonio</i> – 55 anos; homem; separado; especialização; direção de redação; revista. 2. <i>Maria</i> – 37 anos; mulher; casada; mestrado; editor; revista. 3. <i>Fernando</i> – 23 anos; homem; solteiro; superior completo; editor assistente revista digital. 4. <i>Bárbara</i> – 27 anos; mulher; casada; especialização; editora revista.
Grupo E4 (selecionados a partir da amostra do grupo D)
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Ciro</i> – 41 anos; branco; casado; mestrado; freelancer tempo integral ; revista. 2. <i>Nélson</i> – 29 anos; pardo; solteiro; Internet; freelancer fixo editora. 3. <i>Nice</i> – 34 anos; branca; casada; especialização; Internet; outro. 4. <i>Aline</i> – 27 anos; branca; separada; superior completo; freelancer revista; 5. <i>Ana</i> – 22 anos; parda; casada; superior incompleto; <i>freelancer</i> em tempo integral, para vários lugares.

Fonte: (FIGARO, 2012)

Finalmente, para a fase qualitativa da pesquisa foram compostos dois grupos focais. As reuniões dos grupos focais foram realizadas no ano de 2011, organizadas por pesquisadores integrantes do GPCT da ECA-USP. O primeiro grupo focal (**F1**) foi composto por oito jornalistas, selecionados a partir da amostra de profissionais sindicalizados (grupo B) que responderam ao questionário da fase quantitativa. O segundo grupo focal (**F2**) foi

⁵⁸ Os nomes dos entrevistados são de fantasia. Recorre-se a este artifício para resguardar a confiança que os entrevistados depositaram na pesquisa.

montado com 12 jornalistas, selecionados a partir da amostra dos jornalistas *freelancers* (grupo D) que responderam ao questionário da fase quantitativa (FIGARO, 2012).

Os roteiros de discussão propostos para os dois grupos focais tiveram em comum os seguintes tópicos: introdução (explicação sobre os procedimentos da pesquisa e apresentação dos participantes); o que é ser jornalista; a percepção sobre as mudanças no jornalismo; direito à informação e ética profissional; dinâmica para captar a recepção dos participantes sobre a representação do jornalista na mídia. O instrumento escolhido para a dinâmica do primeiro grupo focal foi a apresentação de cena de 18/08/2011, da telenovela *Insensato Coração*, da emissora Rede Globo de Televisão, com o personagem do jornalista Kléber; encerramento (agradecimentos aos participantes). O instrumento escolhido para o segundo grupo focal, aplicado ao grupo dos *freelancers*, teve de específico o tópico com dinâmica para captar a recepção a partir de notícia do dia em portal da internet, vídeo com escalada do *Jornal Nacional* do dia anterior e caderno da folha ilustrada (impresa). As discussões foram gravadas em áudio e vídeo e depois transcritas.

Temos assim quatro amostras que compõem diferentes recortes de profissionais jornalistas do Estado de São Paulo: o **grupo A**, de jornalistas com diferentes vínculos empregatícios, contatados por meio de rede social (amostra pré-teste do questionário de pesquisa que seria utilizado nas pesquisas posteriores com os outros grupos e que foi incorporada às análises); o **grupo B**, de associados do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo; o **grupo C**, de profissionais de uma empresa de comunicação, com vínculo fixo e; o **grupo D**, de jornalistas *freelancers*, contatados por meio de rede social. Todos os participantes das amostras são jornalistas; o diferencial está na diversidade de vínculos empregatícios, pontos necessários para retratarmos o mundo do trabalho dos jornalistas hoje.

4.2.2. Sumarização dos resultados obtidos na fase quantitativa da pesquisa.

A pesquisa mostrou⁵⁹ que com relação ao gênero, apenas o **grupo B** (associados do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo) apresentou um percentual maior (57%) de jornalistas do sexo masculino. Nos outros grupos o perfil feminino predominou, em concordância com os dados divulgados pela RAIS e pela FENAJ. Um provável motivo pode ser por causa de a faixa etária dos jornalistas sindicalizados participantes ser mais elevada do

⁵⁹ Pesquisa “*O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo. Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo, (2009-2012)*”. Relatório Parcial da Pesquisa - Processo 2009/53783-7” (Figaro, 2012).

que as demais amostras consideradas. Na FIG. 4 são apresentados os perfis de gênero (sexo) dos grupos estudados.

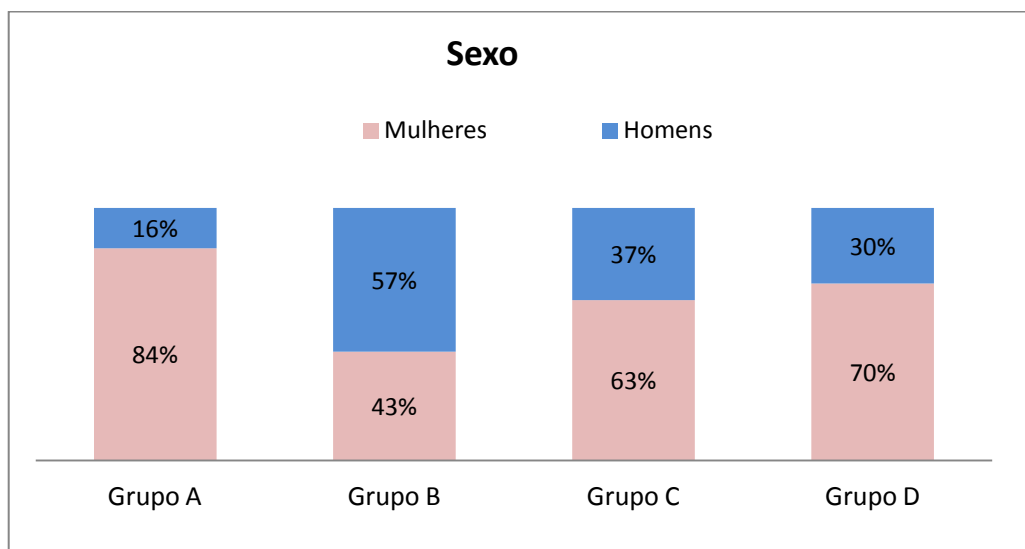


Figura 4 - Caracterização em gênero dos jornalistas da pesquisa “*O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7*”, São Paulo, 2012.

A maioria dos jornalistas (64%) do **grupo B** (sindicalizados) e (56%) do **grupo C** (da empresa editorial) eram da faixa etária acima de 35/40 anos, o que coincide com os dados que afirmam que os profissionais mais estáveis, com vínculo e/ou registro em carteira, são os mais velhos de profissão e casados. A maioria dos jornalistas dos **grupos A** (rede social) e **D** (*freelancers*) são mais jovens, com menos de 30 anos. Adicionalmente, nestes grupos, a maioria é solteira. Nas FIG. 5 e 6 são ilustrados os perfis da faixa etária e do estado civil dos comunicadores entrevistados.

A maioria dos jornalistas, nos quatro grupos, teve a sua formação universitária em faculdade particular. Com relação ao tempo desde a formação do profissional, a maioria dos sindicalizados está formada há mais de dez anos, enquanto que nos grupos das redes sociais e dos *freelancers*, a maioria se formou há, no máximo, dez anos. Entre os jornalistas do **grupo A**, a maioria (73,7%) se formou há, no máximo, cinco anos. Estes perfis são mostrados nas FIG.7 e 8.

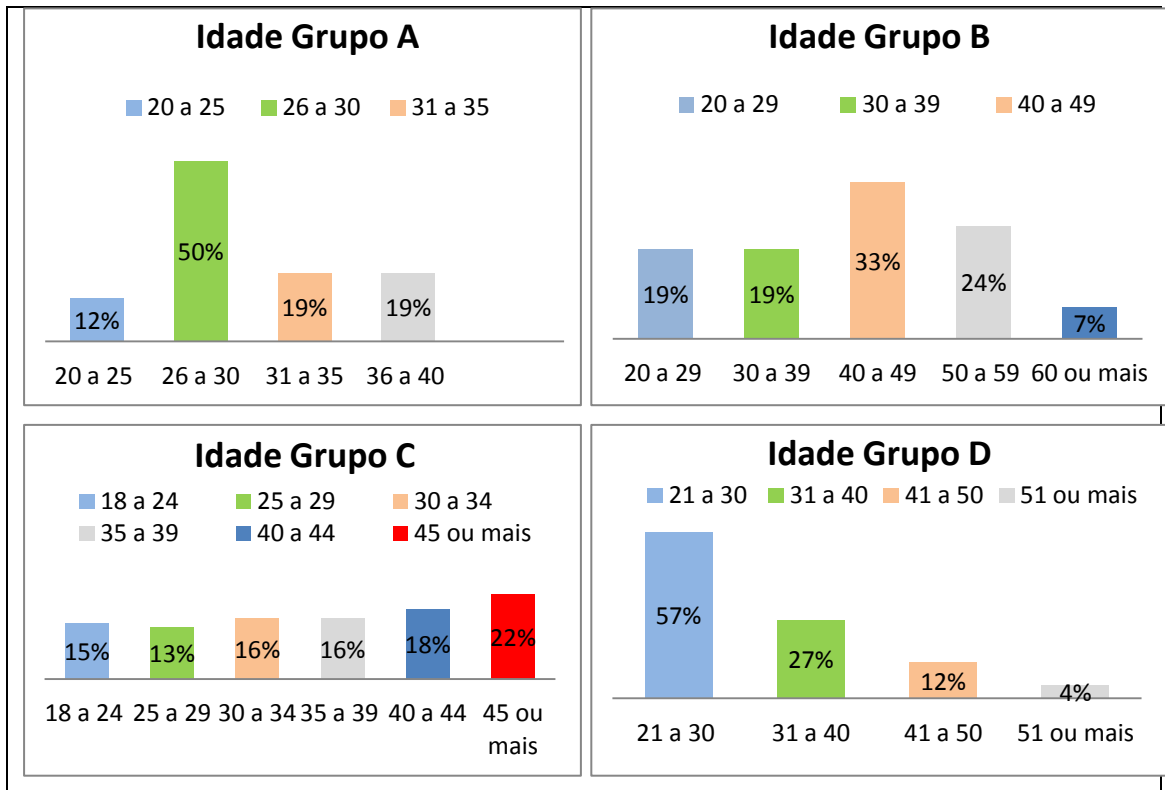


Figura 5 – Caracterização do perfil de idade dos jornalistas da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

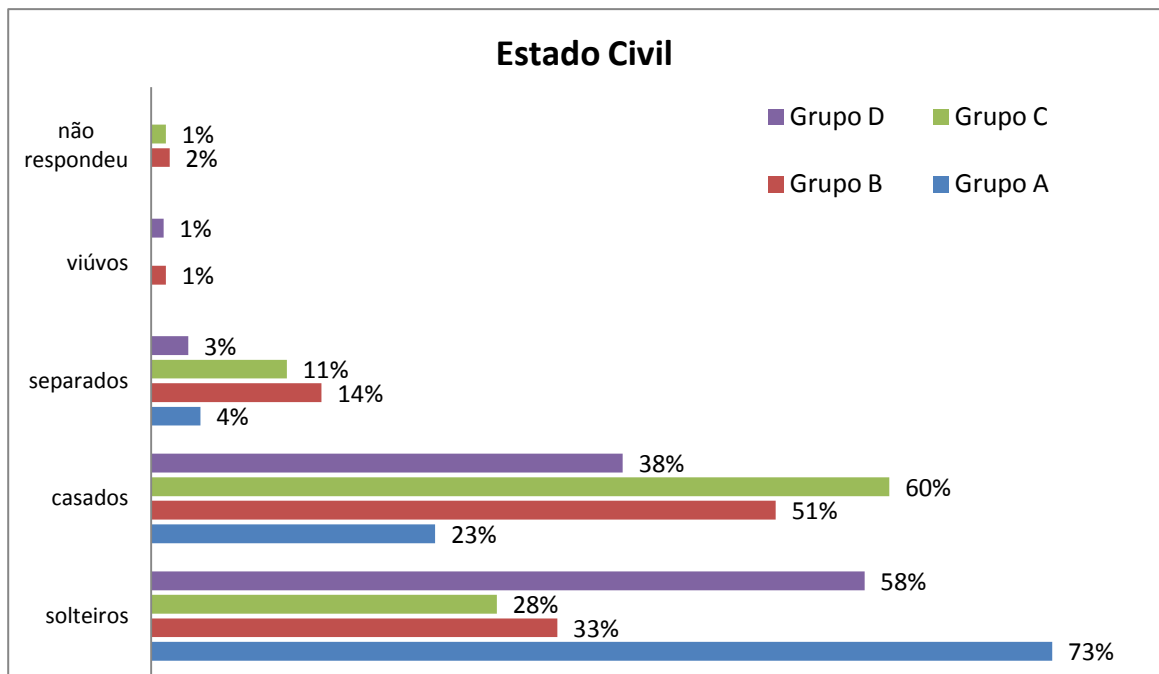


Figura 6 – Caracterização do estado civil dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

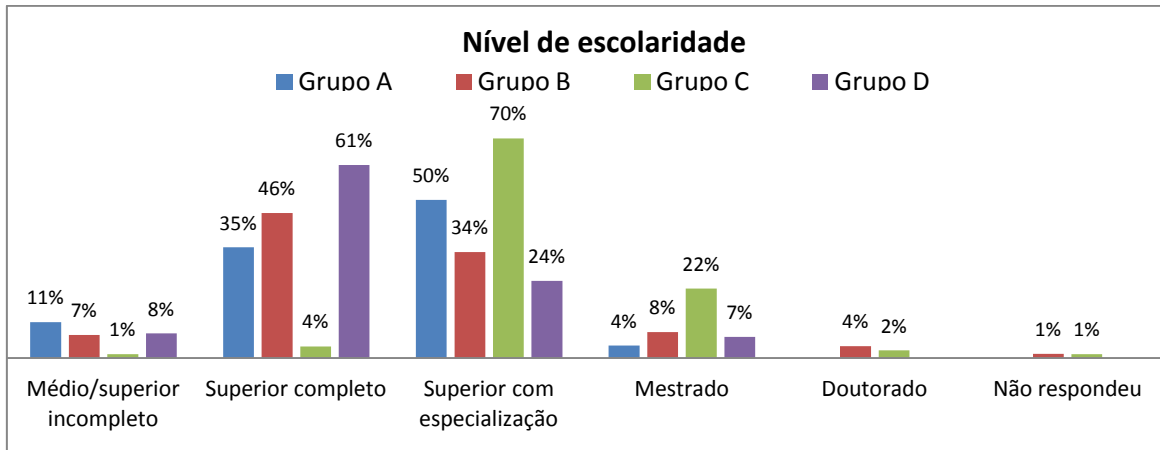


Figura 7 – Caracterização do nível de escolaridade dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

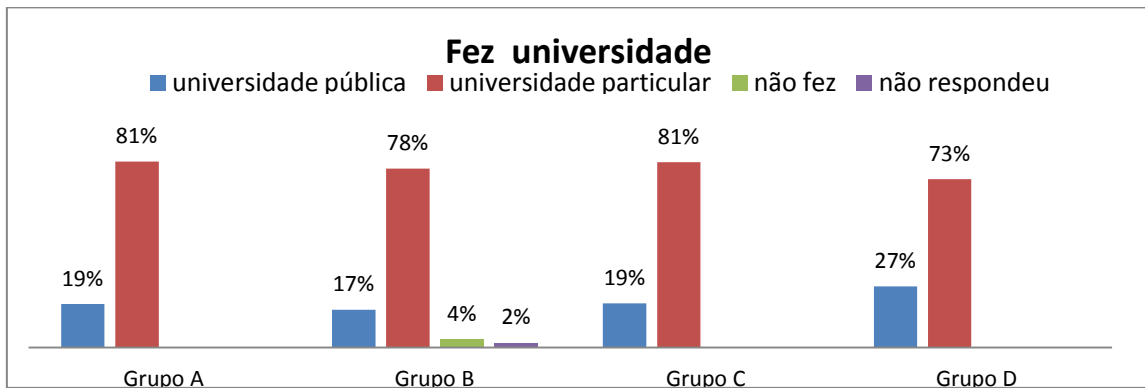


Figura 8 – Categoria da universidade cursada pelos profissionais jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

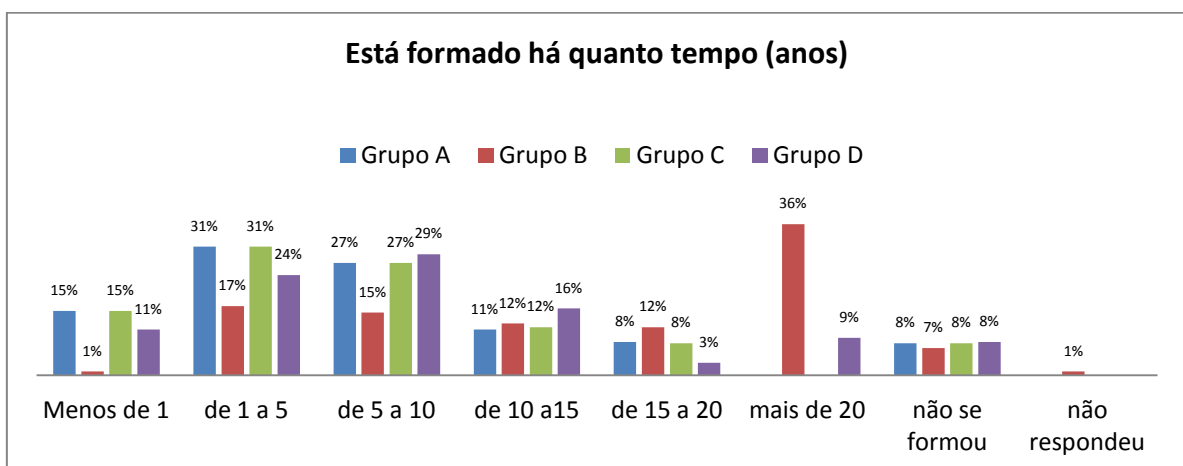


Figura 9 – Tempo desde a formatura dos profissionais jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

A maioria dos jornalistas dos **grupos A e C** informou ter uma carga horária de trabalho de dez horas por dia, enquanto os grupos dos sindicalizados e dos *freelancers* a carga horária trabalhada é de oito horas por dia. A faixa salarial mais abrangente (33,5%) entre os profissionais sindicalizados, do **grupo B** foi de dois a quatro mil reais por mês (LIMA, 2010). Entretanto esta faixa foi tabulada dentro de uma faixa mais ampla, de dois a seis mil reais, na elaboração do gráfico. Não foram relacionados os salários referentes aos jornalistas do Grupo C, uma vez que a Editora não autorizou a aplicação da questão referente a salários aos entrevistados.

Todos os grupos de entrevistados acham que a profissão de jornalista mudou muito nos últimos anos, devido à introdução de novas tecnologias. Quanto à atividade exercida, todos também afirmam que mudou, principalmente com relação às tecnologias (**grupos B e D**) e no processo e organização do trabalho (**grupo C**). Coincide também a opinião de que tais mudanças resultaram em aumento do ritmo de trabalho (**grupos C e B**), além da redução da mão de obra (**grupo B**) e aumento da produtividade (**grupo C**). Os perfis acima descritos são mostrados nas FIG. 10 a 15.

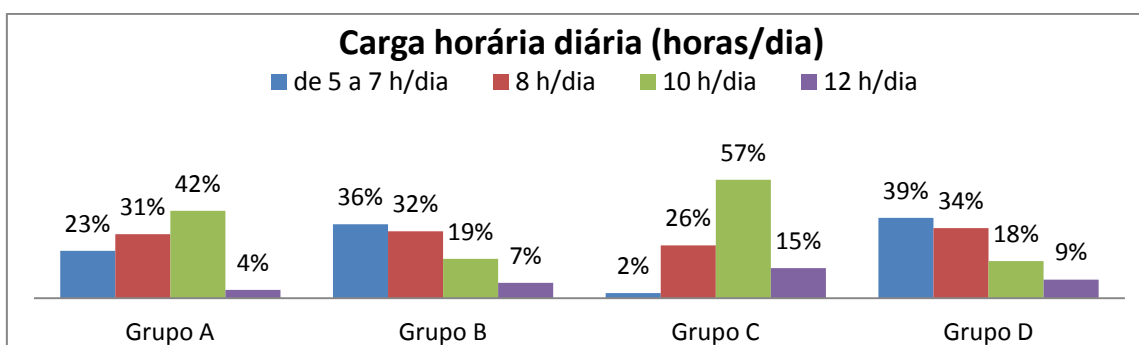


Figura 10 – Carga horária diária dos jornalistas entrevistados da pesquisa “*O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7*”, São Paulo, 2012.

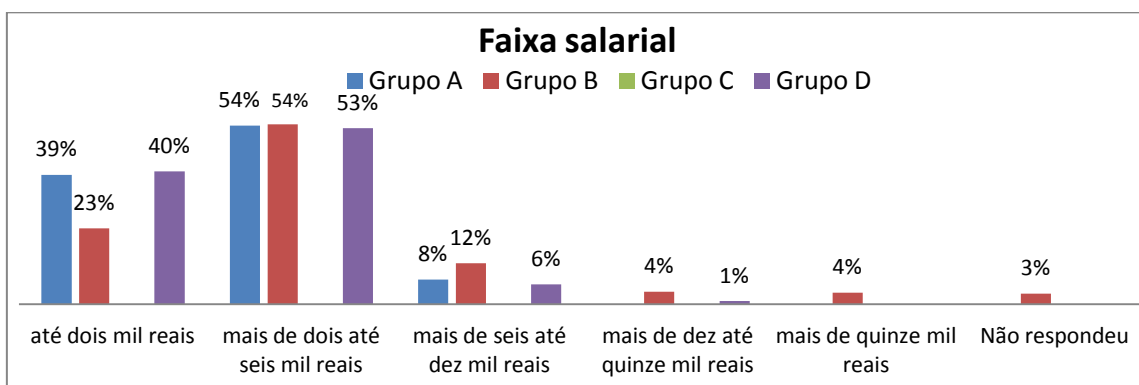


Figura 11 – Faixa salarial dos profissionais jornalistas entrevistados da pesquisa “*O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7*”, São Paulo, 2012.

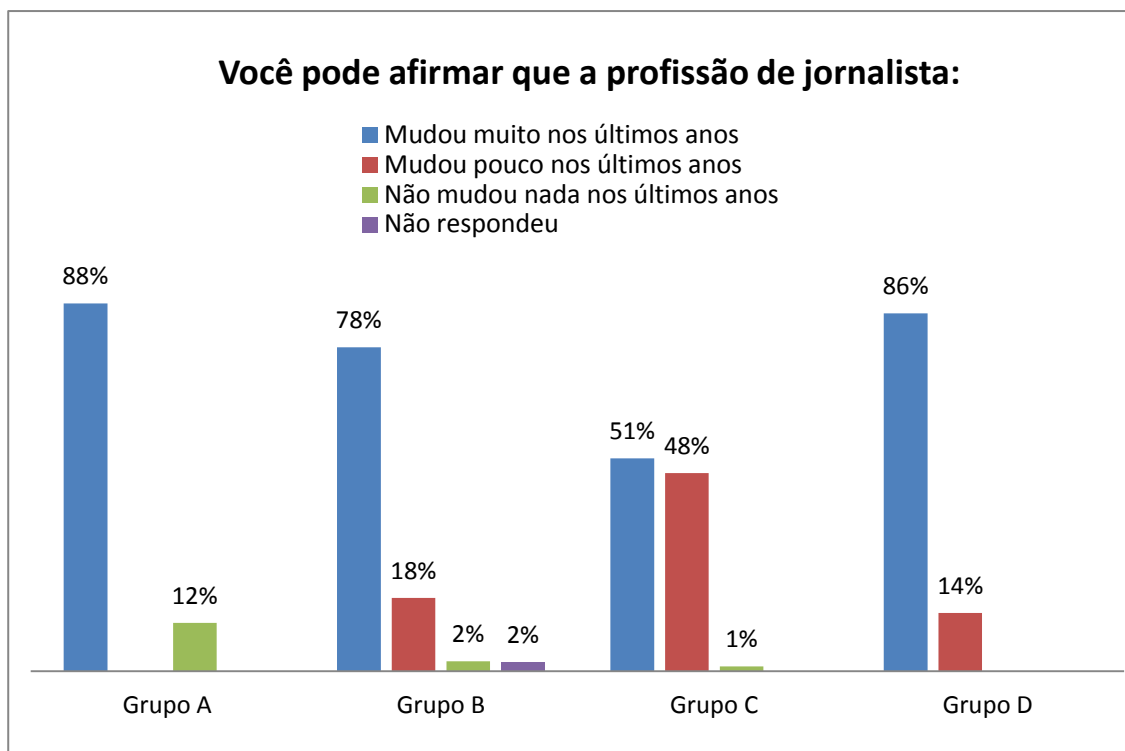


Figura 12 – Afirmativas sobre a profissão dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

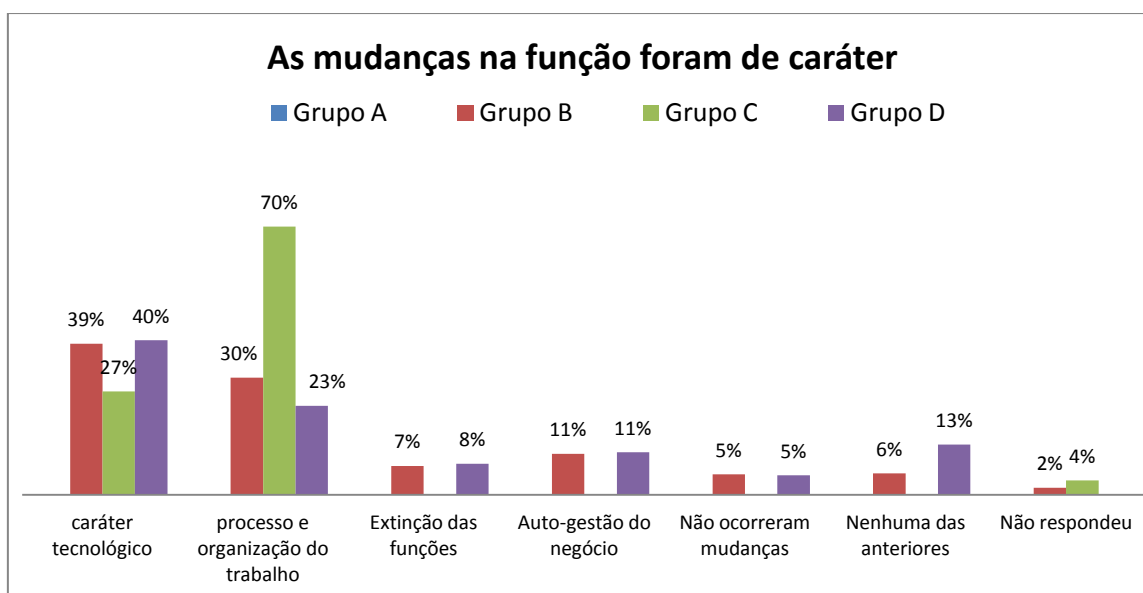


Figura 13 – Caráter das mudanças nas funções dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

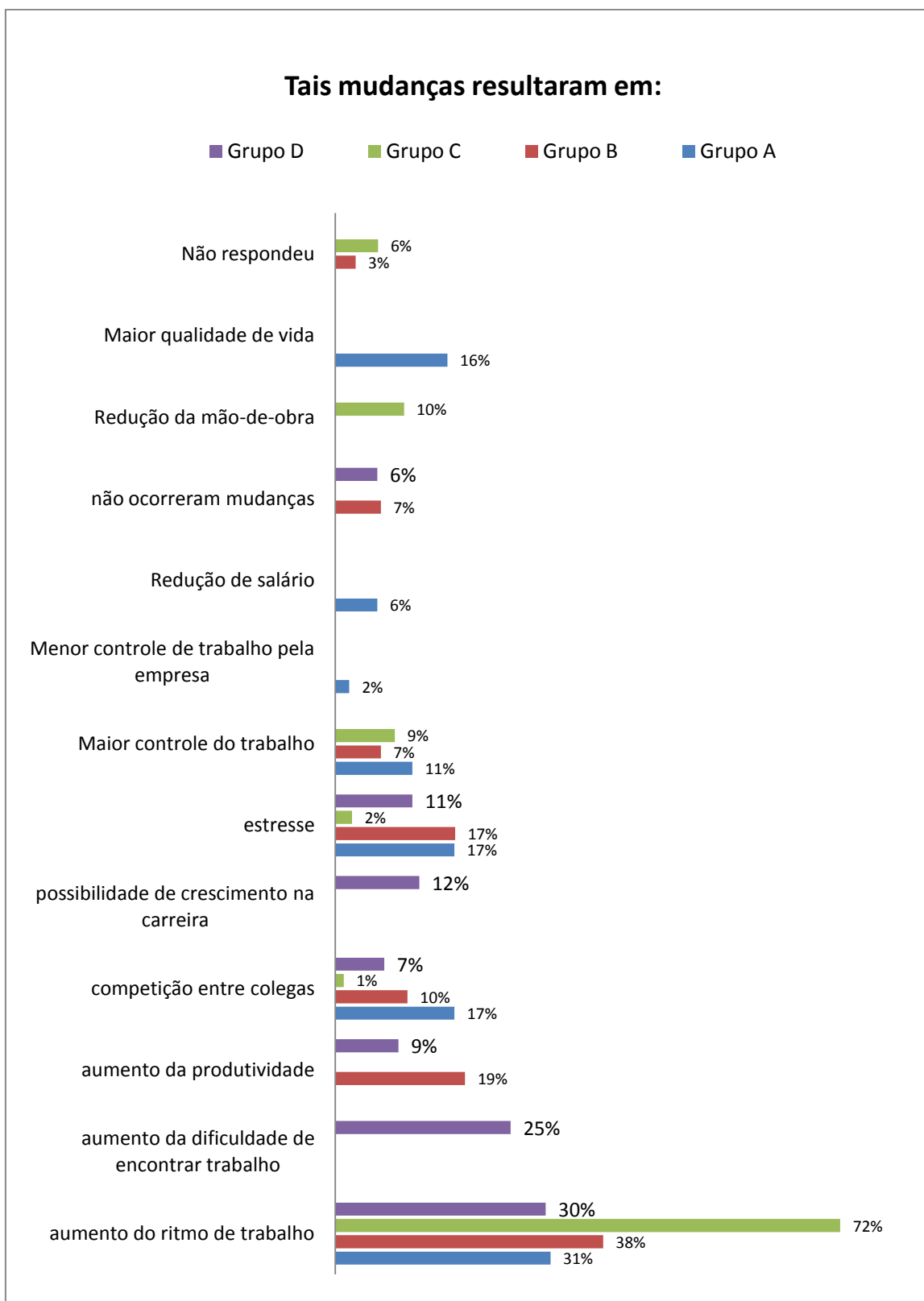


Figura 14 – Efeitos resultantes das mudanças nas funções dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

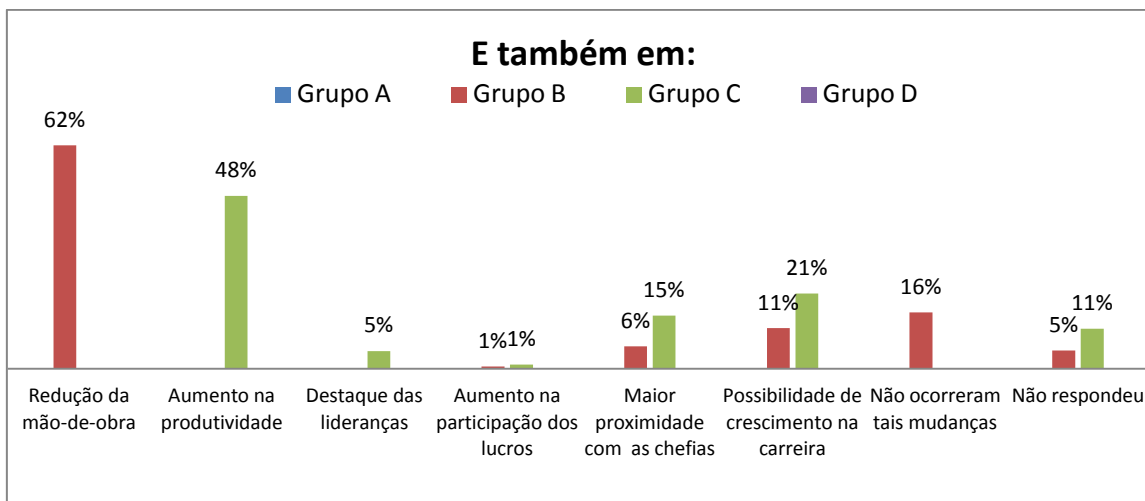


Figura 15 – Efeitos resultantes adicionais das mudanças nas funções dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

A maioria trabalha com equipes de trabalho pequenas e o trabalho ocorre em ritmo acelerado, conforme indicações das FIG. 16 e 17. A FIG. 18 retrata os tipos de vínculo empregatício, sendo que o **grupo C** registra 100% de registros em carteira devido ao regime adotado na Empresa editorial, em seguida aparecem para os **grupos D** e **A**, respectivamente, as modalidades de *freelancer* em tempo integral e *freelancer* fixo, corroborando a predominância da flexibilização do contrato de trabalho. Entre os pesquisados dos **grupos A e D**, há muitos jornalistas trabalhando em casa, sozinhos, como indicação da FIG. 19. Talvez por esse motivo os do **grupo A** sintam falta de equipamentos técnicos atualizados; já os da editora (**grupo C**) sentem falta de conhecimentos de outras áreas afins, enquanto os *freelancers* do **grupo D** sentem falta de outros conhecimentos afins à área de jornalismo, como indicações da FIG. 20. Os jornalistas dos quatro grupos se consideram atualizados, como indicado na FIG. 21.

Os jornalistas do **grupo A** afirmaram conseguir planejar-se para o curto prazo, enquanto os profissionais sindicalizados e os da Editora conseguem se planejar a médio prazo, como indicação da FIG. 22. No entanto, os *freelancers* (**grupo D**) não têm conseguido se planejar, por causa da “demanda flexível”.

Os jornalistas do **grupo A** acham que a captação de novos clientes influencia no seu trabalho; os demais acham que é a receita publicitária o fator de maior influência sobre seu trabalho, conforme indicação da FIG. 23. Chama a atenção, portanto, que o caráter de negócio incide no fazer jornalístico tanto dos que têm vínculo mais estável quanto dos que são *freelancers*. Com relação ao papel dos meios de comunicação, como pode ser visto na FIG.

24, as opiniões se dividem: o **grupo C**, da empresa, pensa que o meio de comunicação é o negócio mais promissor do mundo globalizado e um negócio como outro qualquer; os do **grupo A** se dividem entre um instrumento de fazer política, cultura e educação e um negócio como outro qualquer. Os **grupos B e D** consideram os meios de comunicação como um instrumento de informação, cultura e educação.

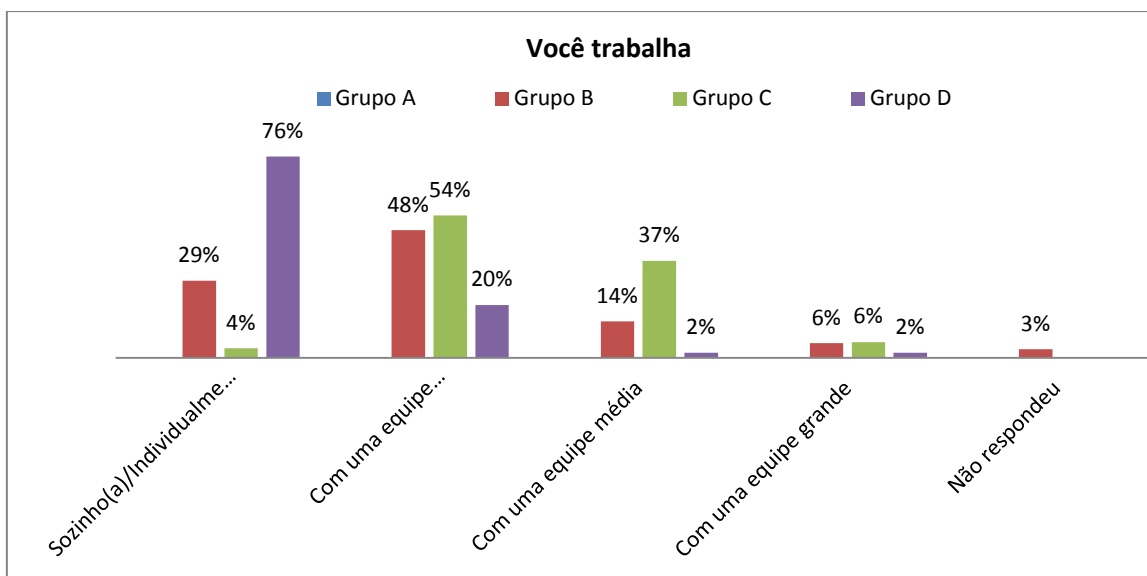


Figura 16 – Forma de execução do trabalho normalmente praticado pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

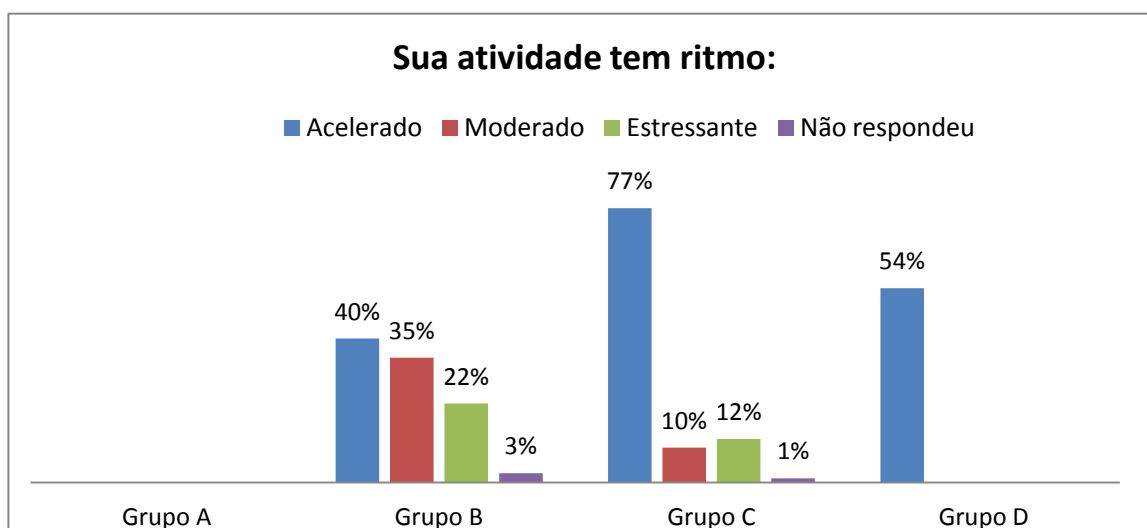


Figura 17 – Ritmo das atividades dos profissionais jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

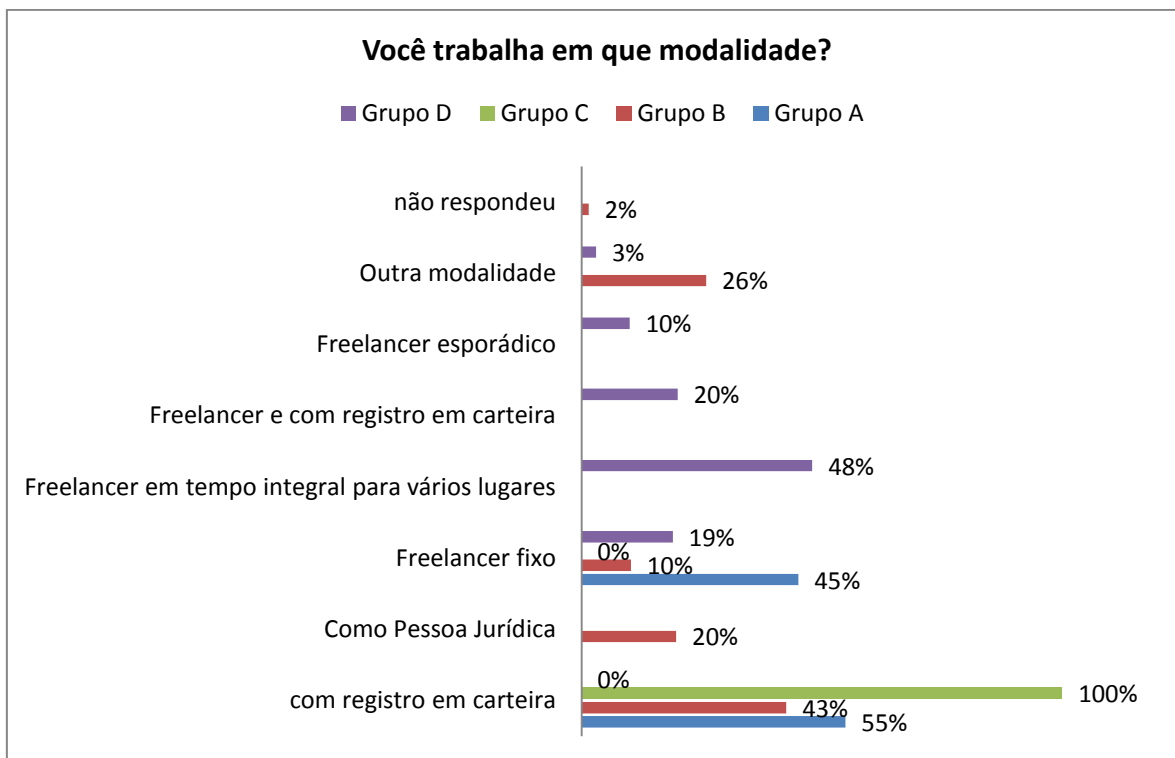


Figura 18 – Tipo de vínculo empregatício dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

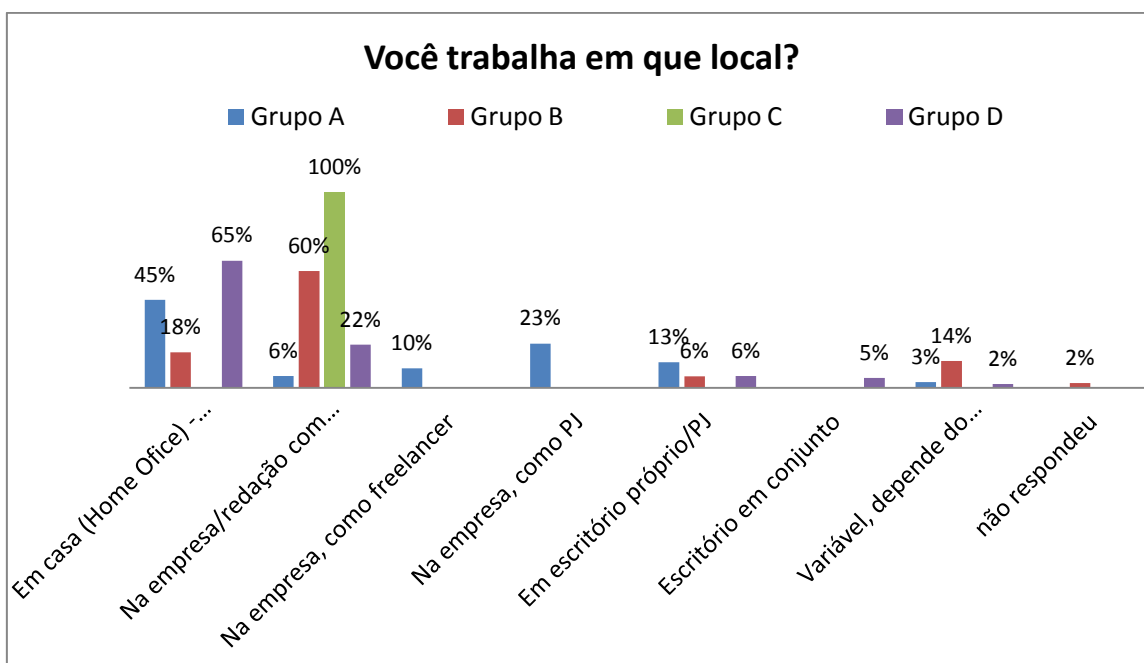


Figura 19 – Local de trabalho dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

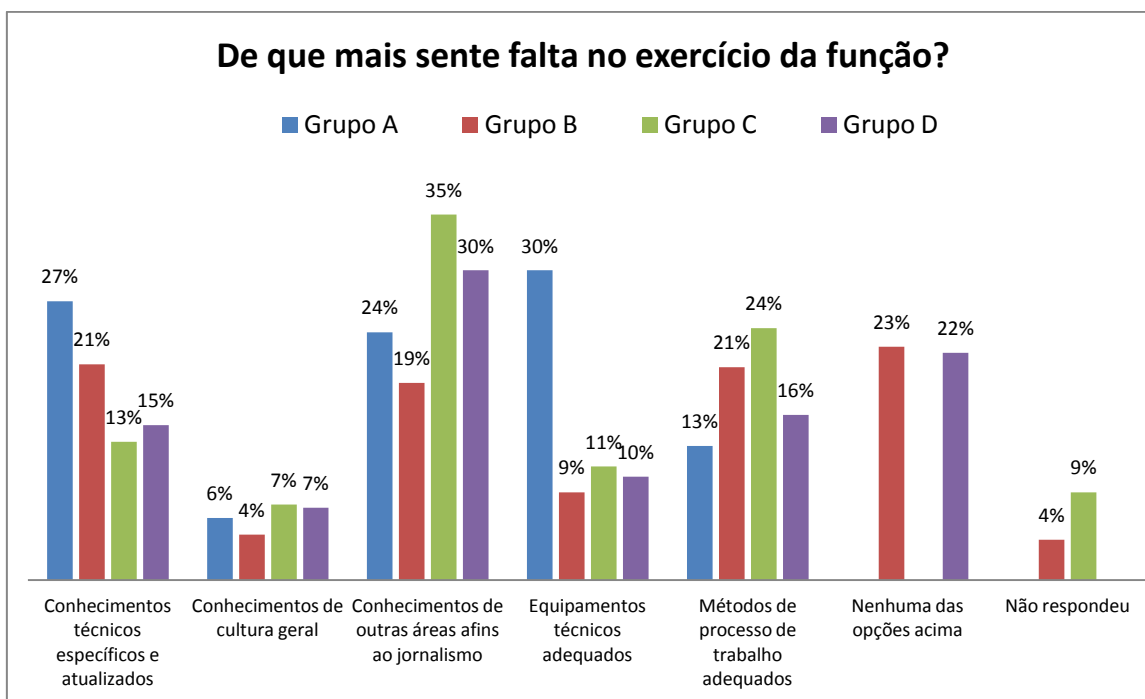


Figura 20 – Maiores anseios/necessidades no exercício da profissão dos jornalistas entrevistados da pesquisa “*O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7*”, São Paulo, 2012.

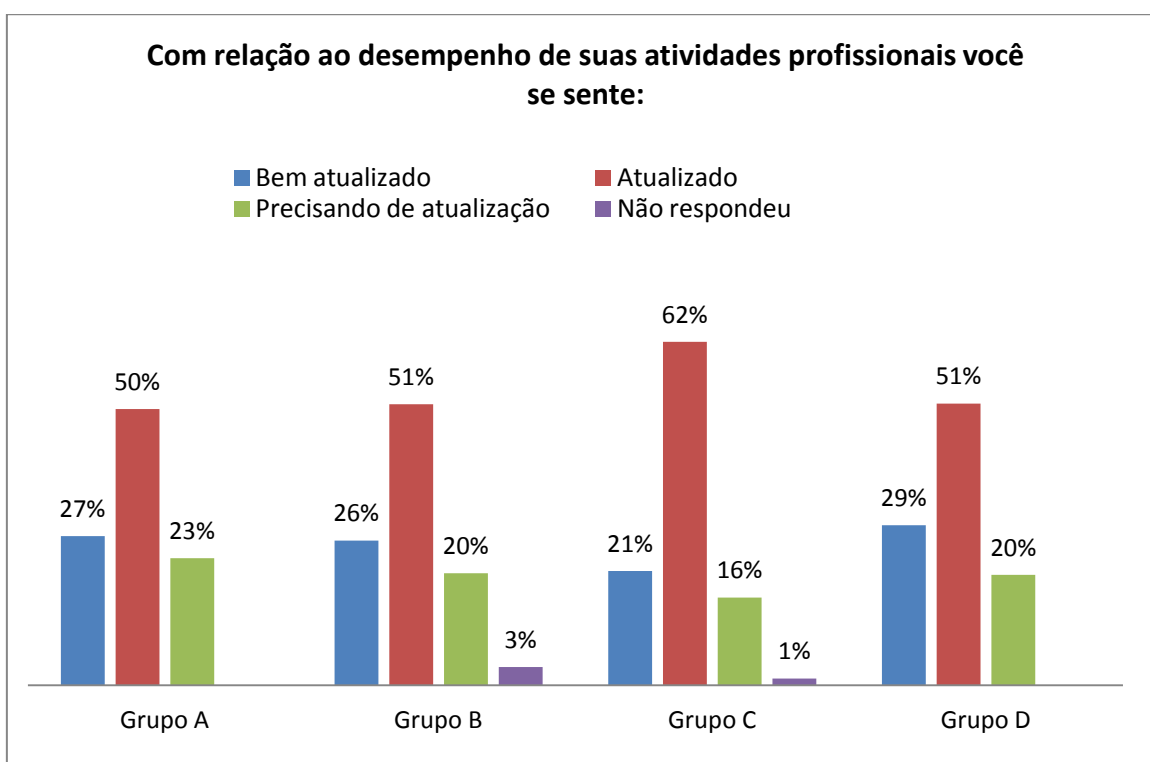


Figura 21 – Sentimento quanto ao seu preparo para o desempenho profissional dos jornalistas entrevistados da pesquisa “*O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7*”, São Paulo, 2012.

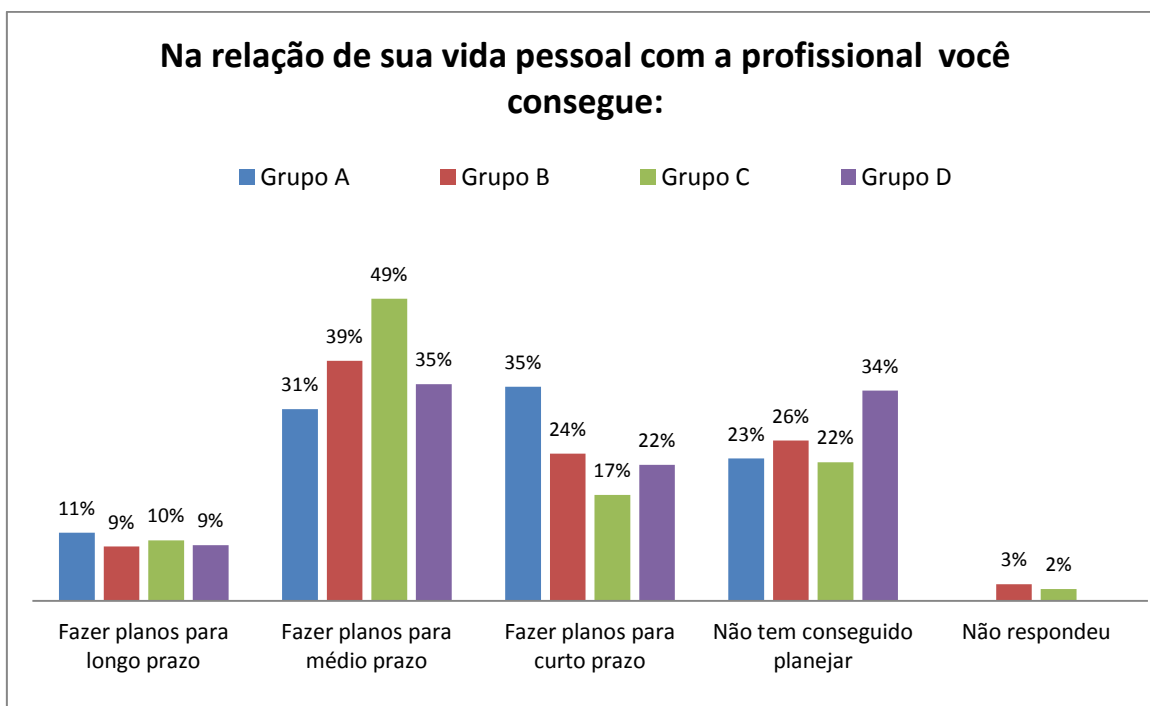


Figura 22 – Capacidade para planejamento na relação da vida pessoal com a profissional dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

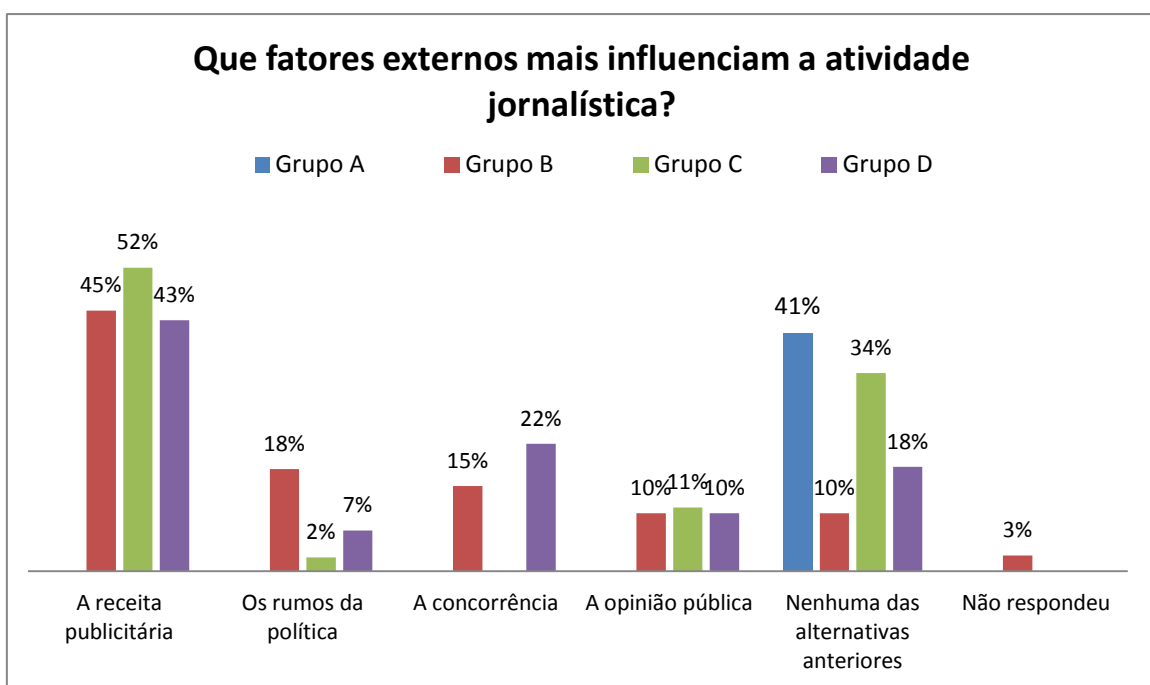


Figura 23 – Fatores externos que mais influenciam na atividade profissional dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

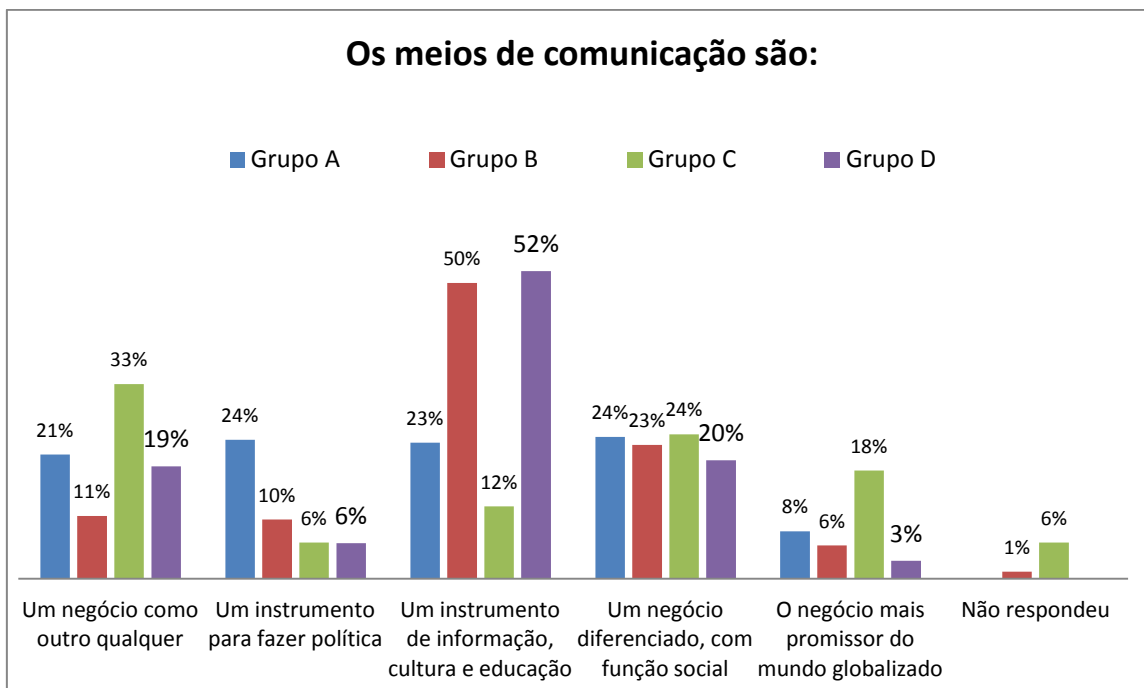


Figura 24 – O que são os meios de comunicação na opinião do jornalista entrevistados da pesquisa “*O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7*”, São Paulo, 2012.

Os jornalistas dos **grupos B e D** (sindicalizados e *freelancers*), únicos a responder estas questões, concordam que a profissão de jornalista está sendo precarizada ao longo do tempo, e para eles, esta situação tende a aumentar nos próximos anos. As causas informadas são as mudanças no mundo do trabalho (**grupo B**) e para as empresas pagarem salários menores (**grupo D**). As FIG. 25 e 26 retratam estas opiniões.



Figura 25 – Causas da precarização do trabalho na opinião dos jornalistas entrevistados da pesquisa “*O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7*”, São Paulo, 2012.

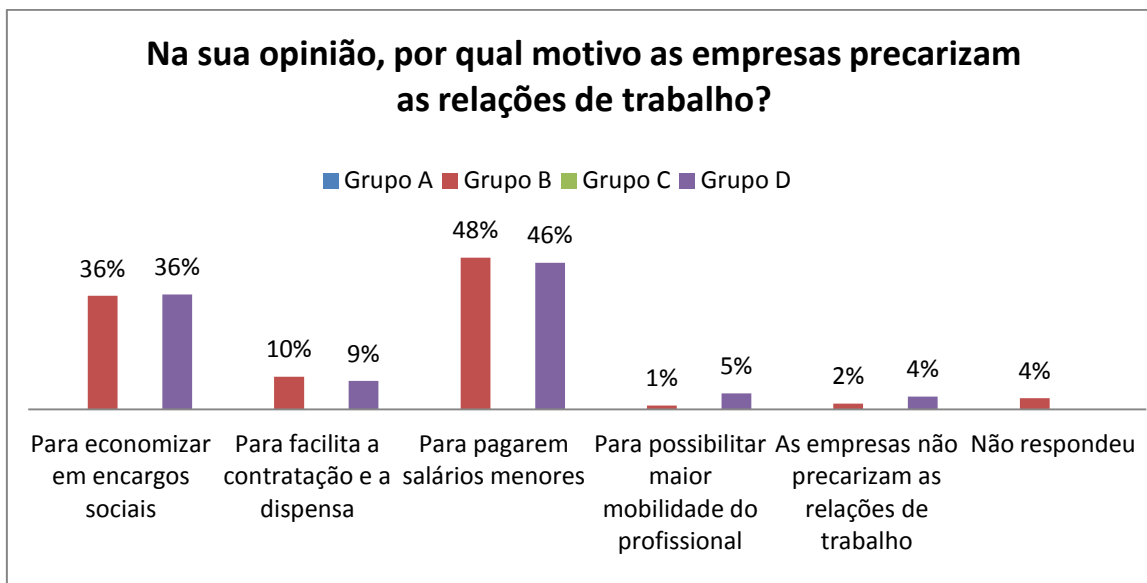


Figura 26 – Motivos da precarização das relações de trabalho pelas empresas, conforme opinião dos dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

Quanto a que tipo de informação o cidadão comum deseja, há divergências entre os grupos, como pode ser visto na FIG. 27. Para o **grupo A**, o cidadão comum deseja informação e emoção; para o **grupo B**, o cidadão deseja informação com uma versão bem clara, enquanto para o **grupo D**, ele deseja informação a partir dos vários pontos de vista. O **grupo C** não respondeu a essa questão porque a empresa não permitiu que ela constasse do questionário. Todos os quatro grupos, ao serem perguntados sobre o que ele, jornalista, quer como informação, a resposta é informação a partir de vários pontos de vista, como mostrado na FIG. 28.

Pelas respostas, sumarizadas na FIG. 29, apenas os profissionais do **grupo B** veem a informação como um direito do cidadão; os demais a consideram como produto fundamental na sociedade. Todos são unânimes em afirmar que as pessoas podem tomar decisões a partir do que é publicado nos meios de comunicação, ou seja, são conscientes do poder que têm em mãos. No entanto, apesar desta opção ter sido escolhida pela maioria, trata-se de uma maioria apertada em todos os grupos.

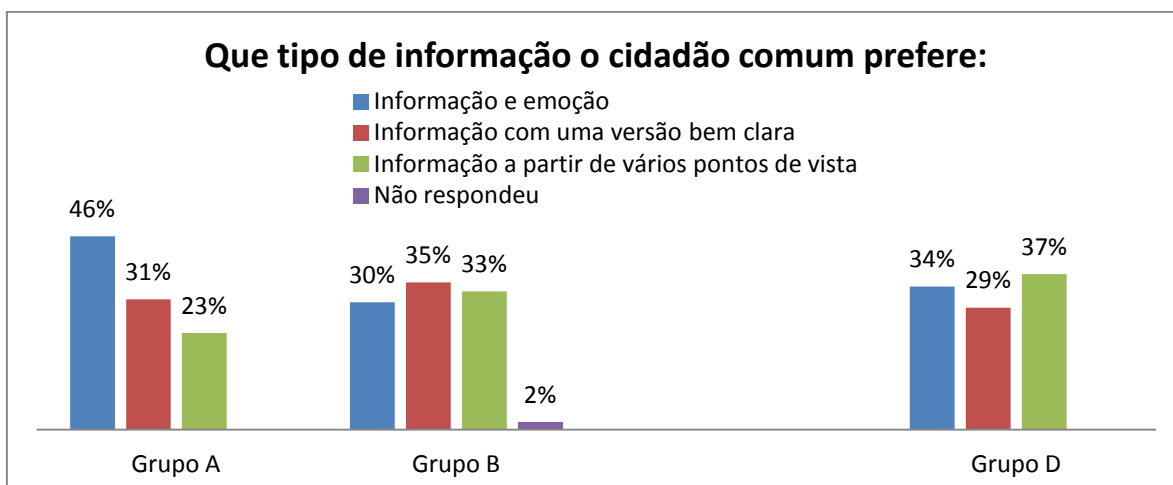


Figura 27 – Que tipo de informação o cidadão comum prefere, na opinião dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

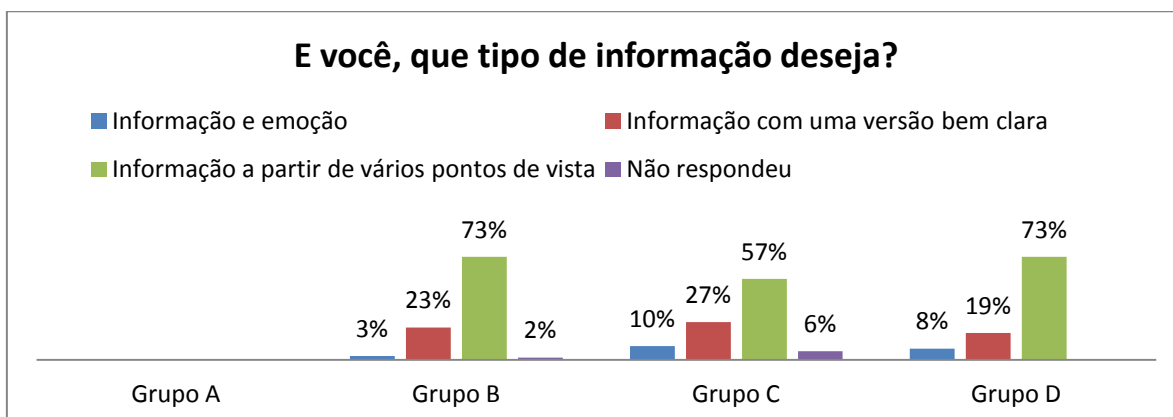


Figura 28 – E que tipo de informação preferem os jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

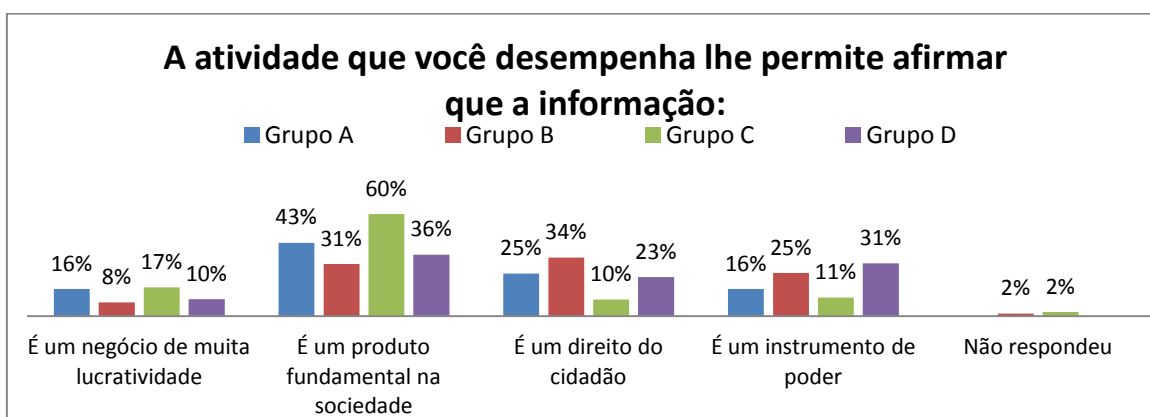


Figura 29 – O que é a informação na opinião dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

De acordo com Figaro (2012), a maioria dos jornalistas respondentes lê jornais todos os dias; no entanto, quem menos os lê são os *freelancers* (53% leem todos os dias pela internet, enquanto os sindicalizados nesta mesma posição são 79%, como pode ser visto na FIG. 30). Os jornais favoritos, como mostrado na FIG. 31, são *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. A maioria dos jornalistas dos **grupos A, B e D** veem revistas apenas às vezes, enquanto que respectivamente, 24% e 29% dos jornalistas dos **grupos B e D** veem revistas todos os dias; a revista *Veja* é a primeira nos três primeiros grupos, enquanto a *Época* é líder entre os *freelancers*, como mostrado nas FIG. 32 e 33. A revista *Quatro Rodas* aparece como aquela de entretenimento (FIG. 34) favorita entre os jornalistas do **grupo B**, enquanto a revista *Rolling Stone* é a preferida do **grupo D**.

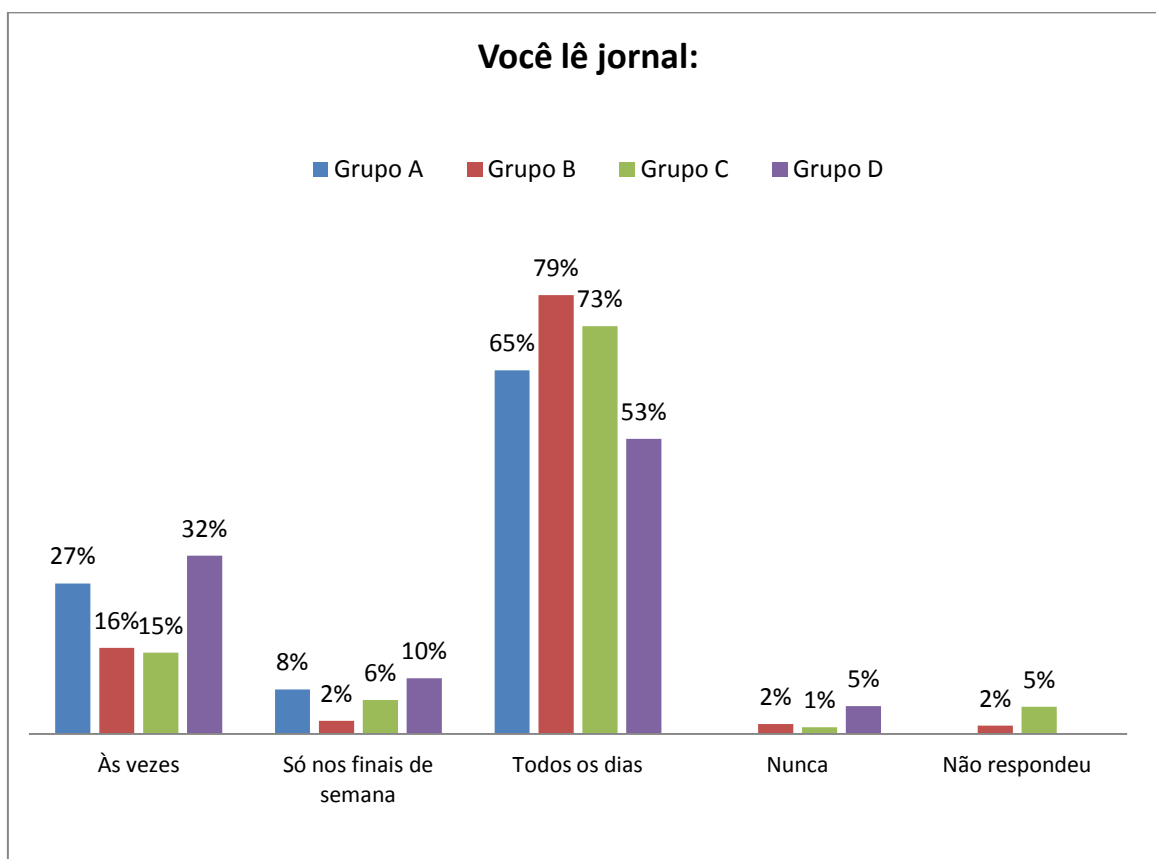


Figura 30 – Periodicidade de leitura da jornal pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

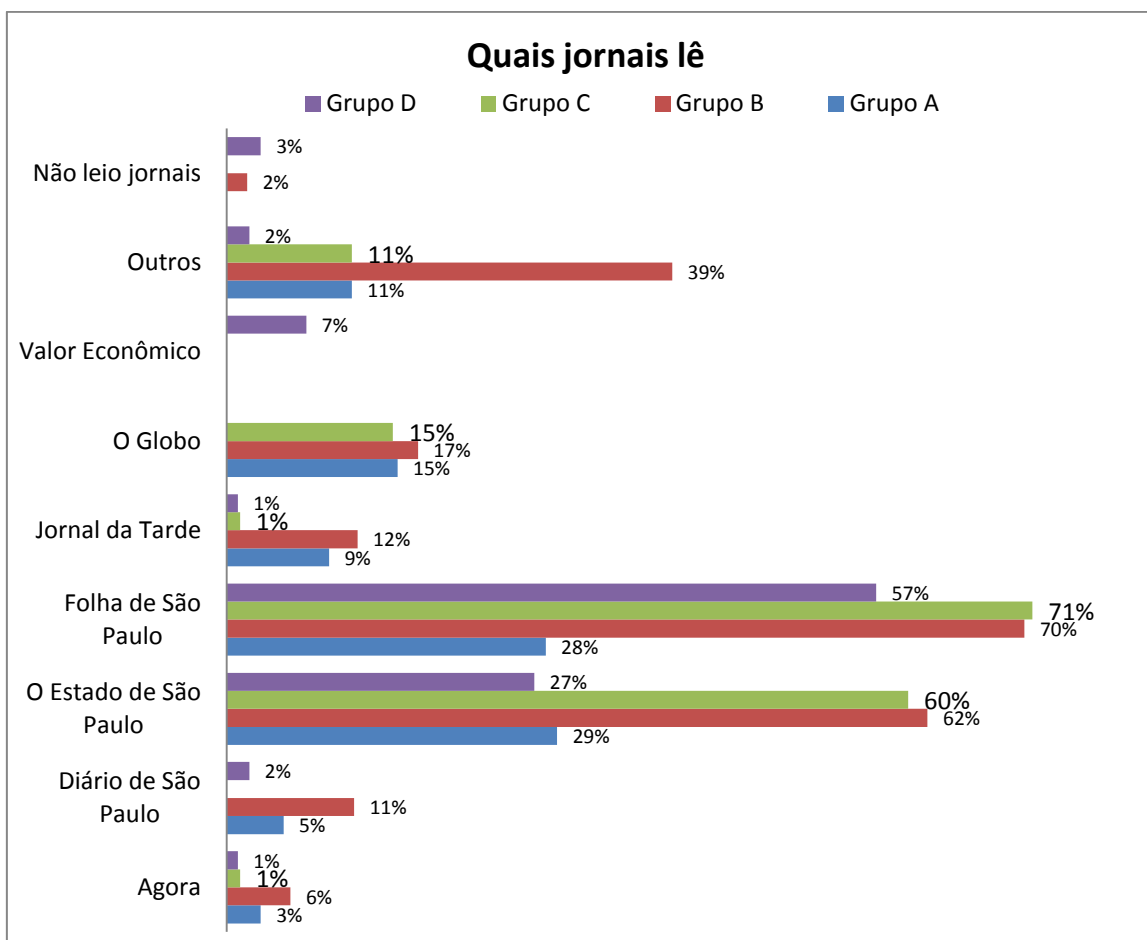


Figura 31 – Jornais mais lidos pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

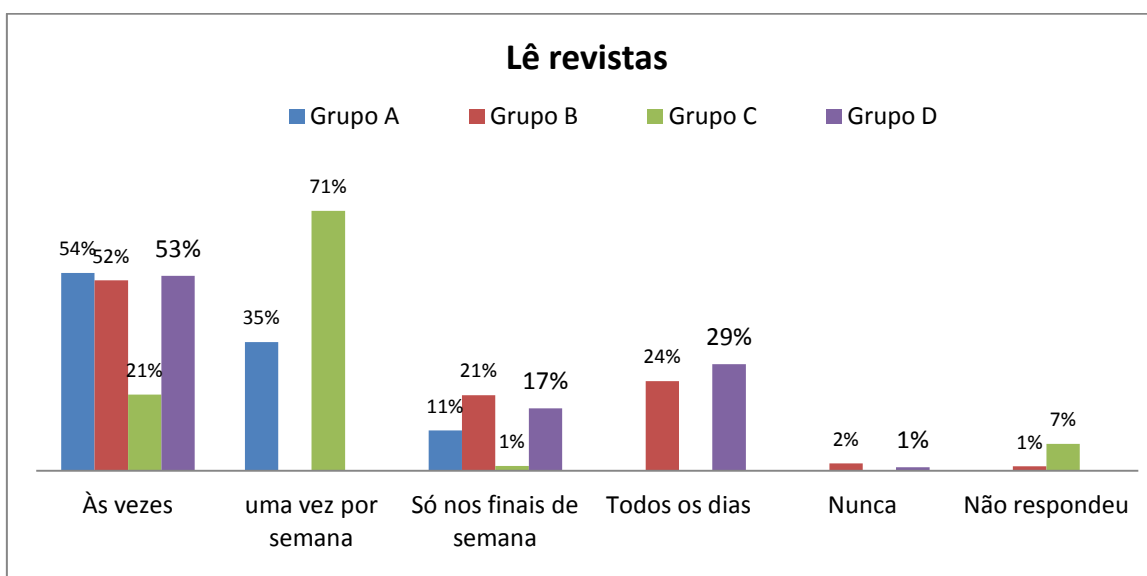


Figura 32 – Periodicidade de leitura de revistas pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

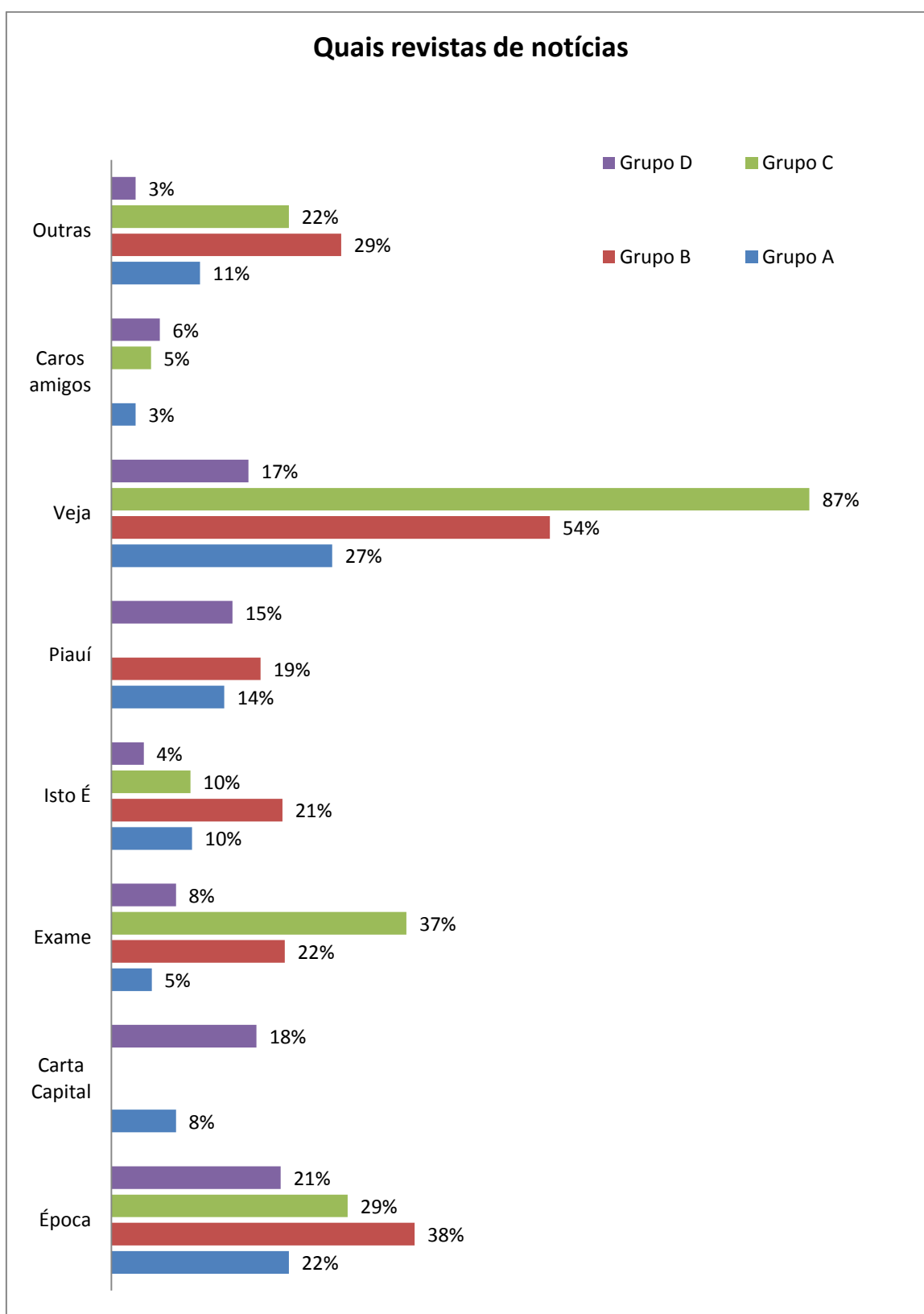


Figura 33 – Revistas de notícias mais lidas pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

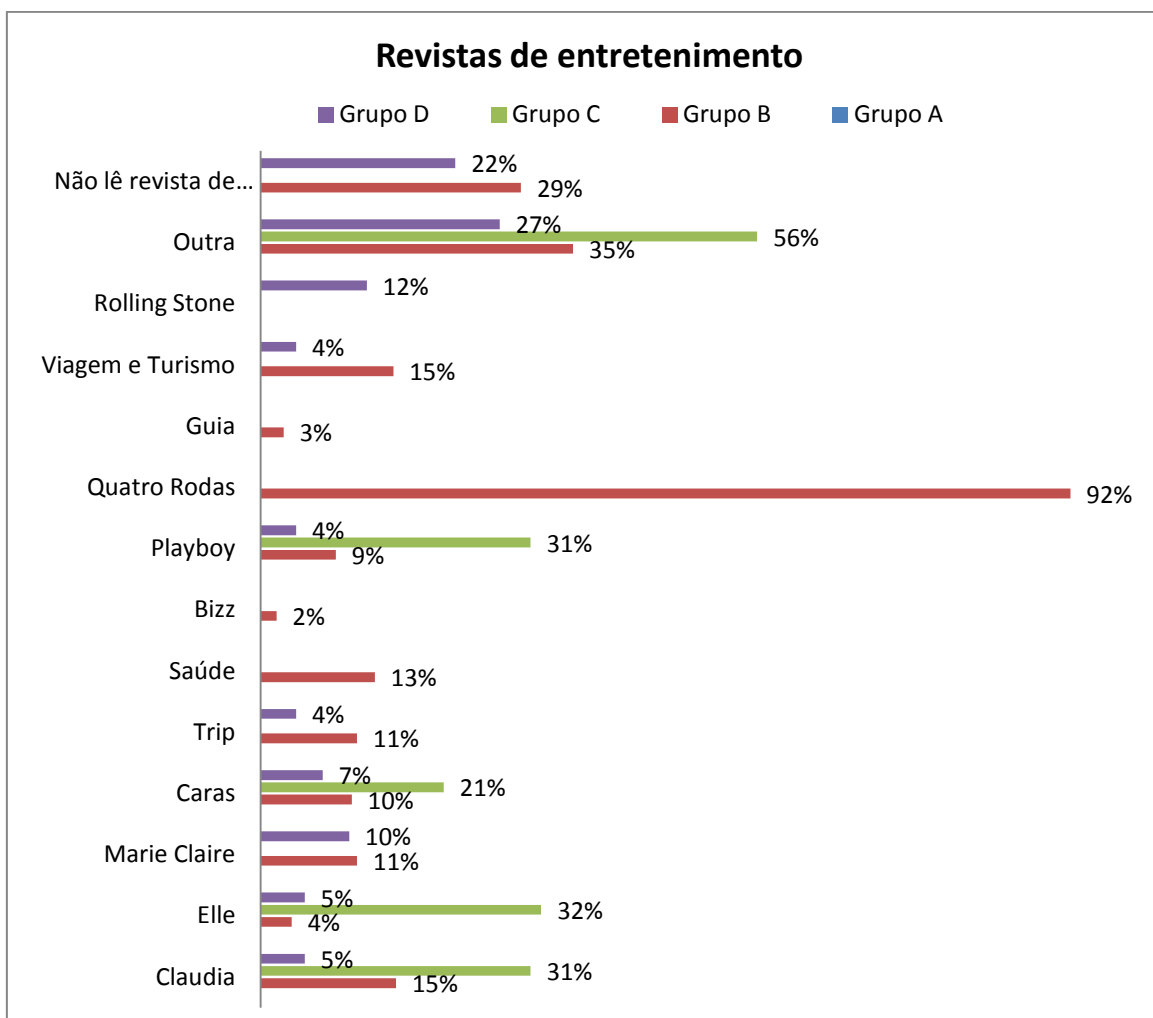


Figura 34 – Revistas de entretenimento mais lidas pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

Os quatro grupos de jornalistas afirmam assistir à televisão todos os dias. Os **grupos C e D** também ouvem rádio todos os dias, enquanto os jornalistas do **grupo A** ouvem às vezes, como mostram as FIG. 35 e 36. A internet, mais do que outros meios de comunicação ou a comunicação interpessoal, é o meio pelo qual todos ficam sabendo das notícias mais importantes, fazem compras, estudam, trabalham e pesquisam, como mostrado nas FIG. 37 e 38. No entanto, como mostrado na FIG. 39, não é consenso entre os grupos que a internet é a atividade favorita nas horas vagas: nos **grupos C e D**, os jornalistas preferem ler. Como pode ser visto nas FIG. 40 a 42, a maioria dos profissionais de todos os grupos gostam de ler e ir ao cinema; o teatro só não é muito frequentado pelos jornalistas do **grupo B**. Nas horas vagas, há divisão entre os que vão à academia de ginástica e os que declararam não ir a lugar algum,

como mostrado na FIG. 43. Entre os *freelancers*, por exemplo, 53% estão nesta condição, enquanto 23% preferem a academia de ginástica.

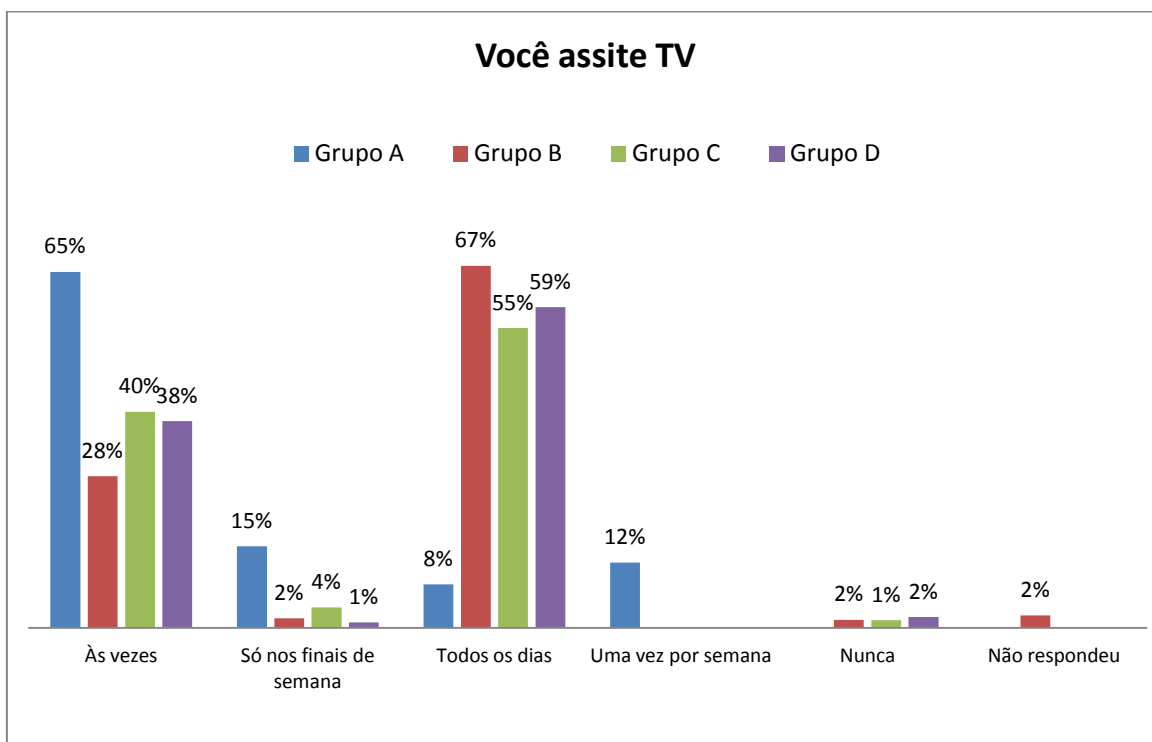


Figura 35 – Periodicidade que o jornalista entrevistado assiste televisão, de acordo com a pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

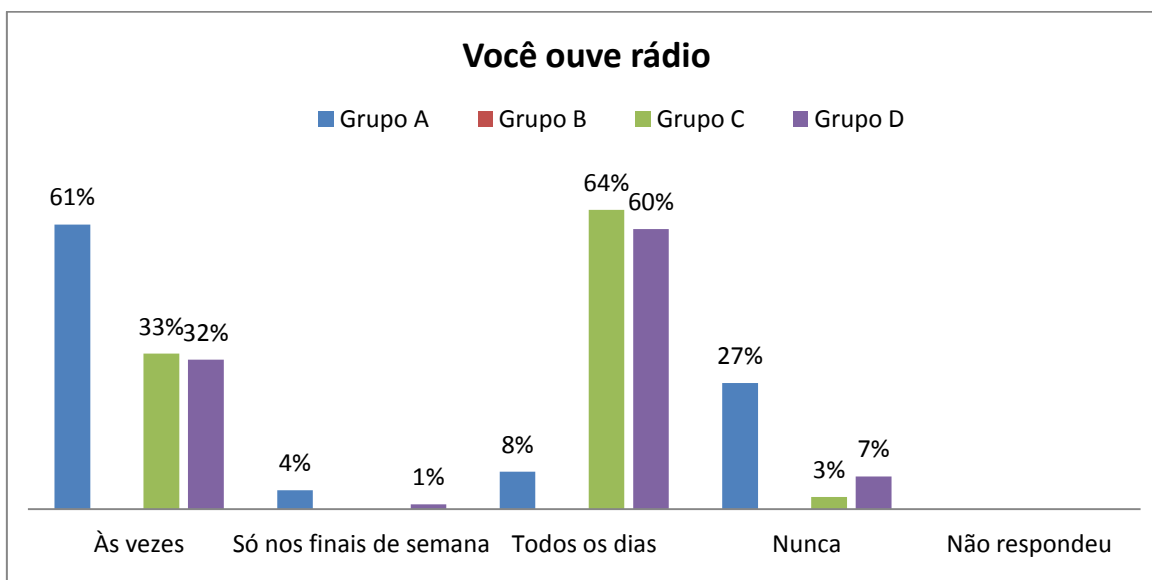


Figura 36 – Periodicidade de audição de rádio pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

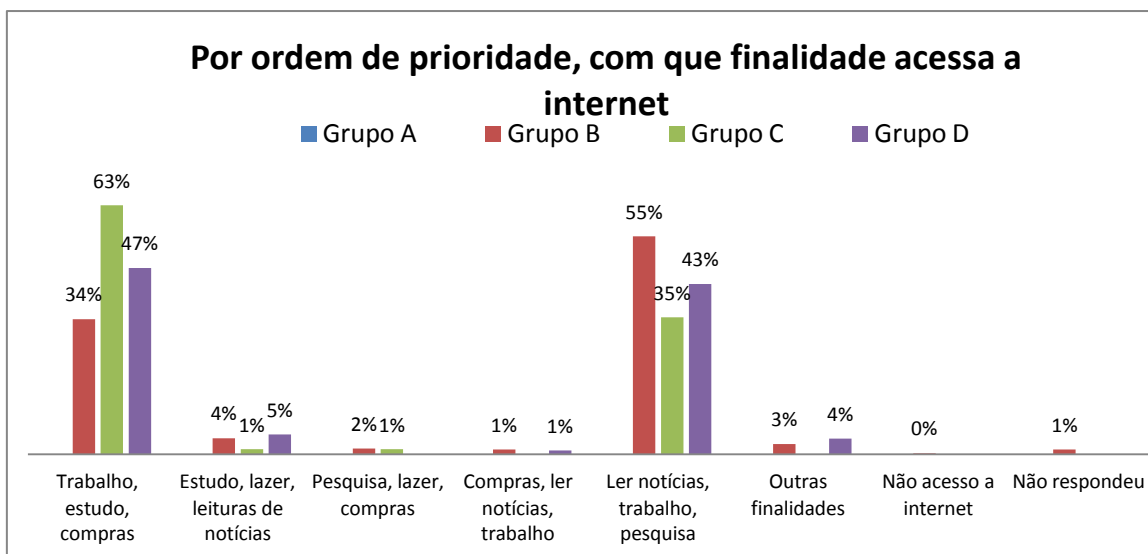


Figura 37 – Finalidades do acesso à Internet pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

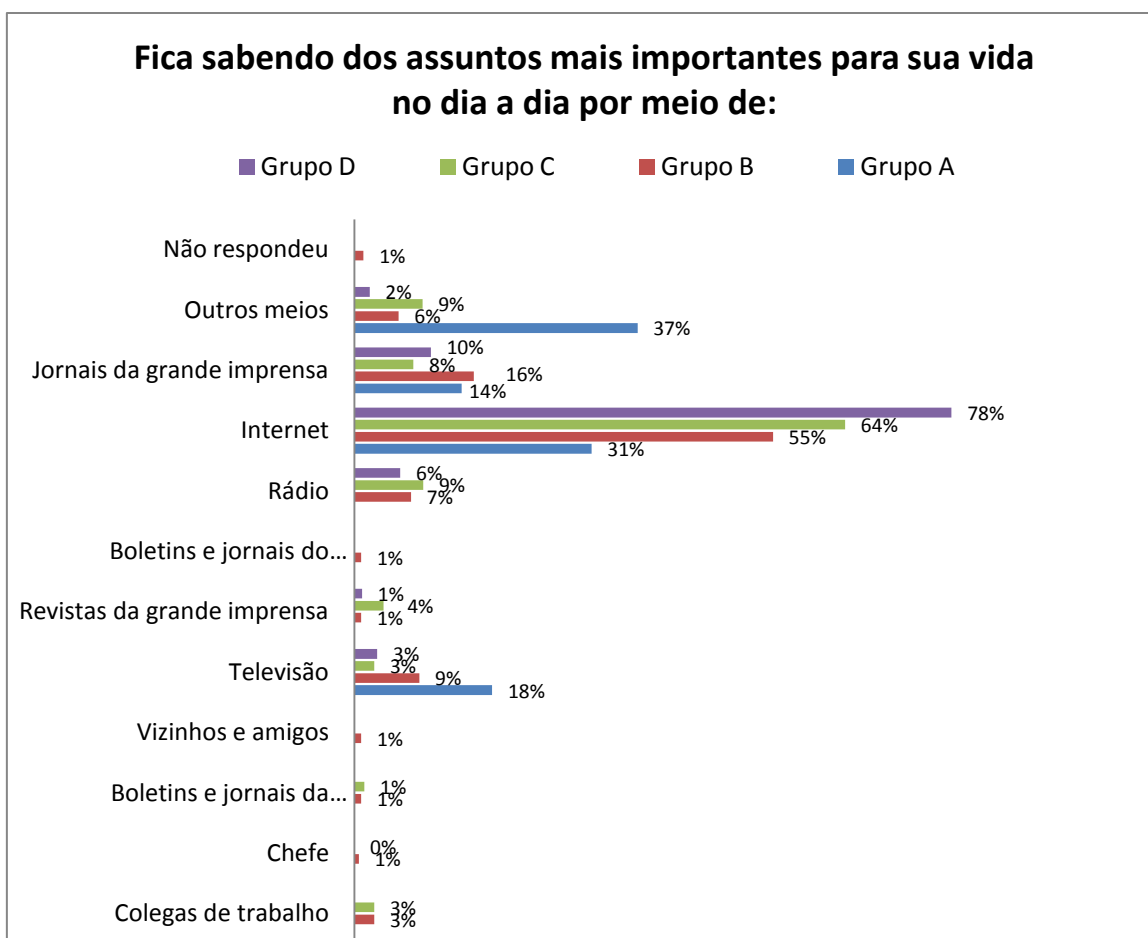


Figura 38 – Mídias utilizadas para conhecimento dos assuntos mais importantes pelos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

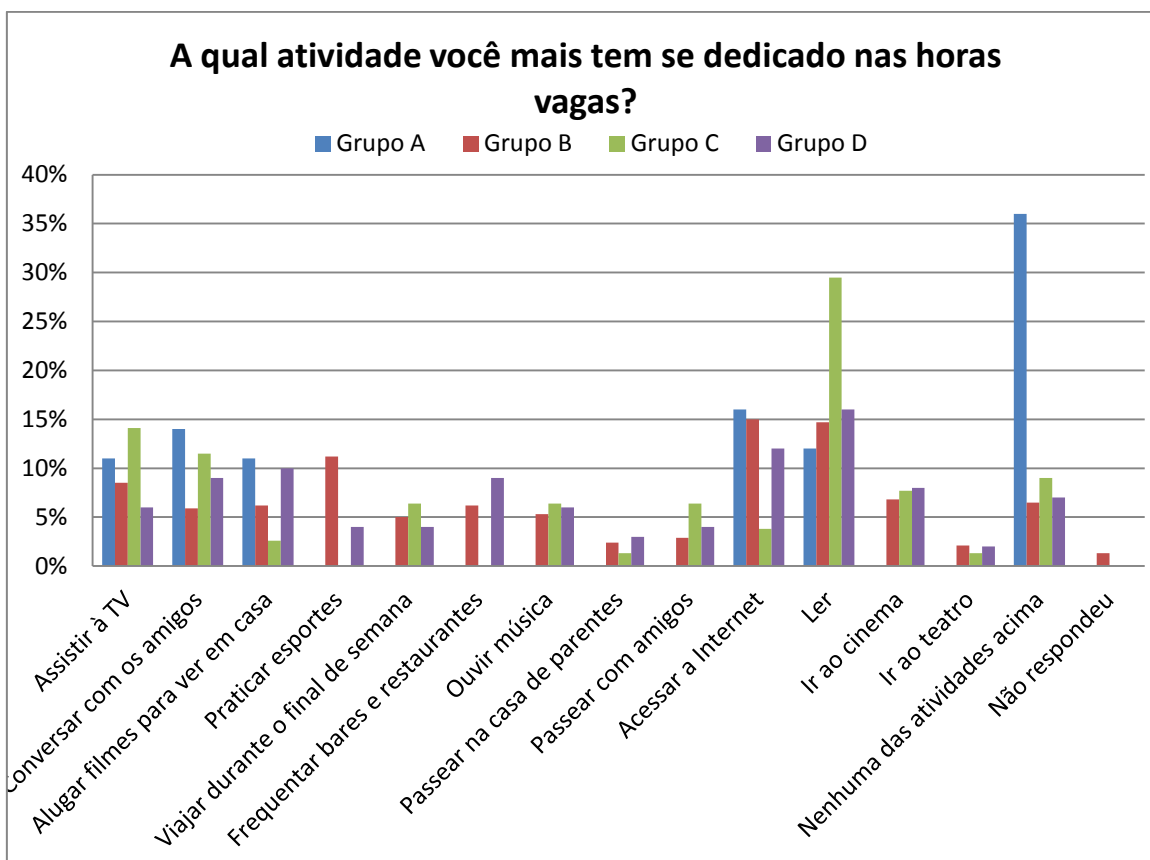


Figura 39 – Atividades de lazer preferidas dos jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

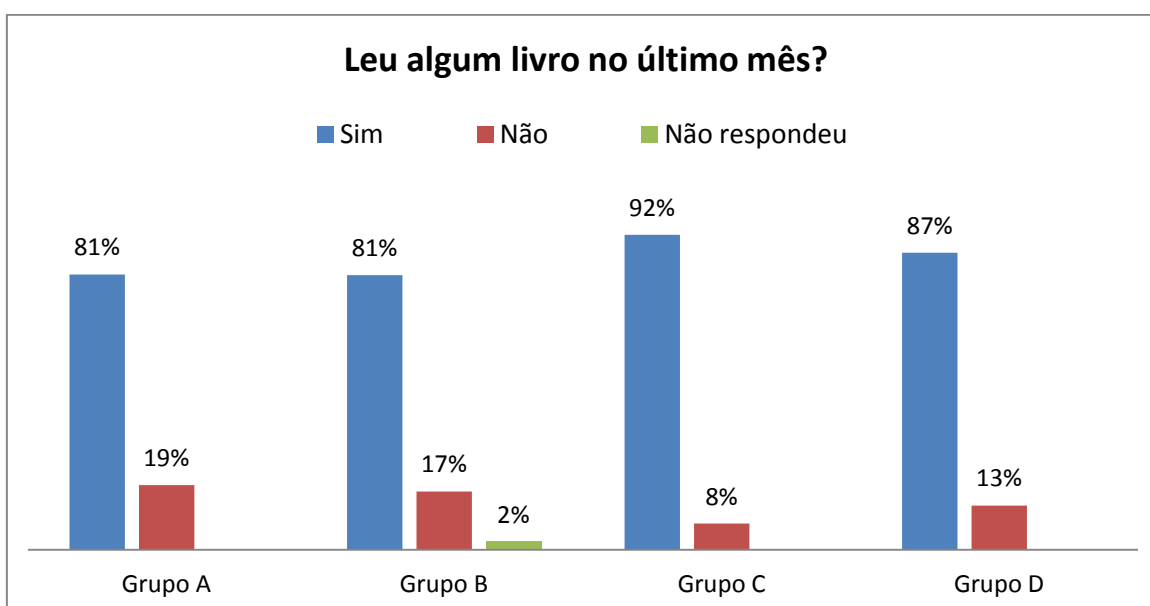


Figura 40 – Leitura de algum livro no último mês por jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

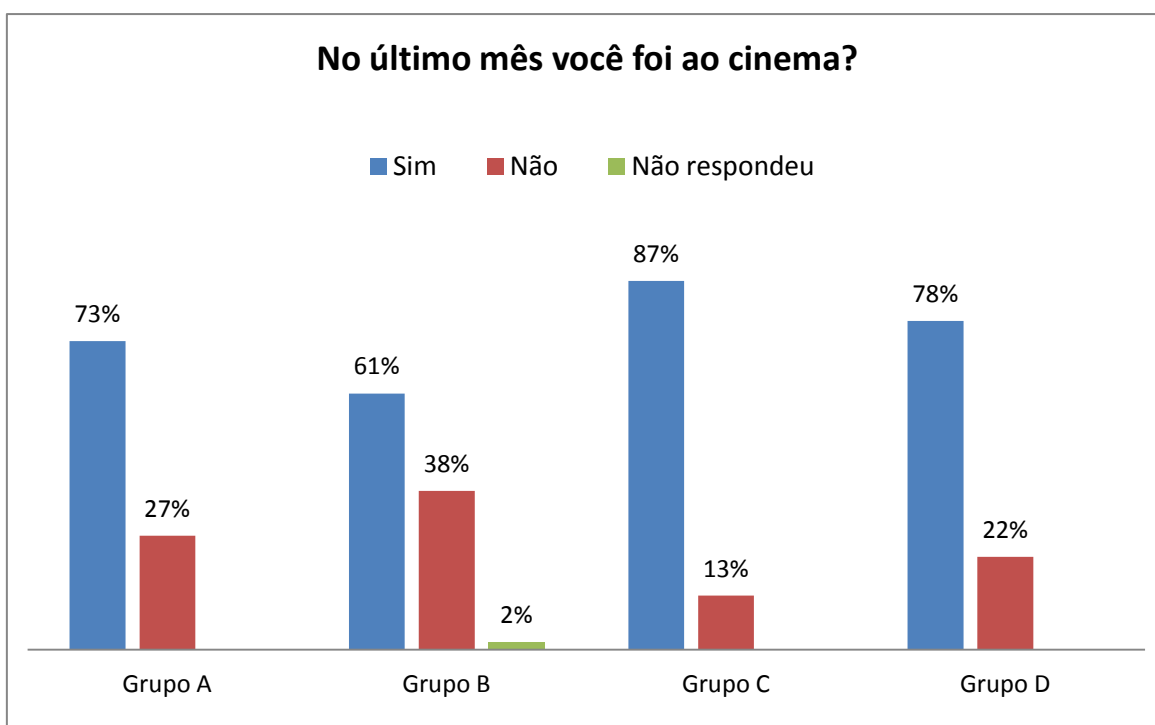


Figura 41 – Frequência ao cinema no último mês por jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

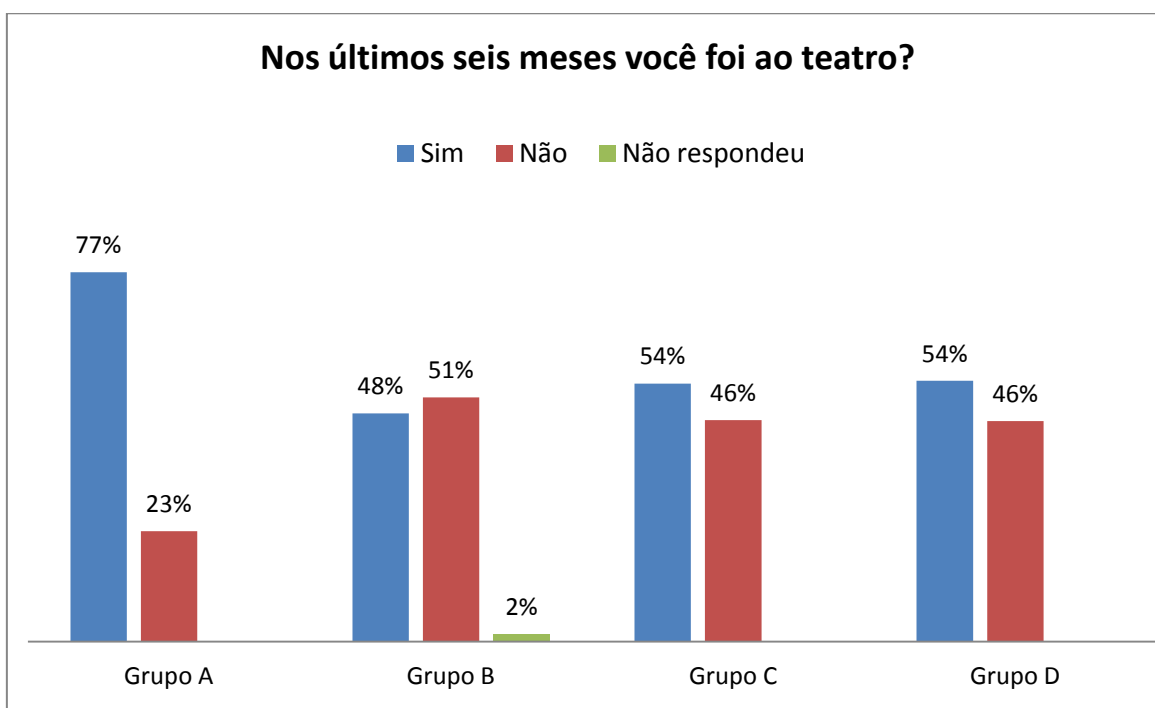


Figura 42 – Frequência ao teatro no último mês por jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

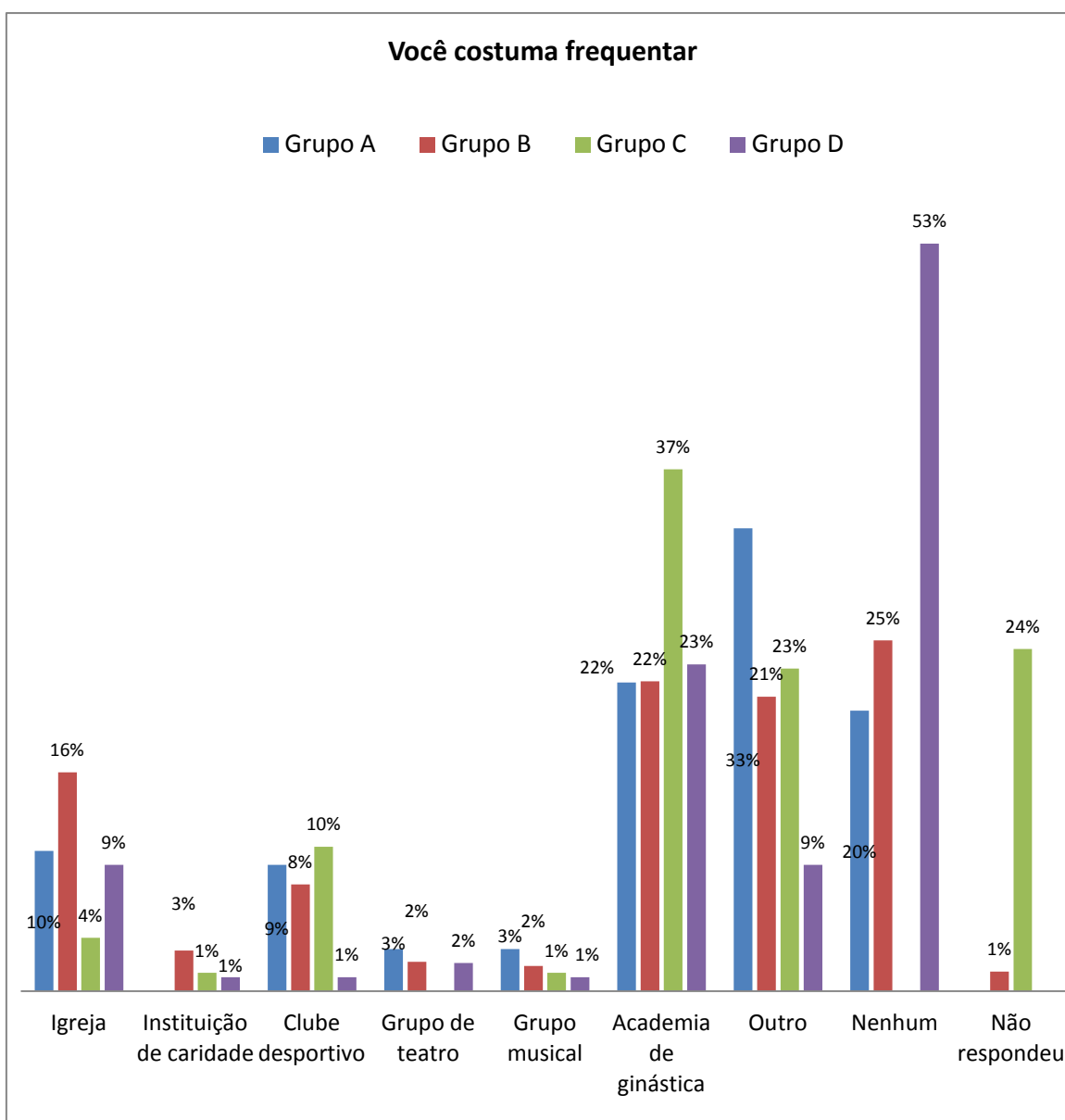


Figura 43 – Locais preferidos para ir nas horas vagas por jornalistas entrevistados da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

Em síntese, no relatório da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, os resultados da fase quantitativa da pesquisa apontam que a maioria dos profissionais mais jovens não são sindicalizados, mantêm vínculos precários com os contratantes, trabalham em média nove horas por dia e em ritmo acelerado. Vão em busca do trabalho e dos clientes e consideram a informação como um produto. O perfil destes profissionais está mais aproximado às aspirações individuais do que coletivas, não são idealistas e sim trabalhadores da área de

informação. A flexibilidade de horário que gera uma expectativa de independência tem um custo, visto que estes profissionais não tem podido planejar suas vidas em termos de projetos de carreira e econômicos. Considera-se que o perfil profissional está em transição, havendo uma mescla entre uma geração que vivenciou as mudanças tecnológicas e uma nova geração “nativa” desta sociedade sociotécnica. De acordo com Figaro (2012), conclui-se que estes resultados em relação ao perfil profissional estão em consonância com outros estudos que apontam as mudanças de fundo no perfil do jornalista profissional, no exercício da profissão e no papel da informação para os direitos do cidadão e para a democracia.

4.2.3. Sumarização dos resultados obtidos na fase qualitativa da pesquisa.

Neste item são apresentados, de maneira sumarizada, os principais dados obtidos nas entrevistas e grupos focais (fase qualitativa da pesquisa). O objetivo é apresentar uma introdução para a análise, tendo em vista que os métodos qualitativos fornecem dados significativos e densos, tornando necessário um procedimento de classificação e categorização para mapear com profundidade a natureza das mudanças ocorridas e aquelas em andamento, questões a serem conciliadas com a etapa quantitativa realizada.

4.2.3.1. Entrevistas

O tópico de apresentação dos vinte jornalistas entrevistados abrange os perfis encontrados na fase qualitativa da pesquisa e dá “voz e expressão” ao sujeito profissional, que relata com suas palavras a escolha pela carreira, sua experiência e as formas de relação com o seu trabalho.

No tópico seguinte, sobre os processos de trabalho, os entrevistados respondem as perguntas sobre a atividade de trabalho e as exigências da profissão; a especificidade da atividade jornalística; o ambiente de trabalho, a relação entre colegas de trabalho e a relação entre jornalistas de redação e assessores; o direito à informação e a publicidade no jornalismo. Foram selecionadas no Quadro 6 fragmentos das falas dos entrevistados para compor este tópico de resultados, visto a extensão do material recolhido, ressaltando que as análises comparativas são apresentadas no capítulo 6.

QUADRO 6 – Sumarização das respostas das entrevistas da fase qualitativa da pesquisa.

O jornalista fala sobre a sua identificação, trabalho e formação		
#	Sujeito da pesquisa	Fragments das suas falas e percepções
1	Nilson, 62, jornalista do Grupo B.	<i>(...) o mundo do trabalho hoje exige intimidade com o mundo digital</i>
2	Victor, 44, Grupo B	<i>(...) jornalismo uma mudança que ninguém sabe muito bem para onde está indo, principalmente por conta das mídias sociais”</i>
3	Mariana, 31, Grupo B	<i>“o jornalista multifunção” e “as redes sociais revolucionaram a busca por personagem, deixou a imprensa sentada”</i>
4	João, 37, Grupo B	<i>“colocar, subir no blog em meia hora, meia hora... cinco minutos, e o cara já acha que tá fazendo jornalismo, ‘minha opinião é essa’”</i>
5	Luis, 42, Grupo B	<i>“Eu preciso transformar o Instituto numa fonte de consulta.”</i>
6	Marilene, 46, Grupo B	<i>“(...) Acho que a gente está vivendo um bom momento da imprensa sindical, ela está com mais respeito(...)”</i>
7	Milena, 32, Grupo B	<i>“(...) Eu achava legal. Mas eu sempre quis ser jornalista e eu não sei exatamente por que”</i>
8	Armando, 32, Grupo B	<i>“No jornalismo... Meu pai é dono de um jornal, há 40 anos já então...Numa cidade muito pequena de São Paulo, chamada Aguai, quase em Minas Gerais já, então eu já nasci no meio de jornalistas e jornais né...”</i>
9	Aguinaldo, 47, Grupo B	<i>“sou um curioso, estudo e sempre estudei muito”</i>
10	Antonio, 55, Grupo C	<i>“Nossa, quantas perguntas. Algumas eu não costumo responder”.</i>
11	Maria, 37, Grupo C	<i>“...acabei achando que jornalismo era uma profissão bacana..”</i>
12	Fernando, 27, Grupo C	<i>“sou o plantonista da madrugada”</i>
13	Bárbara, 31, Grupo C	<i>“não foi nem uma decisão, eu sempre quis, eu não me lembro de em algum momento ter imaginado fazer outra coisa”</i>
14	Cecília, 30, Grupo A	<i>“meu pai abria o jornal e aquilo era importante pra ele, ou mesmo no trabalho, receber o jornal era meio disputado”</i>
15	Fabiana, 29, Grupo A	<i>“lá o estágio é proibido e o sindicato fica muito em cima, assim... não pode mesmo porque senão todas as redações seriam trocadas.”</i>
16	Ciro, 31, Grupo D	<i>“eu me casei e ganhei de lua de mel, de presente de volta de lua de mel, um bilhete azul da empresa jornalística na qual eu trabalhava..e precisei procurar um emprego”</i>
17	Nélson, 30, Grupo D	<i>“nessa função atual, eu estou agora completando um ano”</i>
18	Nice, 35, Grupo D	<i>“Eu trabalhei em redação um tempo e depois eu saí do mercado formal e agora eu atuo como jornalista freelancer, mas eu também tenho uma empresa, agência digital”</i>
19	Aline, 28, Grupo D	<i>“não foi uma escolha ser freelancer, com certeza.(...) As empresas acabam te levando pra um caminho pra que no final você acabe se tornando um profissional desse tipo.”</i>
20	Ana, 23, Grupo D	<i>“Ser frila fixo só tem contra”</i>

(continua)

(continuação)

<i>O jornalista fala do mundo do trabalho</i>		
#	<i>Sujeito da pesquisa</i>	<i>Fragmentos das suas falas e percepções</i>
1	Nilson, 62, Grupo B	<i>“(...) a minha geração é uma geração do mundo analógico, mesmo usando computador continua sendo pra mim uma máquina de escrever mais ágil”</i>
2	Victor, 44, Grupo B	<i>“eu tenho uma certa autonomia pra definir estratégia de comunicação do banco”</i>
3	Mariana, 31, Grupo B	<i>“(...)mesmo durante o processo isolado, a produção nunca é de um jornalista. Nunca.”</i>
4	João, 37, Grupo B	<i>“Eu fui fazer jornalismo porque eu queria dizer a verdade, muita gente foi fazer jornalismo porque queria dizer a verdade, hoje em dia você vê a verdade não é exatamente o que tá rolando”</i>
5	Luis, 42, Grupo B	<i>“eu comecei ali do zero, na verdade. Eu comecei a mapear jornalista, identificar o pessoal que trabalhava com..., que pelo menos escrevia sobre meio ambiente urbano, nesse aspecto urbano, de políticas urbanas”</i>
6	Marilene, 46, Grupo B	<i>“(...)consultoria de mídia e imagem, somos nós três os sócios, por que os três eram funcionários aqui do sindicato, e aí eles propuseram uma terceirização”</i>
7	Milena, 31, Grupo B	<i>“Eu edito a primeira página”</i>
9	Aguinaldo, 47, Grupo B	<i>“A flexibilidade eu acho fundamental, porque além de profissional hoje tem que ser muito multidisciplinar”</i>
10	Antonio, 55, Grupo C	<i>“o jornalista tem... de ser uma pessoa curiosa, ele tem que ter cultura geral, ele tem que ler, ele tem que ser informado e tem que saber escrever, e ser...ter integridade e honestidade pra saber apresentar os fatos da forma mais honesta e precisa possível”</i>
12	Fernando, 27, grupo C	<i>“Algumas coisas eu acho que realmente mudaram assim, a gente sente uma pressão muito maior da redação pra que a gente seja multimídia, é uma coisa que está muito mais no ar do que prática”</i>
14	Cecília, 31, Grupo A	<i>“Mas não importa, porque uma coisa é a pessoa que sabe o que quer e vai lá no Google e faz a pesquisa e outra é a pessoa que quer ser surpreendida com uma denúncia, com uma história bonita, esse olhar humano que eu acho que ainda é o que o jornalismo tem que fazer(...)”</i>
17	Nélson, 30, Grupo D	<i>“Se é uma matéria que fala de música, vamos usar algum vídeo do YouTube. Enfim, várias interações entre a revista e a internet, criar esse diálogo, né?”</i>
20	Ana, 22, Grupo D	<i>“Hoje a maioria dos repórteres faz... A maioria não, mas a grande parte faz algum trabalho de publicidade, tipo, de gerar conteúdo para publicidade, que é um saco, uma merda, mas estão pagando muito melhor que jornalismo, então essas coisas vale a pena fazer como frila.”</i>

Fonte: Relatório da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

4.2.3.2. Grupos focais

Como citado anteriormente, no capítulo 3, foram reunidos dois grupos de jornalistas escolhidos da amostra quantitativa, com o critério de tipos de vínculo de trabalho, para a

discussão no grupo focal. O primeiro grupo focal foi composto por jornalistas de diferentes tipos de vínculo empregatício: contrato CLT, pessoa jurídica⁶⁰, *freelancer*, concursado no serviço público; jornalista com atividades em diferentes veículos: revista, assessoria de comunicação (trabalha com várias mídias), tevê, jornal sindical. O segundo grupo, realizado cerca de um mês depois, foi composto por jornalistas *freelancers* (pessoa jurídica, *freelancer* fixo⁶¹) que prestam serviços a diferentes tipos de clientes (empresas de comunicação, seguradora, terceiro setor, pessoa física, empresas de diferentes ramos) e a diversos veículos (rádio, revista, jornal, tevê, internet).

Nos dois grupos a maioria foi de jornalistas mulheres, um único homem negro, a maioria na faixa etária entre 30 e 40 anos, sendo um homem com 47 (primeiro grupo) e uma mulher com 57 anos (segundo grupo).

A seguir, apresenta-se o Quadro 7 que sumariza as falas dos profissionais nas discussões nos grupos focais.

QUADRO 7 – Sumarização das respostas dos jornalistas nos grupos focais

#	<i>Fragmentos das falas e percepções</i>
1	(... <i>Eu acho super legal né, acho super legal quem consegue fazer assim né, tipo ‘Olha estou entrevistando o presidente’, legal mas eu não sou uma pessoa que consegue fazer isso e aí o contato acaba sendo mais...muito de conhecer mesmo muita gente.</i>) (... <i>A internet também ajuda muito né, porque eu já consegui uns 4 trabalhos por causa do meu twitter, de gente que viu e começou a gostar das coisinhas que eu posto lá, e “ai você é jornalista, você não sei o que”, nem sei o que aparece lá...</i>)
2	(... <i>Mas você está sempre trabalhando, você trabalha muito ou, trabalha muito e muitíssimo, você nunca trabalha pouco, e quando é o muito, quando tem tudo de uma vez, você não pode recusar...</i>) ⁶² .
3	(... <i>Mas não acho que assessor seja jornalista, porque quando você está defendendo ali um ponto de vista de uma empresa, eu também fiz corporativa, eu estava fazendo só revista da Deca, é diferente porque quando eu estou fazendo alguma coisa pra Nova, pra Bons Fluidos, pra Vida Simples, a gente está naquela pauta, eu não tenho que defender empresa, não tenho que ver assim, sabe, eu tenho que pensar no meu leitor ...).</i>

(continua)

⁶⁰ Profissional que constituiu empresa (pessoa jurídica), fornece nota fiscal pelos serviços prestados, mas trabalha em casa.

⁶¹ *Freelancer* fixo é a pessoa que cumpre horário, vai à empresa, tem crachá, mas não é registrado como CLT, não tem os benefícios como 13º salário, fundo de garantia, entre outros. E há o *freelancer* de cliente fixo que tem uma demanda fixa, ou seja, tem um cliente certo, todo mês ou toda semana ou todo dia, mas não há a necessidade de se apresentar no local da empresa, não há carga horária determinada (FIGARO, 2012, p.128).

⁶² Para dar conta do excesso de trabalho, é preciso recontratar um colega, um outro profissional indicado para ajudar, dividir a encomenda no tempo contratado. É a quarterização.

(continuação)

4	<i>(... É sim, quando...você vai fazer uma matéria sobre espinhas, como cuidar de espinhas, você vai falar de n produtos, n coisas e tal que tenham... o assessor de imprensa vai pegar qual o interesse público que aquele produto pode ter, a mesma coisa o jornalista vai fazer... o interesse público em cima desse produto...).</i>
5	<i>(...é justamente essa crítica, por exemplo, vender uma pauta é uma coisa que... a relação patrão-assessoria, para muitas assessorias, já está, na minha opinião, deturpada no sentido que assessoria tem que vender um patrão, independentemente de quem seja o patrão, do que ele faça... é, e também essa coisa de você tem que fazer uma matéria de um jeito, então essa crítica falta um pouco e falta um... falta porque você precisa avaliar, porque as grandes empresas são grandes famílias e têm uma série de interesses, poucos são os jornalistas que podem se dar ao luxo de recusar uma série de coisas, poucos são os jornalistas que realmente chegam..., qualquer coisa que chegar na redação o cara manda devolver e..).</i>
6	<i>(...assessoria de imprensa é uma coisa muito mais explícita. Ela não tem nenhuma intenção de esconder porque não tem dois lados. Ela não está falando assim “olha tem um brinquedo aqui da Estrela, mas também tem um outro brinquedo muito legal da concorrência”).</i>
7	<i>(...O jornalista da redação, talvez por conta da correria, é um pouco preguiçoso. Ele quer que a assessoria de imprensa mande a matéria prontinha. Eu já tive matéria minha que assim, só faltou colocar o meu nome, o resto estava inteirinho. Eu não vou dar os dois lados, eu vou colocar o meu lado e posso no máximo colocar o telefone da empresa.)</i>
8	<i>(Um menino, de 20 e poucos anos, é exatamente esse produto que colocam no mercado. Um menino que foge da discussão crítica da ética, do jornalismo, porque não tem... Ele saiu da escola, ele não teve essa formação, pode até ter tido uma noção, mas vai pro mercado e entra numa neurose de patrão que não tem...)</i>
9	<i>(Eu sempre falo com os meninos que o momento que nós vivemos hoje é pior do que a ditadura no jornalismo, porque antes você censurava a matéria e hoje você censura a cabeça do cara e o cara aceita.)</i>
10	<i>(...vai cair naquela velha discussão sobre se o jornalista precisa ou não do diploma. Eu acho, por exemplo, que um médico é muito mais hábil [para] escrever uma matéria sobre medicina do que eu. Eu acho, que às vezes um político é muito mais competente para escrever sobre política do que eu, porque se eu tiver que escrever uma matéria sobre política eu vou ter que varar uma semana para estudar política, e eu não sei nem o que é o PMDB o PSDB, para mim muda uma muda e olhe lá, e para por aí para mim sobre política... Então, se você falar pra mim “você quer fazer uma matéria sobre política ou eu posso dar para o Maluf escrever?”, meu, passa para o Maluf.)</i>
11	<i>(Acho que jornalismo é feito por jornalista. Isso é uma coisa que a gente não pode abrir mão. Opinião é opinião, jornalismo é jornalismo. As pessoas que escrevem sobre medicina, vão fazer uma opinião. Ele é um especialista e vai escrever sobre determinada área.)</i>
12	<i>(Eu odeio com todas as letras, e aí eu vou muito contra o que você pensa, porque são duas ideias completamente diferentes. Eu odeio política e a PUC é totalmente política. Eu tinha aula de História da Arte, eu tinha aula de Geopolítica, eu tinha aula de Política de não sei o que lá, de Política e tal... Eu entrava na aula sentava e ficava “uhum”. Professor de faculdade, se você vai ou não vai na aula dá na mesma, graças a Deus. Porque eu não ia aguentar, eu não ia ser jornalista se eu tivesse que assistir aula e ouvir o que eles estavam me ensinando, desculpa. As aulas de filosofia assim, eu juro, eu juro por Deus, eu fico me perguntando se...)</i>
13	<i>(Acho que é importante você ter TV, acho que é importante você ter rádio, só que, o resto, toda a parte teórica da faculdade é voltada para política, é voltada para um monte de coisa que não é útil.)</i>
14	<i>(... informação é um bem público, ela tem que ser cuidada por profissionais, esses profissionais são preparados em uma faculdade, como cuidar de uma informação que é um bem público. Se vai depois se especializar, em esportes, ou outra coisa, tudo bem, aí vai de gosto pessoal.... mas a informação ela deve ser tratada de uma forma como bem público, então você tem que ter ética, você tem que saber onde é o limite e onde não é, e não um oba-oba como virou, né?)</i>

Fonte: Relatório da pesquisa “O perfil do jornalista ... profissional em São Paulo, (2009-2012), Relatório FAPESP. Processo 2009/53783-7”, São Paulo, 2012.

A partir dos relatos obtidos nas entrevistas individuais e nos grupos focais, foi possível relacionar experiências que contextualizam os problemas da profissão do jornalista, e obter um melhor entendimento sobre os lugares de fala, as visões de mundo e as expectativas que conformam o mundo do trabalho dos profissionais da informação nos dias de hoje. Em síntese, estas falas são polêmicas, entretanto, evidenciam as dificuldades do mercado de trabalho, da formação acadêmica e do ingresso no trabalho. Os quadros 6 e 7 descritos ilustram as percepções que são levadas ao confronto com os discursos dos personagens jornalistas das telenovelas no capítulo 6.

5. APRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM JORNALISTA NA TELENOVELA

A emissora Rede Globo de Televisão⁶³, produtora das telenovelas escolhidas nesta pesquisa, tem um papel histórico na formação e no desenvolvimento do gênero teledramatúrgico nacional, e, da mesma forma, respalda um jornalismo “oficial”⁶⁴, funcionando como “importante instituição de poder”⁶⁵ no Brasil, justifica-se, neste sentido, verificar como se dão as expressões das práticas do jornalismo na telenovela, e as possíveis interconexões de conteúdos com a realidade.

A TV Globo foi fundada em 1965, pelo jornalista Roberto Marinho. O início da TV Globo como uma rede de emissoras afiliadas por todo o país se dá a partir de primeiro de setembro de 1969, com abrangência a nível nacional. Atualmente, a emissora cobre 98,44% do território brasileiro, atingindo 5.482 municípios e 99,50% da população⁶⁶.



Figura 44 – Logotipos da TV Globo, desde o ano da sua fundação, 1965, até o presente.

Cerca de 90% da programação é produção própria, o que torna a Rede Globo a principal geradora de emprego para artistas, autores, jornalistas, produtores e técnicos. Esses profissionais produzem cerca de 2.500 horas anuais de novela e programas, recorde mundial de teledramaturgia, além das mais de 1.800 horas anuais de telejornalismo.

⁶³ A história da televisão brasileira tem endereço na Internet. O site Memória Globo põe à disposição dos internautas informações (www.memoriaglobo.com.br) sobre programas e profissionais que fizeram parte da história da TV Globo, dos meios de comunicação e do Brasil. São arquivos de vídeos, fotos, recortes de jornais, perfis, entrevistas, episódios polêmicos e muitas histórias, que levam ao público o material exibido pela emissora desde a sua fundação, em 1965, até os dias atuais.

⁶⁴ LIMA, Venício. Globo e Política: tudo a ver, in: Brittos V., Bolanõ C. *Rede Globo 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo:Paullus, 2005. p.127.

⁶⁵ *ibidem*, p.128.

⁶⁶ Site da Rede Globo de Televisão: <http://redeglobo.globo.com/TVG/0,,9648,00.html>. Acesso: 07/07/2012.

As mudanças no mercado de comunicação, no Brasil, se iniciaram na década de 1950, como resultado do processo de reorganização mundial do pós-guerra, de novos mercados para novos produtos. Nesse período ocorre a introdução da televisão como meio de comunicação, e a metodologia de produção herdada do rádio (o tripé: anunciantes, dramaturgia e jornalismo), que alcança, em pouco tempo, adesão nacional. Muitos brasileiros eram analfabetos; os jornais populares traziam manchetes e fotos enormes e pouco texto. No rádio a programação era intercalada por jornalismo, programas de variedades, radionovelas, publicidade, serviço público, gêneros e formatos tradicionais do meio radiofônico, que àquela época foram apropriados pela televisão (SODRÉ, 1984).

A crescente urbanização da região sudeste, desde o início do século XX, além da elevação da população, também formou um “grupo consumidor de cultura, e ao mesmo tempo produtor” (ORTIZ, 1987, p. 101-2). A intelectualidade dos anos 1945 a 1964 foi responsável pelos “saltos produtivos” de um momento de “grande efervescência e de criatividade cultural” geradora dos produtos culturais, eram os dramaturgos, compositores, pintores, artistas, jornalistas e escritores. Foram os autores de um “intervalo de tempo que corresponde a um dos poucos períodos democráticos vividos pela sociedade brasileira” (idem).

Este panorama cultural irá se refletir no processo de renovação cultural e, mesmo, na rápida introdução de práticas técnicas nos meios de comunicação. Ainda que precarizadas pela falta de profissionais especializados, eram dotados de motivação – “havia uma proximidade imaginativa da revolução social” (ibidem, p. 105). Apesar do golpe militar, explica Ortiz (1987), este “espaço de liberdade de expressão vigorou por um tempo a mais, visto o AI-5 só depois estendeu suas presas sobre a esfera cultural” (idem). Além do artístico, havia uma intenção educativa, uma desejada apropriação dos recursos da mídia televisiva para tirar o país do pessimismo do subdesenvolvimento, da *consciência dilacerada do atraso* (CÂNDIDO, 1987).

Naquele contexto a televisão se expande no Brasil, seus produtos “pitorescos” pela falta de recursos de produção. Os programas ao vivo que requeriam menos técnicas, foram aos poucos evoluindo, ao mesmo tempo que se alteravam os quadros políticos e sociais no país. (BORRELLI, PRIOLLI, 2000). A conquista da platéia, que é algo fundamental, passou ser objeto de pesquisa da televisão.

Ao introduzir nos seus produtos as temáticas de pertencimento, pela identidade nacional⁶⁷, privilegiando as locações em todo território nacional e seus atores brasileiros, no mesmo idioma, a autoreferência nas inovações tecnológicas e preocupação com a qualidade, a emissora estendeu na dimensão da sua abrangência o referencial ‘padrão de qualidade’ ao nome de sua marca Rede Globo⁶⁸.

Especialmente, a teledramaturgia ganhou força, visto que

a telenovela é um gênero que forma parte da dinâmica cultural de uma sociedade. Tem uma finalidade mediática porque funciona dentro de um sistema produtivo concreto, atende às lógicas de consumo e reproduz ao mesmo tempo esquemas culturais (MENA, 2001, tradução livre da autora).

De acordo com Lopes (2010), este espaço especial ocupado pela telenovela, além de um produto da indústria cultural, é devido à especificidade da telenovela brasileira, que pode ser analisada partir de dois eixos:

O *primeiro* demonstra como a telenovela no Brasil se incorporou, ao longo de sua história, à cultura do país, tornando-se um de seus elementos mais distintivos e aquele que, possivelmente, melhor caracteriza hoje uma *narrativa da nação*. O *segundo* defende a hipótese de que por ter conseguido alta credibilidade, a telenovela brasileira tornou-se um espaço público de debates de temas representativos da modernidade que se vive no país, tornando-se assim um *recurso comunicativo* que, ativado, possibilita compartilhar os direitos culturais, a diversidade étnica e a convivência social, logrando maior consciência e motivação para práticas contra os conflitos e desigualdades que marcam a sociedade brasileira.

Além da teledramaturgia, o telejornalismo tornou-se uma forte referência na composição da força televisiva, e mostra-se praticamente como “a única forma de acesso às informações – regionais, nacionais e internacionais – e aqueles exibidos no horário nobre (aproximadamente, às 20 horas) são os que apresentam maior audiência, normalmente cativa, fiel”⁶⁹.

⁶⁷ MUNGIOLI, MCP. *Enunciação e Discurso na Telenovela: A construção de um Sentido de Nacionalidade*. Intercom, Natal. RN. Brasil. 2008.

⁶⁸ Motter e Mungiolli introduzem o comentário de Eugênio Bucci no que se refere ao protagonismo do “padrão Globo de qualidade”, ele diz: [isto] continha preferencialmente a face ideológica de uma emissora totalmente submissa ao governo militar e que o ‘padrão globo de qualidade’ não era somente uma escolha intencional dos gerentes, mas um padrão ideológico tornado possível pelo regime autoritário. Não é bem que a liderança da Globo se devesse ao seu autodenominado padrão de qualidade; era antes o contrário: o tal padrão é que só foi possível porque dispunha de condições prévias, o monopólio entre elas [...] O que definiu o padrão Globo de qualidade foi a imperativa de mostrar ao Brasil qual era a cara do Brasil. “Era um Brasil de notícias governistas, de regionalismos de cartão-postal, de ufanismos futebolísticos e, por favor, sem negros nas novelas, sem evangélicos no horário nobre, sem excluídos desdentados no auditório”. In: MOTTER, ML; MUNGIOLI, MCP. Gênero teledramatúrgico: entre a imposição e a criatividade. *Revista USP*. São Paulo. n.76, p.157-166, dezembro/fevereiro 2007-8; [p.160].

⁶⁹ PAULIUKONIS M.A.L; SANTOS L.W.; GAVAZZI, S.C., *Jornal Televisivo: Estratégias Argumentativas na Construção da Credibilidade*, s/d. (pág. 81-97)

A influência do telejornalismo como gênero de comunicação de social está fortemente associado às características do desenvolvimento econômico e ao modo de produção capitalista que regula o tempo de lazer e informação, nesse sentido, a televisão permanece o dia inteiro ligada para acompanhar ao *showrnlismo*⁷⁰ que chega ordinário ou extraordinariamente.

Na trajetória do telejornalismo da Rede Globo são encontrados os vestígios de um “discurso fundador” (ORLANDI, 2003, p. 13) e uma proposta de “falar diretamente ao povo”, fundar a “identidade unívoca” para o país, já associada ao jornalismo devido, em grande parte, à herança da cultura do jornalismo da família Marinho, proprietária do Jornal o Globo⁷¹.

Esta experiência empresarial e tradição no jornalismo foram vitais para a seleção de elementos potenciais para a construção de um gênero de permanência e de sucesso no telejornalismo: a voz e as práticas da oralidade mantidas (herança cultural do rádio); a dupla de apresentadores (representam a cena do diálogo) e a utilização do testemunho, para dar conotação de autenticidade, que explorava o verossímil, como aquilo que se assemelha ao real, e em um segundo momento ao que é verdadeiro. Esta tradição, da imagem valorizada do trabalho do jornalista, está apontada no texto de Marialva Barbosa e Ana Paula Ribeiro (2005, p. 211-3).

Outra estratégia da empresa, a de constituir escritórios regionais de notícias, produziu uma “aura de eficiência e poder”, nas palavras das autoras (idem) “que é até hoje uma das grandes marcas e um dos maiores patrimônios da emissora”. A tradução ainda mais forte da interferência nos conteúdos se evidencia na “interpretação consentida”—construída pela introdução de um comentarista para explicar a complexa conjuntura econômica que emergia da política no telejornal.

Em seguida, resultado de uma manobra estratégica de alinhamento globalizante, traz-se para a emissora o discurso da isenção e imparcialidade. Para resgatar a ideia de intermediário entre o público e o poder, coloca entradas em cena “as queixas e reclamações do povo”, ressurgem a expectativa (memória existente) que o público tem do jornalismo, *a de seu porta-voz* (ibidem, p. 220-1).

A consecução de uma imagem valorizada do jornalismo e do trabalho do jornalista também estão apontados no texto de Marialva Barbosa e Ana Paula Ribeiro (2005, p.221), a partir da perspectiva da construção da marca empresa jornalística pela imagem de “mediadora” entre o público e o poder público, nas intervenções e permanências de seus produtos e prepostos:

⁷⁰ Arbex Jr, J. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

⁷¹ Fundado em 1925. Disponível em <http://editoraglobo.globo.com/historia.htm>. Acesso em 10/07/2012.

- [com o espaço dedicado às reclamações], a emissora de maneira ampla (e o jornal especificamente) se autoconstrói como intermediário entre o público e o poder público. Exerce assim a função diretiva e de comando, outorgada pela própria consciência;
- outra estratégia foi substituir os locutores dos telejornais por jornalistas, além do dinamismo e da alteração na narrativa, o que se fez foi instituir o princípio da *autoridade profissional*. Os jornalistas passam a apresentar os telejornais e porque estão autorizados, ou melhor, possuem *autoridade da narrativa e legitimidade para fazê-lo*. (BARBOSA, RIBEIRO, 2005, p. 221).

Esta estratégia é referendada pela liderança na audiência por quarenta anos e foi construída no contexto das mudanças políticas e econômicas nacionais e internacionais. Do ponto de vista político, aludindo e reforçando suas raízes jornalísticas, deseja ser associada a um símbolo de defesa dos valores éticos e da justiça, a um espaço democrático para discussões dos problemas brasileiros. E, também, nas palavras de Evandro Carlos de Andrade, egresso do jornal “O Globo”, para a direção de jornalismo da TV Globo ser um lugar “de criação para se ter o que falar [durante a hora do jantar]” (ibidem, p.222).

Assim, pela força do jornalismo, se contextualiza o discurso de autoridade profissional que vemos repercutir nas falas do personagem que representa o papel de jornalista na telenovela.

5.1. Incidência de personagens jornalistas na telenovela brasileira

Neste capítulo é verificada a incidência de personagens jornalistas na telenovela brasileira, no período de 2000 a 2011. Foi feito um levantamento das telenovelas produzidas pela Rede Globo nesse período, com exibição nos horários das 18h, 19h e 21 horas. A relação dessas telenovelas é apresentada no Anexo A.









Foram produzidas pela emissora, no período de 2000 a 2012, um total de 58 telenovelas sendo que dentre estas, 21 delas foram exibidas no horário das 18h, 19 foram exibidas no horário das 19h e 18 foram exibidas após o horário do Jornal Nacional, ou seja, no horário das 21h. A partir dessa relação, foi verificada a incidência de jornalistas nas tramas das telenovelas para cada faixa de horário. Das 58 telenovelas exibidas no período, 14 delas (ou seja 24,13% das produções) apresentaram personagens jornalistas ou com atividades associadas à temática do jornalismo em suas tramas, totalizando 18 jornalistas, um publicitário e uma documentarista (Ver Quadro 8). Vale acrescentar que a distribuição das telenovelas e suas temáticas na grade de programação é uma estratégia elaborada pela emissora a partir de estudos feitos sobre as audiências e públicos.

QUADRO 8 – Incidência de personagens jornalistas na telenovela brasileira, de 2000 a 2011, Rede Globo, horários das 18h, 19h e 21h.

2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
N/T	<p><i>O Clone</i></p> <p>21h</p>  <p>Maria Amália, jornalista internacional</p> <p>Atriz: Maria João</p>	<p><i>Desejos de Mulher</i></p> <p>19h</p>  <p>Júlia e Chico, casal de jornalistas</p> <p>Atores : Glória Pires e Eduardo Moscovis</p>	<p><i>Celebridade</i></p> <p>21h</p>  <p>Cristiano Reis, jornalista; Lineu Vasconcelos, empresário de Comunicações, dono da Revista Fama</p> <p>Atores : Gustavo Borges e Hugo Carvana</p>	<p><i>Senhora do Destino</i></p> <p>21h</p>  <p>Dirceu de Castro, jornalista do Diário de Notícias</p> <p>Ator : José Mayer</p>	N/T	<p><i>Sinha Moça</i></p> <p>18h</p>  <p>Augusto, jornalista do Diário de Araruna</p> <p>Ator: Carlos Vereza</p>
		<p><i>Esperança</i></p> <p>21h</p>  <p>Marcos, jornalista</p> <p>Ator: Chico Carvalho</p>				

(Continua)

QUADRO 8 – Incidência de personagens jornalistas na telenovela brasileira, de 2000 a 2011, Rede Globo, horários das 18h, 19h e 21h.
(Continuação)

2007	2008	2009			2010	2011		
-	<i>A Favorita</i>	<i>Paraíso</i>	<i>Caminho das Índias</i>	<i>Viver a Vida</i>	<i>Passione</i>	<i>Cordel Encantado</i>	<i>Insensato Coração</i>	<i>Fina Estampa</i>
N/T	21h	18h	21h	21h	21h	18h	21h	21h
								
	Zé Bob, jornalista Maira, jornalista Tuca, chefe de redação:	Ricardo, publicitário: Otávio, jornalista, Alfredo Modesto, jornalista,	Leinha, documentarista	Malu Trindade, jornalista comentarista de economia	Diana, jornalista	Penélope, jornalista:	Kléber Damasceno, jornalista:	Marcela, jornalista
	Jornal Impresso O Paulistano	Rádio “A Voz do Paraíso”					Impresso e Blog: Impunidade Zero	
	Atores: Carmo de La Vecchia, Juliana Paes, Rosi Campos	Atores: G. Beringuer; Guilherme Winter; Genézio de Barros	Atriz: Júlia Almeida	Atriz: Camila Morgado	Atriz: Carolina Dickerman	Atriz: Paula Burlamaqui	Ator: Cássio Gabus Mendes	Atriz: Suzana Pires

Fonte: Site da Rede Globo, <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,5273-p-19357,00.html>. Acesso em 05/07/2012

5.2. Telenovelas selecionadas para o estudo

As três telenovelas com personagens jornalistas selecionadas para o presente estudo são (i) *A Favorita*, (ii) *Paraíso* e (iii) *Insensato Coração*, todas produzidas pela Rede Globo. Estas telenovelas alcançaram altos índices de audiência, ficando nas listas dos dez títulos mais vistos no país, nos respectivos períodos de exibição das telenovelas. Os principais dados das telenovelas são apresentados na Tabela 3. A caracterização das telenovelas quanto aos temas predominantes é apresentada no item 5.3 deste capítulo.

Tabela 3 – Dados das telenovelas selecionadas.

Produção	A Favorita (a), (b)	Paraíso (c)	Insensato Coração (d)
Colocação entre os dez títulos mais vistos no período de exibição	1º (a) 2º (b)	6º	3º
Média de Audiência (pontos) ⁷²	47,6 (a) 40,4 (b)	29,8	37,06
Média de Share (participação) (%)	71,7 (a) 61,7 (b)	51,9	59,3
Horário exibição	21h	18h	21h
Número de capítulos	170	147	185
Duração do capítulo (minutos)	65	50	50 ⁷³
Início	02/06/2008	16/03/2009	17/01/2011
Término	16/01/2009	02/10/2009	19/08/2011

Fontes:

(a) ANUÁRIO OBITEL 2009 (dados referentes ao período de 02/06/2008 a 31/12/2008 de exibição da telenovela);

(b) ANUÁRIO OBITEL 2010 (dados referentes ao período de 01/01/2009 a 16/01/2009 de exibição da telenovela). *A Favorita* ficou em segundo lugar na lista dos dez mais vistos uma vez que a telenovela *Duas Caras* que a sucedeu, exibida durante todo o ano de 2009 ocupou o primeiro lugar;

(c) ANUÁRIO OBITEL 2010;

(d) ANUÁRIO OBITEL 2012: Transnacionalização da Ficção Televisiva nos Países Ibero-Americanos. Organizadores: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Guillermo Orozco Gómez. Porto Alegre: Editora Sulina (referente aos dados do ano 2011, no prelo).

⁷² Os dados são do IBOPE/OBITEL Brasil e referem-se à audiência domiciliar. Em 2011, no PNT (Painel Nacional de Televisores), 1 ponto percentual equivale a 184.730 domicílios.

⁷³ O OBITEL trabalha com a duração média sem intervalo comercial.

5.3. Caracterização das telenovelas quanto aos temas predominantes

A telenovela dá visibilidade a determinados assuntos e comportamentos; há consenso entre os observadores destas produções que ocorrem intercâmbios entre pautas que emergem das ficções para outras mídias, da mesma forma que estas produções podem repercutir temas da realidade. À telenovela aplica-se tanto o conceito de agenda-setting como o de fórum cultural, de acordo com Lopes (2005, p. 252). Há o estabelecimento destas narrativas como uma matriz capaz de sintetizar os aspectos constitutivos da sociedade brasileira, representações sociais ou políticas, desta forma,

cada ficção prioriza temas para desenvolver, mas, ao dar vida aos seus personagens, todas elas deparam com as questões cotidianas, tanto as de foro íntimo como as referentes à realidade sociocultural brasileira, e acabam representando o entrelaçamento entre os âmbitos público (social) e privado (ANUÁRIO OBITEL 2009, p.131).

Nas telenovelas selecionadas, as relações familiares, amorosas e afetivas são o pano de fundo do melodrama, destacam-se, ainda, alguns diferenciais específicos de importância social como o preconceito e a intolerância sexual e os vícios (alcoolismo e jogo).

Ressaltamos a incidência da abordagem da temática comunicação e política. Cabe esclarecer o sentido assumido para o termo “temática”, conforme Motter e Jakubaszko:

Temática refere-se “a um conjunto de temas tratados na telenovela, ou seja, quando um tema ganha destaque dentro e fora da ficção, quando ele é bem articulado entre as dimensões social e melodramática da telenovela, ele se desdobra, dando origem a uma multiplicidade de aspectos que são as várias faces e as várias implicações do próprio tema, irradiadas de um ponto central que se conecta com diferentes ações e personagens dentro da narrativa e interfere decisivamente nos rumos da trama” (2007, p. 8).

Apontamos um aspecto relevante no contexto das reflexões desta pesquisa: na temática comunicação e política, os personagens jornalistas apareciam explicando de maneira didática como o jornalismo pode ajudar a resolver as falhas na sociedade, é uma situação recorrente nas telenovelas selecionadas, mas, essa mesma atitude é questionada pela literatura que critica o jornalismo, como vimos nos estudos das teorias da comunicação.

O Quadro 9 apresenta a caracterização das telenovelas quanto às temáticas dominantes abordadas.

No capítulo 6 são feitas as análises comparativas entre as cenas selecionadas com os discursos dos jornalistas entrevistados na fase qualitativa da pesquisa.

QUADRO 9 – Caracterização das telenovelas quanto aos temas predominantes.

<i>Ficção/Ano/Autor da idéia original</i>	<i>Local/ Temporal</i>	<i>Temáticas Dominantes</i>	<i>Temáticas Sociais</i>
<i>A Favorita</i> ; 2008/09; João Emanuel Carneiro	São Paulo/ urbana/ atual	Vingança; crimes; compulsão obsessiva; ambiguidade; falsidade; ambição; revelação de identidades; relações familiares; homossexualidade; amor; valorização das relações familiares.	Corrupção na política; preconceito racial; violência doméstica contra a criança e a mulher; gravidez na adolescência; novas formas de mobilização operária.
<i>Paraíso</i> ; 2009/ <i>Remake</i> ; Benedito Ruy Barbosa. (Produção original exibida em 1983)	Paraíso (cidade fictícia)/ rural/ atual	Amor; relações familiares; dedicação à vida religiosa; religiosidade; vida no campo; tradições.	Valorização da vida no campo; formas de combate à corrupção na política; informação e meios de comunicação como forma de combate à corrupção.
<i>Insensato Coração</i> ; 2011; Gilberto Braga	Rio de Janeiro/ urbana/atual	Ambição; relações familiares; inveja; crimes; corrupção; homofobia; alcoolismo,	Combate aos crimes do colarinho branco.
Formato: Telenovela - Emissora: Rede Globo			

Fonte: ANUÁRIO OBITEL 2010 (p. 149-150); ANUÁRIO OBITEL 2012 (no prelo)

5.4. Descrição das produções e recortes de sequências de cenas

5.4.1. A Favorita



Figura 45 – Logo da telenovela *A Favorita*⁷⁴.

5.4.1.1. Autoria e sinopse



Autoria: João Emanuel Carneiro

Colaboração: Marcia Prates, Denise Bandeira, Fausto Galvão, Vincent Villari

Direção: Paulo Silvestrini, Roberto Naar, Roberto Vaz, Gustavo Fernandez, Pedro Vasconcelos, Marco Rodrigo, Isabella Secchin

Direção geral: Ricardo Waddington

⁷⁴ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-269511,00.html> . Acesso em 10/07/2012.

Sinopse: O personagem jornalista chamado Zé Bob é um dos protagonistas da telenovela *A Favorita*. Aparece no primeiro capítulo liberto das relações hierárquicas do seu local de trabalho, uma redação de jornal impresso, se empenhando em manter sua linha de investigação contra um político demagogo. A trama o conduz nos temas tão cotidianamente tratados pelo jornalismo, como: os presídios, o crime organizado, corrupção na política. Ao mesmo tempo, a vida pessoal deste jornalista segue pautada por temas igualmente noticiosos. Vê-se envolvido em um crime e, ao testemunhar contra a pessoa amada, será moralmente arguido e seu testemunho, ainda que não seja prova conclusiva poderá condenar a acusada/amada, mas o jornalista não pode se eximir de pronunciar aquilo que viu. O perfil psicológico “do bem” e profissional “devotado” do personagem jornalista congrega atributos que correm no imaginário da sociedade: não tem um alto salário, percorre a cidade atrás de suas fontes e das investigações em qualquer horário do dia ou da noite; mora em uma quitinete na cidade de São Paulo, tem um *laptop* para trabalhar em casa e uma biblioteca. Leva uma vida arriscada. Nas investigações sofre atentados contra a sua vida, sua câmera é quebrada por um terrorista fotografado, seu gravador que estava escondido é destruído com as provas, seu animal de estimação é morto, como maneira de intimidação. Ele roda a cidade de São Paulo em um carro popular e amassado por quase toda a novela, até que no final consegue trocar por um modelo de luxo importado, resultado do *merchandising* comercial. No final da trama ele revela um dossiê que leva para a cadeia o político corrupto que estava envolvido com a máfia de tráfico de armas, desarticula a facção criminosa e ainda corre novo atentado (sequestro) antes de casar com a amada (SILVA, 2009).

5.4.1.2. Perfil do jornalista Zé Bob

Homem honesto, culto e idealista, acredita que pode mudar o mundo através do jornalismo. Muito chegado a polêmicas, Zé Bob compra qualquer briga para denunciar as falcatruas dos políticos. Se envolve com Donatela e com Flora durante a trama da telenovela. Antes, porém, era um tremendo mulherengo, mas se sentia só em seu apartamento, onde vivia apenas em companhia da cadela Wilma.⁷⁵

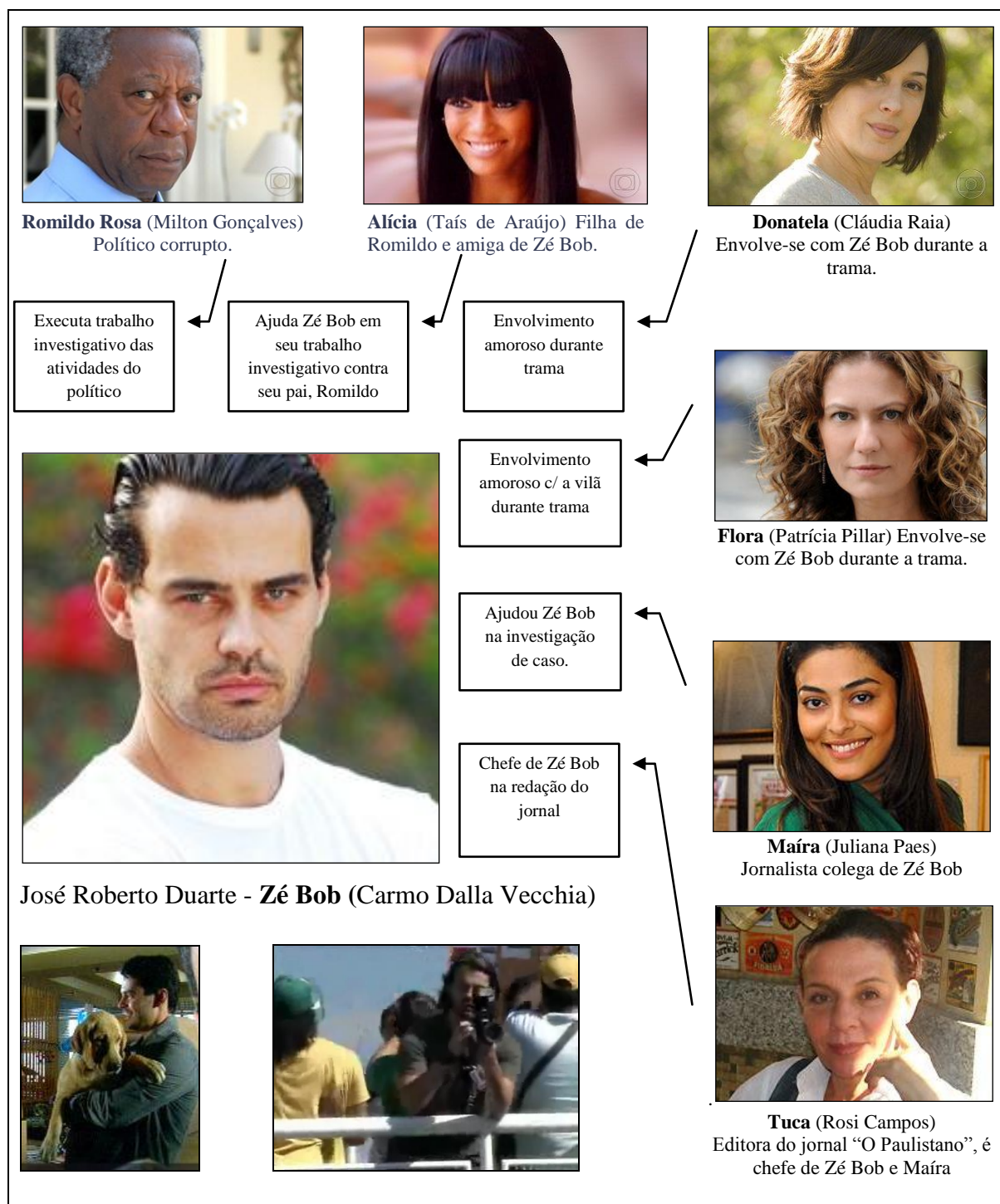
Ator: Carmo Dalla Vecchia

5.4.1.3. Círculo de relacionamentos do personagem

Os principais personagens que fizeram parte do círculo de relacionamentos do jornalista Zé Bob durante a trama da telenovela estão indicados no mapa do Quadro 10.

⁷⁵ Fonte: <http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Personagens/0,,PS2052-15493,00.html> Acesso em 10/04/2012.

QUADRO 10 – Mapa do círculo de relacionamentos do personagem



5.4.1.4. Recortes de seqüências de cenas

O jornalista José Roberto Duarte - Zé Bob é um personagem do núcleo principal da telenovela, tendo sido apresentada a sua atuação já no primeiro capítulo da trama (exibido em 02/06/2008). No primeiro capítulo da telenovela são mostradas cenas das personagens

protagonistas Donatela Fontini e sua irmã (vilã da trama) Flora. Flora acorda na cela da cadeia no dia em que será libertada, após cumprir pena, enquanto Donatela acorda em sua mansão. Flora é libertada e Donatela dá instrução para seu empregado para que siga Flora. É mostrada cena da mansão da família Fontini, com a saída de Gonçalo com o helicóptero para a fábrica. Flora é vigiada no ônibus, no coletivo sobem pessoas que se dirigem ao comício do político Romildo Rosa. Na mansão do político há um diálogo do político cobrando de seus assessores maior visibilidade de sua campanha eleitoral (*visto serem muito bem pagos para isto, ele reclama*). O político quer matérias suas na primeira página (*porque ninguém lê mais jornal, só dá uma olhada na primeira página*, fala Romildo Rosa). Foram selecionadas seis cenas para as análises comparativas, relacionadas a seguir:

1. Apresentação do personagem Zé Bob na redação do jornal “O Paulistano”. Ele conversa com a chefe de redação Tuca, há uma discussão de quem vai cobrir a pauta do comício do político (Zé Bob o persegue), Tuca passa a pauta para Maíra, mas Zé Bob sai da sala deixando a chefe falando sozinha, e vai cobrir o comício). Discurso mostrado no Quadro 11.
2. Flora desce do ônibus. Apresentação do complexo agroindustrial madeireiro para fabricação de papel e celulose da Família Fontini. Preparação do comício eleitoral de Romildo Rosa. Zé Bob chega com a sua máquina fotográfica, ele espera por Alicia (filha do político) que vai dar um escândalo para desmoralizar o pai. Zé Bob aproveita o escândalo fotografando. Aparece o político RR discursando e propondo acabar com a corrupção “... *daqueles que vampirizam o Brasil..*”. Alicia tira a roupa em público e mergulha no lago. Com isso ela consegue acabar com o comício do pai. Imagens da cena são mostradas no Quadro 12.
3. O jornalista Zé Bob escreve em um *laptop* na redação do jornal, compenetrado e sozinho. Imagens mostradas no Quadro 13.
4. O jornalista é mostrado em sua casa trabalhando à noite (presença da luminária acesa). Na sala tem uma estante grande com livros. Ele trabalha em seu *laptop*. Imagens mostradas no Quadro 14.
5. Depoimento de Zé Bob no julgamento de Donatela Fontini. Discurso do jornalista é mostrado no Quadro 15.
6. Zé Bob é chamado para uma reunião no grupo Fontini. Ele denunciou que a empresa estava fazendo uma associação com uma empresa estrangeira fraudulenta (O jornal tinha investigado a transação). Discurso mostrado no Quadro 16.








QUADRO 11 – Apresentação do personagem Zé Bob na redação do jornal O Paulistano
(capítulo 1, exibido em 02/06/2008)

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

<p>Na redação do jornal “O Paulistano”, de onde se vê o edifício do antigo Banespa.</p>	<p>(Zé Bob conversa com Tuca, a sua chefe na redação do jornal). Zé Bob: É isso o que o Romildo Rosa é, um grande corrupto.</p>	<p>Tuca: Onde é que estão as provas? Não há provas. Só conversa fiada...</p>
<p>Zé Bob: Você sabe que é verdade, Tuca, você é uma jornalista como eu, que é isso?</p>	<p>Tuca: Essa sua obsessão contra esse homem já me custou muito caro, Zé. Você não sabe o que eu já ouvi lá de cima, vamos parar por aqui, quem vai cobrir o discurso do Romildo hoje é...a Maíra. Maíra: Ôpa...</p>	
<p>Zé Bob: Não, isso não, de jeito nenhum. Maíra: Ah, por que não? A chefinha mandou, você ouviu muito bem, meu querido.</p>	<p>Tuca: Você vai fazer coluna social, vai cobrir a festa da Donatela Fontini daqui há alguns dias.</p>	<p>Zé Bob: É castigo e Tuca? Vai me botar cobrindo festa de granfino, é isso mesmo é?</p>
<p>Maíra: Que é isso, Zé, é um acontecimento sociológico, pensa assim...</p>	<p>(Toca o celular do Zé Bob, ele atende)</p>	<p>Oi, Alice...</p>

(continua)













(continuação)

		
<p>Alice: Oi Zé, aparece lá no comício do papai, garanto que você não vai se arrepender. Posso contar com isso?</p>	<p>Zé Bob: Pode contar comigo, Alice.</p>	<p>(Zé Bob desliga e começa a sair da sala da Tuca). Maíra: Ôpa, por que essa coisa contigo? Zé Bob: Eu vou no comício do Romildo.</p>
		
<p>Tuca: Não vai não senhor.</p>	<p>Zé Bob: Tô indo.</p>	<p>Tuca: Zé, se não voltar tá demitido!</p>
		<p>(Final da cena)</p>
<p>Zé Bob: Fui...</p>	<p>Maíra e Tuca olham Zé Bob sair daquela maneira impetuosa...</p>	

QUADRO 12 – Cobertura do comício eleitoral do político Romildo Rosa



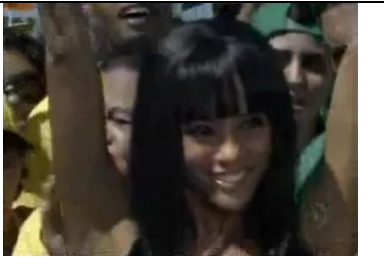









(Capítulo 1, exibido em 02/06/2008)

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

		
<p>Inicia-se o comício eleitoral em ocasião da inauguração do complexo aquático.</p> <p>Zé Bob chega ao comício e procura por Alícia..</p>	<p>(Romildo falando no palanque): (...) E digo mais, Meu compromisso é com você, pai de família, que chega em casa cansado, depois de mais de dez horas trabalhando duro para botar comida em seu lar, e não tem um lugar para relaxar no fim de semana.</p>	<p>Romildo: Este parque aquático que estamos inaugurando hoje é uma vitória pessoal minha, minha. Lazer não pode ser privilégio de uns poucos afortunados</p>
		
<p>A plateia aplaude inclusive Zé Bob, de maneira sarcástica. Ele vê um carro chegando onde vê Alícia.</p>	<p>Romildo: Se hoje eu sou um deputado que está aqui pleiteando um terceiro mandato, estou onde estou, é para lutar pelos direitos daqueles que tiveram problemas, dificuldades como eu tive na vida.</p>	<p>Romildo: Eu já passeio fome, eu já passei fome.</p>
		
<p>Romildo: Os milhares e milhares de votos que já recebi até hoje foram votos de confiança que foram depositados em mim para mudarmos as coisas neste País injusto no qual vivemos.</p>	<p>Enquanto isso, Zé Bob viu Alícia sair do carro e lhe dar um sinal.... Algo vai acontecer, ele pega a máquina.</p>	<p>Enquanto Romildo discursa: Para lutar contra a desigualdade social, para lutar pela moralidade na política;</p>
		
<p>Enquanto isso, Alícia abre o seu casaco e fica nua.</p>	<p>(Zé Bob fica estupefato!).</p>	<p>Romildo: Para botar na cadeia todos esses corruptos que vampirizam o povo brasileiro, que vampirizam o Brasil.</p>

(continua)

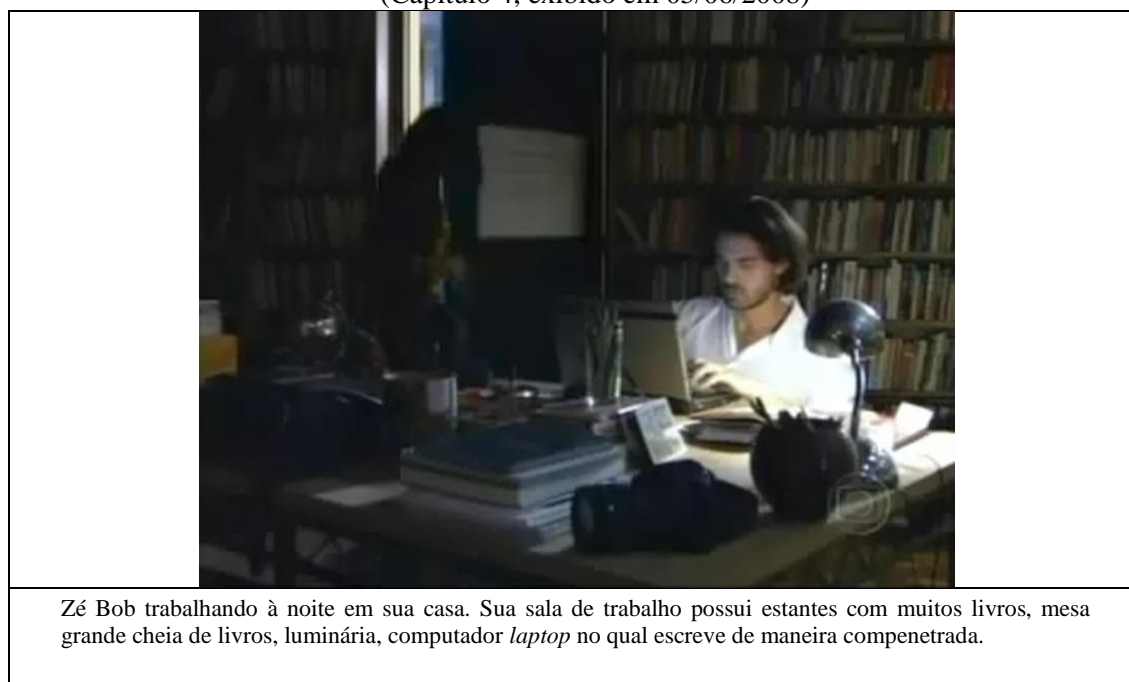
(continuação)

		
Alicia segue com o seu plano... Dirige-se nua até a beira da piscina.	Romildo: Minha missão nesse próximo mandato é... Olhem, tem uma mulher nua entrando ali...	Pessoas falando: olhe lá, é a filha do Romildo Rosa...
		
Alicia prepara-se para pular na piscina e... pula.	Alicia sorri para toda a plateia que vibra com aquele ato audacioso.	Romildo: Parece a minha filha, Alicia! Pede para os ajudantes: Vão lá pegar ela, não deixem a imprensa fotografar a minha filha, pelo amor de Deus, vai lá... Com a platéia efusiva, ninguém mais lhe dá atenção.... Acabou o comício...
		
Alicia é tirada da piscina, coberta com uma bandeira e presa pela polícia.	Alicia dá um sorriso para Zé Bob e mostra as mãos algemadas...	Zé Bob sorri para Alicia
		
Alicia é levada dentro do carro de polícia, para a Delegacia, algemada		Na sequência, Zé Bob prepara-se para ir embora (final da cena)

QUADRO 13 – O jornalista Zé Bob trabalhando ao final do dia na redação do jornal.
(capítulo 4, exibido em 05/06/2008)
Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

		
Zé Bob comenetrado escrevendo...	...e escrevendo!	Maíra: Nossa! Tá inspirado, heim! O que você está escrevendo aí?
		
Zé Bob: Aguarde o jornal...	Maíra: Uii... OK! tchau, tchau gente!	Pessoal: Tchau, até amanhã! Zé Bob continua escrevendo...

QUADRO 14 – O jornalista Zé Bob trabalhando a noite em sua casa
(Capítulo 4, exibido em 05/06/2008)



QUADRO 15 – Depoimento do Zé Bob no julgamento da Donatela. A ética do jornalista⁷⁶
(Capítulo 70, exibido em 22/08/2008).

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

<p>A testemunha de acusação Zé Bob entra na sala de audiência.</p> <p>- Advogado da acusação: Excelência, eu gostaria de saber do depoente se na noite de 25 de maio de 2008 ele entrou no galpão do armazém e viu a ré, Donatela Fontini segurando uma pistola calibre 380, que foi disparada 3 vezes contra o Sr. Dante Salvatori, causando a morte da vítima. A ré, Donatela Fontini estava ao lado da vítima, já sem vida, quando o Sr. chegou. Eu pergunto ao depoente, é correta essa afirmação?</p> <p>- Juiz: <i>Pode responder.</i></p>		
<p>Zé Bob: <i>É correta, mas eu ...</i></p>	<p>Advogado interrompe Zé Bob, perguntando: É correto também que não havia mais ninguém no referido galpão mais a ré, Donatela Fontini?</p>	<p>Zé Bob: É correto também, mas eu gostaria de ... Juiz: Limite-se a responder as perguntas, Sr. José Roberto.</p> <p>(Final da cena)</p>
<p>(Nova sequência iniciada, com o depoimento de Zé Bob)</p> <p>Zé Bob: Quando eu entrei no galpão, no armazém, Donatela tava diante do corpo de Salvatori. Ela tava com a arma na mão, mas eu quero que fique bem claro que eu não vi ela atirar. Quando eu cheguei ele já estava morto. Imediatamente ela me disse que não havia sido ela quem fez aquilo. Ela disse: A Flora e o Dódi estavam aqui e a Flora matou Salvatori na minha frente. Disse que tinha sido uma armadilha para tentar incriminá-la e me pediu para que acreditasse nela. Disse que a Flora e o Dódi queriam acabar com ela. Queriam que todo mundo pensassem que era ela a assassina, mas que ela não era isso e que nunca tinha sido.</p> <p>Advogado: Excelência, O depoente pode explicar a presença desta arma que foi disparada contra o Dr. Salvatori, estar nas mãos da ré, quando o Sr. a encontrou? Esta arma aqui, que os senhores estão vendo (mostra aos jurados).</p> <p>Juiz: Pode responder, Sr. José Roberto</p> <p>Zé Bob: Ela disse que a Flora tinha posto a arma nas mãos dela.</p> <p>Advogado: Excelência, eu gostaria de saber se ela, a ré, aceitou passivamente, que alguém tenha colocado a arma nas suas mãos?</p> <p>Zé Bob: Não. Ela teria sido golpeada e, com o golpe ela teria desmaiado. A arma teria sido colocada nas mãos dela quando ela estava desacordada.</p> <p>Advogado: Pra mim é suficiente.</p> <p>Zé Bob: Eu só gostaria de reiterar que a Donatela me disse literalmente que a arma tinha sido posta na mão dela enquanto ela estava desacordada.</p> <p>Juíz: O senhor já disse isso, Sr. José Roberto, está registrado. O Sr. está dispensado.</p>		










QUADRO 16 – Jornalismo investigativo
(capítulo 181, exibido em 29/12/2008)

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

<p>Zé Bob e Halley chegam na sede da empresa Fontini e procuram a Lara.</p>	<p>Zé Bob: Dona Irene precisa saber o que o Mr. Johnson me disse . Lara: Então vamos lá agora. Vamos interromper a reunião.</p>	<p>Lara: Desculpem interromper assim, desculpa vó. Da Irene: Não tem problema, já terminamos a reunião, mas o que houve?</p>
<p>Lara: O Zé Bob gostaria de falar uma coisa, pode ser?</p>	<p>Da Irene: Claro</p>	<p>Lara: Eu gostaria que os senhores escutassem o que o jornalista José Roberto Duarte do (Jornal) Paulistano tem a dizer sobre a empresa W Paper. Por favor Zé</p>
<p>Zé Bob: Com licença. Bom eu acho que todos vocês devem saber sobre as fortes suspeitas sobre a saúde financeira da W Paper. E hoje o que até então era especulação, se confirmou. Eu ouvi do próprio Mr. Johnson que ele e a Flora deram um golpe na Fontini.</p>		
<p>Acessor: Você tem certeza do que você está dizendo, Zé Bob?</p>	<p>Zé Bob: Eu ouvi as palavras do Mr. Johnson. Ele e Flora aplicaram um golpe na Fontini</p>	<p>Da Irene ouve e permanece quieta, abalada.</p>

(continua)

(continuação)

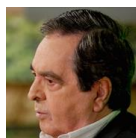
		
<p>(Zé Bob falando): A essa hora, inclusive, ele já deve ter deixado o País</p>	<p>Diretor Financeiro: Explica melhor isso rapaz.</p>	<p>Zé Bob: O escândalo acabou de estourar nos Estados Unidos. A W Paper tem apresentado balanços fraudulentos há anos. Ela está falida. E no caso de uma fusão, a Fontini vai ter que arcar com todos os prejuízos ou seja, as dívidas da W Paper.</p>
		
<p>Lara: Zé, explica direito o que pode acontecer</p>	<p>Zé Bob: Bom, eu acho que os diretores financeiros tem muito mais competência para falar isso.</p>	<p>Carvalho: Se tudo isso for verdade, a Fontini poderá ter que arcar uma dívida de bilhões de dólares da W. Paper.</p>
		
<p>Lara: É, e isso significa...</p>	<p>Diretor Financeiro: Significa...</p>	<p>Halley: Significa que pode ser o fim do Grupo Fontini (final da cena)</p>

5.4.2. Paraíso



Figura 46 – Logo da telenovela Paraíso ⁷⁷

5.4.2.1. Autoria e sinopse



Autoria: Benedito Ruy Barbosa

Adaptação: Edmara Barbosa

Colaboração: Edilene Barbosa

Direção: Rogério Gomes, André Felipe Binder, Pedro Vasconcellos, Paulo Ghelli

Direção Geral: Rogério Gomes

Sinopse

Telenovela cuja primeira versão foi exibida na TV Globo em 1982, *Paraíso* tem como tema o universo rural brasileiro. A trama principal⁷⁸ mostra a paixão proibida de Zeca (Eriberto Leão), o “filho do diabo”, e Maria Rita (Nathalia Dill), a “Santinha”, protagonistas da trama. Peões, moda de viola, discussões sobre reforma agrária e política em geral, além da relação do homem com a terra, romances e credices movimentam a novela, que é ambientada em Paraíso, fictícia cidade do interior do Mato Grosso. Há três personagens da área de *comunicação* na telenovela – um *publicitário*, Ricardo Badauska (Guilherme Beringuer) e dois *jornalistas*, Otávio Elias (Guilherme Winter) e Alfredo Modesto (Genézio de Barros). Otávio é um carioca dinâmico, agitado e idealista, que gosta de curtir as coisas boas da vida. Na época da faculdade, dividia-se entre as aulas, o surfe e o parapente, sempre acompanhado por Ricardo. Depois de formados, deparam-se com a frustração na profissão devido à falta de

⁷⁷ Logotipo da telenovela disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-276157,00.html> Acesso em 10/07/2012.

⁷⁸ Sinopse divulgada pela Globo, disponível na íntegra em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-276157,00.html> . Acesso em 09/07/2012.

emprego na cidade grande. Amigos de Zeca durante o tempo de faculdade na cidade do Rio de Janeiro, Ricardo e Otávio se mudam para Paraíso apostando em oportunidades de emprego no interior do país. Entusiasmados, eles propõem um projeto para a área de comunicação da Prefeitura. A dupla, porém, é recebida com desconfiança pelos moradores da cidade, que os veem como “picaretas”. Entretanto, Otávio e Ricardo conquistam a confiança do prefeito e inauguram a rádio Voz do Paraíso, a qual, ao mesmo tempo que vira uma das principais atrações da cidade, atravessa uma série de dificuldades ao longo da trama, por conta da falta de anunciantes e, conseqüentemente, de verba para se manter, que não sobrevive sem patrocínio, o que influirá em sua desejável independência política. Debatem-se no dilema do idealismo dos recém-formados, a falta de experiência e a vontade de manter um negócio. Para tanto, vão precisar da presença de um sênior: é apresentado na trama o jornalista aposentado Alfredo Modesto, saudosista dos tempos da redação e que se autodenomina um vocacionado para o jornalismo. Contratado para trabalhar na rádio, faz discursos clamando pela participação política da sociedade, por ser a única forma de mudança social (SILVA, 2009).

5.4.2.2. Perfil do jornalista Alfredo Modesto

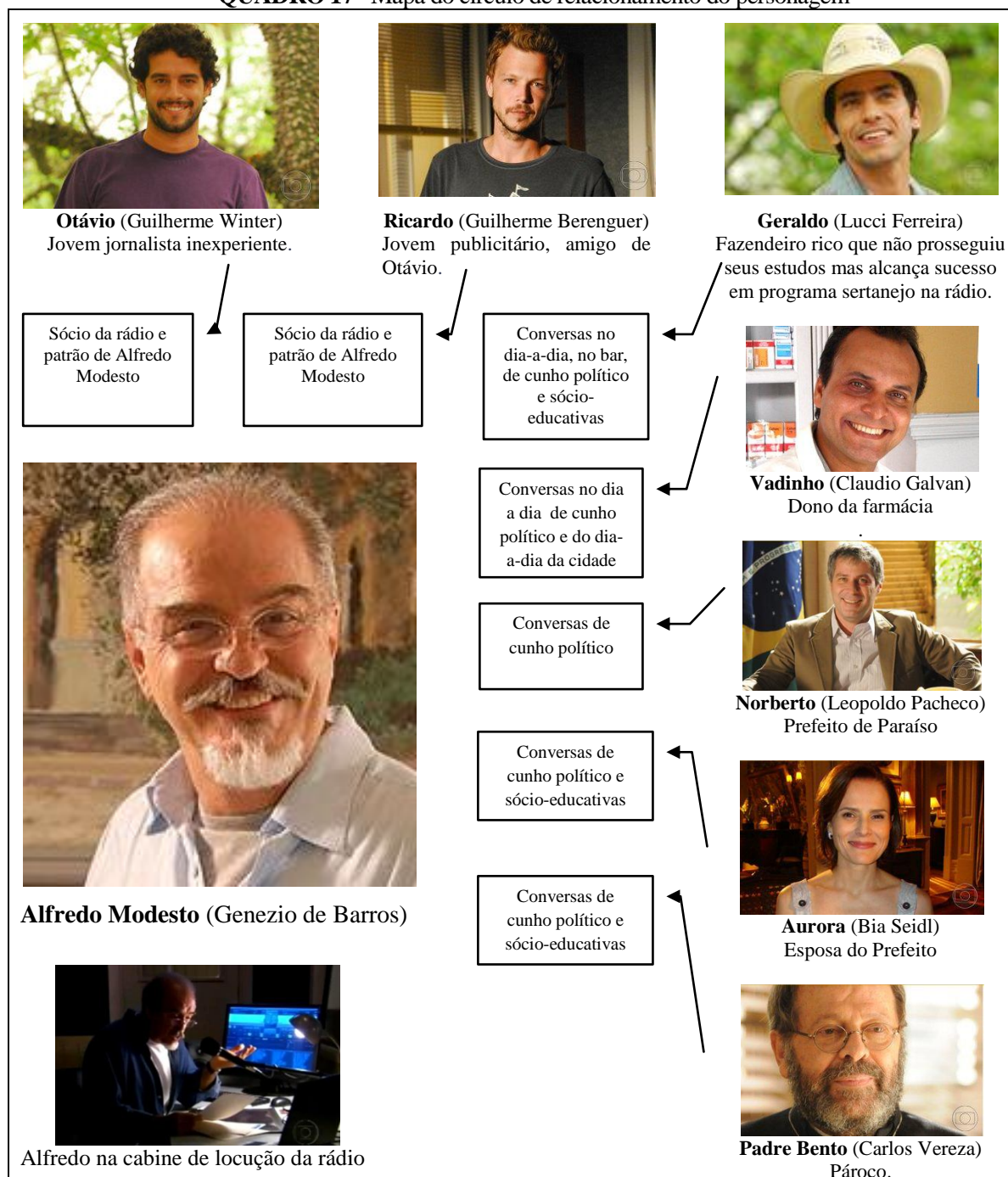
Jornalista aposentado, tem um modo peculiar de enxergar o que se passa no mundo e na política do Brasil. Crítico ferrenho das falcatruas políticas que acontecem no país. O personagem é um jornalista de *Paraíso*, muito influenciado pela cultura francesa”, diz o seu intérprete, o ator Genezio de Barros.

5.4.2.3. Círculo de relacionamentos do personagem

Os principais personagens que fizeram parte do círculo de relacionamentos do jornalista Alfredo Modesto durante a trama da telenovela estão indicados no mapa do Quadro 17.

⁷⁹ <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-276157,00.html> . Acesso em 08/07/2012.

QUADRO 17 – Mapa do círculo de relacionamento do personagem



5.4.2.4. Recortes de seqüências de cenas

Ricardo, Otávio e Alfredo Modesto são personagens do núcleo secundário da trama da telenovela. Os dez primeiros capítulos apresentam as dificuldades dos jovens formando para conseguirem o primeiro emprego e a perspectiva de realização do ideal profissional longe do mercado saturado da cidade, buscando novas possibilidades em uma cidade do interior. Mostra a frustração dos jovens empreendedores frente a uma cidade conservadora e a desilusão por terem

encontrado um terreno fértil (não tem sequer um jornal local), mas também um público desconfiado de propostas inovadoras. São ignorados e por insistência de uma jovem da cidade (a camareira da pensão) iniciam as atividades por meio do alto falante da igreja. É uma trajetória interessante marcada por diálogos carregados de idealismo. **Alfredo Modesto** foi apresentado como *jornalista* na telenovela apenas no capítulo 44 (exibido em 06/05/2009). Antes de ser apresentado como jornalista na trama, apareceu em algumas cenas isoladas participando de diálogos encenados no Bar do Bertoni, por onde passam todas as fofocas e confissões da cidade, apresentando posturas equilibradas. Foram selecionadas seis cenas para as análises comparativas, relacionadas a seguir:

1. Na pensão da D^a Ida, Alfredo Modesto senta-se em mesa próxima àquela onde estão sentados Otávio e Ricardo, donos da rádio “A Voz do Paraíso”. Inicia conversa com os dois e conta que também é jornalista, atualmente aposentado. O jornalista fala do tempo que ainda não tinha faculdade e como era o aprendizado da profissão, alcançada na experiência do dia-a-dia. Questão da teoria *versus* prática. O discurso é mostrado no Quadro 18.
2. Discurso de Alfredo Modesto relatando a sua experiência como jornalista, desde que iniciou como aprendiz na redação do jornal. Um interessante discurso do jornalista afirmando que o trabalho do jornalista, do homem de comunicação, muitas vezes é o de ensinar. Alfredo pede um emprego para trabalhar na emissora dos dois. O discurso é mostrado no Quadro 19.
3. Alfredo Modesto começa a trabalhar na rádio fazendo locuções e propagandas. Ricardo fala para Alfredo que o povo está gostando das suas locuções. Discurso de Alfredo explorando a deontologia da profissão, a vocação e a missão do jornalista, ritual da transmissão dos saberes, sedimentados pela experiência da atividade, para os mais jovens. O discurso é mostrado no Quadro 20.
4. Alfredo Modesto fala na rádio, faz um discurso que fixa as bases da democracia na participação política dos cidadãos e ressalta a representatividade da opinião pública. O discurso é acompanhado pelos jovens em silêncio e compenetrados evidenciando a autoridade da fala do jornalista experiente. O discurso é mostrado no Quadro 21.
5. Alfredo Modesto dá uma bronca em Otávio por ele ter falado na rádio que a Maria Rita tinha feito “um milagre” curando o Zeca. O discurso de Modesto ressalta as regras básicas do trabalho do jornalista, ou seja, seriedade, compromisso com a ética e a verdade. O discurso é mostrado no Quadro 22.
6. Alfredo Modesto redige uma matéria para o novo jornal da cidade, que é impresso nas dependências da igreja (a religião é tida como progressista), denunciando uma bagunça (política de gastos) na cidade, que poderá levar para a cadeia, além do prefeito, também o padre. O discurso é mostrado no Quadro 23.

QUADRO 18 – Alfredo fala sobre a questão “experiência x formação acadêmica”.
(Capítulo 44, exibido em 06/05/2009)

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

		
Alfredo Modesto chega na pensão da Dona Ida.	Alfredo: Essa vida não é mole, não é?	Otávio só olha.
		
Alfredo: Eu tô falando dessa vida que vocês dois escolheram trilhar.	Otávio: A gente não escolheu caminho nenhum não Sr. Alfredo. A gente foi caindo de paraquedas.	Alfredo: Qual de vocês é jornalista?
		
Otávio: Sou eu.	Alfredo: Eu logo vi. Eu também sou jornalista rapaz. No tempo que ainda não tinha faculdade.	Alfredo: No meu tempo a gente começava varrendo a redação, observando os mestres trabalharem. Você aprendia no dia-a-dia. Você aprendia muito mais desse jeito, se vocês querem saber, viu? Depois de uns anos dentro da redação do jornal, o sujeito sabia de tudo.
		
Alfredo: Alfredo: Hoje em dia vocês saem dos bancos das faculdades com a cabeça cheia de sonhos e experiência nenhuma.	Alfredo falando): Aí, no primeiro tropeço que tomam, caem e não levantam mais. Esse é o mal da formação que vocês recebem hoje. Sobra teoria. Falta prática. (Final da cena)	Alfredo falando): Aí, no primeiro tropeço que tomam, caem e não levantam mais. Esse é o mal da formação que vocês recebem hoje. Sobra teoria. Falta prática.

QUADRO 19 – O trabalho do jornalista, do homem de comunicação, muitas vezes é ensinar.
(Capítulo 44, exibido em 06/05/2009)

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

		
<p>Alfredo: Eu sou do tempo do foca, gente! Ricardo: Foca? Otávio: Foca é o nome que o povo do jornal dá para o aprendiz de feiticeiro. D^a. Ida: Aprendiz de feiticeiro? Ricardo: É um sujeito, Da. Ida, que acha que sabe demais, mas na verdade não sabe nada. Alfredo: No meu tempo de redação, a gente chamava o foca e mandava ele na clicheria, para reclamar que o clichê estava de cabeça para baixo. Ricardo: E eles iam? Alfredo: A maioria ia. Eles iam e voltavam. Até que percebiam que aquilo era gozação. Otávio: Era só virar o clichê. Alfredo: Essa mulecada de hoje em dia, D^a Ida, eles saem da faculdade sabendo de tudo, ávidos por ocupar os espaços e certos de que tem a fórmula do sucesso.</p>		
		
<p>Otávio: Sabe, que até bem pouco tempo atrás, a gente acreditava nisso.</p>	<p>Ricardo: Até que as contas vieram e a gente caiu na real...</p>	<p>Da. Ida: Bem-vindo ao mundo. Bom, vocês vão me dar licença. Fiquem à vontade. Ricardo: Tem toda</p>
		
<p>Alfredo: Eu me lembro que quando eu larguei a vassoura e conseguí uma vaga na redação do jornal. Eu achei que ia mudar o mundo...</p>		
		
<p>Alfredo: Mas aí o tempo foi passando, passando... E, como vocês dizem hoje em dia, eu caí na real... Depois vieram a casa, a mulher, a família.</p>		





(Continua)

(Continuação)

		
Alfredo: E, eu me dei conta que a única coisa que eu podia fazer era sentar atrás daquela bendita máquina e ser fiel aos meus princípios... às minhas ideias... Isso às vezes vale muito pouco, mesmo numa redação de jornal.		
		
Ricardo: É...a gente tem que dar ao povo aquilo que o povo quer, Sr. Alfredo, e, em geral o povo não quer mudar, porque mudar o mundo, dá trabalho, né?		Otávio: O povo quer pão e circo Sr. Alfredo.
		
Ricardo: É, acabou de acontecer aí com o programa do Geraldo.	Alfredo: É, o povo quer pão e circo, mas não somos nós que vamos dar a eles pão e circo, né, somos? Nós temos mais a dar a esse povo, moçada... ..um pouco de discernimento, quem sabe? Ricardo: Discernimento, Sr. Alfredo? O senhor acha que esse povo tem ideia do que seja discernimento?	
		
Alfredo: Mas, o trabalho do jornalista, do homem de comunicação, muitas vezes é ensinar...	Ricardo: Onde é que o senhor está querendo chegar com essa conversa, Sr. Alfredo?	Alfredo: Eu tô querendo um emprego na emissora de vocês...
		
Ricardo e Otávio se olham, perplexos ...		(Final da cena)

QUADRO 20 – Alfredo Modesto fala da sua experiência de vida, da deontologia da profissão, da vocação e da missão do jornalista.
(Capítulo 45, exibido em 07/05/2009).

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

		
Na pensão da D ^a Ida	(Sentados à mesa: Alfredo Modesto, Ricardo e Otávio). Ricardo: O povo está gostando de ouvir o senhor, Sr. Alfredo...	Alfredo: É, esse negócio de falar no microfone não é comigo...
		
Ricardo: Ué, agente achou que o senhor estivesse curtindo!	Alfredo: Bom, não é que eu não esteja curtindo. É que o que eu sinto falta mesmo é de sentar em frente de uma máquina e, escrever, escrever.	Otávio: Mas escrever sobre o quê?
		
Alfredo: Sobre tudo, sobre nada, escrever é um vício.		Alfredo: O vício de fazer do papel o nosso confidente. Despejar sobre ele todas as nossas frustrações, as nossas angústias, as nossas derrotas e os nossos sonhos também, claro.
		
Ricardo: Muito bonito isso senhor Alfredo, muito bonito.		Alfredo: Sabe, no dia em que me aposentei, fizeram um festão para mim lá na redação do jornal.
		
Alfredo: Eu saí de lá achando que enfim eu ia ter tempo para viver a minha vida.		Alfredo: Curtir a minha família, os meus netos. Coisas que eu ainda não tinha feito.

(continua)

(continuação)

Alfredo: Eu ficava enfiado naquela redação.		(em silencio)
Alfredo: Pois uma semana depois, eu descobri que a minha vida era escrever, escrever e publicar naquele bendito jornal as minhas ideias, os meus conflitos.	...a minha revolta com o que essa gente anda fazendo com esse país há tantos anos, na esperança de que esse povo me ouvisse, me ouvisse e, um dia finalmente, se rebelassem. Isso nunca aconteceu.	
Alfredo: Eu fiz da minha aposentadoria o meu atestado de óbito. Eu morri. Eu morri, aqui dentro (bebe um gole de suco, chorando).		Ricardo: Sr. Alfredo, Sr. Alfredo... Então o senhor vai escrever para a nossa rádio, tá ouvindo?
Otávio: Se o senhor ainda quiser mudar esse mundo, senhor Alfredo...	Alfredo ouve...	Otávio: O senhor vai ter que escrever para a nossa rádio....
		(Final da cena)
Ricardo observa Alfredo Modesto que parece gostar da idéia.		

QUADRO 21 – Alfredo Modesto fala na rádio sobre as bases da democracia na participação política dos cidadãos e a representatividade da opinião pública.
(Capítulo 46, exibido em 09/05/2009).

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

		
Alfredo: Numa verdadeira democracia o poder emana do povo e deve ser exercido pelo povo.	(Alfredo falando): E eu pergunto para vocês: Como?	Alfredo: Através das escolhas que o povo faz quando deposita seu voto na urna.
		
(Alfredo falando): Um voto numa verdadeira democracia é soberano. A vontade de um povo numa democracia tem que ser respeitada.		
		
(Alfredo falando): O voto de um povo e a vontade de um povo não podem ser manipulados para servir interesses outros que não sejam os interesses do próprio povo. É por isso que eu insisto: É preciso educar o povo para que na hora de votar faça a escolha certa e não se deixe enganar por falsas promessas...		
		
(Alfredo falando): O processo político começa dentro da sua casa, no seio da sua família, entre seus amigos, na sua comunidade.		
		
(Alfredo falando): Antes de votar informe-se sobre seu candidato, questione sobre o seu passado, sobre as suas realizações, veja se ele cumpre as promessas que faz ou se está apenas tentando se perpetuar no poder para atender os seus próprios interesses.		

(continua)

(continuação)

		
<p>(Alfredo falando): Um País não tem outro dom senão o povo. E nós, o povo, somos os únicos responsáveis pelos políticos que escolhemos.</p>	<p>Prefeito levanta e desliga o rádio.</p>	<p>Prefeito: Éra só o que me “fartava”. O Sr. Alfredo Modesto com um programa de política na rádio.</p>
		
<p>Padre Bento: Pois é meu querido prefeito, mas o que ele falou ele está com a razão, ele está certo! Porque o eleitor tem que votar com consciência porque a eleição não é um jogo de loteria onde a pessoa pode marcar qualquer número sem pensar.</p>	<p>Prefeito: Agora o senhor falou uma verdade. Nenhum político chega ao poder sem ser votado pelo povo, não é mesmo? Pois é padre Bento, mas o que eu quero saber quando chegar a eleição o que é que eu vou fazer com essa bendita rádio.</p>	<p>Padre Bento: Meu querido prefeito eduque o povo através da rádio, instrua essa gente através das notícias, porque se todo mundo fizesse isso não teria tanto político corrupto se elegendo através do voto nesse país.</p>
		
<p>O Prefeito ouve atentamente e retruca... Eu vou acabar sendo cassado por causa dessa bendita rádio, pode escrever o que eu to dizendo, pode “escrevê”.</p>		<p>Padre Bento: (Somente olha...)</p>
		<p>(Final da cena)</p>
<p>Prefeito: Bão, vamos embora almoçar...</p>	<p>Prefeito: ...vamos embora almoçá!</p>	

QUADRO 22 – Discurso de Alfredo Modesto sobre as regras básicas do jornalismo.
(Capítulo 52, exibido em 21/05/2009).
Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

		
<p>(Alfredo chega no estúdio da rádio e se dirige a Otávio). Alfredo: Eu não sei se te dou os parabéns ou os pêsames...</p>	<p>Otávio: Me poupe do seu sermão, Sr. Alfredo, eu já sei da burrada que eu fiz.</p>	<p>Alfredo: Foi mais que uma burrada. Você transformou um assunto que podia ser sério num sensacionalismo barato.</p>
		
<p>Otávio: Eu sei, eu sei...</p>	<p>Alfredo: <i>Seriedade, compromisso com a ética e a verdade</i>, Otávio, são essas as <u>regras básicas do trabalho do jornalista</u>.</p>	<p>Otávio: Foi vacilo meu, Sr. Alfredo.</p>
		
<p>(Ricardo ouvindo)</p>	<p>Alfredo: Um vacilo que pode custar a credibilidade da rádio e o sossego do seu amigo e dessa moça.</p>	<p>Nós estamos fazendo um esforço danado para esse povo acreditar em vocês, Otávio.</p>
		
<p>Ricardo: É, acreditar e anunciar também, né Sr. Alfredo.</p>	<p>Alfredo: Eu acho bom vocês levarem isso a sério ou vão colocar tudo a perder, heim.</p>	<p>Otávio ouve calado. (Final da cena)</p>

QUADRO 23 – Modesto na representação do envolvimento com a política local – “Mito da transparência”. Alfredo leva uma matéria para publicação.

(Capítulo 167, exibido em 25/09/2009).

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

		
Alfredo: Bom dia, Otávio! Otávio: Ôh, Sr. Modesto. Alfredo: Bom dia, Padre Bento.	Padre Bento: Bom dia, meu filho! Alfredo: Eu trouxe a minha colaboração para o próximo número do seu jornal!	(Otávio lendo)
		
Padre Bento: É sobre que assunto?	Alfredo: A situação política no nosso município, padre.	Padre Bento olha espantado... Alfredo: Vocês se preparem que vai todo mundo em cana. A começar pelo prefeito Norberto, o senhor Vadinho e até o senhor, padre Bento.
		
Padre Bento: Ih,... Eu?	Alfredo: É, o senhor andou ajudando o prefeito a acobertar essa bagunça.	Padre Bento: Eu...?
		
Alfredo: É...	(Otávio lendo): “O Paraíso da Anarquia”.	Alfredo balança a cabeça, afirmativamente... (Final da cena)

5.4.3. Insensato Coração



Figura 47 – Logo da telenovela Insensato Coração⁸⁰

5.4.3.1. Autoria e sinopse



Autoria: Gilberto Braga



e Ricardo Linhares

Colaboração: Angela Carneiro, Fernando Rebello, João Ximenes Braga, Maria Helena Nascimento, Nelson Nadotti

Direção: Dennis Carvalho, Vinicius Coimbra, Cristiano Marques, Flavia Lacerda

Direção geral: Dennis Carvalho, Vinicius Coimbra

Direção de núcleo: Dennis Carvalho

Sinopse⁸¹:

"Insensato" traz como temática principal o embate entre o bem e o mal, entre irmãos, e a vingança como proposta de vitória. Escolhas amorosas, dificuldade de amar e relacionamentos familiares dão a tônica de *Insensato Coração*, que traz como trama central uma clássica história de amor, vivida pelos personagens Pedro (Eriberto Leão) e Marina (Paola Oliveira). Nos primeiros capítulos são mostradas cenas da trama principal, desenroladas nas cidades de Florianópolis, Porto Alegre e Rio.

Kléber Damasceno é um personagem do núcleo secundário da telenovela, tendo sido apresentado como jornalista apenas no capítulo 27 (exibido em 28/02/2011). O jornalista tem como objetivo denunciar “crimes do colarinho branco” e se autodenomina um dos responsáveis pela queda de um presidente e ministros (*impeachment*). Investiga na trama as ações fraudulentas de Horácio Cortez, um banqueiro corrupto. Por intermédio de suas ações

⁸⁰ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-278207,00.html> . Acesso em 10/07/2012.

⁸¹ Disponível na íntegra em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-278207,00.html> , acesso em 09/07/2012.

investigativas, o profissional prima por esclarecer à opinião pública as manobras de empresários corruptos e a importância da imprensa, com o jargão “impunidade zero”.

5.4.3.2. Perfil do jornalista Kléber Damasceno

Irmão de Gabino, ex-marido de Daisy e pai de Olívia. Trabalhou durante anos como repórter de um grande jornal, investigando crimes econômicos e denunciando corruptos. É competente e justo, mas tem pavio curto. Machista e preconceituoso é demitido por chegar bêbado na redação. Entra numa pior e para reconstruir a vida, vê-se obrigado a vencer certos preconceitos. Ao ficar desempregado, cria um *blog* na internet chamado “Impunidade Zero” e continua investigando crimes do colarinho branco. Graças às suas reportagens, Cortez é preso e seu *blog* ganha destaque ⁸².

Ator: Cassio Gabus Mendes

5.4.3.3. Círculo de relacionamentos do personagem

Os principais personagens que fizeram parte do círculo de relacionamentos do jornalista Kléber Damasceno durante a trama da telenovela estão indicados no mapa do Quadro 24.

5.4.3.4. Recortes de sequências de cenas

O jornalista Kléber é um personagem do núcleo secundário da telenovela, tendo sido apresentado na trama somente no capítulo 27 (exibido em 28/02/2011). Foram selecionadas seis cenas para as análises comparativas, relacionadas a seguir:

1. O jornalista Kléber Damasceno entrevista Horácio Cortez, dono do Banco Andrade Cortez, o qual tem sido alvo de trabalho investigativo pelo jornalista. O discurso mostrado no Quadro 25 mostra a atuação do jornalista em entrevista face a face, instigando o banqueiro suspeito de especulação. A presença impositiva do jornalista investigativo.
2. Discussão entre Kléber e Álvaro na redação do jornal, referente a trabalho investigativo sobre Horácio Cortez.. A prática da atribuição dos espaços para as matérias nos jornais. Discurso mostrado no Quadro 26.
3. Discussão entre Kléber e Álvaro na redação do jornal (Disputa entre o jornalismo impresso com apuração *versus* jornalismo *on-line*). Sugere uma migração amigável. Jornal é produto que precisa de propaganda para atingir a audiência. “*Figuras como o Cortez mexem muito com o imaginário do leitor*”. Discurso mostrado no Quadro 27.

⁸² Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/insensato-coracao/personagem/Kléber-damasceno.html#perfil>, acesso em 09/07/2012.

4. Discussão entre Kléber e Álvaro na redação do jornal (divergências entre jornalista e editor chefe). Discurso mostrado no Quadro 28.
5. Kléber participa da coletiva de imprensa convocada por Horácio Cortez. Pressionado durante a entrevista, Cortez desmoraliza o *freelancer* Kléber porque este tem um “blog”. Discurso mostrado no Quadro 29. Cortez tentou “queimar” o jornalista Kléber no circuito das redações.
6. Kléber no aeroporto. Cortez chega da Europa, preso. Cobertura “multimídia”. Discurso mostrado no Quadro 30. Mostra a reviravolta e sucesso de Kléber na profissão de jornalista. Sua persistência culmina com a prisão de Cortez. Incute credibilidade.

QUADRO 24 – Mapa do círculo de relacionamentos do personagem



QUADRO 25 – Kléber entrevista Horácio Cortez pela primeira vez.
(Capítulo 28, exibido em 01/03/2011).

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

<p>E aí o Sr. Vendeu as suas ações na alta, logo em seguida o preço das ações despencou. A metalúrgica é pequena, teve uma queda abrupta de capital e corre o risco de falir. Isso é coincidência?</p>	<p>Cortez: Não entendo o interesse na venda das minhas ações. Uma operação rotineira. Eu lamento a sorte da empresa.</p>	<p>Kléber: A alta das ações foi artificial. O Sr. Criou uma falsa demanda e usou laranjas para comprar ações que fizeram o preço das ações subir artificialmente.</p>
<p>Cortez: Não compreendo. O quê que você está querendo dizer?</p>	<p>Kléber: Eu descobri que pelo menos duas pessoas que compraram ações da empresa antes da alta são seus funcionários. Um é um faxineiro aqui no banco. A outra é sua copeira</p>	<p>Cortez: Natural. São meus empregados de confiança, pessoas de quem eu gosto. Oriento seus investimentos, quero que eles tenham uma aposentadoria tranquila. Garanto que não são laranjas.</p>
<p>Cortez: Eu sabia que a empresa ia ter uma alta, dei a dica a eles. (pausa) Eu acho que você está sem assunto. Isso que você veio especular aqui comigo, não merece nem ser publicado.</p>		<p>Kléber: Mas vai ser publicado sim! Com a sua versão. Kléber desliga o gravador.:</p>
		<p>(Final da cena).</p>
<p>Kléber: Muito obrigado pela sua entrevista</p>	<p>Cortez fica pensativo e preocupado....</p>	

QUADRO 26 – Discussão entre Kléber e Álvaro na redação do jornal, referente a trabalho investigativo sobre Horácio Cortez.
(Capítulo exibido em 01/03/2011).

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

<p>Kléber: Eu tenho documentos provando que a copeira e o faxineiro compraram ações da Aços Fluminense antes da alta . Claro que eles foram usados como laranjas pelo Cortez...</p>	<p>Kléber: Aí ele criou um falso interesse no mercado, as ações subiram e ele vendeu na alta.</p>	<p>(Álvaro ouvindo).</p>
<p>Kléber: Acontece que a bolha estourou, e... A empresa pode falir.</p>	<p>Álvaro: Mas isso é malandragem de rotina. Difícil é provar que é contra a lei. Eu não posso dar muito espaço.</p>	<p>Kléber: A batata do Cortez está assando, Álvaro. Ele está sendo investigado...</p>
<p>Kléber: As minhas fontes na Polícia Federal são quentes... A qualquer momento a bomba vai estourar...</p>	<p>Álvaro: Tá bom, pode ser a primeira carta a cair no castelo do Horácio Cortez. : Eu vou dar quatro colunas e sobe um plantão <i>on-line</i>.</p>	<p>Kléber: Nãooooo... Vamos segurar no papel. Vamos dar a notícia direito, exclusivo. Álvaro : Ouvindo</p>
<p>Kléber: Se a gente puser <i>on-line</i>, a concorrência vem correndo atrás da gente</p>	<p>Álvaro: Mas a gente deu antes Kléber, é a política do jornal para garantir o furo, Ok? (Álvaro sai da sala)</p>	<p>Kléber fica esquentado.... (e sozinho, Kléber fala): “Boiôla.. ...Vai ser crítico de cinema...” (Final da cena)</p>

QUADRO 27 – Discussão entre Kléber e Álvaro na redação do jornal
(jornalismo com apuração x jornalismo *on-line*).
(Capítulo exibido em 02/03/2011).
Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

		
Kléber despede-se de Álvaro e este o chama...	Álvaro: Kléber, a sua matéria sobre o Cortez...(interrompe sua conversa porque toca o celular).	Kléber fica esperando enquanto Álvaro atende e conversa ao celular...
		
Álvaro: Fala gatinho... Estou aqui ainda...		Álvaro: Eu levo uma hora, mais ou menos.
		
Álvaro: Não precisa me esperar para jantar. Te ligo quando sair daqui. Um beijo meu lindo.		(Álvaro desliga o telefone)
		
Álvaro: Então, a sua matéria está ótima e eu já liberei a página...	Kléber ouve.	Álvaro: E você viu que o plantão já entrou na capa do on-line?

(continua)

(continuação)

		
Kléber: Ví, ví que você tirou o impacto da matéria que saiu.	Álvaro: Pelo contrário, criou expectativa, agora todo mundo vai ler!	Kléber ouve
		
Álvaro: Figuras como o Cortez mexem muito com o imaginário do leitor...	Álvaro: Aliás, se você conseguir para mim algum material sobre a investigação da Polícia Federal.	Kléber: Aí você vai dar uma notinha na internet...
		
Álvaro: Kléber, você vai ter que rever essas suas posições jurássicas sobre jornalismo on-line.	Kléber: Tenho certeza que você tem razão, Álvaro... Eu sou meio avesso a essas modernidades sim....	
		
Kléber: Sabe, alguns conceitos como “bom jornalismo”, “casamento”...	(Álvaro ouve)	Kléber: ...já estão aperfeiçoados, não precisam de novidades...
		(final da cena)
(Álvaro só olha espantado!)	Kléber: ...Boa Noite.....	

QUADRO 28 – Divergências entre jornalista e editor chefe
 Capítulo exibido em 03/03/2011).

Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

		
Álvaro: Vem cá, já tem “suite” para a estória do Cortez?	Kléber: Eu estou acompanhando a situação da metalúrgica...	...mas eu acho que a gente deve dar alguma coisa sobre a investigação.
		
Álvaro: Boa, o que você tem de novo?	Kléber: A minha fonte me disse ..	Álvaro: Em “on”?
		
Kléber: Em “off”	Álvaro: Então nem pensar.	Kléber: Mas deixa eu falar, pô!
		
<p>Álvaro: Não. Depois a Polícia Federal nega, reclama que a imprensa atrapalha as investigações. Aí vem o Cortez, processa gente e sai por cima, falando que a PF está querendo aparecer às custas dele, Kléber, não dá! Kléber: Claro, vai esperar chegar o julgamento do Supremo, para a concorrência dar antes Álvaro: Saiu uma nota, o representante de um grupo francês poderoso vai se encontrar com os donos de duas grifes brasileiras para adquirir as marcas. Descobre para mim qual é o hotel. Kléber: Mas eu não to dizendo? Agora quer que eu faça matéria de moda?</p>		
		
Álvaro: É uma matéria de negócios, para a Editoria de Economia, que é o seu trabalho, Kléber.	Kléber: Escuta, manda uma das suas meninas, aí, pô!	Álvaro: Eu já mandei você! OK? Pode ir. (Kléber contrariado sai da sala). (Final da cena)

QUADRO 29 – Kléber x Horácio Cortez – Entrevista coletiva
 Capítulo exibido em 26/05/2011).
 Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.












Jornalistas reunidos para uma coletiva...	Porta voz: Eu queria agradecer a presença de todos e gostaria de apresentar o Dr. Horácio Cortez.	Horácio Cortez: Boa tarde a todos! Boa tarde senhores e senhoras.
Kléber: O senhor pretende repatriar o dinheiro que mandou para fora do país?	Reporter2: O Banco Central deu dinheiro para cobrir os saques dos investidores?	Porta voz: Por favor, o Dr. Horácio Cortez tem uma declaração para fazer.
Cortez: Eu gostaria de agradecer à justiça brasileira, que não se deixou contaminar por julgamentos apressados e exerceu a sua autonomia ao refutar todas as acusações que foram levantadas contra mim. Tudo não passou de um mal-entendido. Um erro contábil nas minhas contas pessoais que levou a polícia a desconfiar de evasão de divisas. O cancelamento das investigações prova cabalmente a minha inocência.		Reporter2: E a acusação de auditoria maquiada?
Cortez: Mais uma denúncia sem fundamento. Senhores, eu chamei vocês aqui hoje, para dar uma satisfação aos meus investidores.	(Cortez falando) O Banco Andrade Cortez está mais sólido do que nunca. É uma empresa com 25 anos de atuação impecável no mercado de valores. E assim continuará por muitos outros anos mais. Isso é tudo. Obrigado, com licença.	

(continua)

(continuação)

Kléber: A sua declaração não é verdadeira.	O senhor não foi inocentado de nada. As investigações pararam porque o juiz viu uma falha técnica na obtenção de provas pela polícia. Isso é bem diferente de provar que há lisura nos seus investimentos.	Cortês: Eu me lembro de você! Como é mesmo o seu nome?
Kléber: Kléber Damasceno.	Cortês: Você não foi despedido do jornal onde trabalhava? Arranjou outro emprego?	Kléber: Agora eu sou “freelancer” e tenho um “Blog”.
Horácio Cortês: “Blog”? Eu pensei que só meninas pré-adolescentes tivessem blogs.		Cortês: Parabéns pelo empreendimento!! (em tom sarcástico).
		(Final da cena)
(Cortês e sua assessoria se vira e sai deixando a sala). Kléber: Não adianta dar as costas para a opinião pública, não. O senhor deve explicações e vai ter que dá-las mais cedo ou mais tarde. (Terminada a coletiva)		

QUADRO 30 – Kléber no aeroporto. Cortez chega da Europa, preso
 Capítulo exibido em 18/08/2011).
 Leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo.

		
Kléber: O avião chegou, o Cortez vai sair por aqui..	Kléber: Olha ele lá. Ele vai sair por aqui.	
		
Reporter 1: Ô Cortez, por favor. O que o Sr. Tem a dizer sobre a sua prisão? Reporte 2- O Sr. vai fugir de novo?	Kléber: O bom filho à casa torna Sr. Cortez. Uma declaração por favor. É bom o restaurante em Carcassonne? Recomenda para turistas brasileiros ou não?	Cortez: É bom sim, muito bom, mas está fora do alcance de gentalha como você!
		
Kléber sorri.	Cortez olha com desdém.	Policial: Dá licença agora queridos, (gitaria geral, todos os repórteres pedindo uma declaração). Cortez é levado.
		
Kléber filma a saída de Cortez	Kléber: Vou passar esse vídeo agora para o laptop.	Kléber vê a filha do Cortez chegando. Kléber: Srta. Paula Cortez, um minuto por favor.

(continua)

(continuação)

		
<p>Kléber: Agora que o governo conseguiu rastrear e pedir o repatriamento do dinheiro que o seu pai roubou, como que fica a sua família?</p>	<p>Paula: Vai pro inferno, imbecil.</p>	<p>Paula dá uma bolsada e derruba a câmera de Kléber.</p>
		
<p>Kléber: Eu só queria saber como fica a sua família.</p>	<p>Paula: Velho. Velho nojento</p>	<p>Kléber: Eu só queria saber isso.</p>
		
<p>Paula: Pobretão. Vai cobrir rodoviária vai, que é lugar de gatinha.</p>	<p>Repórter: Kléber, registrei toda a agressão.</p>	<p>Kléber: Ótimo, isso não vai ficar assim. Eu vou levar para a justiça.</p>

5.5. *Percepções sobre os personagens jornalistas das telenovelas*

Para se proceder a análise dos discursos das práticas dos jornalistas na ficção recorreremos a recortes, confirmando que o processo metódico acompanha todo o percurso da pesquisa, visto a robustez de dados e elementos possíveis para análise. Nos itens seguintes são feitos “scripts” da participação desses personagens jornalistas, com o intuito de fortalecer a caracterização dos personagens e facilitar a identificação dos seus valores e modos de ser, os interlocutores com os quais dialogam e o contexto da sua atividade de trabalho. Após a apresentação do personagem indaga-se sobre o ingresso do personagem na trama e a finalização da sua participação. Dois detalhamentos, trajetória e ética, são recortados e comentados visto que estas duas dimensões são constitutivas do bem maior do jornalismo e dos jornalistas: a credibilidade.

5.5.1. *Zé Bob em A Favorita*

Personagem: É um caso típico de profissional que alcançou o que queria na profissão. Tem laços de amizade com a redatora e trajetória compartilhada.

Como se apresenta? Primeiro Capítulo – Cena na redação; discussão de pauta; recebe uma informação privilegiada-fonte; faz a cobertura de um comício político, tira fotos e fará o texto na redação e em casa.

Pergunta a Flora qual seria o nome dela, ela não quer se identificar. Zé Bob fala: “Eu sou jornalista, sempre consigo que as pessoas falem”.

Finalização: Ao final da trama ele se reconcilia com a amada Donatela.

Trajetoária: “Você me conhece”, indica que tem um passado que credita confiança no que diz e faz. Desvenda crimes. É sequestrado por traficantes de armas.

Ética: Julgamento da Donatela: o pronunciamento/testemunho do Zé Bob é conduzido pela promotora, coloca Donatela na prisão. Ele se sente arrasado, mas não pode mentir ou omitir, visto ser um jornalista.

O jornalista Zé Bob é um dos protagonistas da novela e se divide entre a temática do melodrama tradicional (faz parte de um triângulo amoroso) e a representação da profissão do jornalista da atualidade.

Seu perfil é do jovem profissional, que mora no centro de uma grande cidade, trabalha por prazer e respeita seu dever. Trabalha na redação e em casa até altas horas em seu computador pessoal. Trabalha muito, mas ainda assim tem tempo para namorar várias mulheres. Usa seu charme para conseguir as informações que precisa e suas ideias preponderam até com a chefe da redação.

É independente, ágil, intelectualizado e ético. Vocacionado e jovem, tem emprego fixo e deixa claro que tem estabilidade no emprego quando diz que a chefe o conhece bem, tem mesa de trabalho, pede dinheiro emprestado à colega Maíra.

Seu trabalho é investigativo e ligado às denúncias de corrupção na política, agravadas pelo tráfico de armas, fato que o coloca em risco de vida durante um sequestro.

Entretanto, se a telenovela representa a violência cometida contra os jornalistas, situações comuns na América Latina (principalmente México e Brasil), manda um recado à sociedade do crime quando o próprio sequestrador ressalta para seus comparsas que não se deve matar um jornalista, porque é um crime muito grave, e seriam duramente perseguidos pela polícia.

5.5.2. Alfredo Modesto em *Paraíso*

Personagem: Racionalista, iluminista e educativo. É vocacionado, prega que se aprendia o “ofício” com os mais velhos. Cada posto na redação era alcançado com dedicação: “a vida só faz sentido na frente de uma máquina de escrever”.

Como se apresenta: Modesto aparece como personagem da cidade, mas se apresenta como jornalista quando os jovens chegam à cidade. Fala: qual de vocês é jornalista?[...] Eu logo ví... eu também sou jornalista, no tempo que ainda não tinha faculdade (...).

Os jovens são apresentados no primeiro capítulo, estão na Pedra da Gávea, pensando na frustração de terem acabado a graduação, tinham diplomas, mas não tinham empregos. Otávio, jornalista diz: “*vou cair em cima daquele prédio, vou entrar para o jornalismo mesmo que eu tenha que virar notícia para isto*”.

Finalização: Termina trabalhando na rádio A voz do Paraíso. Otávio é abandonado no altar, e diz: “*perdi essa parada*”. Ele disputava o amor da “santinha” Maria Rita com o peão Zeca. Ricardo casa com a moça da pensão.

Trajetória: Modesto faz preleção sobre a eleição de prefeito; o jornalista que quer mudar o mundo com palavras. Ressalta a função social. Otávio e Ricardo: não se sentem preparados pelo curso superior para o mercado de trabalho.

Ética: Modesto: continuamente escreve/ fala na rádio, faz denúncias que podem comprometer tanto o prefeito quanto o padre da cidade. Voz sempre moderadora, isento, personifica o “mito da transparência”. Jovens: se sentem constrangidos porque são obrigados a negociar a rádio com o sócio-anunciante. Queriam total isenção, mas terão que conciliar a publicidade com a informação para poder sobreviver financeiramente, e temem que haja influência ideológica.

A telenovela *Paraíso* constituiu-se numa fonte rica para as abordagens sobre a ética, o papel e a deontologia da profissão, como também, a discussão sobre a questão da formação acadêmica *versus* experiência.

Alfredo Modesto é o personagem que representa o perfil mais tradicional do trabalho do jornalista. É vocacionado, valoriza o conhecimento, a hierarquia e explora o prazer pelo trabalho que congrega a própria vida. Revela que é um jornalista formado na redação e não nos bancos da escola, trabalhou desde jovem e se aposentou, mas considera que só poderá manter-se vivo permanecendo no trabalho. A sua aparição nas cenas condiz com a

neutralidade política que a profissão exige: está sempre fisicamente parado entre dois opositores de ideias, sua fala expressa a ponderação e o equilíbrio.

No início da trama foram encontrados discursos idealizados de outros dois personagens da área de comunicação (um jornalista e outro publicitário), recém formados na procura de um emprego (discute-se o desemprego e a competição). O diploma é um diferencial (há cenas específicas para este reforço). Há a representação das dificuldades enfrentadas pelos jovens e pelos “mais experientes” na profissão.

Outro detalhe verificado na pesquisa foi a aparição do jornalismo atrelado à publicidade. A telenovela apresentou aspectos bem interessantes: são dois jovens (jornalismo/informação e publicidade) que começam juntos, que andam lado a lado o tempo todo, um sustenta a expectativa do outro e se justificam. Se encontram em uma cidade que não tem sequer um jornal próprio, planejam um projeto de comunicação com várias mídias e assessoria de imprensa (tudo que aprenderam na faculdade), afirmando que a cidade passará a ter uma representatividade independente, e, ao mesmo tempo, um veículo para publicizar seu comércio, reforçar a economia, desenvolvimento e progresso da cidade.

Percebe-se nas falas o intradiscursos da publicidade e da propaganda na complexa rede de interesses na cadeia de produção da informação. Explora muito os saberes instituídos e o mito da transparência.

5.5.3. Kléber em *Insensato Coração*

Personagem: Foco na apuração (Furo). Jornalista veterano com chefia mais jovem.

Como se apresenta: Kléber aparece em uma cena que estão reunidos a filha, a ex-esposa, Daise, e o namorado dela. Daise trabalha no Banco Andrade Cortez, e Kléber quer que ela o ajude a conseguir uma entrevista com o Cortez.

Finalização: Kléber consegue entrevistar Cortez quando o banqueiro é extraditado para o Brasil. Está familiarizado com a tecnologia, se propõe a encaminhar a gravação que fez no aeroporto dali mesmo para a redação, pela internet, usando um lap-top.

Trajetória: Sempre foi jornalista. “Eu derrubei um presidente, ministros...”

Ética: Mesmo não concordando com modernidades (relacionamentos do mesmo sexo) ele faz do seu *blog* porta-voz de uma campanha contra homofobia, com a rubrica da neutralidade exigida pelo jornalismo.

A telenovela *Insensato Coração* traz várias possibilidades de análise, desde a “desnecessária” (na fala do Kléber) passagem do jornalismo tradicional impresso, para as modernidades do *on-line*, o que enfraquece o “bom jornalismo”; o ponto de vista relacional nas redações (velhos jornalistas e jovens chefes de redação); o papel do jornalismo acompanhando os passos da polícia federal (por vezes, protagonizando situações que forcem a intervenção da PF); e outros.

O personagem jornalista Kléber é apresentado na trama como um homem da classe média, mas sem dinheiro, separado (com pagamento de pensão alimentícia atrasada) e que tem o vício do jogo. Ele joga durante o horário do expediente (temporariamente acobertado) porque tem uma profissão que permite a flexibilidade de horário e também a presença nas ruas para a realização do trabalho investigativo (acesso às fontes de informações). Ele trabalha na editoria de economia e política e, investiga crimes do "colarinho branco". Apresenta as facetas do velho jornalismo, reafirmando o mito da transparência e, também do novo perfil profissional multitarefa. Ele tem que se adaptar ao modelo sociotécnico e, na sua relutância, temos trechos muito interessantes, seja na questão da inovação tecnológica (ele não sabe montar sozinho uma página para um *blog*) *versus* a expressa valorização do jornal impresso (defende a tradição, das longas matérias com muita investigação). Esta situação é visível na discussão que ele tem com o seu editor chefe, na relutância em dar o "furo" no impresso (com a matéria mais investigada, porém mais demorada) do que "subir no *on-line*" imediatamente, como "regra da empresa" para resguardar o furo e motivar o interesse do leitor; o personagem se nega a cobrir uma outra matéria (economia da moda) para não sair do seu foco e diz que é coisa para "as meninas". Desafia a ordem do chefe de redação que é mais jovem do que ele e, em alguns momentos, questiona a competência do mesmo. Outro aspecto é a discussão sobre o próprio reconhecimento da profissão ao ser executada por um *freelancer* ou por um profissional trabalhando para um veículo, "jornal", carregado de peso institucional ou, para um *blog*.

São cenas que evidenciam o intenso debate das normas que caracteriza a atividade. Há sempre uma tensão entre a instituição (empresa de comunicação), o sujeito (empregado jornalista) e o seu objeto de trabalho (produto, a informação), tudo isto traduzido no uso da linguagem. Esta singularidade do trabalho do jornalista, visto que carrega a especificidade de "relatar o mundo...", acaba por revelar tanto o que é concreto (a narração do fato), como as dramáticas do uso de si, resultantes das negociações articuladas na relação de produção: relações hierárquicas, linha editorial e ética profissional.

6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

“A Comunicação é uma missão social. Por isto, juro respeitar o público, combatendo todas as formas de preconceito e discriminação, valorizando os seres humanos em sua singularidade e na luta por sua dignidade”.

(Juramento do Jornalista Profissional)

Trataremos do mundo do trabalho do jornalista na realidade e na ficção. Nossa proposta é traçar os encontros e desencontros possíveis entre os discursos dos entrevistados da pesquisa e os personagens das telenovelas. Nosso principal objetivo é fazer aparecer o sujeito e sua interpretação sobre o trabalho do profissional jornalista.

Aplica-se a Análise do Discurso como instrumento de análise das entrevistas da fase qualitativa da pesquisa e dos discursos dos personagens jornalistas, tendo em vista que, mesmo que estejam em diferentes mundos, da ficção e realidade, melodrama e realismo, suas falas permitem compreender nas suas dimensões as transformações do mundo do trabalho do jornalista.

Consideramos que são gêneros discursivos diferentes, entretanto guardam similaridades ao terem como objeto os fatos que povoam o cotidiano das pessoas, que geram repercussão e reflexão, e ainda os traços da ficção. São narrativas de uma cultura, de uma sociedade, mas resguardam uma marcada diferença, de acordo com Baccega (2011),

cada telenovela, cada produto de ficção televisiva, contém na concretude de seu desenvolvimento a verdade que se constitui nela. Por isso, não se pode avaliá-la a partir do que é exterior a ela. Neste caso, é necessário que os elementos deste produto cultural sejam verossímeis, verossimilhança esta cujas referências fazem parte da própria narrativa. Evidentemente, a narrativa emerge de uma determinada sociedade, num tempo histórico, numa cultura. Carrega com ela essas marcas. Mas, ao ser construída, levanta “muros”, delimita seu espaço, e aí se constrói algo novo. Tem especificidade. Segue determinados cânones que caracterizam o gênero e o formato. (PALLOTTINI, 1998; JOST, 2004, citados por BACCEGA, 2011)

Dentro da proposta desta pesquisa não é possível viabilizar todas as possibilidades de comparação, portanto, foram feitos recortes das falas dos jornalistas das telenovelas em situações de trabalho para comparação com os relatos dos profissionais entrevistados nas

pesquisas empíricas. O *corpus* se constituiu de um rico material para a análise, e foi necessário propor uma estratégia metodológica, descrita a seguir: as entrevistas da fase qualitativa da pesquisa empírica seguiram um roteiro previamente definido e com o foco nas respostas foram feitos os recortes dos discursos; quanto aos recortes da telenovela, embora haja abundância de diálogos dentro da temática trabalho, entretanto, não há um roteiro pré-definido, uma vez que trata-se de um produto cultural veiculado na televisão, então, adotou-se preparar o mapeamento das cenas e diálogos das telenovelas que se aproximassem dos critérios metodológicos adotados nas pesquisas empíricas.

6.1. Aproximações e diferenças - o perfil do jornalista da telenovela comparado aos resultados da fase quantitativa da pesquisa

Fazemos uma aproximação dos perfis dos profissionais jornalistas da realidade e da ficção (Quadro 31) a partir dos resultados da fase quantitativa da pesquisa empírica, a proposta é hipotética, visto as diferentes naturezas das fontes de dados.

QUADRO 31 – *O perfil do personagem jornalista da telenovela: uma aproximação (hipotética) aos resultados da fase quantitativa da pesquisa.*

<i>Considerando a caracterização do personagem</i>	<i>A Favorita (Zé Bob)</i>	<i>Paraíso- (Alfredo Modesto/ Otávio Jornalista/ Ricardo – Publicitário)</i>	<i>Insensato Coração (Kléber Damasceno)</i>
Gênero/ faixa etária/ nível socioeconômico/ Formação acadêmica..	Masculino/Aprox. 30 a 35anos/ classe média/ formação acadêmica em jornalismo. Solteiro. Pai solteiro. Apto individual, carro próprio.	Masculino/Aprox. 60 a 65 anos. Aposentado, classe média/ sem formação acadêmica em jornalismo. Viúvo? Fala em netos. Mora na pensão? Otávio e Ricardo/ Masculino/ Aprox. 25 anos/ classe média, mas sem patrocínio familiar/ formação em jornalismo e publicidade. Solteiros, sem posses.	Masculino/Aprox. 40 a 45anos/ classe média, mas sem residência ou veículo próprios/sem definição sobre a formação acadêmica em jornalismo. Divorciado.
Vínculo Institucional	Emprego fixo na redação.	Aposentado e dois jovens recém formados sem emprego (em busca de trabalho) empreendedores.	Experimenta as três situações: empregado, desempregado e <i>freelancer</i> . Foi demitido da redação por chegar bêbado no trabalho e vício do jogo.

(continua)

(continuação)

Perfil sócio-econômico./ Remuneração/ Vida Pessoal	Mora sozinho em quitinete no prédio Copan (SP), tem um automóvel VW, modelo Gol “bolinha” que roda a cidade. “Descolado”, pede dinheiro emprestado. Vive um triângulo amoroso.	Modesto mora na pensão? É viúvo? Não temos estas informações. Quer trabalhar porque sente falta da rotina do ambiente da redação. Jovens: recém formados, sem dinheiro, sem emprego. Vão tentar a sorte em uma cidade do interior. Moram em uma pensão. São jovens namoradores.	Kléber mora na casa do irmão, no subúrbio; atrasa a pensão da filha, mas alude-se ao vício do jogo. Demitido, vai ser garçon. Depois o <i>blog</i> é comprado por um portal de notícias e ele tem suas finanças garantidas. Divorciado, revê uma antiga namorada.
Tecnologia	Adaptado – <i>laptop</i> trabalha em casa, faz as fotos das matérias. Interage no núcleo secundário que é o ambiente da redação de jornal impresso; há várias mesas com computadores (outros figurantes trabalhando); a sua equipe de trabalho é composta pela chefe de redação (Tuca) e pela colega jornalista (Maira). Ambiente pequeno, mas com intensa movimentação.	Modesto: fala da máquina de escrever. Os jovens propõem um plano de comunicação, são inovadores, criativos, sonhadores, buscam independência, mas não há indicação de conflito com a tecnologia. Trabalham na rádio da cidade, o estúdio é o local de destaque, há a participação de outros integrantes jovens trabalhando em outros postos (mesa de som, p.ex.). O estúdio é moderno.	Usa gravador portátil no início, no final é multimídia. Abre um <i>blog</i> pessoal para continuar a trabalhar depois de demitido do jornal. A redação do jornal é um local com algumas mesas e computadores e outros figurantes. A sala do editor é apresentada, com os mesmos equipamentos.

a) Análises referentes à gênero, faixa etária, nível socioeconômico e formação acadêmica.

Na fase quantitativa observou-se a predominância de profissionais jornalistas jovens, brancos, da classe média, mulheres, a maioria sem filhos, habilidades multiplataformas, vínculo de emprego precário, com curso superior completo e com especialização em nível de pós-graduação (FÍGARO, 2012).

Nas telenovelas, todas as faixas etárias foram contempladas. Ter ou não diploma de jornalista não parece influir na capacidade de executar um bom trabalho, ao contrário, para Alfredo Modesto o fato de não ter sido diplomado faz com que a escolha da profissão extrapole a noção de *trabalho para viver* (ANTUNES, 2001b) e assuma a posição de vocação para o jornalismo. Todos têm família. As equipes de trabalho nas redações eram compostas por homens e mulheres. Os personagens são do sexo masculino. A incidência do sexo masculino para os personagens coincide com as características escolhidas para compor o personagem no enredo:

- a) Zé Bob é um dos vértices do triângulo amoroso em uma trama que tem duas mulheres protagonistas em conflito, fato fundamental no melodrama;
- b) Alfredo Modesto representa o imaginário do bom jornalista, bom caráter, íntegro e fiel aos preceitos do bom jornalismo. Vai ao encontro da proposta da sapiência pela experiência;
- c) Kléber Damasceno representa a obsessiva busca pela verdade e as dificuldades de um jornalista investigativo. A proposta liga a imagem do jornalista à de cidadão comum e ético, com todos os problemas associados à vida moderna.

Em outras produções podem ser encontradas mulheres jornalistas, sendo que a feminilidade, da mesma forma, compõe o personagem. *Penélope*, de *Cordel Encantado*⁸³, é um forte exemplo, como se pode inferir na sua apresentação:

Paula Burlamaqui gravou nesta semana suas primeiras cenas em *Cordel Encantado*. A atriz interpretará Penélope, uma moderna jornalista da capital, que vai a Brogodó cobrir o caso da Princesa Aurora (Bianca Bin). A personagem chamará a atenção de todos da cidadezinha, principalmente das mulheres, que nem imaginam que a bela repórter também tem um relacionamento amoroso com Farid (Mouhamed Harfouch). *“Penélope vai chegar revolucionando. É independente, curiosa e destemida. Ela não pensa em casamento, família, mas gosta de verdade do Farid e é fiel a ele. É incrível, estou muito feliz!”*, revela.⁸⁴

Fígaro (2012) aponta que há grande número de comunicadores profissionais jornalistas trabalhando em assessorias de comunicação: “esse é o setor que mais abarca jornalistas hoje, em São Paulo. Mais de 40% dos jornalistas formados trabalham em assessorias”. Nas telenovelas há referências sobre o trabalho de assessoria, mas quase sempre associados à preservação da imagem, seja de um político ou uma celebridade. Em *Insensato Coração*, Romildo Rosa reclama da incompetência de sua assessoria em conseguir uma chamada para seu comício justamente na primeira página do jornal. É em *Paraíso* que há associação do trabalho do jornalista ao de assessor de imprensa. Os jovens Ricardo e Otávio oferecem ao prefeito um plano de mídia que comporta um projeto de assessoria. Ressaltam que é fundamental a prefeitura e o prefeito terem uma assessoria de imprensa.

A faixa salarial mais abrangente entre os profissionais da pesquisa empírica pertence ao grupo dos sindicalizados, de dois a quatro mil reais por mês (2010). O referencial FENAJ para os pisos das categorias de jornalista está na faixa de dois mil reais (2012). Na telenovela, a questão financeira parece não ser problema, é aceita como uma contingência da escolha

⁸³ *Cordel Encantado*, telenovela da Rede Globo de Televisão, apresentada às 18h, período 11 de abril a 23 de setembro de 2011.

⁸⁴ <http://tv.globo.com/novelas/cordel-encantado/Bastidores/noticia/2011/05/paula-burlamaqui-grava-suas-primeiras-cenas-em-cordel-encantado.html>

profissional, entretanto, o personagem Kléber vivia com problemas financeiros, que podem estar associados ao jogo. É uma faceta da construção da imagem do jornalista na literatura, no cinema e também na telenovela.

Segundo a pesquisa empírica, a maioria dos jornalistas entrevistados estão graduados entre um e 15 anos, ou seja, entrou na profissão quando as reformas trazidas pelo computador e a internet estavam se efetivando (idem). Na telenovela, o uso da tecnologia da informação na execução das tarefas rotineiras aparece distribuída entre os personagens. Zé Bob usa computadores na redação e *laptop* em casa. Alfredo Modesto fala em máquina de escrever e trabalha em um moderno estúdio de rádio. Kléber apresenta várias experiências: gravador de voz, computador *desktop*, *laptop*, filmadora de mão e por último, reúne todas as facilidades tecnológicas ao sugerir que mandaria para a redação a matéria da prisão do Cortez, diretamente/imediatamente do aeroporto para a redação, via internet *wireless*.

Estas transformações aparecem “naturais” ou “realistas” ao passo das mudanças na vida real. Um bom exemplo é a evolução dos aparelhos celulares e do uso que se faz deles entre as telenovelas da última década, atualmente, o telefone fixo é pouco usado e as cenas e os diálogos entre os personagens se estendem devido ao/por celulares. Os contatos com os informantes/fontes são feitos face a face ou por telefone, os computadores estão nas redações da ficção (deste estudo), mas, não são mostrados como facilitadores/buscadores na pesquisa, e, por conseguinte, não há referências às “redes sociais”.

Como se evidenciou na pesquisa do GPCT (2008), as relações de trabalho são alteradas tendo em vista as inovações tecnológicas em mídias e processos. Mostrou que o domínio da informática é muito sensível no mercado de trabalho. Na fala de um entrevistado *designer*⁸⁵ da empresa Editorial podemos observar a valorização do conhecimento das ferramentas tecnológicas, acima de qualquer outra habilidade inerente ao cargo, dá aos jovens de 19 anos uma boa remuneração, por exemplo, em 2012, o piso salarial de um jornalista é de dois mil reais, enquanto um “micreiro”, em 2008, percebia de cinco a sete mil reais:

(...) a metade dos *designers* de *web* é *micrero*. Cara que gostava de mexer no computador, de programação. Teve aquele “boom” da internet, o moleque de 19 anos ganhando cinco, sete paus no primeiro trabalho. O cara falava: “É só aprender a mexer nesse programa? Eu mexo” (FIGARO, 2008, 2011).

⁸⁵ Ressaltamos que na pesquisa do GPCT 2008 “Mudanças ...”, foram entrevistados profissionais de várias áreas da Comunicação.

A “categoria” dos *freelancers* na área de comunicação emergia em 2008 como um resultado tardio das inovações dos processos de produção. A pesquisa empírica de 2012 aponta que “48% dos freelancers trabalha em período integral, para vários lugares, trabalham sozinhos em casa. Começam a pensar como novos empreendedores (...) até vender um pacote de assessoria de comunicação a um político. Vão em busca do cliente” (FIGARO, 2012). Entretanto, esta transformação foi dramática, como podemos verificar nas falas de outros dois entrevistados da pesquisa do GPTC 2008:

(...) *Na época em que veio o computador na redação, em 1992 (...) chegou o computador, a gente aprendeu a mexer, enxugou. (...) São duas etapas distintas; a vinda do computador na redação, que mudou muito o esquema de trabalho, e de uns tempos para cá e a globalização, porque tem pouco emprego para a oferta que tem de mão de obra.* (FIGARO, 2008).

e

(...) *Eu nunca saí, na verdade. Só mudei a minha condição. Fui demitida em junho de 2004 e em agosto de 2004 eu já estava aqui de novo na condição de freelancer. Eu não tenho os benefícios da empresa, eu sou mais barata para empresa e mais lucrativa para ela. Para mim piorou um monte, evidentemente, porque o salário que eu tinha, eu não ganho mais, porque os benefícios que eu tinha, eu não tenho mais. A gente está caminhando para isso, trabalhar muito em função de freelas. A tua redação fica assim: três, quatro pessoas, que são os cabeças e que disparam freelancers para fazer o seu trabalho e você supervisiona isso.* (...) (FIGARO, 2008).

As tecnologias da informação e comunicação somadas ao cenário econômico da globalização são fatores que alteraram o mercado de trabalho mundialmente, ao exigir competências que compõem o perfil de um profissional com habilidades multimídias. As transformações decorrentes provocaram desemprego e relações trabalhistas precarizantes. Antunes (2001) indica os resultados negativos dessa reestruturação produtiva da era da acumulação flexível.

Fundamentalmente, essa forma de produção flexibilizada busca a adesão de fundo, por parte dos trabalhadores, que devem aceitar integralmente o projeto do capital. Procura-se uma forma daquilo que chamei, em *Adeus ao Trabalho?*, de *envolvimento manipulatório* levado ao limite, onde o capital busca o consentimento e a adesão dos trabalhadores, no interior das empresas, para viabilizar um projeto que é aquele desenhado e concebido segundo os fundamentos exclusivos do capital (ANTUNES, 2001, p. 35).

Reitera-se que o fundamento do capitalismo é aumentar os lucros e diminuir custos. As garantias trabalhistas acabam sendo transformadas numa arma de destruição da própria força produtiva, isto acontece a partir de um discurso que prega o “reino da liberdade” para quem trabalha como *freelancer*. Alterando a noção de submissão do trabalhador ao ritmo determinado pela empresa, agrega valor para uma suposta livre escolha da hora e lugar para se trabalhar. A ideia de *homeoffice* propaga, muitas empresas adotaram estratégias do escritório

remoto, teleconferências, entre outros meios. Pelo discurso empresarial o método de trabalho à distância permite a economia de tempo no trânsito, proporcionando mais tempo para si mesmo e para a família e, com isto, uma melhoria na qualidade de vida, por exemplo. Mas, ao contrário destas formulações, o que se constata é que as relações trabalhistas ficaram mais soltas, em consequência, o empregado perde as garantias previdenciárias suplementares, perde o poder de negociação visto estar isolado do coletivo e passa a responder pelo custo da manutenção do aprimoramento técnico e equipamentos para o trabalho.

Em resumo, o perfil do profissional jornalista na telenovela é equivalente nas três produções. Ocorre uniformidade: homem em idade produtiva, de classe média, intelectualizado e não necessariamente diplomado em jornalismo. Não há questões trabalhistas entre as relações destes personagens e seus empregadores.

Neste contexto, a questão que surge é: a tecnologia faz de um “micreiro” um bom profissional jornalista? Pretende-se encontrar uma resposta, ou ao menos um caminho iluminado, ao término desta pesquisa.

b) Análise quanto às fontes de informação e redes de relacionamento do personagem jornalista.

As produções enfatizam as relações pessoais dos jornalistas para a composição das fontes de informação e redes de relacionamento. As investigações das matérias são feitas geralmente em campo, buscam as evidências nos locais dos fatos ou através de contatos com testemunhas. As fontes de informação e a comprovação das provas são “exigências” caracterizadas nas falas dos jornalistas e dos seus editores. Há preocupação em apresentar provas sustentadas sobre as investigações, o que é relevante na deontologia da profissão. Como por exemplos os casos de Zé Bob, Modesto e Kléber, citados a seguir:

1) Zé Bob afirma que o político Romildo Rosa é um corrupto; a chefe de redação, Tuca, rebate: - “onde é que estão as provas”? Ela continua dizendo que a obsessão de Zé Bob contra o político já lhe custara caro, completa – “você não sabe o que eu já ouvi lá de cima”.

2) Alfredo Modesto depois de falar na rádio sobre a política da cidade é interpelado pelo dono da farmácia, que ironiza: “você está com a faca e o queijo na mão, pode falar o que lhe vier na veneta”, ao que Modesto responde: “- é preciso ter peso e medida, até para o que vier na veneta, Sr. Vadinho...”, significando que ele é responsável pelas críticas que faz, deve poder provar aquilo que fala.

3) Kléber Damasceno fala para o chefe que tem uma fonte: - A minha fonte me disse...; o chefe ouve e fala: - em “on”?; Kléber responde: - em “off”. O chefe conclui: -nem pensar...

Esse reforço na comprovação das provas procede, uma vez que há uma cultura no país de invalidação das denúncias quando a imprensa avança sobre as competências da polícia, ou de outros órgãos corretores, embora haja, ao mesmo tempo, um debate aberto sobre procedimentos investigativos como câmeras e gravadores ocultos, etc. Entretanto, as ações da imprensa que geram repercussão e audiência, às vezes superam a preservação dos direitos civis⁸⁶.

Um caso emblemático na história do jornalismo é *Watergate*. Transformado em livro e no filme *Todos os Homens do Presidente*⁸⁷. São duas “produções” americanas: a primeira pertence ao mundo “real” e a segunda ao mundo “ficcional”, entraram para a história da comunicação premiadas no ranking do gênero narrativo⁸⁸.

Watergate é um “case” jornalístico, foi esquadriado no passo a passo da profissão, no *modus operandi* mais fiel ao manual da deontologia do jornalismo, e revelado nas páginas de um jornal diário, o Washington Post, por dois jornalistas cientes do dever de informar e respeitar o cidadão, tanto que derrubou o presidente Richard Nixon em 1974, nos Estados Unidos da América.

Na narrativa ficcional, *Todos os homens do Presidente* é um filme que retrata e reproduz as práticas do jornalismo: ética, respeito às fontes e responsabilidade autoral legal. As práticas dos jornalistas são representadas com riqueza de detalhes desde a primeira cena: uma máquina datilográfica manual lentamente escreve uma data, e tudo começa a se revelar. As paredes de vidro na redação, a discussão de pautas, um chefe de redação alinhado com as capacidades dos jornalistas e um editor rabugento, apresentados em cenas bem iluminadas, diálogos curtos e linguagem corporal. Muitos contatos telefônicos e percepções aguçadas são

⁸⁶ FSP, 18/06/2012. “Escândalo foi ponto de mudança para a investigação jornalística nos EUA e no mundo”. Nelson Sá, articulista da FOLHA.

⁸⁷ **FICHA TÉCNICA** **Diretor:** Alan J. Pakula; **Elenco:** Robert Redford, Dustin Hoffman, Jack Warden, Martin Balsam, Hal Holbrook, Jason Robards; **Produção:** Walter Coblenz; **Roteiro:** William Goldman; **Fotografia:** Gordon Willis; **Trilha Sonora:** David Shire; **Duração:** 138 min; **Ano:** 1976; **País:** EUA; **Gênero:** Drama; **Cor:** Colorido; **Distribuidora:** Não definida; **Estúdio:** Warner Bros. Pictures / Wildwood Enterprises. Baseado no livro de Carl Bernstein e Bob Woodward. Acesso em: 23/06/2012. Disponível em: <http://www.cineclick.com.br/filmes/ficha/nomefilme/todos-os-homens-do-presidente/id/2892..>

⁸⁸ Sinopse Baseado em fatos reais, *Todos os Homens do Presidente* reconstitui o caso Watergate. A história começa com a prisão de quatro pessoas assaltando um dos escritórios do edifício Watergate. O que parecia mais uma prisão foi o início de um grande escândalo que resultou na queda do presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon. O filme acompanha dois repórteres que descobrem a trama bombástica por trás dessa prisão. Indicado a oito Oscars, ganhando os de Ator Coadjuvante (Jason Robards Jr.), Roteiro Adaptado, Cenografia e Som. Baseado no livro escrito pelos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein, do Washington Post.

as chaves para as verdades que estão ocultas, confirmam que a atividade de trabalho do jornalista não é misteriosa ou fantasiosa, mas que é séria, um universo das *dramáticas do uso de si*. Os detalhes da profissão são cuidadosamente preparados para não dotar a missão jornalística como a razão do filme, ou ao menos a única, visto que o escândalo político é a carga explosiva, e uma forte condição para a existência do filme. É o jornalismo que assume o lugar de investigar a política, declara a fraude e resguarda o direito do cidadão.

Jornalismo e política, ou comunicação e política, que sempre tiveram uma estreita relação, e principalmente conflituosa nos EUA (BRIGGS e BURKE, 2002), têm nesse caso uma dupla aparição: de um lado materializa a ação que cabe ao jornalismo, que é investigar, questionar e descartar falsas provas para que instâncias judiciais dêem continuidade ao processo público instaurado, e, ao final, punir culpados e fazer justiça. De outro, comunicar a sociedade que a política também tem suas responsabilidades, e que o escândalo político foi levado a termo, e que todos estiveram informados sobre o que acontecia. Uma ação que teve como coadjuvante os meios de comunicação de massa atuando como o próprio meio da esfera pública, e, especialmente, o ambiente de disputa pela opinião pública. Na perspectiva dos estudos da comunicação, o caso *Watergate* coincide com a aura de discussões sobre jornalismo e política com o lançamento de obras de Mc Combs e Shaw e de Noelle Neumann (conforme FIG. 1).

O detalhamento do trabalho daqueles profissionais faz reconhecer o valor social da profissão, colabora para que a imagem do profissional do jornalismo na realidade fique impregnada das virtudes dos jornalistas da ficção e entrem com etiquetas positivadas na memória coletiva. O filme associado intimamente à realidade concretiza um *efeito de real*⁸⁹ de verdade e transparência (BARTHES, 1984) e estabelece um vínculo positivo, pacto de confiança, entre a instituição e a sociedade.

A consciência entre o real e o ficcional, neste caso fica bastante tênue, ou, as fronteiras ficam borradas (BACCEGA, 2010). O jornalismo, nesse caso, deixou impressas fortes marcas do seu aludido “quarto poder”, o de escrever uma página da história como um narrador-personagem vencedor; o engajamento político e ético esperado; de uma imprensa que não sucumbe à pressão da política e a empresa jornalística que estrategicamente deixou em segundo plano seus interesses comerciais, fato que não foi em vão em nenhum dos dois sentidos (moral e financeiro). O jornalismo se presta à sua missão, menos na realidade e mais na ficção, mas que de algum modo serve para saciar um desejo de justiça social.

⁸⁹ São apresentados os pormenores da investigação, seus avanços e recuos, indecisões e indefinições que reúnem uma tentativa clara de representação do real, dando um efeito de real conf. BARTHES.

QUADRO 32 – *O perfil do personagem jornalista da telenovela: o trabalho do jornalista em discussão.*

<i>Considerando a caracterização do personagem</i>	<i>A Favorita</i> (Zé Bob)	<i>Paraíso/2009-</i> (Alfredo Modesto/ Otávio Jornalista/ Ricardo – Publicitário)	<i>Insensato Coração</i> (Kléber Damasceno)
Fontes de pesquisa, provas e redes de relacionamento	As fontes de pesquisa estão na cobertura, ela vai aos locais, marca entrevista. Não faz pesquisa no computador. Usa o telefone (fixo e celular) para checar dados e fazer os contatos.	Modesto acompanha as notícias que vem de fora pelo jornal da cidade vizinha. Não usa telefone ou computador. O forte é o contato pessoal (trata-se de uma cidade do interior), o ponto de encontro é o bar e a farmácia. O bar é frequentado também pelo padre, que participa dos assuntos políticos da cidade. Os variados assuntos, desde política até a vida pessoal dos outros, são sempre debatidos pelo grupo de frequentadores do bar. A rede de relacionamentos e as fontes são as pessoas.	Kléber tem fontes na polícia, mas em “off”, acompanha as ações do banqueiro em fontes oficiais (relatórios, etc.) recebe informações de pessoas que pedem sigilo. O Blog Impunidade Zero serve como canal de denúncia e recebe inúmeros acessos.
Há prescrições? Ruídos no processo?	Não há indicação de limitações ou controles. No primeiro capítulo Tuca, chefe de redação, fala que teve muitos problemas com as acusações que Zé Bob faz contra Romildo Rosa. A prescrição está em fazer um bom trabalho. Nas cenas que apresentam o personagem trabalhando, ele está sempre sério e compenetrado. O trabalho não é enfadonho, é, sim, motivador.	Modesto não fala de prescrições, fala de hierarquia e da rotina da redação, mas denota ser algo agradável, traz o encanto da profissão. De certo modo, a rotina equivale à uma valorização do trabalho, o ritual é explorado, a iniciação é fundamental: de foca até se ser jornalista há várias etapas, que alcançadas significavam ascensão intelectual e profissional.	Nas ocasiões que Kléber está no ambiente de trabalho não é representada a rotina da redação. Exceto quando ele submete a matéria ao chefe da redação. Há embates: (a) quanto às fontes, se estas são “on ou off”, b) quanto ao furo, a reserva da informação até a matéria estar completa <i>versus</i> a imediatividade do furo no “on-line” (jornalismo na web), o chefe ressalta que é a “política do jornal”.

c) Há prescrições? Ruídos no processo?

a) Para Zé Bob e Alfredo Modesto a prescrição está em realizar o melhor trabalho. Não há embates ou prescrições aparentes. Nas produções *A Favorita* e *Paraíso* não se evidenciam controles de tempo de trabalho ou submissões rigorosas a comandos. Há valorização da produção intelectual do jornalista, da função social da imprensa e da destreza em transformar a polifonia em informação relevante.

b) Kléber Damasceno é o sujeito em atividade de trabalho em intensa negociação. Há uma sequência de situações que retratam as exigências do trabalho prescrito *versus* a experiência de trabalho do profissional, tomamos como exemplo, a situação da investigação sobre o “Banco Andrade Cortez/Metalúrgica Aços Fluminenses” que o jornalista Kléber faz a cobertura.

É apresentada uma negociação entre Kléber e seu chefe, mais jovem do que ele, sobre a política do jornal para garantir o “furo”. Nessa situação, o chefe concede 4 colunas e exige que “suba no plantão on-line”, entretanto, para Kléber, ainda não era o melhor momento para dar a notícia sobre uma investigação da polícia federal. Divergem, os ânimos se exaltam. Kléber quer “segurar no papel” enquanto chefe quer “que suba no plantão on line”. A última fala do chefe é um “OK?” irônico e mandatório, indicando que a decisão era do chefe e fim. Kléber fica parado e fala sozinho: “Boiôla, vai ser crítico de cinema”. O que parece uma exclusiva crítica de cunho pessoal e preconceituosa, envolve um pouco mais: Kléber desafia a ordem do chefe porque ele se sente mais experiente que o jovem no comando.

Ele é um jornalista de meia idade, fazendo reportagem, enquanto o jovem está no cargo de chefia. Há uma inversão do que seria o “natural”, ou seja, o mais experiente no comando.

Outro ponto é a valorização do plantão do “jornalismo on-line”, que apresenta um recorte da notícia, pelo chefe jovem que representa a tendência da urgência: o fluxo da informação, “último minuto”, ensejando uma crítica ao imediatismo; enquanto “segurar no papel” significa a preparação de uma matéria mais longa, com tempo para crítica e em última instância, eficiente na sua proposta.

6.2. Os jornalistas e os personagens falam de si e do trabalho

QUADRO 33 – O perfil do personagem jornalista da telenovela: o jornalista fala do mundo do trabalho.

<i>Considerando a caracterização do personagem</i>	<i>A Favorita</i> (Zé Bob)	<i>Paraíso</i> (Alfredo Modesto/ Otávio Jornalista/ Ricardo – Publicitário)	<i>Insensato Coração</i> (Kléber Damasceno)
Caracterização quanto ao núcleo da ação dramática	Profissão: Jornalista. Zé Bob é um dos protagonistas da ação dramática; faz parte do triângulo amoroso do melodrama.	Profissão: Alfredo Modesto e Otávio são jornalistas, e Ricardo, publicitário. Fazem parte do núcleo secundário da trama. Alfredo Modesto é um jornalista veterano que interage com os dois jovens, Otávio e Ricardo, que tentam abrir uma rádio como oportunidade de trabalho fora das grandes cidades (Rio de Janeiro).	Profissão: Jornalista. Kléber interage em um núcleo secundário. Não há cenas de interação com colegas de trabalho, mas a relação com a chefia é explorada. Há sempre uma insatisfação por parte do Kléber, seja quanto ao processo de produção e divulgação das matérias, ou quanto ao reconhecimento da autoridade do chefe.
Aspectos gerais	-Independência; escolha de pauta; Deixa a Tuca (chefia) falando sozinha trabalha em casa e na redação, está sempre na rua investigando. Tem fontes – usa o charme...	-questão do diploma; - veterano que aprende na redação x jovem formado sem experiência. Dificuldade do Modesto com a aposentadoria. Aprendem com o veterano: observam a atuação na rádio.	- jornalismo tradicional “bom jornalismo”. Rejeição do jornalista quanto à tecnologia e modernismos. Suas fontes : a pesquisa.
Satisfação pessoal com o trabalho	Muito satisfeito. A profissão de jornalista é parte da sua personalidade.	Modesto representa o jornalista vocacionado, orgulhoso da sua missão. Refere que a vida só faz sentido em frente à máquina de escrever. Os jovens estão apreensivos com o futuro profissional, pensam que a faculdade não trouxe todo o conhecimento necessário, mas que julgavam estarem preparados.	Tem orgulho do trabalho que faz, e vê sentido naquilo que faz: trazer a tona as falcatruas para que a justiça seja feita. Função social evidente no trabalho, engajamento.

6.3. Os personagens discutem o trabalho do jornalista.

QUADRO 34 – Caracterização do mundo do trabalho dos jornalistas na ficção – jornalismo e política.

<i>Considerando a caracterização do personagem</i>	<i>A Favorita (Zé Bob)</i>	<i>Paraíso- (Alfredo Modesto/ Otávio Jornalista/ Ricardo – Publicitário)</i>	<i>Insensato Coração (Kléber Damasceno)</i>
Jornalismo/ Temática	Jornalista Investigativo/ Caderno Cotidiano. Tema: combate à corrupção política.	Jornalismo Clássico Generalista, e a inserção do recém-formado na carreira. Tema: combate à corrupção política.	Jornalismo Clássico/ Editoria de Economia. Tema: combate à corrupção política.
MCM	Impresso (O Paulistano)	Rádio (A voz do Paraíso) e Impresso	Impresso e jornalismo on-line; Blog denominada “ Impunidade Zero ”
Caracterização do personagem antagonista em relação ao trabalho de jornalista	Romildo Rosa é um político corrupto, além de participar de um grupo de tráfico de armas	Alfredo Modesto, o jornalista veterano e os jovens (Otávio e Ricardo) não têm inimigos declarados.	Horácio Cortez é um banqueiro corrupto. Manipula informações financeiras para obter lucro ilícito e usa “laranjas” para a “lavagem” de dinheiro”.
Perfil do personagem	Homem honesto, culto e idealista, acredita que pode mudar o mundo através do jornalismo. Muito chegado a polêmicas, Zé Bob compra qualquer briga para denunciar as falcatruas dos políticos. Se envolve com Donatela e com Flora durante a trama da telenovela. Antes, porém, era um tremendo mulherengo, mas se sentia só em seu apartamento, onde vivia apenas em companhia da cadela Wilma. ⁹⁰	Jornalista aposentado, tem um modo peculiar de enxergar o que se passa no mundo e na política do Brasil. Crítico ferrenho das falcatruas políticas que acontecem no país. O personagem é um jornalista de <i>Paraíso</i> , muito influenciado pela cultura francesa” .	Irmão de Gabino, ex-marido de Daisy e pai de Olívia. Trabalhou durante anos como repórter de um grande jornal, investigando crimes econômicos e denunciando corruptos. É competente e justo, mas tem pavio curto. Machista e preconceituoso é demitido por chegar bêbado na redação. Entra numa pior e para reconstruir a vida, vê-se obrigado a vencer certos preconceitos. Ao ficar desempregado, cria um <i>blog</i> na internet chamado “Impunidade Zero” e continua investigando crimes do colarinho branco. Graças às suas reportagens, Cortez é preso e seu <i>blog</i> ganha destaque ⁹²

⁹⁰ Fonte: <http://afavorita.globo.com/Novela/Afavorita/Personagens/0,,PS2052-15493,00.html> Acesso em 10/04/2012.

⁹¹ <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-276157,00.html> . Acesso em 08/07/2012.

⁹² Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/insensato-coracao/personagem/Kléber-damasceno.html#perfil>, acesso em 09/07/2012.

QUADRO 35 – Caracterização do mundo do trabalho dos jornalistas na ficção – características gerais.

<i>Ficção/Personagem</i>	<i>Considerações indiretas</i>
<p><i>A Favorita/ Zé Bob/ Maira/Tuca</i></p> <p>Editoria Cotidiano</p>	<p>Romildo Rosa (político corrupto): ele quer a primeira página, reclama da assessoria de imprensa, diz para o assessor: “Eu tenho que estar na primeira página, é a única que “eles” lêem”. (1º capítulo)</p> <p>Maira (seu personagem é espelhado na jornalista Patrícia Poeta), sofre um atentado é morta (coincide com o caso Tim Lopes).</p> <p>Zé Bob mora no centro da cidade de São Paulo e sai para correr (praticar <i>running</i>) a noite, desce a escadaria do Copan e vai até o Vale do Anhangabaú. É “cult”, curte a cidade e a liberdade de um homem solteiro. Apresenta o consumo da cidade.</p>
<p><i>Paraíso- Alfredo Modesto/Otávio Jornalista/Ricardo - Publicitário</i></p>	<p>Geraldo, personagem namorado da filha do prefeito, incentiva a publicidade na rádio. Ele fala “ mais anúncios, mais gente na cidade: isso é o progresso”.</p> <p>“Uma cidade sem um jornal próprio não tem identidade”.(Ricardo e Otávio falam para a dona da pensão).</p> <p>Ricardo e Otávio apresentam um <u>plano de comunicação</u> (uma proposta que incluía várias mídias, jornal, rádio e folhetos, e assessoria de imprensa) para a prefeitura da cidade Paraíso, dizem que era muito importante o prefeito ter um assessor de imprensa, e eles fariam isto. (Um era jornalista e o outro publicitário).</p> <p>“Eles pelo menos tem diploma, está na mala, eu vi”. (Fala da arrumadeira: estavam discutindo se eles seriam outros “picaretas”, interessados somente em vender anúncios).</p>
<p><i>Insensato Coração/ Kléber Damasceno</i></p>	<p>Cortez procura um antigo redator para “queimar” o Kléber. O redator diz que esse tipo de colaboração era coisa do passado.</p> <p>Jornalista de esquerda...(Cortez contra Kléber).</p> <p>Kléber foi queimado nas redações dos outros veículos: mundo pequeno-forte relação entre os profissionais.</p> <p>Continuação da telenovela <i>Vale Tudo</i> - a proposta era refletir se “valia a pena ser honesto no Brasil” (1988, Gilberto Braga) – quando o empresário corrupto, de <i>Insensato Coração</i>, Cortez é finalmente preso, a trilha sonora é a música “Que país é este” que foi tema da telenovela <i>Vale Tudo</i>. Nas palavras de Gilberto Braga, autor das duas produções, ocorre em <i>Insensato Coração</i> a grande vingança popular. Em <i>Vale Tudo</i> o corrupto conseguia fugir do país (a repetida cena da “banana” para o Brasil). Em <i>Insensato Coração</i> a tentativa de fuga é frustrada e o empresário corrupto é preso pela Polícia Federal. Se em <i>Vale Tudo</i> havia uma frustração da sociedade com a falta de punição, agora estava sendo resgatada a justiça no país.</p>

6.4. Análise comparativa dos discursos e práticas dos jornalistas do mundo real com os da ficção

O sonho e a realidade

“É...pra mim foi muito frustrante também. Quando eu vim pra redação. (...) Você sai com aquela coisa...quase romântica mesmo, em relação ao jornalismo e aí você se depara com o lado comercial, com essa coisa do perfil do leitor(...)”. (Mariana, 31, Grupo B):

(Quadro 10) Zé Bob conversa com Tuca, a sua chefe na redação do jornal.)

Zé Bob: É isso o que o Romildo Rosa é, um grande corrupto.

Tuca: Onde é que estão as provas, não há provas...só conversa fiada...

Zé Bob: Você sabe que é verdade, Tuca, você é uma jornalista como eu, que é isso?

Tuca: Essa sua obsessão contra esse homem já me custou muito caro, Zé. Você não sabe o que eu já ouvi lá de cima, vamos parar por aqui, quem vai cobrir o discurso do Romildo hoje é...a Maíra.

Maíra: Ôpa...

Zé Bob: Não, isso não, de jeito nenhum.

Mariana e *Zé Bob* têm a mesma idade, o mesmo perfil de jornalista urbano. Mariana tem a essência idealista que se vê no *Zé Bob*. Ela tem uma fala romantizada sobre a profissão, uma coisa de sonho. Ele tem o perfil do homem galanteador. Ela é uma profissional que identifica o seu lugar na empresa. Ele diz não para o chefe.

Senra (1997) questiona em sua obra “O último jornalista: imagens de cinema”, a permanência e insistência de um “estereótipo” de jornalista com um “estranho poder: o de gerar e manter vivas todas as construções, até mesmo aquelas cujas correspondência com as figuras da prática cotidiana o tempo já se encarregou de anular”(1997, p.13).

Zé Bob vivifica esta imagem, e tem ressonância até com jornalista nacional que foi tema de livro recentemente: Tarso de Castro: A vida de um dos mais polêmicos jornalistas brasileiros, escrito por Tom Cardoso. *Zé Bob* circula no centro da cidade e frequenta os botecos nas ocasiões que tem como objetivo encontrar com suas fontes; tem um espírito que faz alusão à fúria em buscar a verdade, que Tom Cardoso aponta nessa biografia. A beleza física, os cabelos longos, a roupa despojada, além de caracterizar o estilo *noir* das produções francesas, encanta as mulheres tal como o jornalista Tarso. Vale acrescentar que nesta biografia há um interessante paralelo com a imagem intelectualizada e revolucionária dos jovens da década de 1970, especialmente no eixo Rio-São Paulo. Tarso tinha como companheiros de boteco Vinícius de Moraes, Dias Gomes, Paulo Francis e os companheiros do Pasquim. Esta passagem serve para ilustrar a resistência oferecida ao governo militar por estudantes com perigosíssimas e potentes armas, tais como lápis e papel. (CARDOSO, 2005, p. 22).

Voltando a Mariana, nossa entrevistada, ela sonhava com uma profissão idealizada e se deparou com o lado comercial. Há uma dupla voz que se manifesta no enunciado de Mariana, preocupada em diferenciar sua visão pessoal da visão da profissional, editora em um grande jornal.

Comparando à fala de *Zé Bob*, vemos que não há essa divisão entre o profissional e o pessoal. *Tuca*, a sua chefe, fala que já teve problemas com o pessoal “lá de cima”, significando que as atitudes de *Zé Bob* são compatíveis com a imagem do jornalista investigativo, motivado pela justiça social, mas independente. Um perfeito idealista carregado do romantismo profissional.

Mariana e *Zé Bob* carregam discursos que se completam, mas também se antagonizam, ressaltam a idealização no trabalho, mas o respeito à chefia é uma coisa bem real, que Mariana cumpre, entretanto para *Zé Bob*: *Não, isso não, de jeito nenhum.*

Este é o discurso inaugural das metáforas do jornalismo: uma profissão idealizada do jornalista, um senso de dever para com a verdade e o cidadão. A comunicação política e a lógica do mercado aparecem em movimentos conjugados. As regras de organização do trabalho e a liberdade de expressão que só existiu há muito tempo.

Entretanto, a ficção fundamenta sua fala ao tratar da imagem do poder, por exemplo: o local do trabalho é uma redação “clean”, paredes internas de vidro, onde tudo pode ser visto, a percepção de espaço vigiado baseado em Foucault. Um prédio muito alto no centro de São Paulo significa que a informação importante que parte do centro para a periferia, e de cima para baixo. Uma imagem reiterada pela indústria cultural, onde prédios altos sempre significaram poder e desenvolvimento. E, jovens na redação com sonhos de cercar a fraude dos políticos corruptos, esta também é uma versão comum na filmografia, por exemplo.

Os discursos destes dois jornalistas, em comparação, abrem novas possibilidades de análise: Mariana diz:

Enunciado:

“É...pra mim foi muito frustrante também. Quando eu vim pra redação. (...) Você sai com aquela coisa...quase romântica mesmo, em relação ao jornalismo e ai você (...). .

Neste enunciado: “eu vim” e depois “você sai, ..., e ai você”, o *eu* de Mariana a trouxe para assumir o lugar do trabalho, enquanto o *você* é Mariana que guarda o sonho da realização pela profissão sedimentado pela nossa sociedade.

São estes enunciados de Mariana que permitem esclarecer duas faces do cotidiano social pela linguagem: há um lugar onde Mariana aceita as regras: o trabalho, e outro onde faz

suas próprias regras. Percebe-se a interdiscursividade: na empresa há um distanciamento entre o trabalho (eu) e o desejo (você), terceira pessoa, há uma relação de poder.

Pode-se perceber na formação discursiva/ideológica - interdiscursividade quando ela usa os verbos no passado imperfeito eu vim” e depois “você sai, ..., e aí você” . Ela demonstra que havia uma idealização que foi rompida, havia também um ideia compartilhada com outros, que sonharam o mesmo sonho de fazer jornalismo por um ideal do bem coletivo, ou aqueles que apregoaram que essa era missão da profissão.

Enunciados:

Zé Bob: Você sabe que é verdade, Tuca, você é uma jornalista como eu, que é isso?

Tuca: Essa sua obsessão contra esse homem já me custou muito caro, Zé. Você não sabe o que eu já ouvi lá de cima, vamos parar por aqui, quem vai cobrir o discurso do Romildo hoje é...a Máira.

Neste trecho a formação discursiva/ideológica – interdiscursividade é percebida como uma relação próxima na atividade de trabalho dos jornalistas : você sabe; é uma jornalista como eu , revela que um discurso de classe: os jornalistas, e ressalta que eles dois comungam de um saber investido pelo profissão: você é uma jornalista como eu.

Os enunciados de Mariana e *Zé Bob* se distanciam na profissão. Ela se defende de uma aposta em um trabalho que não trouxe o resultado esperado até o momento. Ele usa sempre a primeira pessoa, o *eu*, e depois o *você*, que além de demarcar os turnos de fala, demonstra que para ele a relação chefe e chefiado não tem fronteiras, enquanto na fala da *Tuca*, ela hierarquiza a relação no trabalho - já me custou muito caro. *Tuca* teve que responder por *Zé Bob* junto aos superiores, explicar-se por ele, na posição de chefe da redação.

Uma questão de gênero: o discurso político.

(Quadro 12) Cobertura do comício eleitoral do político Romildo Rosa .

Romildo Rosa falando no palanque: *E digo mais, meu compromisso é com você, pai de família, que chega em casa cansado, depois de mais de dez horas trabalhando duro para botar comida em seu lar, e não tem um lugar para relaxar no fim de semana.*

Este parque aquático que estamos inaugurando hoje é uma vitória pessoal minha, minha. Lazer não pode ser privilégio de uns poucos afortunados.

Romildo: *Se hoje eu sou um deputado que está aqui pleiteando um terceiro mandato e estou onde estou, é para lutar pelos direitos daqueles que tiveram problemas, dificuldades como eu tive na vida.*

Eu já passei fome, eu já passei fome...

Os milhares e milhares de votos que já recebi até hoje foram votos de confiança que foram depositados em mim para mudarmos as coisas neste País injusto no qual vivemos.

(Enquanto isso, Zé Bob viu Alícia sair do carro e lhe dar um sinal... Algo vai acontecer, ele pega a máquina fotográfica).

Romildo Rosa discursa: *Para lutar contra a desigualdade social, para lutar pela moralidade na política;*

O discurso político é um gênero de discurso carregado de possibilidades de análises. Torna-se com facilidade um modelo de análise das relações sociais, econômicas e políticas, porque fala a linguagem do cotidiano, marca e fixa seu lugar na história. Explora a retórica para a persuasão, mediante o uso de ênfases, repetições, metáforas e adjetivações. O discurso aproxima-se para convencer. Deve-se evitar “ruídos na comunicação”, e tem como fundo um convencimento presumido.

O discurso político, como o de *Romildo Rosa* é feito no palanque. Ele usa o próprio corpo como mídia. Esta é uma das formas mais clássicas da persuasão: um deseja convencer o outro e sobretudo na política deseja-se convencer à muitos. O palanque destaca um orador da multidão, eleva para que seja visto e torna-se um polo emissor. Mas, o palanque da Idade Mídia (RUBIM, 2001) é eletrônico, já ultrapassou o rádio, o cinema e a televisão, e ainda foi possível ir além, a modernidade já criou o palanque eletrônico transmidiático. Na eleição de Barack Obama (EUA) foi experimentado com sucesso um canal de contato, via internet, que recebeu milhões de acesso e outros milhões como donativos de campanha.

A ironia quanto ao discurso político antecede a Idade Moderna, porque mesmo nos castelos havia uma figura encarregada de escarnecer o rei. Mikhail Bakhtin (1997, p.2) quando se refere à obra de Rabelais sobre as “obras cômicas” e as “fontes populares” no contexto da Idade Média, mostra que as feiras carnavalescas tinham um cunho político. Ricos e pobres se aproximavam, as autoridades se misturam nas festas e todos festejavam. Bakhtin (idem, p.3-4) explora, na perspectiva de Rabelais, o percurso deste “problema da cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento”, visto que nenhuma festa se realizava sem os elementos de uma organização cômica, nas festas religiosas, a exemplo do “riso pascal” (*riso paschalis*), ou nas agrícolas, “durante os quais se exibiam gigantes, anões, monstros”. É necessário insistir que:

“(...) todas as manifestações, ritos e espetáculos guardam uma “diferença de princípio”, em relação ao culto e às cerimônias oficiais sérias da Igreja oficial ou do Estado feudal. Ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferentes, deliberadamente não-oficial (...) pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles viviam em ocasiões determinadas” (idem, p.5)

Significa dizer que havia durante as festas uma suspensão temporária das diferenças, consentidas no espaço de uma “ficção”. Esse convívio e “confronto” de realidades estavam suspensos durante as festas populares (carnavalescas) que se realizavam na praça pública, e, se expressavam por uma comunicação peculiar, gestada ao longo do tempo, na tradição. Devido à alternância de estados, as representações na linguagem carnavalesca são carregadas de gestos e de um lirismo da alternância, que se caracterizam pela lógica original das coisas pelo avesso, ao contrário. O autor nos adverte que se nestas condições, na Idade Média, o riso na festa popular se encarregava de “escarnecer dos próprios burladores”, porque havia uma inclusão do povo no seu mundo da paródia; na época moderna, há uma diferenciação: “o autor satírico que apenas emprega o humor negativo, coloca-se fora do objeto aludido e opõe-se a ele; isso destrói a integridade do aspecto cômico do mundo, e então o risível (negativo) torna-se um fenômeno particular” (idem, p. 11).

Neste percurso, com o distanciamento do riso festivo e popular, vai tomando lugar a sátira, a paródia que contemplará a subversão, da referência com a diferença. O palco destas manifestações populares carregadas de conteúdo ideológico transborda o espaço das ruas, para se adequarem às “gazetas” do início da Idade Moderna, nos protótipos de editoriais e colunas de leitores, que se espalhavam pela Europa, mas que acabaram por evoluir para o “fenômeno particular”, que trata Bakhtin, por se restringirem ao descontentamento de certos grupos, no processo de alternância no poder. Era por meio da linguagem, dos variados gêneros, da fala mordaz, da sátira, da ironia e do riso. Nos jornais impressos, as tirinhas ou quadrinhos, ou mesmo textos anônimos, tratavam de “alfinetar” a nobreza.

Ainda na atualidade os encontros entre os políticos e a população ocorre nos mesmos termos. No fragmento da fala de Romildo Rosa, temos:

Se hoje eu sou um deputado que está aqui pleiteando um terceiro mandato e estou onde estou, é para lutar pelos direitos daqueles que tiveram problemas, dificuldades como eu tive na vida.(...) Eu já passeio fome, eu já passei fome...

Os políticos em campanha relacionam em seus programas várias visitas à feiras e outros centros de comércio, são cafezinhos, pastéis e brincadeiras. As pessoas sentem-se próximas dos políticos, e associam a “autoridade” como um dos “nossos”.

A linguagem estabelece as relações que o homem tem com o mundo: a ironia expressa o desacordo e pode ser uma forma de “rebeldia”. A interlocução deve ser observada quanto à estar submetida ao discurso irônico. Se o discurso está carregado de ironia, ele pode estar à

serviço da crítica, que poder ser política ou pessoal. A ironia abre possibilidades à polissemia. A representação política em situações irônicas estabelece uma sintonia entre o narrador e o leitor, marca a posição crítica daquele que faz a ironia.

Na cena, *Zé Bob* aplaude com sarcasmo o discurso do político. *Romildo Rosa* usa seu discurso de autoridade que permite falar mentiras só falando verdades, um clichê muito bem empregado na política. *Romildo Rosa* faz-se passar por um de seus interlocutores, diz ter os mesmos sentimentos de desolamento frente à pobreza. Ele fala e repete até ganhar um efeito de verdade.

Romildo: *Para botar na cadeia todos esses corruptos que vampirizam o povo brasileiro, que vampirizam o Brasil.*

Alícia segue com o seu plano... Dirige-se nua até a beira da piscina.

Romildo: *Minha missão nesse próximo mandato é...*

Olhem, tem uma mulher nua entrando ali...

(Pessoas falando): *olhe lá, é a filha do Romildo Rosa...*

Alícia prepara-se para pular na piscina e... pula. Alícia sorri para toda a plateia que vibra com aquele ato audacioso (...)

Escândalo, sobretudo, político e imprensa estão sempre na mesma linha. Briggs e Burke (2004) referem-se à animosidade exacerbada entre os políticos e a televisão, nos anos 1940. Gomes (2011) aponta que desde a publicação de Lippmann () havia uma mal estar instalado entre o jornalismo e a política, mas, na passagem do tempo ocorreu uma inversão: a notoriedade pode ser deliberadamente plantada, tendo em vista que estar na mídia tem um valor positivado, resta nas situação adversas confundir o interlocutor e plantar a dúvida. A linguagem manipulada pode dar conta disto.

(Quadro 12) – O jornalista Zé Bob trabalha compenetrado na redação do jornal

(Zé Bob compenetrado escrevendo...e escrevendo).

Maíra: *Nossa! Tá inspirado, heim! O que você está escrevendo aí?*

Zé Bob: *Aguarde o jornal...*

Maíra: *Uii...*

_OK! tchau, tchau gente!

Pessoal: *Tchau, até amanhã!*

(Zé Bob continua escrevendo).

“...acabei achando que jornalismo era uma profissão bacana..”

(*Maria*, 37, Grupo C)

Maria, formada na Cásper Líbero, quis ser jornalista por causa da amiga que ia ser fotógrafa.

“Bom, eu tinha uma amiga que falava que ia ser fotógrafa, eu achava o máximo ela querer ser fotógrafa e aí eu não tinha dom pra ser fotógrafa, mas eu achava que podia escrever assim, que eu tinha o dom pra escrever. Um pouco inspirada na minha amiga, um pouco tentando fazer teste vocacional, eu fiz teste vocacional e dava advogada, eu não queria ser advogada, a minha mãe já era advogada e eu não tinha vontade de ser o que ela era e eu acabei achando que jornalismo era uma profissão bacana, que eu ia acabar me dando bem nela porque eu sabia me

expressar bem, eu escrevia bem, então eu achei que eu me encaixava, então acabei optando assim, uma análise assim bem...”(Maria, 37, Grupo C)

Gostar de escrever, e ter familiares com grau superior são fatores sempre contaram para a escolha pela profissão de jornalista. Muitos profissionais relatam que na hora de escolher a futura profissão foram aconselhados por professores, ou até porque consideravam a profissão compatível com a facilidade de escrita nas redações, ou gostar das disciplinas de História e Geografia.

Há também neste aspecto uma aproximação entre a vontade de ser escritor como profissão. No Brasil não há uma tradição de formar escritores que vivam exclusivamente desta profissão. Há uma tendência de se associar a literatura ao jornalismo. De um lado, pela própria história da profissão em todo o mundo, e por garantia da sobrevivência, a escolha acaba sendo uma dupla jornada permanente: uma pauta que traz a ideia de um livro e uma boa história que mereça ser desenvolvida no jornal.

Um outro aspecto é que ter mais familiares com curso superior é algo recente no Brasil, e a profissão de jornalista agrega uma imagem associada aos intelectuais.

Trabalhar em casa (Quadro13) – O jornalista Zé Bob trabalhando a noite em sua casa

Zé Bob trabalha durante a noite em sua casa. Sua sala de trabalho possui estantes com muitos livros, mesa grande cheia de livros, luminária, computador laptop no qual escreve de maneira compenetrada.

Ter livros no lar e usar um computador portátil para continuar o trabalho em casa mostra a valorização da cultura, como distinção entre as classes sociais. Ler livros, ser afeito às “belas letras” a nunca foi um hábito do brasileiro (CANDIDO, 2009). Nossa tradição cultural esteve associada à linguagem oral por vários motivos, desde o lento processo de alfabetização no país que atingia jovens e adultos.

A necessidade de investimento em educação para cumprir o projeto desenvolvimentista da segunda metade do século XX não contemplava aos adultos, embora os debates em torno deste tema fossem amplamente desenvolvidos na academia, ou ainda em toda sociedade pelas propostas de Paulo Freire.

Trabalhar em casa é também uma forma associada aos novos modos organizativos de trabalho. O “home-office”, palavra de um vocabulário importado, é também uma ideia que chegou com as novas propostas de flexibilização do trabalho, que se destacaram a partir dos

anos 1990. Se traduziam em atualizar as formas de aumento da lucratividade das empresas, associadas a tecnologia que transforma as relações de trabalho. Trabalhar em casa e não desperdiçar tempo no trânsito, comum nas grandes cidades, especialmente as norte-americanas.

O não-dito (Quadro 14) – Depoimento de Zé Bob no julgamento de Donatela

(A testemunha de acusação Zé Bob entra na sala de audiência).

Advogado da acusação: *Excelência, eu gostaria de saber do depoente se na noite de 25 de maio de 2008 ele entrou no galpão do armazém e viu a ré, Donatela Fontini segurando uma pistola calibre 380, que foi disparada 3 vezes contra o Sr. Dante Salvatori, causando a morte da vítima. A ré, Donatela Fontini estava ao lado da vítima, já sem vida, quando o Sr. Chegou. Eu pergunto ao depoente, é correta essa afirmação?*

Juiz: *Pode responder.*

Zé Bob: *É correta, mas eu ...*

Advogado interrompe Zé Bob, perguntando: *É correto também que não havia mais ninguém no referido galpão mais a ré, Donatela Fontini?*

Zé Bob: *É correto também, mas eu gostaria de ...*

Juiz: *Limite-se a responder as perguntas, Sr. José Roberto.*

(Nova sequência iniciada, com o depoimento de Zé Bob)

Zé Bob: *Quando eu entrei no galpão, no armazém, Donatela tava diante do corpo de Salvatori. Ela tava com a arma na mão, mas eu quero que fique bem claro que eu não vi ela atirar. Quando eu cheguei ele já estava morto. Imediatamente ela me disse que não havia sido ela quem fez aquilo. Ela disse: A Flora e o Dódi estavam aqui e a Flora matou Salvatori na minha frente. Disse que tinha sido uma armadilha para tentar incriminá-la e me pediu para que acreditasse nela. Disse que a Flora e o Dódi queriam acabar com ela. Queriam que todo mundo pensassem que era ela a assassina, mas que ela não era isso e que nunca tinha sido.*

Advogado: *Excelência, O depoente pode explicar a presença desta arma que foi disparada contra o Dr. Salvatori, estar nas mãos da ré, quando o Sr. A encontrou? Esta arma aqui, que os senhores estão vendo (mostra aos jurados).*

Juiz: *Pode responder, Sr. José Roberto.*

Zé Bob: *Ela disse que a Flora tinha posto a arma nas mãos dela.*

Advogado: *Excelência, eu gostaria de saber se ela, a ré, aceitou passivamente, que alguém tenha colocado a arma nas suas mãos?*

Zé Bob: *Não. Ela teria sido golpeada e, com o golpe ela teria desmaiado. A arma teria sido colocada nas mãos dela quando ela estava desacordada.*

Advogado: *Pra mim é suficiente.*

Zé Bob: *Eu só gostaria de reiterar que a Donatela me disse literalmente que a arma tinha sido posta na mão dela enquanto ela estava desacordada.*

Juiz: *O senhor já disse isso, Sr. José Roberto, está registrado. O Sr. está dispensado.*

Se uma das virtude do jornalismo é explorar o fato para evitar erros de julgamento, o personagem sofre com o reverso desta moeda. Durante o depoimento que faz sobre um crime supostamente cometido por sua amada Donatella, ele é impedido falar “por completo” o que viu na noite do crime. Cerceado pelos advogados de acusação, ora os seus enunciados ficam fora do contexto, ora as palavras omitidas geram as dúvidas sobre a inocência de Donatella. A

intencionalidade no uso das palavras, as “microdecisões que envolvem a textualização”⁹³ evidenciam a complexidade constitutiva da enunciação, destacam “a palavra como uma arena de luta, onde se manifestam as forças sociais em constante disputa para significar o mundo...” (BAKHTIN). Zé Bob, jornalista, disputou esse jogo de significados e os ditos e não ditos com outros conhecedores da força das palavras, que são os advogados. O gênero do discurso do “Direito” é fundamentado na retórica, na herança aristotélica da “faculdade de fornecer argumentos” (ARISTÓTELES *apud* HOHLFELDT, 2008, p.77); “a principal finalidade da Retórica é a persuasão, mas ela não é a persuasão em si mesma e, sim, a capacidade de “discernir os meios de persuadir a propósito de cada questão” ” (idem).

Os textos jornalísticos representam construções discursivas atravessadas por estratégias de persuasão. O estudo e a análise da relação pensamento/linguagem apresentam as formas de estruturação da relação objeto/linguagem, indicando os caminhos que o pensamento percorre no entendimento da mensagem recebida até se transformar em uma resposta àquele estímulo. O percurso no processo comunicativo, portanto, deve ser claro, lógico e elaborado, para que o pensamento e a informação almejados sejam transmitidos, e, é preciso que o destinatário da nossa comunicação seja estimulado ou motivado a produzir a resposta “certa”, revelando que carrega a característica de objetivar persuadir o interlocutor (BLINKSTEIN, 1985, p.17). Outra prática relevante é a escolha do repertório de palavras que serão utilizadas, o conhecimento e o uso do repertório linguístico ou cultural adequado permite envolver o leitor, conduzindo a uma assimilação rápida da mensagem. Trata-se de um processo de codificação e decodificação que se instaura mediante as coletividade cultural, mesmo nos assuntos mais complexos, ampliando o mecanismo de entendimento (HALL, 2003).

Discursos do jornalista na telenovela Paraíso

(Quadro 17) - Alfredo Modesto encontra com Otávio e Ricardo e apresenta-se como jornalista. Estão na mesa de jantar da pensão.

Alfredo Modesto: *Essa vida não é mole, não é?*

Eu to falando dessa vida que vocês dois escolheram trilhar ...

Otávio: *A gente não escolheu caminho nenhum não Sr. Alfredo. A gente foi caindo de paraquedas.*

Alfredo Modesto: *Qual de vocês é jornalista?*

⁹³ Conceito proposto Muniz Jr, J. [*Os desafios da palavra alheia* . Mestrado ECA USP] A atividade de linguagem contém restrições e coerções de ordem social. Os enunciados comportam dentro de si as “dramáticas do texto”, no conjunto de relações dos sentidos no texto. Muniz citando Orlandi (2007, p.30): “esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele”(MUNIZ, 2010, p.13).

Otávio: *Sou eu.*

Alfredo Modesto: *Eu logo vi..*

Eu também sou jornalista rapaz.

No tempo que ainda não tinha faculdade.

No meu tempo a gente começava varrendo a redação, observando os mestres trabalharem. Você aprendia no dia-a-dia. Você aprendia muito mais desse jeito, se vocês querem saber, viu? Depois de uns anos dentro da redação do jornal, o sujeito sabia de tudo.

Hoje em dia vocês saem dos bancos das faculdades com a cabeça cheia de sonhos e experiência nenhuma. Aí, no primeiro tropeço que tomam, caem e não levantam mais. Esse é o mal da formação que vocês recebem hoje. Sobra teoria. Falta prática.

A cena se desenvolve no salão de jantar da pensão, de acordo BACCEGA (2011, p. 346) esta situação ganha força, visto que “a telenovela (...) precisa fazer interagir seus personagens e sabe disso, escolhe as refeições – café, almoço, jantar e afins – para fazer acontecer sua narrativa.

A mesa é um lugar de prazer: esta descoberta já é bem antiga, mas conserva sua verdade e seu segredo. Pois comer é bem mais que comer” (De Certeau, 2008, p. 267).

O encontro dos jovens com o jornalista experiente na mesa de jantar é ideal. Conduz aos discursos face a face intercalando os turnos de fala, com perguntas e respostas que denotam a autoridade do conhecimento *versus* a sensibilidade pelo desconhecimento. *Modesto* explica aos jovens didaticamente o que é ser jornalista, e para quem este profissional serve. Ele trabalha para a sociedade, sua visão de mundo é fundamentada nos ideias do iluminismo, do racionalismo que devota ao conhecimento a possibilidade de transformar a sociedade.

Alfredo Modesto: *Eu sou do tempo do foca, gente!*

Ricardo: *Foca?*

Otávio: *Foca é o nome que o povo do jornal dá para o aprendiz de feiticeiro.*

Da. Ida: *Aprendiz de feiticeiro?*

Ricardo: *É um sujeito, Da. Ida, que acha que sabe demais, mas na verdade não sabe nada.*

Alfredo Modesto: *No meu tempo de redação, a gente chamava o foca e mandava ele na clicheria, para reclamar que o clichê estava de cabeça para baixo.*

Ricardo: *E eles iam?*

Alfredo Modesto: *A maioria ia. Iam e voltavam. Até que percebiam que aquilo era gozação.*

Otávio: *Era só virar o clichê.*

Alfredo Modesto: *Essa mulecada de hoje em dia, Da. Ida, eles saem da faculdade sabendo de tudo, ávidos por ocupar os espaços e certos de que tem a fórmula do sucesso.*

Otávio: *Sabe,...que até bem pouco tempo atrás, a gente acreditava nisso.*

Ricardo: *Até que as contas vieram e a gente caiu na real...*

Da. Ida: *Bem-vindo ao mundo. Bom ..vocês vão me dar licença. Fiquem à vontade.*

Ricardo: *Tem toda.*

Alfredo Modesto: *Eu me lembro que quando eu larguei a vassoura e conseguí uma vaga na redação do jornal. Eu achei que ia mudar o mundo... Mas aí o tempo foi passando, passando e, como vocês dizem hoje em dia, eu caí na real... Depois vieram a casa, a mulher...família. Eu me dei conta que a única coisa que eu podia fazer era sentar atrás daquela bendita máquina e ser fiel aos meus princípios, às minhas ideias...*

Isso às vezes vale muito pouco, mesmo numa redação de jornal.

Ricardo: *E...a gente tem que dar ao povo aquilo que o povo quer, Sr. Alfredo, e, em geral o povo não quer mudar, porque mudar o mundo, dá trabalho, né?*

Otávio: *O povo quer pão e circo Sr. Alfredo.*

Ricardo: *É, acabou de acontecer aí com o programa do Geraldo.*

Alfredo Modesto: *É, ...O povo quer pão e circo, mas não somos nós que vamos dar a eles pão e circo, né, somos? Nós temos mais a dar a esse povo, moçada, um pouco de discernimento, quem sabe?*

Ricardo: *Discernimento, Sr. Alfredo? O senhor acha que esse povo tem ideia do que seja discernimento?*

Alfredo Modesto: *Mas, o trabalho do jornalista, do homem de comunicação, muitas vezes é ensinar...*

Ricardo: *Onde é que o senhor está querendo chegar com essa conversa, Sr. Alfredo?*

Alfredo Modesto: *Eu tô querendo um emprego na emissora de vocês...*

“Eu fui fazer jornalismo porque eu queria dizer a verdade, muita gente foi fazer jornalismo porque queria dizer a verdade, hoje em dia você vê a verdade não é exatamente o que tá rolando” (João, 37, Grupo B)

“Eu não vejo nenhuma diferença hoje nas profissões, eu via antigamente, quando um jornalista tinha naquele seu interior assim, aquela coisa.. Eu fui fazer jornalismo porque eu queria dizer a verdade né, muita gente foi fazer jornalismo porque queria dizer a verdade, hoje em dia você vê a verdade não é exatamente o que tá rolando, o que sai dos jornais publicado, o que sai na TV publicado não é exatamente a verdade....” (João, 37, Grupo B)

Os jornalistas assumem os papéis de professores para os interlocutores. Os apreciadores da telenovela perceberam e isso repercutiu em matéria no Observatório da Imprensa⁹⁴. Em maio de 2009 foi publicado o que Emanuelle Najjar escreveu :

Ontem, quarta feira (6/5), me surpreendi assistindo a uma novela.(...)

A surpresa que eu tive ficou por conta de Paraíso, novela de Benedito Ruy Barbosa. E meu espanto não tem nada a ver com algo que chame a atenção na história, ou atitudes questionáveis de personagens. Pelo contrário, me surpreendi com a função social do texto apresentado em uma das cenas. Não uma função comum, ou merchandising social, como já é hábito de alguns autores. Mas a força do que foi dito e a quem essas palavras possam ter sido dirigidas.

Em uma cena, um antigo jornalista conversa com um novato recém-saído da faculdade. O jovem é sócio de um amigo na criação de uma rádio para a pequena cidade de Paraíso, cenário da trama.(...) prestei bastante atenção na cena, quando percebi o que ia acontecer.

As três premissas da profissão

Houve comparações...

"No meu tempo, os novatos começavam limpando o chão da redação enquanto viam os mestres trabalhando. (...) Os de hoje saem da faculdade cheios de sonhos e planos, achando que sabem tudo e querendo mudar o mundo... e no primeiro tombo, acabam desistindo."

⁹⁴ **Fonte:** <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/desabafo-em-paraiso>

E lamentos...

"O problema é que os outros não querem saber de mudar o mundo. Dá muito trabalho. Esse povo quer é pão e circo."

"Mas não precisamos dar o que eles querem. Podemos oferecer mais. Podemos oferecer discernimento."

"Discernimento? Mas será que esse povo sabe o que é discernimento?"

"Não sei, mas nós podemos ensinar. Ensinar é uma das funções do jornalista, não é?"

*Quando eu estava na faculdade, tinha um professor que falava isso. E como ouvi. Durante dois anos, ouvi que a profissão tinha **três premissas: educar, criar memória, e transformar a realidade**. Essas seriam as obrigações dos jornalistas. E era justamente nessa tecla que os personagens estavam batendo.*

Um desafio e tanto

E é a verdade. Parece romântico, mas a realidade é dura. A princípio, os recém-formados saem mesmo das salas de aula com a cabeça cheia de teorias e sonhos. E no primeiro obstáculo acabam emperrando. Às vezes, por encarar como primeira função uma cobertura de crimes de rua, obituários ou plantonistas de delegacia. E nessa profissão, os que se destacam são aqueles que não desistem ao descobrir que muito do que pensavam sobre salário, respeito e glamour eram ilusórios. Ser jornalista exige paciência e persistência. É, sim, uma profissão bela, mas é bem mais que ler notícias no JN ou apresentar a previsão do tempo. Jornalista ganha pouco, engole muito sapo, trabalha muito e sem hora marcada. Carrega responsabilidades imensas. Mudar o mundo não é uma coisa fácil, mas faz parte das nossas funções. Por ela passamos por grandes dificuldades. Os sonhos dos novatos são necessários. Mas ter os pés no chão também é o requisito. Ensinar, não é fácil. Oferecer discernimento idem. Transformar a realidade em plena era de "pão e circo"? Um desafio e tanto. Quem se habilita?

De um lado, o antigo jornalista e o saber instituído pela prática, pela experiência da vida (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008) e de outro, o jovem, questionando a respeito da atividade de trabalho. Percebemos que há a dialética entre a atividade humana e as exigências do mundo em transformação. Os saberes da profissão, os valores de cidadania, de responsabilidade social e da ética da profissão assumem um caráter pedagógico na fala de quem tem autoridade (idem).

Modesto poderia ser um contemporâneo de Alberto Dines ou Samuel Wainer, renomados jornalistas brasileiros, que cresceram nas oficinas cinzentas das redações. Atravessaram a história do nosso país e escreveram a nossa memória, em uma época que “as batidas das teclas da Remington faziam tremer o coração” (Xico Sá). Modesto representa esta geração que encontrou no espaço da redação o seu destino de ser jornalista, e enquanto detentor de uma posição de poder, esteve amparado pela ética pessoal. Dines afirma que não há ética no jornalismo. Existe a ética do homem. No mesmo diapasão, temos a família Abramo, que ainda servem como exemplo do verdadeiro jornalismo defendido na telenovela por Alfredo Modesto.

É, também, a voz do narrador na personagem: jornalismo se faz com ética, com permanência na educação e não é o caminho mais fácil, é na fala do trabalhador da comunicação, e na fala de pertencimento da categoria, neste caso proferida a partir da maior empresa de comunicação. Claude Brémont⁹⁵ (1973, p. 67), afirma que

numa narrativa (“récit”), a responsabilidade moral do narrador, está comprometida com os julgamentos de valor que ele atribui (ou recusa atribuir) aos acontecimentos que narra. No cinema, onde o narrador só se dirige excepcionalmente ao público, estes julgamentos se exprimem, seja de maneira explícita, mas indireta, pela boca de um personagem autorizado, de maneira direta, mas implícita, pela adoção de um “tom” de narração (“narration”).

Na telenovela, o personagem, neste caso, o jornalista, tem o seu discurso autorizado (e controlado) pelo autor da produtor . Embora seja uma obra aberta, que terá o seu desenvolvimento durante a exibição, é passível da influência da opinião da audiência, isto não significa que há uma “co-autoria” do público. Mas, o personagem também não tem “autonomia” para decidir as suas falas. No texto está claramente definido que o personagem “narra” o “seu” espectro de julgamentos de valores a partir da concepção do seu criador – o verdadeiro narrador.

Sodré (1984, p. 112) sugere que a telenovela dá margens a um número infinito de leituras, tendo uma variedade de mitos possíveis de serem acionados, entre eles, a força do mito educacional modernizador, que adotamos para pensar esta sequência em *Paraíso*, cuja moral da história é que o país só irá para frente por intermédio da educação do povo, e a função do jornalista muitas vezes é o de ensinar. Educação e modernização são ainda as premissas que levam a televisão a receber um *status* de sistema oficial de cidadania.

Nesta outra passagem, Modesto reitera essa vocação do jornalismo quanto ao exercício da cidadania:

Alfredo Modesto: *Numa verdadeira democracia o poder emana do povo e deve ser exercido pelo povo. E eu pergunto para vocês: Como?*

Através das escolhas que o povo faz quando deposita seu voto na urna. Um voto numa verdadeira democracia é soberano. A vontade de um povo numa democracia tem que ser respeitada.

O voto de um povo e a vontade de um povo não podem ser manipulados para servir interesses outros que não sejam os interesses do próprio povo.

É por isso que eu insisto: É preciso educar o povo para que na hora de votar faça a escolha certa e não se deixe enganar por falsas promessas.

⁹⁵ BREMOND, Claude; METZ, Christain, **Cinema. Estudos de Semiótica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

“Aqui no nosso trabalho, a gente... As pautas são definidas para “Intranet” e para a InTV, que não tem matéria nem TV, mas tem flashes de informação, são basicamente os acontecimentos da Casa, que são importantes, desde um asteamento de bandeira, que é uma coisa até banal, mas que pra gente aqui é um ato cívico, então é um fato importante, acontecimentos com os funcionários, um exemplo, ontem uma funcionária aqui da limpeza fez 80 anos, ela é muito queria aqui na câmara, então isso virou notícia e é legal, por que ela se vê ali e os colegas também veem, então é interessante e eventos, e acontecimentos e notícias que influenciam aqui no nosso dia-a-dia, ou na nossa carreira, por exemplo, uma discussão de “Data base”, discussão de mudanças na rotina de trabalho, o que influencia aqui pra gente, é burocrático, eu sei”(Armando, 32, Grupo B)

Democracia e civilidade são assuntos e ideais que povoam o jornalismo. Refoçadas pela expressão de reconhecimento e no imperativo da voz do radialista Modesto. Todas estas vozes interagem, formando a polifonia que abstrai o repertório de todas as pessoas.

(Quadro 19) - Alfredo Modesto descreve a saudade que sente de atuar na sua profissão de jornalista.

Ricardo: *O povo está gostando de ouvir o senhor, Sr. Alfredo...*

Alfredo Modesto: *É, esse negócio de falar no microfone não é comigo...*

Ricardo: *Ué, a gente achou que o senhor estivesse curtindo...*

Alfredo Modesto: *Bom, não é que eu não esteja curtindo... é que o que eu sinto falta mesmo é de sentar em frente de uma máquina e escrever ... escrever....*

Otávio: *Mas escrever sobre o quê?*

Alfredo Modesto: *Sobre tudo ... Sobre nada... Escrever é um vício. O vício de fazer do papel o nosso confidente... Despejar sobre ele todas as nossas frustrações, as nossas angústias, as nossas derrotas... e os nossos sonhos também, claro.*

Ricardo: *Muito bonito isso Sr. Alfredo, muito bonito.*

Alfredo Modesto: *Sabe, no dia em que me aposentei, fizeram um festão para mim lá na redação do jornal...*

Eu saí de lá achando que enfim eu ia ter tempo para viver a minha vida, curtir a minha família, os meus netos.... coisa que eu ainda não tinha feito. Eu ficava enfiado naquela redação...

Pois uma semana depois eu descobri que a minha vida era escrever, escrever e publicar naquele bendito jornal as minhas idéias, os meus conflitos, a minha revolta com o que essa gente anda fazendo com esse país a tantos anos, na esperança de que esse povo me ouvisse... me ouvisse... e um dia finalmente se rebelassem. Isso nunca aconteceu...

Eu fiz da minha aposentadoria o meu atestado de óbito... Eu morri... Eu morri...aqui dentro...(bebe um gole de suco, chorando).

Ricardo: *Sr. Alfredo, Sr. Alfredo...*

Então o Sr. Vai escrever para a nossa rádio, tá ouvindo?

Otávio: *Se o senhor ainda quiser mudar esse mundo, Sr. Alfredo, o senhor vai ter que escrever para a nossa rádio.*

“(...) a minha geração é uma geração do mundo analógico, mesmo usando computador continua sendo pra mim uma máquina de escrever mais ágil” (Nilson, 62, Grupo B)

Exige uma intimidade muito grande com o mundo digital, que a minha geração é uma geração do mundo analógico, mesmo usando computador continua sendo pra mim uma máquina de

escrever mais ágil, mas eu não utilizo com a facilidade que as minhas filhas, que a minha colega utiliza, ela já é de um outro mundo, mas não é isso que tem me impedido de trabalhar, o mundo mudou principalmente de 3, 2 anos pra cá, com a mudança na legislação o mercado ficou infestado aí de jornalistas entre aspas, né?, que aceitam trabalhar por qualquer pagamento, não digo nem salário, porque nem salário a maior parte não recebe, vê no jornalismo a possibilidade de aparecer, esquece o princípio fundamental que a gente não tem que aparecer, a gente tem que fazer a informação, a notícia aparecer e tá essa loucura. (Nilson, 62, Grupo B).

“Nossa, quantas perguntas. Algumas eu não costumo responder”. (Antonio, 55, Grupo C)

Foi com esse preâmbulo que se iniciou a entrevista com Antonio, 55 anos, separado, diretor de redação.

“Eu sou jornalista da editora. Eu trabalho aqui praticamente toda a minha carreira profissional. Ou seja, há 40 anos, porque eu comecei a trabalhar criança ainda. E hoje eu sou diretor editorial do que se chama aqui revista[...] Mas na verdade eu tenho aqui responsabilidades sobre[...] São Paulo, a[...] Rio e as regionais.” (Antonio, 55, Grupo C)

Eu sempre fui jornalista. Eu comecei... Eu sou de Curitiba. Eu comecei a trabalhar com 16 anos como boy numa empresa. E eu sempre tive vontade de escrever. E com 18 anos eu comecei a trabalhar de graça. Eu fui ficando no jornal de Curitiba. E mais tarde eu fui contratado. Eu trabalhei em jornais lá e com um pouco mais de 20 anos eu vim pra São Paulo. Porque eu trabalhava em Curitiba também na sucursal da editora. Eu fazia freelancer. E eu tinha muita vontade de trabalhar aqui ou no Rio de Janeiro, e acabou vindo pra mim o convite pra trabalhar na revista Placar. Na ocasião, a Placar foi lançada em 1970 e pela Editora Abril, uma revista semanal de esportes que tinha repórteres sucursais em todo o Brasil. Hoje a Placar continua existindo, mas é uma revista mensal. Então é completamente diferente do que era. E na Placar, mais tarde, me convidaram para eu vir pra São Paulo e eu vim. Depois da Placar eu trabalhei na Veja, na Playboy, e na [...] aqui eu trabalho já há 21 anos. E aí você pergunta como que eu fiquei, eu fui...eu fui fazendo as coisas, né. Eu comecei como correspondente em Curitiba e fui crescendo no meu trabalho. Eu sempre me dediquei exclusivamente ao meu trabalho de jornalista. (Antonio, 55, Grupo C).

Sem dúvida, existe na atividade do profissional jornalista uma especificidade no trabalho executado que está intimamente ligada ao sujeito que o faz. A experiência no trabalho, adquirida com os muitos anos dedicados à profissão acabam por representar a própria experiência do sujeito. O mundo do trabalho é um importante lugar de relacionamento com os colegas, de camaradagens e solidariedade, pelo menos foi, uma situação de trabalho que ficou gravada na memória constitutiva capaz de lastrear a profissão. Há orgulho na fala destes jornalistas. O lugar de trabalho foi o lugar de realização pessoal.

Discursos do jornalista na telenovela Insensato Coração

“Jornalismo uma mudança aí que ninguém sabe muito bem pra onde tá indo, principalmente por conta das mídias sociais, a ideia de que todo mundo virou jornalista, as pessoas criam

blogs, enfim, criam perfis no Twitter, no Facebook e acabam virando uma fonte de informação e aí vai começar a discussão de onde é que vai o jornalismo né?, enfim, principalmente o impresso”. (...) (Victor, 44, Grupo B).

(Quadro 28 - Kléber freelancer na entrevista coletiva de Cortêz.)

Porta voz: *Eu queria agradecer a presença de todos e gostaria de apresentar o Dr. Horácio Cortêz.*

Horácio Cortêz: *Boa tarde a todos! Boa tarde senhores e senhoras.*

Kléber: *O senhor pretende repatriar o dinheiro que mandou para fora do país?*

Reporter2: *O Banco Central deu dinheiro para cobrir os saques dos investidores?*

Porta voz: *Por favor, o Dr. Horácio Cortêz tem uma declaração para fazer.*

Horácio Cortêz: *Eu gostaria de agradecer à justiça brasileira, que não se deixou contaminar por julgamentos apressados e exerceu a sua autonomia ao refutar todas as acusações que foram levantadas contra mim. Tudo não passou de um mal-entendido. Um erro contábil nas minhas contas pessoais que levou a polícia a desconfiar de evasão de divisas. O cancelamento das investigações prova cabalmente a minha inocência.*

Reporter2: *E a acusação de auditoria maquiada?*

Horácio Cortêz: *Mais uma denúncia sem fundamento. Senhores, eu chamei vocês aqui hoje, para dar uma satisfação aos meus investidores. O Banco Andrade Cortêz está mais sólido do que nunca. É uma empresa com 25 anos de atuação impecável no mercado de valores. E assim continuará por muitos outros anos mais. Isso é tudo. Obrigado, com licença.*

Kléber: *A sua declaração não é verdadeira. O senhor não foi inocentado de nada. As investigações pararam porque o juiz viu uma falha técnica na obtenção de provas pela polícia. Isso é bem diferente de provar que há lisura nos seus investimentos.*

Horácio Cortêz: *Eu me lembro de você! Como é mesmo o seu nome?*

Kléber: *Kléber Damasceno.*

Horácio Cortêz: *Você não foi despedido do jornal onde trabalhava? Arranjou outro emprego?*

Kléber: *Agora eu sou “freelancer” e tenho um “Blog”.*

Horácio Cortêz: *“Blog”? Eu pensei que só menininhas pré-adolescentes tivessem blogs. Parabéns pelo empreendimento. (De maneira sarcástica, toda a assessoria se vira e sai deixando a sala).*

Kléber: *Não adianta dar as costas para a opinião pública, não. O senhor deve explicações e vai ter que dá-las mais cedo ou mais tarde.*

“nessa função atual, eu estou agora completando um ano”. (Nélson, 30, Grupo D)

Nélson é freelancer fixo. Paradoxo da moda empresarial como regime de contratação!

“ Eu tenho 30 anos. Formação é superior completo em jornalismo mesmo, fiz na Anhembí/Morumbi, apesar de eu já trabalhar com comunicação desde 2001, eu me formei só em 2008. Fiz a faculdade de 2005 a 2008. E atualmente eu edito o site da revista[...]. Então, eu fico na própria redação da revista, edito site, tanto na questão do diálogo com a revista com o site como outras questões de internet também, facebook, twitter, né. Então nessa função atual, eu to agora completando um ano. Mas aqui (...) eu já to desde 2007, entre outras redações e outras funções também.” (Nélson, 30, Grupo D)

Parece evidente que as relações entre os colegas de trabalho sobrevivem por um fio neste cenário onde as redes sociais, e as transmídias (SCOLARI, 2008) afastaram os profissionais jornalistas dos seus postos de trabalho na redação.

As mudanças no mundo do trabalho impactaram de forma negativa na qualidade de vida dos trabalhadores da comunicação ao alterar relações trabalhistas, criando novo tipo de contrato – os *freelancers* – que trabalham o mesmo ganhando menos.

É, eu acho que não deveria ser assim, pra você conseguir trabalhar inclusive de forma mais... Lidar melhor com a informação, nessa correria o mercado de trabalho fica cada vez mais estreito, você tem gente escrevendo pra jornal e pro sites das publicações impressas e quando o grupo envolve outros meios também, né?, e nessa loucura que é essa correria toda, você não tem tempo nem de refletir sobre o que tá fazendo, salvo raríssimas exceções, a grande reportagem hoje é uma coisa difícil, na pauta do dia a dia eu não sei como é que tá hoje nas redações dos jornais diários, mas você saía com o máximo de três pautas, hoje você deve sair com um pacote grande, não dá pra você trabalhar adequadamente, fazer um trabalho consistente nessa loucura de produção...(Nilson, 62, Grupo B)

O Blog do jornalista, exceto aqueles tutoriados por jornalistas de renome no cenário nacional, acabam por sofrerem preconceito quanto a qualidade e/ou veracidade dos fatos apresentados. Em suma, carecem, na sua maioria, de credibilidade. A situação enfrentada pelo Kléber é sintomática. Ele é um jornalista de meia idade, que ainda permanece trabalhando na redação. Especialmente trabalha na editoria de economia, um lugar que exige vários contatos, vários informantes e checagem das informações para poder trabalhar a matéria, precisa de respaldo institucional. É ainda um empregado CLT, enquanto a maioria dos profissionais na sua faixa etária já migraram para o vínculo PJ. Quando é demitido, entra em um labirinto. Suas falas denotam que ele é um jornalista que vive da profissão e também a profissão. É porisso que, inconformado com a distância da redação, acaba por ceder à tecnologia e cria um blog: “Impunidade Zero”.

A cena da criação do blog com o auxílio da filha de Kléber, traz à associação da destreza dos nativos na era da informática.

Kléber representa um outro contemporâneo ou herdeiro do grupo dos jovens políticos e intelectualizados que resistiram no Rio de Janeiro à ditadura. Seu figurino despojado, calça, camiseta e camisa retrata o espírito da resistência ao consumismo. Seu engajamento na política, como jornalista, é representativo, visto que ele contribuiu para o movimento “caras pintadas” que culminou na deposição do presidente Collor de Mello (na década de 1990, no Brasil).

Ortiz Ramos (2004) apresenta uma tese de que a representatividade, e o imaginário positivado com relação ao jornalista no Brasil, podem estar associados ao movimento cultural cinematográfico, nas décadas de 1970/80 quando “a missão” da profissão era articular um elemento próximo às massas, que tivesse trânsito, mas que não poderia ser proveniente do corpo policial. A imagem do policial está associada à perseguição da repressão. Ramos

acrescenta uma explicação dada por Doc Comparato: “A figura do jornalista foi acionada porque um policial ou um detetive particular, como personagem principal (...) fugiriam da nossa realidade e o policial não é uma figura muito popular” (2004, p. 166).

Uma última característica a ser explorada na análise do personagem Kléber é a rusticidade somada à ironia. A ironia é carregada de diversas vozes, compõe uma polifonia, visto esta categoria trazer o humor como representação de uma atitude combativa por meio da linguagem. É assim, com esta ironia, que o autor representa a atitude do jornalista quando o banqueiro corrupto retorna preso ao Brasil. Este evento é também tratado com uma outra categoria representativa no universo dos símbolos e significados: a música

A trilha sonora deve ter uma série de funções, mas a que mais interessa é a de identificadora das personagens, ou caracterizadora de certos momentos da história. Isso acontece também no cinema, em qualquer tipo de comunicação, mas, às vezes, por um tom, um som, uma melodia que você começa a escutar. Se você já é treinada na busca das razões dramáticas de alguma coisa, você diz: “Ih, vai morrer alguém... Ih, alguém está ...” Drama... romance... amor... quer dizer, você já consegue identificar os momentos, o tom da cena, que se seguirá; quase até o conteúdo da cena que vai vir pela melodia, pela música, pelo tema que é introduzido. (...) mas a função que mais interessa na música é a dramaturgia, quer dizer, a função de ajudar a entender o personagem, a entender o desenrolar da história marcando, dando uma identidade aos momentos culminantes da história. (PALLOTTINI, 2004, p. 119-120).

O autor Gilberto Braga introduziu duas músicas símbolos da história brasileira: “Brasil mostra a sua cara” e “Que país é este?” para criar uma atmosfera reflexiva quanto a dois períodos políticos brasileiros. “Brasil, mostra a sua cara” foi tema musical da novela *Vale Tudo*, do mesmo autor e representou um período de muita corrupção e impunidade no país, fixando a frustração dos brasileiros como fuga do empresário corrupto. “Que país é este?”, com a sua contundência, que remete a um forte questionamento, é a trilha musical do retorno de Cortes no Brasil, preso. Um momento e uma cena enfatizados pela música nacional.

6.5. Conclusões finais.

“Gosto de discutir sobre isto porque vivo assim.
Enquanto vivo porém não vejo. Agora sim, observo como vivo”
Uma mulher simples do povo, em um circuito de cultura
(Pedagogia do Oprimido. p.13)

A proposta de se aproximar e discutir as pesquisas do mundo do trabalho dos jornalistas e a representação do trabalho do jornalista na ficção televisão reuniu um denso material de pesquisa. E, a partir desta experiência de análise, propomos uma resposta-tentativa dos questionamentos iniciais.

A representação na telenovela da experiência do jornalista se confirmou por transforma-se numa ação didática a respeito do “fazer jornalístico”; os personagens jornalistas da telenovela se aproximam dos mitos de transparência e da profissão vocacionada.

O mundo do trabalho se revelou por ser mediador decisivo para mostrar como as relações de produção da comunicação e do direito à informação estão em confronto; as diferentes categorias de vínculo trabalhista ou das condições do mercado de trabalho também estão expressas muito próximas da realidade na telenovela.

A verossimilhança ficou comprovada nas análises a partir da aproximação dos discursos dos jornalistas sobre suas práticas e valores da profissão no mundo real e no ficcional, pelas similaridades nos modelos de apreender o valor da profissão.

As representações do trabalho do jornalista na telenovela são idealizadas, e a opacidade da linguagem supera a contradição da precarização da profissão no mundo real quando mostra as transformações, sem evidenciar as repercussões na ordem social.

Confirma-se que a representação do trabalho do jornalista se identifica com uma visão iluminista: próxima do mito transparência, há um presente reforço da ação do jornalismo frente à investigação da política. A imprensa age como a única entidade responsável por fazê-lo.

Nossos comentários:

A telenovela retrata as mudanças das técnicas empregadas no processo comunicativo. Podemos apontar em cada uma das produções situações representativas, tais como: a continuidade do trabalho de Zé Bob após o expediente no seu laptop em casa; os discursos do

veterano Alfredo Modesto, sobrelevando a presença física na redação, pontuando que a experiência é um aspecto relevante na profissão e que demanda tempo, considerando que no presente isso já não ocorre; e, especialmente, Kléber, em seus debates com o seu editor, inicialmente resistindo às mudanças impingidas pela tecnologia, para ao final da trama, adaptado à imediatividade, concluir com a tentativa de envio da matéria diretamente do computador pessoal para a redação, enquanto ainda estava no aeroporto fazendo a cobertura da chegada do banqueiro corrupto, quebrando os paradigmas do tempo e espaço: acessibilidade e conectividade possibilitando a informação “em tempo real”.

Os personagens, a despeito das mudanças tecnológicas, não discursivizam sobre como estas novas estratégias tecnológicas afetaram o ritmo de trabalho, ou as relações de trabalho, à exemplo:

- Zé Bob não se queixa de varar a noite em seu computador pessoal, as novas técnicas ampliaram as chances de expressar o idealismo, a permanente busca pela verdade;
- Alfredo Modesto não relaciona as ondas da revolução industrial e as transformações nos modos de produção e a diminuição de postos de trabalho nas redações; ele apresenta estas mudanças como prejuízos para os novos profissionais, reforçando que o bom jornalista se forma com o tempo, e redundando que a crítica deve ser confiada àqueles que obtiveram com o tempo a autoridade da fala, que são as instituições tradicionais, significando que o lugar da fala lastreia a qualidade da informação;
- Kléber, embora tenha sido obrigado à reinventar-se, à aceitar que a onda tecnológica modernizadora atualizasse o seu “como fazer”, representa, no entanto, que a sua competência de “o que fazer” não foi em nenhum momento abalada, a tecnologia não atinge o racionalismo.

Da aproximação dos discursos sobre as práticas dos jornalistas na realidade e na ficção evidenciam-se desdobramentos nos níveis de análise: (i) a particularidade do uso de novas técnicas faz emergir a problemática dos modos de produção na sociedade informacional, mediante a precarização dos laços de emprego do sujeito em atividade de trabalho; (ii) o trabalho do jornalista sofre um processo de decomposição, mas em contraposição, as idéias universais sobre o “*Jornalismo*” são preservadas.

As contradições do progresso tecnológico são transpostas no reinventar do sujeito trabalhador (evidenciadas nas dramáticas do uso de si/outros), cabendo ao *corpo si* a responsabilidade de re-capacitação.

Por analogia, a possibilidade de relações equilibradas entre as forças produtivas e o capital não se realiza. Considerando a força das palavras, a sua materialidade, propõe-se a

síntese mediante a estratégia de adoção da tecnicidade para sobrevalorizar a *expertise* do ser jornalista, quando na realidade isto não ocorre.

Se em última instância, a intensão do jornalismo está na comunicação do fato (a verdade, de fato), portanto, jornalismo e credibilidade conformam o único circuito possível para a dispersão da informação. Entretanto, observamos que na realidade, o trabalho com a informação foi afastado desse pressuposto, na medida em que informação se transformou em commodity, e tende aos movimentos do mercado econômico global. Na dramaturgia, a palavra perfeita e a fotografia da cena elaboradas no texto reificam a credibilidade no jornalismo e no jornalista. A lógica discursiva do produto cultural reitera um movimento racional para transpor a contradição que se instaura, por intermédio da permanência destes discursos positivados sobre as práticas dos jornalistas nas tramas das telenovelas. Trabalha-se no interdiscurso, na “memória do dizer, e sobre a qual não temos controle” (ORLANDI, 2001, pág.180).

As contribuições do referencial teórico metodológico do Binômio Comunicação e Trabalho ao campo da Comunicação revelam a importância da gestão da comunicação para inculcar os questionamentos necessários à formação do profissional da comunicação. A tentativa é de trazer subsídios para questionar [e superar] esta visão tradicional iluminista[ultrapassada] do estereótipo do jornalista [quarto poder] permanente reiterada e reificada, para dar um salto qualitativo, romper definitivamente com o paradigma iluminista/denuncista, conforme Motter, de escandalizar da política em busca da *transformação substantiva do campo da comunicação*: essa que abandona o deslumbramento tecnológico, cujo compromisso não seja instrumental, mas sim político-cultural-educativo.

A atualização desta representação da profissão para a sociedade poderia contribuir para realocar o valor social do jornalismo – os produtores da informação—a fim de redimensionar a importância/valor da informação para a conformação de uma sociedade mais justa: ir ao encontro da utopia democrática (Orozco).

Se fizermos um paralelo entre o pressuposto taylorista sobre o trabalho e as Teorias de Comunicação, verificaremos que ambos partem de conceitos similares sobre o sujeito. Na linha de produção existe um indivíduo. Aquele que executa a operação mensurada e padronizada por um outro. Para o taylorismo a história pessoal, os valores, a cultura do indivíduo não interessa ao trabalho, eles devem ser obliterados e as operações mecanizadas devem interditar o pensamento, a operador é similar ao operário. Para as Teorias de Comunicação, advindas das correntes teóricas estudadas acontece a mesma relação.

O fluxo de informação, o canal e o código são prioritários em relação aos sujeitos, o “micreiro” supera na ordem do mercado de trabalho o profissional intelectualizado, movendo os cursos acadêmicos de graduação para o treinamento. A atitude crítica está em segundo plano. Entretanto, o mito do jornalista permanece, a sociedade ainda espera dele as mesmas atitudes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987, pg. 287-295
- ABREU, A. A. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. (Coleção Descobrimos o Brasil).
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez/Editora UNICAMP, 1998.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2001a.
- ANTUNES, R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P. & FRIGOTTO, G. (orgs.) *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo: Cortez, Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2001b.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALISTAS – ANJ. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/jornalistas-no-brasil/>>. Acesso em 15/03/2012.
- BACCEGA, M. A. “Comunicação e tecnologia”: educação e mercado de trabalho. *Comunicação & Educação*. [02]: 07-13, jan./abr. de 1995. São Paulo CCA-ECA-USP: Mordena: Paulinas, 1995.
- BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso**: História e Literatura. São Paulo: Ática, 1995.
- BACCEGA, M. A e COSTA, M. C. C. (organizadoras). **Gestão da comunicação**: epistemologia e pesquisa teórica. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BACCEGA, M. A. **Reflexões sobre telenovela: o âmbito do ficcional como desenho do cenário das práticas de consumo**. In: XXXVIII Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais do XXXVIII Intercom. Recife, 2011.
- BALOGH, A. M. **O discurso ficcional da tv**. São Paulo: Edusp, 2002.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 3. Ed. Trad: Aurora Fornoni Bernadini et AL. São Paulo: Hucitec, 1993
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. De Paulo Bezerra, 2ª ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. **Estética da criação verbal**.. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2010
- BARTHES, R. *Da história ao real*. In: **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BERGER, C. **Jornalismo no cinema: filmografia e comentários**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- BERGER, C.. A pesquisa em comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. e FRANÇA, V. V. (organizadores). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BURKE, P. & BRIGGS, A. **Uma história social da Mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004 .
- BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Unicamp, 1996.
- _____. **Análise do Discurso**, 1993
- _____. **Bakhtin. Outros conceitos chave**. Campinas: Contexto, 2006.

- BOSI, E. *Opinião e estereótipo*. *Contexto*, nº 02. São Paulo, 1977.
- BORELLI, S. H. e PRIOLLI, G. *A deusa ferida*. São Paulo: Summus, 2000.
- BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- _____. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BRITTOS, V. C.; BOLAÑO, C. R. S. (Orgs.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.
- CANDIDO, A. *A personagem do romance*. In: CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965. *Literatura e subdesenvolvimento*, in: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Atica, 1987.
- CARDOSO, T. **Tarso de Castro**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura: v.1**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2010.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- CHARADEAU, P. & GHIGONE, R. **A Palavra confiscada. Um gênero televisivo: o talk show**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- CHARADEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 6ª. ed
- COMPARATO, D. **Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão**. Rio de Janeiro, Nórdica, 1983.
- CORIAT, B. **Pensar pelo avesso**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- DENZIN, N.K.; LINCON, Y.S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed; (2006).
- EAGLETON, T. **Marxismo e crítica literária**. Porto (PO): Afrontamento, 1976.
- _____. **Ideologia. Uma introdução**. São Paulo: Editora UNESP/Editora Boitempo, 1997.
- ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- FAÏTA, D. *Análise das práticas languageiras e situações de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto*. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília; FAÏTA, Daniel. **Linguagem e Trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UnB, 2008.
- FERNANDES, I. **Memória da telenovela brasileira**. São Paulo, Brasiliense, 1997.
- FIGARO, R. **Comunicação e trabalho: estudo de recepção – o mundo do trabalho como mediação da comunicação**. São Paulo: Anita/Fapesp, 2001.
- _____. *Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação*. In: SOUSA, Mauro Wilton (org). **Recepção midiática e espaço público: novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: Annablume, 2008a.

- _____. **Comunicação e trabalho: As mudanças no mundo do trabalho nas empresas de comunicação.** FAPESP. Processo 2005/00367-5. 2008b. No prelo.
- _____. Comunicação e trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. **Mediaciones Sociales:** revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación, n. 4, primeiro semestre de 2009a, p. 23-49.
- _____. Comunicação e trabalho: dilemas e desafios do comunicador. In: XXXII Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais do XXXII Intercom.** Curitiba: Universidade Positivo, 2009b.
- _____. Comunicação e trabalho para mudanças na perspectiva sócio-técnica. **Revista USP**, n. 86, 2010.
- _____. **O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo. Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo.** Relatório Parcial da Pesquisa - Processo Fapesp 2009/53783-7. Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho – ECA-USP, São Paulo, 2011a.
- _____. Perfil sócio-cultural dos comunicadores: conhecendo que produz a informação publicitária. In: CASAQUI, V.; LIMA, M. C.; RIEGEL, V., **Trabalho em Publicidade e Propaganda.** Editora Atlas, 2011b.
- _____. s/n. ESPM, Comunicom, 2011c.
- _____. **O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo. Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo.** Relatório Parcial da Pesquisa - Processo Fapesp 2009/53783-7. Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho – ECA-USP, São Paulo, 2012.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia.** São Paulo: Ática, 2007.
- _____. **Interdiscursividade e intertextualidade.** In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin:** outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.
- FOLCHER, V.; RABARDEL, P. Homens, artefatos, atividades. In: FALZON, P. **Ergonomia.** São Paulo: Blucher, 2007, p. 207 a 222.
- GOMES, I. M. M. Orgs. **Televisão e realidade,** Salvador:Edufba, 2009.
- GOMES, W. Contemporânea / comunicação e cultura - vol. 09 – n.03 –setembro-dezembro 2011.
- GRAMSCI, A. **Literatura e vida nacional.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1978
- GROHMANN, R. N. “Os discursos dos jornalistas *freelancers* sobre o trabalho: comunicação, mediação e recepção”, Dissertação de mestrado. São Paulo, 2012.
- HABERMAS, J. Mudança estrutural da esfera pública – Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução, Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HAMBURGER, E. **O Brasil antenado.** São Paulo: Zahar, 2005.
- HAMBURGER, K. **A lógica da criação literária.** São Paulo: Perspectiva, 1986.
- HALL, S. **Da diáspora.** Identidade e mediações culturais. SOVIK, Liv (org.).Belo Horizonte/Brasília: UFMG/Hitas/Unesco, 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 6ª ed. São Paulo:Edições Loyola, 1993.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- HELOANI, J. R. “Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista”, in **EAESP/FGV/NPP 12/2003,** São Paulo. p.1-92.

- HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. e FRANÇA, V. V. (organizadores). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JENSEN, K.B., JANKOWSKI, N.W. *Metodologias cualitativas de investigación de masas*. Barcelona: Bosch, 1993.
- JENSEN, K. B. Teoria e filosofia da comunicação. **Revista Matrizes**. Ano 2, n. 1, 2008, p. 31-49
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JOST, F. **Seis lições sobre televisão**. São Paulo: Sulina, 2004.
- _____. “O que significa falar de Realidade para televisão” in GOMES, Itania Maria Mota Orgs. **Televisão E Realidade**, Salvador: Edufba, 2009.
- KELLNER, D. **A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- KUENZER, A. **Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 2002.
- IANNI, O. **A idéia de Brasil moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. O príncipe eletrônico. In **Figuras da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. In **Estudos Avançados**, vol. 2, 21, São Paulo: USP/IEA, 1994.
- LEMOS, A. “Cidade e mobilidade”. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. *Matrizes*. N.1, outubro de 2007.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LEAL, O. F. **A Leitura social da novela das oito**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LIMA, C. C. N. **Comunicação e mundo do trabalho do jornalista: o perfil dos jornalistas de São Paulo a partir da reconfiguração dos processos produtivos da informação**. Dissertação de Mestrado, São Paulo, 2010.
- LIMA, V. **Globo e política: tudo a ver**, in: Brittos V., Bolanõ C. *Rede Globo 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paullus, 2005. p.127
- LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação**. Tese de doutorado. São Paulo: 1988.
- _____. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. “Telenovela brasileira”: uma narrativa sobre a nação. *Revista Comunicação & Educação*. [26]: 17 a 34, jan./abr. de 2003. CCA-ECA-USP: Salesiana: São Paulo, 2003.
- _____. “Telenovela brasileira”: uma narrativa sobre a nação. *Revista Comunicação & Educação*. [26]: 17 a 34, jan./abr. de 2003. CCA-ECA-USP: Salesiana: São Paulo, 2003.
- _____. Pesquisa de Comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 27, n. 01, 2004, p. 13-40.
- _____. **Pesquisa em comunicação**, 3ª edição. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. **Telenovela e direitos humanos: A narrativa de ficção como recurso comunicativo**. In: XXXII Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais do XXXII Intercom. Curitiba, 2009.

- _____. **Telenovela e Direitos Humanos: a narrativa de ficção como recurso comunicativo.** In: XXXIII Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais do XXXIII Intercom. Caxias do Sul, 2010.
- _____. **Entrevista com Maria Immacolata Vassalo de Lopes.** *Revista Compôs*, 2008. Disponível em www.e-compôs.org.br. Acesso em 10 Jul 2011.
- LOPES, M. I. V.; BORELLI, S.; RESENDE, V. **Vivendo com a Telenovela:** mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.
- LOPES, M. I. V.; OROZCO G. G. **A Ficção televisiva em países ibero-Americanos:** narrativas, formatos e publicidade: Anuário 2009. São Paulo: Globo, 2009.
- LOPES, M. I. V.; OROZCO G. G. **OBITEL 2010 – Convergências e transmediação da ficção televisiva.** São Paulo: Globo, 2010.
- LULL, J. & NEIVA, E. Comunicar a mudança: a promessa da evolução humana. *Matrizes*. Ano 2, No. 1, 2008.
- MACHADO, A. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Senac, 2000.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCONDES FILHO, C. **A Saga dos cães perdidos.** São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- _____. **SER JORNALISTA: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões.** São Paulo: Paulus, 2009.
- MARTIN-BARBERO, J. & REY, G. **Os exercícios do ver.** São Paulo: Editora SENAC-São Paulo, 2001.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- _____. "Comunicação e Mediação" (entrevista). In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.** VOL XXIII, nº1, janeiro/junho de 2000.
- _____. **A América Latina e os anos recentes: o estudo de recepção em comunicação social.** In: SOUSA, M. W. de (org). *Sujeito, o lado oculto do receptor.* São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- MARX, K. **O Capital:** crítica da economia política. Vol I, livro primeiro. O processo de produção do capital. Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1985 (Coleção Os Economistas)
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Lisboa: Edições 70, 1983.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã:** São Paulo: Boitempo, 2007.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Loyola, 1999.
- MATTOS, S. **História da televisão brasileira:** uma visão econômica social e política. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MEDINA, C. **Profissão jornalista: responsabilidade social.** São Paulo: Forense Universitária, 1982.
- MENA, L. C. La telenovela brasileña: uma industria cultural. *Revista Comunicación.* Cartago, Costa Rica, 2001.
- MEYER, M. **Folhetim:** uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- MOTTER, M. L. **Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela.** São Paulo: Alexa Cultural, 2003.

- _____. **Ficção e história:** imprensa e construção da realidade. São Paulo: Arte & Ciência-Villipress, 2001.
- MOTTER, M. L.; JAKUBASZKO, D.. *Telenovela e realidade social: algumas possibilidades dialógicas*. Intercom. Rio de Janeiro, RJ. Brasil, 2005.
- MOTTER, M. L.; JAKUBASZKO, D.. *Comunicação & educação. Revista do curso Gestão da Comunicação – Ano XII – N. 1- jan/abr, 2007*.
- _____. *Enunciação e discurso na telenovela: A construção de um Sentido de Nacionalidade*. Intercom, Natal. RN. Brasil. 2008.
- _____. **Gêneros televisuais e discurso**. In: XXXIII Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais do XXXIII Intercom. Caxias do Sul, 2010.
- _____. – **Apontamentos para o estudo da narrativa**. In Comunicação & Educação, no. 23, ano VII, jan/abr 2002 – São Paulo: Salesiana
- MUNGIOLI, M. C. P. **Minissérie Grande Sertão Veredas : gêneros e temas construindo um sentido identitário de nação– 2006** . Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) ECA USP São Paulo, 2006.
- MUNGIOLI, M. C. P. *Enunciação e Discurso na Telenovela: A construção de um Sentido de Nacionalidade*. Intercom, Natal. RN. Brasil. 2008
- NAGAMINE, H. B. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 1991.
- _____. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 2004.
- NEVEU, E. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.
- NOUROUDINE, A. **A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho**. In: SOUZA-E-SILVA, M. C.; FAÍTA, D. **Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez, 2002.
- ODDONE, I. et alli. **Redécouvrir l'expérience ouvrière: vers une autre psychologie du travail**. Paris: Éditions Sociales, 1981. 174p.
- ODDONE, I.; REY, A.; BRIANTE, G. **Redécouvrir l'expérience ouvrière: vers une autre psychologie du travail?**. Paris: Messidor, 1981.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. **Discurso e texto**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001.
- _____. **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- ORTEGA y GASSET, J. **A rebelião das massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, 3ª. Ed.
- ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ORTIZ R. J. M. O. **Cinema, televisão e publicidade: cultura popular de massa no Brasil nos anos 1970-1980**. São Paulo: Annablume, 2004.
- OROZCO G. G. O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva. *Communicare*. São Paulo, v. 5, n. 1, 2005, p. 27-42.
- PALLOTTINI, R. **Dramaturgia de televisão**. São Paulo: Moderna, 2004.
- PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2. ed. Newbury Park: SAGE; 1990.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1977.
- QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L.; OLIVEIRA, M. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim, Weber**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

- RIBEIRO, J. C. **Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico**. 3 ed. São Paulo: Olho d'água., 2001.
- ROMANCINI, R.; LAGO, C. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Ed. Insular, 2007
- ROSA, M. I. **Trabalho, subjetividade e poder**. São Paulo: Edusp, 1994
- RÜDIGER, F. *A escola de Frankfurt*. In HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C e FRANÇA, V. V. (organizadores). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- SCHAFF, A. **O Marxismo e o indivíduo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- _____. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1976.
- SCHWARTZ, Y. **Trabalho e gestão: níveis, critérios, instâncias**. In: (orgs) Figueiredo, Marcelo et all. *Labirintos do Trabalho:interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro:DP&A, 2004.
- _____. Entrevista Yves Schwartz. **Revista trabalho, educação, saúde**. Fiocruz, v. 4, n. 2, 2006
- SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (org.). **Trabalho & Ergologia**. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.
- SCOLARI, C. **Hipermediaciones: elementos para uma teoria de la comunicación digital interactiva**. Barcelona: Gedisa, 2008.
- SENRA, S. **O último jornalista: imagens de cinema**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- SFEZ, L. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SILVA, A. A. O. R.; FIGARO, R. **Gestão da comunicação: A imagem da empresa de comunicação representada na telenovela**. INTERCON 2009. XXXII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.
- SILVA, C. E. L. da. **Muito além do Jardim Botânico**. São Paulo: Summus, 1985.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SODRÉ, M. O monopólio da fala. Petrópolis. Vozes, 1984.
- SODRÉ, M. **A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. **Comunicação: um campo em apuros teóricos**. Matrizes, Ano 5, No. 2, 2012.
- SOUSA, M. W. de. (org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SOUZA-E-SILVA, M. C. **Quais as contribuições da linguística aplicada para a análise do trabalho?** In: FIGUEIREDO, Marcelo et alli (org.). *Labirintos do Trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- THOMPSON, J.B. **A nova visibilidade**. Matrizes, No. 2, Abril, 2008.
- _____. **Fronteiras cambiantes da vida pública e privada**. Matrizes, Ano 4, No. 1, 2010.
- TUFTE, T. **Como as telenovelas servem para articular culturas híbridas no Brasil contemporâneo?** *INTERCOM*. Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo: Vol.XVIII, nº 2, jul/dez de 1995.
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- VILCHES, L. A contaminação ambiental entre a ficção e os formatos de realidade. In: Lopes MIV, **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. São Paulo:Loyola, 2004.
- VIZEU, A. **O jornalismo e as "teorias intermediárias": Cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da análise do discurso**. Actas do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação [CD-ROM], celebrado em Belo Horizonte. São Paulo: INTERCOM, 2003.
- WOLF, M. **Teorias da comunicação**, 2ª ed. Lisboa: Presença, 1992.

I. ANEXOS

ANEXO A – Relação de telenovelas das 18, 19 e 21h da Rede Globo (2000 a 2011)

- Telenovela das 18h, Rede Globo, Período : 2000 a 2011

#	Início	Término	Título	Capítulos	Autoria	Diretor	Incidência de personagem jornalista	MCM Meio de Comunicação de Massas
1	31/01/2000	23/06/2000	Esplendor	125	Ana Maria Moretzsohn	Wolf Maya Maurício Farias	-	-
2	26/06/2000	10/03/2001	O Cravo e a Rosa	221	Walcyr Carrasco	Walter Avancini Mário Márcio Bandarra	-	-
3	12/03/2001	16/06/2001	Estrela-Guia	83	Ana Maria Moretzsohn	Denise Saraceni	-	-
4	18/06/2001	23/02/2002	A Padroeira	215	Walcyr Carrasco	Roberto Talma Walter Avancini	-	-
5	25/02/2002	28/09/2002	Coração de Estudante	185	Emanuel Jacobina	Rogério Gomes Alexandre Avancini	-	-
6	30/09/2002	21/03/2003	Sabor da Paixão	149	Ana Maria Moretzsohn	Denise Saraceni	-	-
7	24/03/2003	06/09/2003	Agora É que São Elas	143	Ricardo Linhares	Roberto Talma	-	-
8	08/09/2003	08/05/2004	Chocolate com Pimenta	209	Walcyr Carrasco	Jorge Fernando	-	-
9	22/11/2004	18/06/2005	Como uma Onda	179	Walther Negrão	Denis Carvalho Mauro Mendonça Filho	-	-
10	20/06/2005	11/03/2006	Alma Gêmea	227	Walcyr Carrasco	Jorge Fernando	-	-
11	13/03/2006	14/10/2006	<i>Sinhá Moça</i>	185	Edmara Barbosa Edilene Barbosa	Rogério Gomes	Augusto	Jornalista impresso/publicista
12	16/10/2006	12/05/2007	<i>O Profeta</i>	178	Duca Rachid Thelma Guedes	Mário Márcio Bandarra	-	-
13	14/05/2007	03/11/2007	Eterna Magia	148	Elizabeth Jhin	Carlos Manga Ulysses Cruz	-	-
14	05/11/2007	02/05/2008	Desejo Proibido	154	Walther Negrão	Marcos Paulo	-	-
15	05/05/2008	03/10/2008	<i>Ciranda de Pedra</i>	131	Alcides Nogueira	Denise Saraceni	-	-
16	06/10/2008	14/03/2009	Negócio da China	136	Miguel Falabella	Roberto Talma	-	-
17	16/03/2009	02/10/2009	<i>Paraíso</i>	173	Benedito Rui Barbosa adaptação de Edmara Barbosa e Edilene Barbosa	Rogério Gomes	Alfredo Modesto, Otávio e Ricardo	Jornalista impresso/ rádio Jornalista/ rádio Publicitário/ rádio
18	05/10/2009	09/04/2010	Cama de Gato	161	Duca Rachid Thelma Guedes	Ricardo Waddington Amora Mautner	-	-
19	12/04/2010	24/09/2010	Escrito nas Estrelas	143	Elizabeth Jhin	Rogério Gomes	-	-
20	27/09/2010	08/04/2011	<i>Araguaia</i>	166	Walther Negrão	Marcos Schechtman	-	-
21	11/04/2011	23/09/2011	Cordel Encantado	143	Thelma Guedes Duca Rachid	Wolf Maya	Penelope	Jornalista documentarista

Fonte: memoriaglobo.globo.com. Disponível em: (<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,5273-p-19357-2000-N,00.html>). Acesso 06/06/2012.

- Telenovela das 19h, Rede Globo, Período : 2000 a 2011

#	Início	Término	Título	Capítulos	Autoria	Diretor	Incidência de personagem jornalista	MCM Meio de Comunicação de Massas
1	08/05/2000	19/01/2001	Uga-Uga	221	Carlos Lombardi	Wolf Maya	-	-
2	22/01/2001	25/08/2001	Um Anjo Caiu do Céu	185	Antônio Calmon	Denis Carvalho	-	-
3	27/08/2001	19/01/2002	As Filhas da Mãe	125	Sílvio de Abreu	Jorge Fernando	-	-
4	21/01/2002	24/08/2002	Desejos de Mulher	185	Euclides Marinho	Denis Carvalho	Chico e Júlia	Jornalistas
5	26/08/2002	03/05/2003	O Beijo do Vampiro	215	Antônio Calmon	Marcos Paulo Edgard Miranda Luiz Henrique Rios	-	-
6	05/05/2003	24/01/2004	Kubanacan	227	Carlos Lombardi	Wolf Maya Alexandre Avancini Roberto Talma	-	-
7	26/01/2004	28/08/2004	Da Cor do Pecado	185	João Emanuel Carneiro	Denise Saraceni	-	-
8	30/08/2004	16/04/2005	Começar de Novo	197	Antônio Calmon Elizabeth Jhin	Marcos Paulo Carlos Araújo Luiz Henrique Rios	-	-
9	18/04/2005	01/10/2005	A Lua Me Disse	143	Miguel Falabella Maria Carmem Barbosa	Roberto Talma Rogério Gomes	-	-
10	03/10/2005	21/04/2006	Bang Bang	173	Mário Prata	José Luiz Villamarim	-	-
11	24/04/2006	17/11/2006	Cobras & Lagartos	179	João Emanuel Carneiro	Wolf Maya Cininha de Paula	-	-
12	20/11/2006	15/06/2007	Pé na Jaca	179	Carlos Lombardi	Ricardo Waddington	-	-
13	18/06/2007	15/02/2008	Sete Pecados	208	Walcyr Carrasco	Jorge Fernando	-	-
14	18/02/2008	12/09/2008	Beleza Pura	179	Andréa Maltarolli	Rogério Gomes	-	-
15	15/09/2008	10/04/2009	Três Irmãs	179	Antônio Calmon	Denis Carvalho	-	-
16	13/04/2009	08/01/2010	Caras & Bocas	232	Walcyr Carrasco	Jorge Fernando	-	-
17	11/01/2010	17/07/2010	Tempos Modernos	161	Bosco Brasil	José Luiz Villamarim	-	-
18	19/07/2010	18/03/2011	Ti Ti Ti	209	Maria Adelaide Amaral	Jorge Fernando	-	-
19	21/03/2011	14/10/2011	Morde & Assopra	179	Walcyr Carrasco	Rogério Gomes Pedro Vasconcelos	-	-

Fonte: memoriaglobo.globo.com. Disponível em: (<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,5273-p-19357-2000-N,00.html>). Acesso 06/06/2012.

- Telenovela das 21h - Rede Globo, Período : 2000 a 2011

#	Início	Término	Título	Capítulos	Autoria	Diretor	Incidência de personagem jornalista	MCM Meio de Comunicação de Massas
1	05/06/2000	02/02/2001	Laços de Família	209	Manoel Carlos	Ricardo Waddington		
2	05/02/2001	29/09/2001	<i>Porto dos Milagres</i>	203	Aguinaldo Silva Ricardo Linhares	Marcos Paulo		
3	01/10/2001	15/06/2002	O Clone	221	Glória Perez	Jayme Monjardim	Maria Amália	Jornalista Impresso
4	17/06/2002	15/02/2003	Esperança	209	Benedito Ruy Barbosa	Luiz Fernando Carvalho	Marcos	Jornalista Impresso
5	17/02/2003	11/10/2003	Mulheres Apaixonadas	203	Manoel Carlos	Ricardo Waddington		
6	13/10/2003	26/06/2004	Celebridade	221	Gilberto Braga	Dennis Carvalho e Marcos Shechtman	Cristiano Reis Lineu Vasconcelos	Jornalista Impresso; Empresario MC
7	28/06/2004	12/03/2005	Senhora do Destino	220	Aguinaldo Silva	Wolf Maya	Dirceu de Castro	Jornalista Impresso
8	14/03/2005	05/11/2005	América	203	Glória Perez	Jaime Monjardim e Marcos Schechtman		
9	07/11/2005	07/07/2006	Belíssima	209	Silvio de Abreu	Denise Saraceni		
10	10/07/2006	02/03/2007	Páginas da Vida	203	Manoel Carlos	Jayme Monjardim		
11	05/03/2007	28/09/2007	Paraíso Tropical	179	Gilberto Braga e Ricardo Linhares	Dennis Carvalho		
12	01/10/2007	31/05/2008	<i>Duas Caras</i>	210	Aguinaldo Silva	Wolf Maya		
13	02/06/2008	16/01/2009	A Favorita	197	João Emanuel Carneiro	Ricardo Waddington	Ze Bob	Jornalista Impresso
14	19/01/2009	11/09/2009	Caminho das Índias	203	Glória Perez	Marcos Schechtman	Leinha	Documentarista
15	14/09/2009	14/05/2010	Viver a Vida	209	Manoel Carlos	Jayme Monjardim	Malu Trindade	Jornalista TV
16	17/05/2010	14/01/2011	Passione	209	Silvio de Abreu	Denise Saraceni	Diana	Jornalista Freelancer
17	17/01/2011	19/08/2011	<i>Insensato Coração</i>	185	Gilberto Braga e Ricardo Linhares	Dennis Carvalho	Kléber	Jornalista Impresso/ Blog
18	22/08/2011	23/03/2012	Fina Estampa	185	Aguinaldo Silva	Wolf Maya	Marcela	Jornalista colunista social

Fonte: memoriaglobo.globo.com. Disponível em: (<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,5273-p-19357-2000-N,00.html>). Acesso 06/06/2012.